

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
DOUTORADO**

SOCIOTERMINOLOGIA DA INDÚSTRIA MADEIREIRA

Alcides Fernandes de Lima

Fortaleza/2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
DOUTORADO**

Alcides Fernandes de Lima

SOCIOTERMINOLOGIA DA INDÚSTRIA MADEIREIRA

Tese apresentada ao
Programa de Pós-graduação em Lingüística
(Doutorado) do Departamento de Letras
Vernáculas da Universidade Federal do Ceará,
como requisito parcial para a obtenção do título
de Doutor em Lingüística.
Área de concentração: Lingüística.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria do Socorro Silva de Aragão

Fortaleza/2010

L696s Lima, Alcides Fernandes de
Socioterminologia da indústria madeireira./ Alcides Fernandes de Lima./
– Fortaleza, 2010.
387f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Silva de Aragão.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará. Departamento
de Letras Vernáculas. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

1. Terminologia. 2. Socioterminologia. 3. Indústria madeireira. I.
Aragão, Maria do Socorro Silva de (Orient.) II. Título.

CDD: 413.1

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

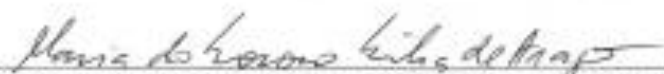
ALCIDES FERNANDES DE LIMA

SOCIOTERMINOLOGIA DA INDÚSTRIA MADEIREIRA

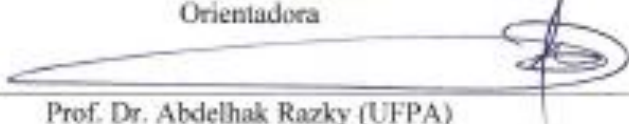
Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística (Doutorado) da UFC, para a obtenção do grau de Doutor em Lingüística.

Data da defesa: 08/06/2010.

Banca Examinadora

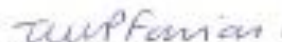


Prof. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC)
Orientadora


Prof. Dr. Abdelhak Razky (UFPA)
Examinador



Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes (UECE)
Examinador



Prof. Dra. Emilia Maria Peixoto Farias (UFC)
Examinadora



Prof. Dra. Maria Elias Soares (UFC)
Examinadora



Prof. Dra. Eulália Vera Leurquin (UFC)
Suplente

À minha mãe.

Ao meu pai (*in memoriam*).

Ao meu filho, Lucas, que existe há quatro anos e é a minha maior felicidade.

À minha querida irmã Marinez (a pessoa a que mais admiro) e ao seu marido, Edson Lopes
(exemplo de ser humano generoso e honesto).

Deixo registrados aqui os meus sinceros agradecimentos:

À amiga, professora e orientadora, Maria do Socorro Silva de Aragão, pelo incentivo, pela amizade, pela orientação, pela confiança e pelo apoio que me deu durante toda a realização deste trabalho;

Ao amigo professor Abdelhak Razky, por sua co-orientação, pelo seu apoio, pelo seu incentivo e pelas nossas conversas, sempre proveitosas;

Ao amigo professor Antônio Luciano Pontes, pelas orientações, críticas e correções, durante a qualificação do projeto de Tese, e por me fornecer, generosamente, boa parte de toda a referência bibliográfica deste trabalho;

À professora Maria Elias, pelas orientações, críticas e correções, durante as aulas de metodologia e na qualificação da Tese;

À professora Emília Maria Peixoto Farias, pelas suas críticas, correções e recomendações, sempre de grande relevância;

Ao amigo e colega de pesquisa Arlon Martins, por me ajudar na utilização do programa LexiquePro e na composição de algumas fichas terminológicas;

À amiga e colega de trabalho Celiane Costa, pela ajuda na feitura da referência bibliográfica das obras do *corpus*;

A Ana Raquel, que, por meio de Moisés Batista da Silva, me cedeu uma cópia do programa *WordSmith Tools 4.0*, programa que me foi de grande utilidade para a feitura deste trabalho. Aos dois, meus sinceros agradecimentos;

Às bibliotecárias e aos bibliotecários (das bibliotecas da SUDAM, do NAEA, da EMBRAPA, da SECTAM e da UFRA), que se dispuseram, com muita paciência, a me ajudar a encontrar as obras nas estantes;

À União das Entidades Florestais do Estado do Pará (UNIFLOR), na pessoa de Alexandre Araújo, pela disposição de me ajudar com informações sobre a terminologia da madeira;

Ao senhor Antônio (Antônio da marcenaria), funcionário do SENAI, por me conceder entrevista e me explicar algumas questões da terminologia da madeira;

Por fim, não poderia deixar de reconhecer a importância do Programa PICDT (CAPES), que me permitiu dispensar dedicação exclusiva ao estudo, à pesquisa, para a realização deste trabalho.

As significações ditas léxicas de certos signos são sempre apenas significações contextuais artificialmente isoladas ou parafreadas. Considerado isoladamente, signo algum tem significação. Toda significação de signo nasce de um contexto, quer entendamos por isso um contexto de situação ou um contexto explícito, o que vem a dar no mesmo.

(HJELMSLEV, 2003. p. 52).

RESUMO

O trabalho *Socioterminologia da Indústria Madeireira* tem como objetivo fundamental a construção de um dicionário terminológico (ou dicionário especializado) da madeira. Os fundamentos teóricos e metodológicos da pesquisa e do trabalho terminográfico, para a elaboração do dicionário, se embasam na Teoria Comunicativa da Terminologia (CABRÉ, 2002) e, principalmente, na Socioterminologia (GAUDIN, 1993a e 1993b). Para a elaboração do dicionário foi usado um *corpus* com mais de 4 milhões de palavras (mais de 11 mil páginas), composto por textos escritos da área da atividade madeireira com vários graus de especialização (tais como teses e dissertações, artigos científicos, normas técnicas, revistas especializadas, revistas de divulgação). Todos os textos, com exceção dos de caráter lexicográfico ou leis e normas, foram publicados entre 1970 e 2009. O trabalho final resultou num dicionário apresentado em duas versões: uma digital e outra impressa. A versão digital (em CD-ROM) apresenta 2.081 entradas, das quais: i) 1.089 são constituídas por verbetes da atividade madeireira que abrangem os campos semânticos de *matéria-prima, extração, processamento, máquinas ; equipamentos, instalações, produtos, resíduos e mercado*, sendo 685 termos e 404 variantes correspondentes; ii) 886 são constituídas por 247 nomes de espécies de madeira e 639 variantes; e iii) 106 são siglas acompanhadas das variantes sintáticas (sem definição). A versão digital conta ainda com 133 imagens ilustrativas. Na versão impressa, por sua vez, as siglas foram organizadas à parte; os nomes das espécies de madeira foram organizados num glossário lexical (sem definição), no final do dicionário, de modo que o consulente possa, mais facilmente, obter as informações desejadas, tanto sobre os termos, quanto sobre os nomes das espécies de madeira. Acredita-se que com a necessidade cada vez maior de o Estado fiscalizar e controlar a atividade madeireira, e com o desenvolvimento de pesquisas, das mais diversas disciplinas, sobre esta atividade econômica, ou sobre outros setores, mas que de alguma forma se relacionem à atividade da indústria madeireira (pois a maioria das questões ambientais hoje passa pelas questões de manejo florestal), os estudos terminológicos, como o que aqui se apresenta, parece indiscutivelmente de grande importância, não só para o setor industrial e governamental, como também para as áreas das ciências envolvidas, como a Agronomia, Ecologia, a Biologia, a Botânica, a Zoologia, a Engenharia Florestal, a Economia. Assim sendo, pretende-se, com este trabalho, contribuir para a *documentação* e a *normalização* do léxico especializado da área da atividade madeireira e, dessa forma, criar subsídio para uma melhor comunicação entre as várias áreas envolvidas e entre o setor público e o privado.

RÉSUMÉ

Le travail intitulé *Socioterminologie de l'industrie du bois* vise essentiellement l'élaboration d'un dictionnaire terminologique (ou dictionnaire spécialisé) du bois. Les fondements théoriques et méthodologiques ainsi que les tâches terminographiques pour la préparation du dictionnaire sont basés sur la théorie communicative de la terminologie (Cabré, 2002) et surtout sur la socioterminologie (Gaudin, 1993a et 1993b). Lors de l'élaboration du dictionnaire, nous avons utilisé un corpus de plus de 4 millions de mots (plus de 11 mille pages) composé de textes écrits ayant différents degrés de spécialisation dans le domaine de l'exploitation forestière (comme les thèses et mémoires, les articles scientifiques, les normes techniques, les revues spécialisées, les magazines de divulgation) à l'exception des documents lexicographiques ou des textes de lois ou normes publiés entre 1970 et 2009. Le résultat final est présenté sous forme d'un dictionnaire en deux versions: papier et électronique. La version électronique (sur CD-ROM) contient 2081 entrées lexicales, dont: i) 1089 termes (685 entrées et 404 variantes) liés à l'exploitation forestière et couvrant les champs sémantiques: extraction, matières premières, transformation, machines et équipements, installations, produits, déchets et marché; ii) 886 termes composés de 247 noms d'espèces de bois et 639 variantes; et iii) 106 acronymes accompagnés de variantes syntaxiques (sans définition). La version numérique contient, en plus, 133 illustrations. Quant à la version imprimée, les sigles ont été organisés séparément, les noms des espèces de bois ont été groupés dans un glossaire de termes (sans définitions) à la fin du dictionnaire afin de faciliter la tâche des usagers au niveau de la consultation et de la recherche d'information sur les termes et les noms des espèces de bois. Nous croyons qu'avec le besoin croissant de l'Etat pour surveiller et contrôler l'activité forestière et avec le développement de la recherche, dans divers disciplines, sur l'activité économique, ou sur d'autres secteurs toujours liés à l'activité de l'industrie du bois (étant donné que la plupart des problèmes environnementaux d'aujourd'hui passent par la gestion des forêts), les travaux en terminologie, comme celui présenté ici, semblent incontestablement d'une grande importance non seulement pour les secteurs de l'industrie et du gouvernement, mais aussi pour les sciences impliquées dans ce domaine comme l'agronomie, l'écologie, la biologie, la botanique, la zoologie, l'ingénierie forestière et l'économie. Par conséquent, nous cherchons dans ce travail à contribuer à la documentation et la normalisation du lexique lié au domaine spécialisé de l'exploitation forestière et à créer une base de communication entre les différents services concernés et entre les secteurs public et privé.

ABSTRACT

The work entitled “Socioterminology of Wood Industry” aims essentially at developing a terminological dictionary (or specialized dictionary) on wood. The theoretical and methodological foundations and the terminographic tasks for the elaboration of the dictionary are based on the communicative theory of terminology (Cabr  2002) and especially on socioterminology (Gaudin, 1993a, 1993b). To build the dictionary, we used a corpus of over 4,000,000 words (over 11,000 pages) composed of written texts about timber activities and having different degrees of specialization (such as theses and monographs, articles, technical norms, journals and magazines) with the exception of lexicographic documents or norms published between 1976 and 2009. The result of this work is a dictionary presented in two versions, printed and electronic. The electronic version (on CD-ROM) contains 2081 lexical entries, including: i) 1089 words (685 entries and 404 variants) from wood activities covering the semantic fields: mining, raw materials, processing, machinery and equipment, facilities, products, industrial waste and market ii) 886 words composed of 247 names of timber species and 639 variants, and iii) 106 initials (abbreviations) accompanied by syntactic variants (without definition). To the electronic version we have added up to 133 illustrations. As for the printed version, the initials were organized separately, the names of timber species have been grouped in a glossary of terms (without definitions) at the end of the dictionary to make it easier for users when looking for information on the terms and names of timber species. We believe that with the increasing need for the state to monitor and control the activity of wood industry and the development of research in various disciplines on economic activity, or other areas still connected to wood industry (given that most environmental problems today are related to forest management), work in terminology, as the one presented here, seem undoubtedly of great importance not only for industry and government sectors, but also for other sciences involved in this field such as agronomy, ecology, biology, botany, zoology, wood engineering and economics. Therefore, we seek in this work to contribute to the documentation and standardization of the lexicon related to the specialized field of wood activity and to create a basis for a better communication between different fields and between public and private sectors.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIMCI	Associação Brasileira da Indústria de Madeira Processada Mecanicamente
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AIMEX	Associação das Indústrias Exportadoras de Madeira dos Estados do Pará e Amapá
BASA	Banco da Amazônia S/A
BNDES	Banco Nacional do Desenvolvimento
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, da Amazônia Oriental
EUA	Estados Unidos da América
FAO	Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (<i>Food and Agriculture Organization</i>)
FIEPA	Federação das Indústrias do Estado do Pará
FUNDEFLO	Fundo Estadual de Desenvolvimento Florestal
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IDEFLOR	Instituto de Desenvolvimento Florestal do Estado do Pará
IMAZON	Instituto do Homem e Meio Ambiente na Amazônia
IPAM	Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia
ISA	Associação Internacional de Padronização (<i>International Standardization Association</i>)
ISO	Organização Internacional de Padronização (<i>International Standardization Organization</i>)
NAEA	Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (da UFPA)
PIB	Produto Interno Bruto
SECTAM	Secretaria Executiva de Ciência Tecnologia e Meio Ambiente
SEFA	Secretaria de Estado da Fazenda do Pará
SEMA	Secretaria de Estado de Meio Ambiente do Pará
SUDAM	Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia
TCT	Teoria Comunicativa da Terminologia
TGT	Teoria Geral da Terminologia
UCE	Unidade de Conhecimento Especializado
UE	União Européia
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFRA	Universidade Federal Rural da Amazônia
UT	Unidade Terminológica
V. Dec.	Variante Decalque
V. Empr.	Variante Empréstimo
V.Estr.	Variante Estrangeirismo
V.Fon.	Variante Fonética
V.Gráf.	Variante Gráfica
V.Lex.	Variante Lexical
V.Morf.	Variante Morfológica
V.Sint.	Variante Sintática
Sf.	Substantivo Feminino

<i>Sm.</i>	Substantivo Masculino
<i>Adj.</i>	Adjetivo
<i>V.</i>	Verbo
<i>Fras.</i>	Fraseologia
<i>Acr.</i>	Acrônimo

LISTA DE FIGURAS, ILUSTRAÇÕES, QUADROS E TABELAS

Lista de Figuras

<i>Figura 1</i>	Palavra e termo	36
<i>Figura 2</i>	Movimento do Termo, segundo Faulstich (2002)	48
<i>Figura 3</i>	Modelo Teórico da Variação, proposto por Faulstich (2002)	49
<i>Figura 4</i>	Modelo Teórico da Variação	51
<i>Figura 5</i>	Sociolingüística e Socioterminologia	53
<i>Figura 6</i>	Tipologias das Unidades de Conhecimento Especializado	57
<i>Figura 7</i>	Tipologias das Unidades Terminológicas	73
<i>Figura 8</i>	Variantes Terminológicas	76
<i>Figura 9</i>	Árvore de domínio da Indústria Madeireira (resumo)	78

Lista de Ilustrações

<i>Ilustração 1</i>	Janela principal do WordSmith Tools	84
<i>Ilustração 2</i>	Exibição dos utilitários na janela principal do <i>WordSmith Tools</i>	85
<i>Ilustração 3</i>	Rodada no programa WordList do WordSmith Tools.	86
<i>Ilustração 4</i>	Rodada no Corcord do <i>WordSmith Tools</i>	87
<i>Ilustração 5</i>	Plataforma do <i>Lexique-pro</i>	89
<i>Ilustração 6</i>	Plataforma do <i>Lexique-pro</i>	90
<i>Ilustração 7</i>	Página do dicionário da madeira, em formato .doc, gerada pelo <i>Lexique-Pro</i>	91
<i>Ilustração 8</i>	Página do dicionário da madeira, em formato .doc, gerada pelo <i>Lexique-Pro</i>	92

Lista de Quadros

<i>Quadro 1</i>	Classificação tipológicas da obras lexicográficas, segundo Barros (2004)..	60
<i>Quadro 2</i>	Descrição da Ficha Terminológica	69
<i>Quadro 3</i>	Descrição da Ficha Terminológica	70

Lista de Tabelas

<i>Tabela 1</i>	Países com maiores extensões de florestas nativas e plantadas (em milhões de ha) (cf. BUAINAIN; BATALHA, 2007. p. 23)	20
<i>Tabela 2</i>	Distribuição das florestas nativas de produção nos principais Estados brasileiros (cf. ABIMCI, 2008. p. 12)	21
<i>Tabela 3</i>	Exportações Brasileiras de Madeira entre 2006 e 2008 (em dólares)	21
<i>Tabela 4</i>	Distribuição das áreas de florestas plantadas por espécies no Brasil	24

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	14
1.2 JUSTIFICATIVA	15
1.3 PANORAMA DOS ESTUDOS TERMINOLÓGICOS NO PARÁ	18
1.4 PANORAMA DA ATIVIDADE MADEIREIRA NO BRASIL	20
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	27
2.1 NOÇÕES DE BASE	27
2.1.1 Signo e Significação	27
2.1.2 Sistema Lingüístico	30
2.2 TERMINOLOGIA	31
2.2.1 Teoria Geral da Terminologia	34
2.2.2 A Variação Terminológica e a Socioterminologia	40
2.2.2.1 Aporte Teórico	41
2.2.2.2 Aporte Metodológico	45
2.2.3 Teoria Comunicativa da Terminologia	54
2.2.3.1 Tipologia do Léxico Especializado ou Unidades de Conhecimento Especializado	56
2.3 DICIONÁRIO ESPECIALIZADO	58
2.3.1 Níveis de Atualização das Unidades Léxicas: Sistema e Norma	61
2.3.2 A Necessidade de uma Socioterminografia	63
3. METODOLOGIA	64
3.1 A REALIZAÇÃO DA PESQUISA	64
3.1.1 A Recensão da Literatura Especializada	64
3.1.2 A Delimitação e Constituição do <i>Corpus</i>	64
3.1.2.1 A Fase da Pesquisa do Material Escrito	64
3.1.2.1.1 Seleção e Classificação dos Textos	66
3.1.2.2 Digitalização do <i>Corpus</i>	68
3.1.2.3 Ficha Terminológica	69
3.2 ORGANIZAÇÃO MACROESTRUTURAL DO DICIONÁRIO	71
3.2.1 Tipologia das Unidades Terminológicas	72
3.2.2 Critérios de Identificação e Seleção dos Termos	74
3.2.3 Classificação e Representação das Variantes	75

3.2.4 Estrutura Conceitual da Indústria Madeireira	78
3.3 ORGANIZAÇÃO DA MICROESTRUTURA	79
3.4 SUPORTE COMPUTACIONAL: Tratamento dos Dados	84
3.4.1 WordSmith	84
3.4.2 Lexique-Pro	88
4. SOCIOTERMINOLOGIA DA INDÚSTRIA MADEIREIRA	94
4.1 SIGLAS	94
4.2 DICIONÁRIO DA MADEIRA	96
4.3 GLOSSÁRIO DAS ESPÉCIES	307
4.4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO DICIONÁRIO	351
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	368
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	370
ANEXOS	377

1. INTRODUÇÃO

1.1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O presente trabalho teve como objetivo geral a construção de um dicionário socioterminológico da Indústria Madeireira. O ponto de partida para a pesquisa foi o levantamento de textos escritos da área da madeira, para a composição de um banco de dados. Num primeiro momento, este levantamento foi realizado em cinco bibliotecas em Belém (biblioteca da SUDAM, do NAEA, da EMBRAPA, da SECTAM e da UFRA) e posteriormente na internet, nos *sites* da ABIMCI, AIMEX, BNDES, AMAZON, SEFA e SEMA. O banco de dados construído reúne 257 obras escritas em português brasileiro (entre livros, teses, dissertações, relatórios, censos industriais, normas, leis, artigos científicos, revistas, catálogos, glossários), cerca de quatro milhões de palavras. Todos os textos, com exceção dos que dizem respeito à legislação e das obras lexicográficas, como glossários e catálogos, foram publicados entre 1970 e 2009.

Após o levantamento, a recolha e a classificação desse material, procedeu-se à digitalização, em formato *PDF* e *txt*, para que o banco de dados pudesse ser acessado com o auxílio do programa computacional *WordSmith Tools 4.0* (SCOTT, 2004).

Os fundamentos norteadores da pesquisa advêm de uma proposta teórica e metodológica da Terminologia que, superando a tradição de uma lógica mentalista e universalista, tributária à Terminologia wüsteriana, assenta as suas bases na Linguística, nas teorias cognitivas e da comunicação, e na Etnografia. Trata-se do escopo teórico da Teoria Comunicativa da Terminologia (CABRÉ, 2002) e, principalmente, da Socioterminologia (GAUDIN, 1993a e 1993b; FAULSTICH, 1995a, 1995b, 1998, 2000 e 2002).

O dicionário se apresenta em duas versões: uma digital e outra impressa. A versão digital (em CD-ROM) apresenta 2.081 entradas, das quais: a) 1.089 são constituídas por verbetes da atividade madeireira que abrangem os campos semânticos de Matéria-prima, Extração, Processamento, Máquinas e equipamentos, Instalações, Produtos, Resíduos e Mercado, sendo 685 termos e 404 variantes correspondentes; b) 886 são constituídas por 247 nomes de espécies de madeira e 639 variantes; e c) 106 são siglas acompanhadas das variantes sintáticas (sem definição).

A versão digital conta ainda com 133 imagens ilustrativas. Na versão impressa, por sua vez, as siglas foram organizadas à parte; os nomes das espécies de madeira foram

organizados num glossário lexical (sem definição), no final do dicionário, de modo que o consulente possa, mais facilmente, obter as informações desejadas, tanto sobre os termos, quanto sobre os nomes das espécies de madeira.

O setor da atividade florestal madeireira, no Brasil, é bastante desenvolvido e extremamente complexo, apresentando grande ramificação em sua cadeia produtiva (que abrange a produção de serrados, polpa e celulose, papel, painéis de madeira sólida, painéis de madeira reconstituída, PMVAs, madeira perfilada, lenha, carvão, cavacos). Contudo, sua terminologia, igualmente vasta e complexa, ainda é carente de estudos terminológicos que a descreva e a sistematize.

Assim sendo, pretende-se, com este trabalho, que possui uma dimensão teórica (terminológica) e outra aplicada (terminográfica), contribuir para: a) a descrição e sistematização do léxico especializado da área da madeira; b) a documentação e normalização deste léxico; e c) criar subsídio para uma melhor comunicação entre as várias áreas envolvidas, inclusive entre o setor público e o privado.

Este trabalho está organizado em cinco partes. Na primeira, apresenta-se o trabalho, ressaltando os seus objetivos, justificativa e a dimensão do campo investigado. Na segunda, apresentam-se os pressupostos teóricos, discutindo-se algumas questões relativas à Terminologia e à Socioterminologia. A terceira parte foi destinada à metodologia. Na quarta parte, apresenta-se a Socioterminologia da Indústria Madeireira, que acompanha uma lista de siglas e um glossário com os nomes das espécies. Na quinta e última parte, apresentam-se os comentários finais, fazendo-se algumas ponderações e indicando-se os passos seguintes a serem dados, com relação à socioterminologia da madeira.

1.2. JUSTIFICATIVA

Segundo Dapena (2002, p. 78), as primeiras perguntas que devem ser feitas por quem pretende fazer um dicionário são as seguintes: a) a que público o dicionário se destina? e b) quais são as necessidades desse público em matéria lexicográfica? Ao longo desta justificativa, pretende-se respondê-las.

Pretende-se responder também mais, pelo menos, duas outras perguntas: i) por que fazer um dicionário terminológico da Indústria Madeireira? e ii) qual a importância de um trabalho desta natureza no Pará e na região amazônica, como um todo?

Na verdade, a atividade madeireira é uma das mais antigas e ricas atividades econômicas da região amazônica, apesar das grandes contradições que a envolvem. Segundo o diretor do Sindicato do Setor Florestal de Paragominas (Sindserpa), Justino da Cruz Neto (em palestra proferida em 2006, em Paragominas, durante a I Reunião da Associação Brasileira da Indústria Madeireira Processada Mecanicamente – ABIMCI), a atividade madeireira na região teria três fases: a) a primeira se estenderia até a década de 1970: nessa época os madeireiros imaginavam que a madeira nativa era infindável, a mata nativa era uma fonte inesgotável de riqueza que podia ser explorada sem preocupações com a preservação; b) a segunda fase iria até a década de 1990: nessa fase os empresários e profissionais do setor acumularam um sentimento de culpa como devastadores das florestas; c) a terceira e última fase teria início a partir de 2000: é quando começa a haver uma mudança da imagem dos empresários da atividade madeireira, pois é quando começa a surgir uma nova concepção de Indústria Madeireira, assentada em responsabilidades sociais e ambientais.

Segundo dados da FAO e do Banco Mundial (publicados em *Veja* de 9/2/2005, p. 88), o setor florestal responde por 2% do PIB mundial, e por 4,5% do PIB do Brasil, que é o segundo país em volume de lucro com essa atividade, atrás apenas da Finlândia.

De acordo com um estudo mais atual, publicado na Revista da Madeira (de 2/2009, p. 4), o setor florestal brasileiro bateu o recorde nas exportações, em 2008, alcançando o montante de 9,58 bilhões de dólares, isto graças ao aumento das exportações de papel e celulose. O valor das exportações de madeira foi de 2,76 bilhões de dólares, demonstrando uma pequena retração em relação ao ano de 2007, quando este montante foi de 3,33 bilhões de dólares. O Pará permanece o segundo maior exportador brasileiro de madeira, com 22,88% do total, atrás apenas do Estado do Paraná, que detém 31,41% das exportações madeireira do país.

Segundo dados da AIMEX¹, o setor madeireiro paraense apresenta 33 pólos, 1.592 empresas e movimenta uma renda bruta de 1.113,60 milhões dólares anuais.

A indústria madeireira no Pará, por um lado, chama a atenção pelo volume de capital que movimenta e, por outro, pelas enormes disparidades entre os profissionais e proprietários do setor. Grande parte dos trabalhadores do setor é analfabeta e estima-se que 90% receba até cinco salários mínimos. Ao lado das grandes empresas (algumas multinacionais) que fabricam e exportam (para os EUA, UE e Ásia) de cabo de faca e cinzeiro a casas pré-fabricadas, existem também os pequenos serraristas que trabalham com a família em pequenas serrarias

¹ <www.aimex.com.br>. Acesso em: 14/01/2010.

ou oficinas de móveis. É uma atividade que tem influência em todos os setores da vida sócio-econômica e cultural do Estado do Pará. O governo precisa dar conta de políticas públicas que ao mesmo tempo garantam a preservação do meio ambiente² e incentivem o desenvolvimento do setor. Os madeireiros, sobretudo os grandes, procuram se organizar e pressionar os governos (locais e federal), no sentido de obterem concessões e aumentarem o tamanho de suas áreas exploradas. Na maior parcela da sociedade, constituída pelos mais pobres, muitas pessoas dependem dos *refugos da madeira* (sobras de madeira que não são aproveitadas pela indústria) para produzirem carvão vegetal (usado como combustível em pequenas indústrias³), ou para fazerem caixa de armazenar frutas, ou ainda para revender a outras pessoas que utilizam esses refugos para fazer cercados em casas populares ou para animais. Além disso, e talvez este seja o aspecto mais marcante da interferência da atividade madeireira na vida das pessoas menos assistidas, a maioria das habitações populares da região é feita de madeira (de madeira de baixo valor econômico, é claro).

É neste quadro geral, da atividade madeireira no Pará (e no Brasil, como um todo) que se insere o presente trabalho. Muitos outros estudos sobre essa atividade no âmbito de várias disciplinas já foram feitos, mas no âmbito da terminologia este é o primeiro. O setor madeireiro, apesar constituir um setor da atividade industrial de grande importância e já bem desenvolvido no Brasil, ainda é carente de estudos de natureza técnica e terminológica, apresentando uma grande diversidade de termos que precisam ser estudados, descritos e sistematizados.

Respondendo, portanto, à primeira pergunta de Dapena (a quem se destina o dicionário?), neste trabalho, propõe-se construir e disponibilizar um Dicionário Socioterminológico, feito com o máximo rigor científico, mas com a funcionalidade que uma fonte de consulta dessa natureza exige, aos envolvidos na atividade da Indústria Madeireira, tanto do setor público quanto do privado, e aos pesquisadores de outras áreas interessados nessa atividade. Com relação à segunda pergunta (quais são as necessidades desse público em matéria lexicográfica?), ressalta-se que, apesar de muitos estudos sobre a atividade madeireira (no Pará e na Amazônia) já terem sido realizados, este constitui o primeiro a abordar o léxico especializado desta atividade.

Acredita-se que com a necessidade cada vez maior de o Estado fiscalizar e controlar a atividade madeireira, e com o desenvolvimento de pesquisas, das mais diversas disciplinas,

² Sobretudo agora que a preservação da Amazônia está cada vez mais se tornando uma questão de segurança nacional, haja vista as pressões internacionais que o governo brasileiro vem recebendo.

³ O carvão vegetal também é muito usado na região como combustível doméstico, em substituição ao gás de cozinha.

sobre essa atividade econômica, ou sobre outros setores, mas que de alguma forma se relacionem à atividade da indústria madeireira (pois a maioria das questões ambientais hoje passa pelas questões de manejo florestal), um estudo terminológico, como o que ora se propõe, parece indiscutivelmente de grande importância, não só para o setor industrial e governamental, como também para as áreas das ciências envolvidas, como a Ecologia, a Biologia, a Botânica, a Zoologia, a Engenharia Florestal, a Economia.

A hipótese inicial é que a elaboração de um dicionário terminológico, construído a partir de uma abordagem socioterminológica, que leve em conta a circulação dos termos na linguagem escrita entre profissionais de vários níveis de especialização e/ou formação, oferece condições para uma comunicação mais eficiente entre os setores públicos e privados, entre os produtores e consumidores (do mercado interno⁴), e entre os pesquisadores das mais diversas áreas envolvidas.

Outra razão para este trabalho diz respeito ao fato de ele se desenvolver em consonância com o interesse de um grupo de pesquisadores que há doze anos trabalha com a descrição e documentação do português da Amazônia, na Universidade Federal do Pará⁵. Neste sentido, este trabalho não só irá fortalecer e consolidar esse grupo de pesquisadores, como também criará subsídios para que outros trabalhos, no campo da Terminologia (bem como da Socioterminologia e da Lexicologia), sobre a biodiversidade amazônica (das aves, dos mamíferos, dos peixes, dos répteis, dos insetos, das plantas, das madeiras, das sementes) possam vir a ser desenvolvidos.

1.3. PANORAMA DOS ESTUDOS TERMINOLÓGICOS NO PARÁ

Desde 1999, vem sendo desenvolvido, no programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Pará (Mestrado em Letras), trabalhos na área da Terminologia, com enfoque metodológico na Socioterminologia. Até 2009 já foram seis dissertações, todas orientadas pelo professor Abdelhak Razky.

O primeiro trabalho, *Glossário da terminologia do caranguejo: uma perspectiva socioterminológica* (VASCONCELOS, 2000), apresenta os termos da atividade do caranguejo na cidade de Bragança-PA, abrangendo os campos semânticos: Caranguejo, Tiração, Catação

⁴ Do *mercado interno*, num primeiro momento; mas na perspectiva de, no futuro, um dicionário bilíngüe, entre os produtores e consumidores do *mercado externo*, também.

⁵ Trata-se do *Grupo de Pesquisa Atlas Geo-sociolinguístico do Pará*, que tem como coordenador geral o professor Abdelhak Razky (cf. www.ufpa.br/alipa).

e Comercialização. O glossário é constituído por 300 termos, extraídos da língua falada, com verbetes organizados numa micro-estrutura que apresenta Termo-entrada, Categoria gramatical, Definição, Remissiva, Contexto e Nota.

O segundo trabalho, *Terminologia da pesca em Soure-Marajó: uma perspectiva socioterminológica* (VELASCO, 2004), é um glossário do domínio da pesca na Ilha do Marajó. O trabalho foi elaborado a partir de um *corpus* obtido da língua falada dos pescadores da Ilha, abrangendo os campos semânticos: Instrumentos de navegação, Instrumentos de pesca, Pescadores e Fenômenos naturais. A micro-estrutura dos verbetes apresenta: Termo-entrada, Categoria gramatical, Definição, Contexto.

O terceiro trabalho, *Glossário semi-sistemático da terminologia do pescado em Santarém* (CARVALHO, 2006), constitui um glossário com 464 termos da pesca no município de Santarém-PA. A pesquisa abrange quatro campos semânticos: 1) Tipos de pescados (partes do pescado, comercialização, preparo e culinária do pescado); 2) Tipos de arreios e materiais envolvidos em sua confecção; 3) Tipos de embarcação e de materiais envolvidos em sua confecção; e 4) Espaços geográficos e fenômenos da natureza relacionados à atividade da pesca. O *corpus* foi formado a partir da língua falada.

O quarto trabalho, *Glossário socioterminológico do Sairé* (SANTOS, 2006), produziu um glossário da festa do Sairé. A pesquisa abrange cinco campos semânticos, que são: Sairé (Sairé, lugares e organização); Festa religiosa (personagens, objetos e atividades); Festa profana (personagens e atividades); Festa profana (disputa dos botos); Festa profana (danças folclóricas). O glossário também apresenta uma análise léxica das unidades terminológicas.

O quinto trabalho, *Terminologia da indústria do alumínio* (MARTINS, 2007), apresenta um glossário terminológico com 680 verbetes organizados numa versão impressa e noutra digital (em CD-ROM). O trabalho foi elaborado a partir de um *corpus* de 53 textos escritos, do domínio investigado, e de entrevistas efetuadas *in loco* (na empresa de alumínio ALBRAS, em Barcarena, município próximo a Belém). A micro-estrutura dos verbetes apresenta: Termo-entrada, Categoria gramatical, Campo semântico, Definição, Contexto e, dependendo do termo, Nota, Variante e Remissiva.

O sexto trabalho, *Glossário terminológico da cultura do cacau em Medicilândia-PA* (COSTA, 2009), constitui um glossário com 231 termos da atividade cacauzeira no município de Medicilândia-PA. O *corpus* usado foi composto por 29 publicações (textos escritos) e 35 horas de fala contínua, provenientes de entrevistas feitas a 17 profissionais da área de domínio. A micro-estrutura dos verbetes apresenta: Termo-entrada, Categoria gramatical, Campo semântico, Definição e Contexto.

Alem destes trabalhos, há ainda três dissertações em andamento. Uma sobre a terminologia da farinha de mandioca, em Bragança; uma sobre a socioterminologia da cultura do dendê; e outra sobre a socioterminologia da criação de abelhas indígenas sem ferrão (meliponicultura). Somam-se, a estes, alguns trabalhos de conclusão de curso (TCC), como *O léxico da pesca em Marudá-PA* (RIBEIRO; SANTOS, 2005).

Todos estes trabalhos foram desenvolvidos dentro de uma linha de pesquisa, coordenada pelo professor Abdelhak Razky, atrelada ao Mestrado em Letras da UFPA. Trata-se de uma linha de pesquisa que num primeiro momento se desenvolveu como um projeto de pesquisa denominado *Projeto Atlas Geo-sociolingüístico do Pará* (ALIPA) (RAZKY, 1998), mas hoje constitui um campo de estudo da linguagem mais amplo, abrangendo a Variação Lingüística, a Terminologia ; Socioterminologia e o Ensino-aprendizagem de língua, tendo como principais objetivos descrever e documentar a diversidade lingüística do Pará e da Amazônia como um todo.

1.4. PANORAMA DA ATIVIDADE MADEIREIRA NO BRASIL

Segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) (*apud* BUAINAIN; BATALHA, 2007. p. 23), existiam, em 2005, 3,9 bilhões de hectares de florestas nativas no planeta, sendo o Brasil o país com a segunda maior extensão de floresta, atrás apenas da Rússia. Veja tabela a seguir.

Tabela 1- Países com maiores extensões de florestas nativas e plantadas (em milhões de ha) (cf. BUAINAIN; BATALHA, 2007. p. 23).

Países	Florestas nativas	Florestas plantadas
Rússia	791.828	16.963
Brasil	472.314	5.384
Canadá	238.059	6.511
EUA	286.028	17.061
China	165.921	31.369
Índia	64.475	3.226

Ainda segundo esta pesquisa da FAO (*apud* ABIMCI, 2008), a floresta nativa brasileira representa pouco mais de 50% de toda a cobertura de floresta nativa da América Latina, sendo a maior parte dessa área constituída pela floresta Amazônica. Estima-se que cerca de 45% dos mais de 470 milhões de hectares de floresta nativa brasileira seja floresta

nativa de exploração. O restante, os 55% ou cerca de 260 milhões de hectares, constitui floresta nativa que, por força de lei e, principalmente, por estar localizada em áreas em que a ausência total de infra-estrutura impede o acesso para extração da madeira, mantém-se totalmente preservada. Veja a seguir a distribuição das florestas nativas de exploração por Estado, no Brasil.

Tabela 2 – Distribuição das florestas nativas de produção nos principais Estados brasileiros (cf. ABIMCI, 2008, p. 12).

Estados	Área (em milhões de ha)	Participação (%)
Amazonas	68,9	32,6
Pará	61,9	29,3
Mato Grosso	25,6	12,1
Rondônia	9,9	4,7
Outros*	45,2	21,3
Total	211,5	100,0

* Acre, Maranhão, Amapá, Roraima e Tocantins.

Segundo dados publicados no *site* da Associação Brasileira da Indústria de Madeira Processada Mecanicamente (ABIMCI⁶), o setor madeireiro no Brasil reúne 16.280 empresas, gera 224.136 empregos, paga 2 bilhões de dólares de salários, exporta 3,2 bilhões de dólares e vende 15,7 bilhões de dólares.

A seguir há um quadro dos principais produtos exportados entre 2006 e 2008, conforme pesquisa publicada na Revista da Madeira (de 2/2009).

Tabela 3 – Exportações Brasileiras de Madeira entre 2006 e 2008 (em dólares).

Principais produtos	2006	2007	2008	Variação de 2007 a 2008 (%)
Madeira serrada	845.723.358	926.767.616	679.549.362	-26,67
Madeira compensada	650.467.045	697.138.239	632.174.305	-9,32
Madeira perfilada	605.549.871	640.689.343	558.529.355	-12,82
Janelas, Portas, Armações	513.346.503	522.872.874	403.359.209	-22,86
Painéis de fibra	125.201.559	123.859.520	101.534.462	-18,02
Cavaco, Serragem, Resíduos	110.362.881	116.739.530	142.247.248	21,85
Folhas de madeira	69.559.409	88.308.830	55.977.942	-36,61
Cabides, Obras em madeira, Outras obras	57.806.100	48.907.223	34.903.029	-28,63
Painéis de madeira	49.379.990	47.626.588	26.292.505	-44,79

(cf. Revista da Madeira de 2/2009, p. 8).

⁶ Disponível em: <www.abimci.com.br>. Acesso em: 25/04/2010.

O quadro mostra uma pequena retração entre 2007 e 2008, com relação à maioria dos produtos exportados, retração que foi atribuída à crise financeira iniciada nos Estados Unidos, nosso principal importador. O principal produto de exportação continua sendo o serrado, que, apesar de uma queda de 26,67% nas exportações entre 2007 e 2008, alcançou o montante de US\$ 679.549.362,00.

Os Estados maiores exportadores de produtos madeireiros são: Paraná (31,41%), Pará (22,88%), Santa Catarina (18,39%), Mato Grosso (7,06%), São Paulo (6,28%) e Rio Grande do Sul (5,63%). Os principais países importadores da madeira brasileira, em 2008, foram: Estados Unidos (US\$ 782.274.470), França (US\$ 193.835.317), Reino Unido (US\$ 162.744.028), Bélgica (US\$ 156.800.731), Holanda (US\$ 132.816.526), Alemanha (US\$ 124.282.556), Japão (US\$ 109.767.726), China (US\$ 93.441.247) e Espanha (US\$ 87.014.077) (cf. Revista da Madeira (de 2/2009, p. 8)).

A atividade florestal madeireira no Brasil é bastante rica, diversificada, heterogênea e complexa. Rica, haja vista o volume de capital que movimentava; diversificada, porque sua cadeia produtiva tem várias ramificações, abrangendo a produção de serrados, polpa e celulose, papel, painéis de madeira sólida, painéis de madeira reconstituída, PMVAs, lenha, carvão, cavacos; heterogênea, porque ao lado de grandes empresas exportadoras (algumas multinacionais) existem também pequenas empresas familiares (pequenas serrarias) que produzem serrados para o mercado geral local (isto, sobretudo na região amazônica) e porque o setor, ao mesmo tempo em que apresenta empregados com boa formação profissional e boa remuneração salarial, também possui uma grande massa de trabalhadores sem nenhuma formação e sub-assalariados; complexa, por tudo que já foi dito, mas também porque a atividade madeireira envolve muitos interesses (que podem ser resumidos em interesses ambientais, sociais e econômicos) que se traduzem, na maioria das vezes, em interesses antagônicos, embora não precisassem ser assim. Em poucas palavras, é um setor que possui indústrias modernas e sofisticadas, mas ao mesmo tempo convive com práticas arcaicas que devastam a floresta nativa e causam grande desperdício. Como observam Buainain; Batalha (2007), esta dualidade do setor madeireiro

gera uma tensão permanente no processo de desenvolvimento dessa cadeia produtiva, ora limitando a expansão dos ativos florestais e da capacidade empreendedora da indústria; ora levando o país ao constrangimento de anunciar índices obscenos de desmatamento da Amazônia. (BUAINAIN; BATALHA, 2007. p. 15).

A falta de um equilíbrio entre a exploração dos recursos florestais, a preservação do meio ambiente e a geração de riqueza que produza desenvolvimento que implique em melhorias sociais, já era sentida no início da década de 1930, quando foi criado o primeiro

Código Florestal (datado de 1934). Este código criou restrições para o desmatamento e para a exploração dos recursos naturais, pois obrigava os proprietários a obter licenças para desmatar e proibia o desmatamento além de 75% das propriedades.

A partir da década de 1960, devido ao processo acelerado de desmatamento na Região Sudeste, Sul e Nordeste, foi sentida a necessidade de se criar um novo Código Florestal Brasileiro. Então, em 15 de setembro de 1965 foi aprovada a Lei 4.771, que continua até os dias atuais. Este novo código definiu áreas de preservação permanente, diminuiu o percentual explorável das propriedades e estabeleceu a exigência de plano de manejo para a exploração florestal. Segundo Buiainain; Batalha (2007), há dois aspectos deste novo código que se destacam, que seriam:

1. a obrigatoriedade das grandes empresas industriais consumidoras de matérias-primas de fazer a reposição das florestas utilizadas como matéria-prima, com plantios de novas áreas;
2. a obrigatoriedade das empresas siderúrgicas, de transportes e outras indústrias que utilizavam carvão vegetal como matéria-prima, de possuir florestas próprias para atender às suas necessidades de consumo.

(BUIAINAIN; BATALHA, 2007. p. 34).

Buiainain; Batalha (2007) observam que tais exigências permitiram às empresas cumprir a legislação e ao mesmo tempo viabilizaram a criação, em 1967, do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), vinculado ao Ministério da Agricultura, com o propósito de formular políticas de incentivo e desenvolvimento para o setor.

Uma das primeiras medidas tomadas pelo governo, para incentivar o setor, foi criar políticas de incentivos fiscais para o reflorestamento. Segundo Buiainain; Batalha (2007), entre 1967 e 1986, “foram reflorestados no Brasil cerca de seis milhões de hectares com base em projetos incentivados” (p. 35).

A seguir há um quadro das principais espécies plantadas no Brasil, conforme pesquisa da Associação Brasileira de Produtores de Florestas Plantadas (ABRAF) publicada em estudos setoriais da ABIMCI (ABIMCI, 2008. p. 14).

Tabela 4 – Distribuição das áreas de florestas plantadas por espécies no Brasil.

Espécies	Área em 2007 (milhares de ha)	%
Eucalipto	3.752	62,7
Pinus	1.808	30,2
Acácia	190	3,2
Seringueira	86	1,4
Paricá	79	1,3
Teca	48	0,8
Araucária	17	0,3
Populus	3	0,1
Outras*	2	0,0
Total	5.985	100,0

*Áreas com florestas tais como Ipê-roxo, Fava-arara, Jatobá, Mogno, Acapu, entre outras.

A região com as maiores áreas plantadas é o Sudeste, seguida pelo Nordeste e Sul. Minas Gerais é o Estado com a mais extensa área de floresta plantada do Brasil, com cerca de 1.250 mil ha.

Segundo Scholz (2002), o futuro do mercado mundial madeireiro é caracterizado por demanda crescente de produtos de fibras de madeira, tais como painéis reconstituídos. Para Scholz, o meio mais barato de se produzir estas fibras é por meio da plantação de espécies de rápido crescimento em localidades com vantagens climáticas, tais como as do hemisfério sul (cf. SCHOLZ, 2002. p. 22). Para o autor, estas mudanças do setor madeireiro mundial “significa que as vantagens comparativas dos países produtores de madeira não consistem em recursos naturais já existentes na forma de florestas nativas, mas em recursos criados na forma de plantações com altas taxas de produtividades e baixos custos de produção” (SCHOLZ, 2002. p. 22).

Conforme Scholz (2002), os fatores que têm determinado profundas mudanças nos rumos do setor madeireiro nas últimas décadas, no cenário global, são quatro:

- transição no manejo florestal: da floresta nativa à floresta manejada e à plantação;
- transição na área florestada: do declínio à expansão da área florestada;
- paradigmas florestais: da floresta pré-industrial à floresta industrial e pós-industrial;

- integração global: um sistema global de recursos florestais e uma transição do Norte ao Sul.

(SCHOLZ, 2002. p. 22).

O Brasil já conseguiu um alto grau de desenvolvimento do setor florestal madeireiro e está se adaptando muito bem às novas exigências do mercado nacional e internacional, mas ainda precisa resolver um problema fundamental que é a atividade madeireira ilegal. A extração ilegal de madeira na Amazônica cria um grande entrave para o setor madeireiro na região e também gera prejuízo para todo o setor em escala nacional.

Na verdade, as empresas que operam na legalidade são as mais prejudicadas com a extração ilegal da madeira, pelos seguintes motivos: i) a extração ilegal gera uma concorrência desleal entre as empresas que se submetem a todas as exigências legais (inclusive pagando pelas áreas concedidas pelo Estado) e as empresas que furtam, criminosamente, grande quantidade de madeira sem gastos com técnicas de manejo e sem nenhum ônus financeiro em termos de pagamento pela área explorada; ii) o governo, em sua incompetência de fiscalizar e punir os infratores, cria medidas e mais medidas de restrições do acesso aos recursos florestais, que só prejudicam as empresas que operam na legalidade, pois, por falta de fiscalização permanente, as empresas que operam na ilegalidade se mantêm imunes (e impunes) às leis; iii) a extração ilegal cria uma imagem muito ruim para o setor, o que gera, muitas vezes, restrições aos produtos madeireiros produzidos no país, principalmente os produzidos na região amazônica; iv) a extração ilegal, por não se submeter a nenhuma prática de manejo, gera um grande desperdício de madeira e provoca intenso desmatamento, esgotando rapidamente as fontes de matéria-prima e tornando as fontes de recursos florestais menos diversificadas.

O setor madeireiro brasileiro precisa encontrar seu caminho na legalidade. O governo precisa exigir que as empresas, independentemente do tamanho, se adaptem a um padrão de qualidade que evite desperdício. O aproveitamento dos recursos florestais madeireiros não são, em absoluto, incompatíveis com a manutenção das florestas e a preservação do meio ambiente. As florestas são fontes de recursos naturais renováveis, mas é preciso que se respeite seu próprio ritmo. A exploração dos recursos florestais com base em técnicas de manejo sustentável, que não são novas e que já avançaram em muito, garante a extração da madeira das florestas nativas sem destruir os ecossistemas. Com observa Amaral *et al.* (1998, p. vi), “A adoção do manejo garante a produção de madeira na área indefinidamente, e requer a metade do tempo necessário na exploração não manejada”.

Mas para que isto, efetivamente, aconteça, o governo não precisa criar mais leis, precisa criar políticas de incentivos para que pequenas e médias empresas possam-se inserir na legalidade; precisa também incentivar as empresas que já atuam na legalidade⁷; e, principalmente, precisa fiscalizar e punir a extração ilegal.

⁷ Estas empresas, muitas vezes, para sobreviver, são forçadas a comprar madeira de extratores ilegais, alimentando um ciclo vicioso.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1. NOÇÕES DE BASE

2.1.1 Signo e Significação

Benveniste (1989), criticando a concepção de Peirce, sobre o signo e a significação, afirma que a dificuldade que impede a aplicação dos conceitos peirceanas:

está em que definitivamente o signo é colocado na base do universo inteiro, e que ele funciona por sua vez como princípio de definição para cada elemento e como princípio de explicação para todo o conjunto, abstrato ou concreto. O homem é um signo, seu pensamento é um signo, sua emoção é um signo. Mas finalmente estes signos, sendo todos signos uns dos outros, de que poderão eles ser signos que NÃO SEJA signo? (BENVENISTE, 1989. p. 45).

Para Benveniste, para que a noção de signo não se anule, é preciso que se admita uma diferença entre signo e significado e, para isso, é necessário que todo signo seja tomado e compreendido num sistema de signos específico. Esta seria a condição de significância do signo. Segundo ele, “O valor de um signo se define somente no sistema que o integra. Não há signo trans-sistemático.” (BENVENISTE, 1989, p. 54).

Todavia, essa idéia de sistema semiótico de Benveniste se revela muito problemática, haja vista as dificuldades em se definir a extensão de um sistema sógnico. Por exemplo, se considerarmos a língua como um sistema semiótico, o que seria a língua portuguesa em particular? Seria um subsistema? E se considerarmos, por exemplo, a língua portuguesa, o que seriam as línguas especializadas (como, por exemplo, a da Química, a da Economia, a da Indústria Madeireira)? Seriam subsistemas, do subsistema língua portuguesa?

Se assim for, isto é, se as línguas especializadas, a língua portuguesa e as outras línguas constituírem sistemas diferentes, ainda que hierarquicamente relacionados, teremos de admitir, ao contrário do que pensava Benveniste, que há, sim, signos trans-sistemáticos, embora possa não ser comum a relação de sinonímia entre sistemas semióticos. A transferência de termos de uma determinada área para outra e o empréstimo entre línguas são muito comuns, basta observamos os termos “clone” e “vírus”⁸ – o primeiro, da área da genética, mas hoje usado, mais ou menos com a mesma aceção, em várias outras áreas (*clone* de veículos, *clone* de cartão de crédito etc.) e o segundo, da biomedicina, mas também usado na bioquímica, na sociologia, na informática (cf. CABRÉ, 2002. p. 47) – bem como os

⁸ Ou no caso da Indústria Madeireira, os como *Aresta* e *Alma*.

termos da linguagem da internet, tais como *internet, e-mail, on-line, update, download*, pertencentes à língua inglesa, mas atualmente de uso internacional.

Se assim não for, isto é, se as línguas especializadas, a língua portuguesa e as outras línguas constituírem um único e mesmo sistema semiótico (por exemplo, o sistema semiótico lingüístico), como iremos equacionar o fato de os signos do português e do alemão serem tão incompreensíveis entre si?

Outro aspecto a se considerar diz respeito aos sistemas mistos⁹, como, por exemplo, o sistema de sinais de trânsito. Como é possível haver sistemas mistos sem que haja trans-significação? Até que ponto não há uma relação de sinonímia entre a palavra “PARE” da placa de sinalização de trânsito e a palavra “PARE” em “POR FAVOR, PARE O CARRO”? É evidente que podemos dizer que se trata de um mesmo signo (“pare”), mas não podemos admitir que ele esteja inserido num mesmo sistema. No primeiro caso, temos uma placa com formato e cores específicos com a palavra “pare” no centro; no segundo, temos uma oração com a palavra “pare” como o núcleo do sintagma verbal. Trata-se de um mesmo signo, inserido em dois sistemas semióticos distintos (o sistema de sinais de trânsito e a língua portuguesa) e com o “mesmo” significado; portanto, ao nosso ver, isto é trans-significação.

Talvez a crítica mais forte a Benveniste e à concepção de inexistência de trans-significação seja a que diz respeito ao fato de que se a trans-significação inexistisse nos sistemas lingüísticos, as línguas especializadas seriam constituídas cem por cento por neônimos, o que não acontece na realidade (nem com as denominações nem com os conceitos). O reaproveitamento das palavras (ou termos) e dos significados (ou conceitos) já existentes é um recurso da própria linguagem humana, regido por um princípio de economia: é mais econômico usar as formas lingüísticas já existentes do que criar formas totalmente novas a cada momento, *ad infinitum*. A própria língua dispõe de recursos gramaticais, tais como a derivação e a composição, que permitem o reaproveitamento lexical. Nesta mesma linha, segue os casos de extensões metafóricas e metonímicas, que são fenômenos considerados universais da linguagem humana.

É evidente que os signos (incluindo os termos) precisam ser “particularizados” (especializados) em cada sistema de significação (ou área de domínio), mas as nuances de significação podem acompanhar o signo desde a sua origem (e às vezes é exatamente por causa de tais nuances que determinada forma é reutilizada) e se manifestarem, plenamente, no

⁹ É curioso que, apesar de Benveniste não admitir trans-significação, admita a “relação” entre sistemas semióticos: “... não menos que os sistemas de signos, as RELAÇÕES entre estes sistemas constituirão o objeto da Semiologia.” (BENVENISTE, 1989. p. 51). O destaque em maiúsculo consta no original.

novo sistema que o acolheu. Isto parece evidente, por exemplo, no caso de *vírus*: é obvio que *vírus* da biomedicina não é o mesmo da informática, mas em ambas as áreas (biomedicina e informática) algumas noções de *vírus* são comuns, tais como “infecção” e destruição de sistemas, propagação de difícil controle.

Na verdade, nenhum signo ou sistema sógnico existe independentemente e isolado do contexto social e do uso coletivo. Mesmos os signos “naturais”, como, por exemplo, nuvens escuras (indicando chuva), fumaça (indicando fogo), não escapam à convenção, pois esses signos podem ser socialmente (re)codificados e expressarem significados específicos em culturas específicas.

Na perspectiva peirceana, de uma função sógnica (semiose) ilimitada, todos os sistemas semióticos estariam interligados e somente na interação dos sistemas eles poderiam se auto-explicar. O processo semiótico peirceano é essencialmente circular¹⁰, mas, como observa Eco (2003), esta circularidade:

é a condição normal da significação, e é isto que permite o uso comunicativo dos signos para referir-se a coisas. Refutar como teoricamente insatisfatória essa situação significa apenas que não se compreendeu qual seja o modo humano de significar, o mecanismo através do qual se fazem a história e a cultura, o modo mesmo pelo qual, definindo-se o mundo, se atua sobre ele, transformando-o. (ECO, 2003. p. 60).

Mas é importante ressaltar que as interações entre os sistemas sógnicos vão além da mera relação circular de “co-representação”. Os objetos (as coisas do mundo, real ou imaginado) e os signos podem existir *a priori*, mas a relação entre ambos (a significação) é sempre resultante de uma negociação, de uma interação sócio-cognitiva. Neste sentido, discordamos de Benveniste – que entende os sistemas sógnicos como algo que possui forma definida e acabada, que nos permite tratar o processo de significação no limite (fechado) de cada sistema semiótico – e concordamos com Peirce e Eco – que encaram o processo de representar, de significar, como algo instável, porque, sendo humano, é social e histórico.

¹⁰ A circularidade do processo semiótico peirceano não pode ser bem representada por uma figura como o triângulo. Talvez por isso o autor não tenha usado esta figura em seu trabalho.

2.1.2 Sistema Lingüístico

Com relação, especificamente, ao sistema lingüístico, podemos dizer, em poucas palavras, que este é formado por um conjunto constituído por um léxico e uma gramática¹¹.

O léxico é uma extensa lista de signos (palavras) que pode ser ampliada indefinidamente. Esta lista de signos (palavras) precisa ser aprendida e reconhecida pelos falantes (e a língua dispõe, como já vimos, de recursos gramaticais, tais como a derivação e a composição, e de outros, como a extensão metafórica, para auxiliá-los nesta tarefa). A gramática, por sua vez, determina como as palavras podem ser articuladas para formar signos maiores, como as frases e os textos. Graças à articulação dessas duas dimensões do sistema lingüístico, a língua permite aos falantes a *produtividade* e a *criatividade*, no sentido gerativo destes termos. A *produtividade* diz respeito ao plano das *possibilidades* (a língua nos possibilita dizer mais do que efetivamente nós somos capazes de dizer, basta nos lembrarmos do mecanismo da recursividade), a *criatividade* diz respeito ao plano da *vontade* (dos indivíduos)¹².

Todavia, o léxico não é uma lista de etiquetas das coisas do mundo pronta para ser usada, tampouco a simples gramaticalidade das frases garante significado e sentido aos enunciados e textos. O fazer sentido, o significar, é sempre uma atividade sócio-cognitiva e a compreensão do que se diz não é totalmente independente da existência das coisas no mundo, mas depende do *reconhecimento* das palavras (e das coisas), da *compreensão* dos enunciados e da *interpretação* das intenções e propósitos sócio-comunicativos. Foi por negligenciar estes aspectos da comunicação humana, que a semiótica lingüística de Saussure e Hjelmslev, assim como a de todos os formalistas, se revelou pouco eficaz para tratar de questões de: a) lexicologia; b) terminologia; c) tradução; d) significado (dos discursos e textos). Por explorar virtualidades, a lingüística formal igualmente tem-se mostrado infecunda nos trabalhos lexicológicos e terminológicos, como o de produção de dicionário. Um exemplo emblemático disso é citado por Lara (2004) sobre o dicionário “Great Tzotzil Dictionary of San Lorenzo Zinacantán”, de Robert M. Laughlin. No trecho a seguir, Lara cita o comentário do próprio Laughlin:

¹¹Obviamente, a língua possui outros signos menores que as palavras (tais como os traços fonológicos, os fonemas e os morfemas) e, além do léxico e da gramática, a língua tem, também, uma dimensão pragmática.

¹²Segundo o *princípio da expressibilidade* postulado por Searle (1981. p. 30), a língua dispõe dos mecanismos que permitem que “tudo o que se quer dizer pode ser dito (...).”

‘Seis dias por semana, de nove da manhã às quatro da tarde, nos sentávamos [ele e seus informantes tzotzis] no Museu do Novo México *para inventar palavras*’; durante essas horas tomava uma raiz hipotética e lhe acrescentava afixos sistematicamente, para descobrir *possíveis palavras tzotzis*, mas acaba confessando, em parágrafos posteriores, que seus informantes, alguns dias depois desconheciam a realidade dessas palavras possíveis: ‘Eles, que tinham dado essas palavras com todas as informações e exemplos, negavam categoricamente a sua existência e insistiam em que seus exemplos nem sequer eram concebíveis.’ (LARA, 2004. p. 137).

Segundo Lara (2004, p. 138), o método de trabalho de Laughlin fracassava, porque ele “desenraizava as palavras de sua realidade” e as submetia “à comutação hipotética”. As palavras “virtuais ou possíveis” fornecidas pelos informantes de Laughlin poderiam até fazer parte do *sistema* da língua tzotzil, mas não faziam parte do *uso*.

É por esta razão que, em Lexicologia e Terminologia, cada vez mais, se insiste na necessidade de os estudos do léxico (comum ou especializado) serem realizados com base em *corpora* da língua *in vivo*.

Tratar os signos lingüísticos, como as palavras e os enunciados e textos, de um ponto de vista semântico, sintático e pragmático não é, sem dúvida, uma tarefa fácil, mas não há alternativa, se pretendemos dar conta dos significados e usos desses signos. Neste sentido, concordamos com Marcuschi (2004, p. 268) ao dizer que “a linguagem não tem uma semântica imanente, mas ela é um sistema de símbolos indeterminados em vários níveis (sintático, semântico, morfológico e pragmático)”.

2.2. TERMINOLOGIA

A Terminologia é entendida em pelo menos três acepções: a) como conjunto de termos de uma determinada área, ou domínio¹³; b) como conjunto de métodos utilizados num trabalho terminológico; c) como conjunto de critérios conceituais e de pressupostos teóricos que orientam o estudo dos termos (cf. ALVES, 1998). Nesta terceira acepção, a Terminologia é compreendida como uma disciplina que, dispendo de método próprio, designa os conceitos em um tecnoleto (língua especializada¹⁴). É uma disciplina que pertence ao quadro das *ciências do léxico*, que constitui o campo da Lingüística que abrange a Semântica, a

¹³ Segundo Conceição (1994, p. 36), “A área do saber sobre a qual se trabalha na análise terminológica é freqüentemente designada por domínio (...). O domínio corresponde a uma classe semântica, à qual estão ligados vários tipos de práticas sociais”.

¹⁴ Lerat (1995) prefere usar a forma *língua especializada* (langue spécialisée) a usar *língua de especialidade*, por esta última nos remeter à inconveniente idéia de *sub* (sub-sistema, sub-língua).

Lexicologia, a Terminologia, a Socioterminologia, a Lexicografia e a Terminografia. O seu objeto de estudo é de ordem lingüística – o *termo* –, mas é essencialmente multidisciplinar (cf. PONTES, 1997).

A prática terminológica, pelo que se tem registro, originou-se no mundo Oriental. Trabalhos como “Explicação das Palavras Gregas em Siríaco”, de Hunayn Ibn Ishôq; “Léxico Siríaco-Árabe”, de Ibn Bahlûl e “O Grande Colecionador”, de Rhazès, remontam ao século IX. No Ocidente, os primeiros trabalhos considerados de natureza terminológica surgem durante o Renascimento. Nessa época, a partir do século XVI, surgem trabalhos como “Glossário Árabe-Latino de Termos Médicos”, do médico italiano Andrea Alpago; “Livro dos Segredos da Agricultura”, do espanhol Miguel Agusti. Todavia, é somente no século XX que as bases da Terminologia serão lançadas.

É tido como o marco inicial da Terminologia, como disciplina independente, a publicação, em 1931, da obra de autoria do austríaco Eugen Wüster, intitulada “A Normalização Internacional da Terminologia Técnica” (título original: *Die Internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektrotechnik*). Este trabalho de Wüster foi elaborado a partir de sua tese de doutorado, defendida um ano antes, em 1930, na Universidade de Stuttgart, Alemanha. Nessa obra, Wüster estabelece as linhas gerais do que viria orientar os trabalhos terminológicos a partir da década de 1930 até muito recentemente (cf. BARROS, 2004, p. 53-54). Wüster definiu a Terminologia como uma disciplina autônoma, mas a considerou de caráter multidisciplinar, pois ela abrangeria uma dimensão que envolveria a Lingüística, a Lógica, a Ontologia e a Informática.

Mais recentemente, sobretudo por influência da Sociolingüística (LABOV, 1966), muitos princípios defendidos por Wüster, tais como a univocidade do termo e a essencialidade prescritiva, passaram a ser revistos; novas metodologias e novos princípios começaram a alterar as pesquisas terminológicas. Surge, assim, a Terminologia Variacionista, ou a Socioterminologia. Nesta nova vertente da Terminologia, a prescrição e normalização cedem lugar à “equivalência condicional” (LERAT, 1997), à “normalização pelo uso” (=harmonização (CONCEIÇÃO, 1994)). Nas palavras de Conceição (1994, p. 38): “a norma será social e comunicativa, não institucional”. Por conseguinte, a pesquisa terminológica deverá levar em conta as condições sociais de criação, circulação e uso comunicativo dos termos de um dado domínio, pois para além da mera existência do termo está a funcionalidade comunicativa pela qual o mesmo foi criado.

Contudo, é necessário ressaltar que pouco dessas novas discussões tem servido para alterar o que se pode chamar de *prática terminológica*. As maiores provas disso são as normas ISOs e o apego à língua escrita.

Como observa Rey (2007. p. 327), “O estado atual da terminologia envolve bases teóricas incompletas e arcaicas, de acordo com as áreas e assuntos estudados, posições heurísticas amplamente divergentes e um contexto histórico escassamente documentado (...)”.

Talvez as mudanças mais visíveis na prática terminológica tenham sido impulsionadas mais pelos avanços de ordem técnica (ou tecnológica, como a utilização de programas computacionais para gerenciar dados) do que pelos avanços de ordem teórica. O que se percebe é que a Terminologia e, mais propriamente, a Socioterminologia ainda precisam passar por um processo de modelação de suas metodologias, para poder dar conta, por exemplo, de fenômenos como o da variação terminológica no discurso falado.

De qualquer forma, na atualidade, com o avanço da ciência, nas diversas áreas, e com o acelerado desenvolvimento da tecnologia, os estudos terminológicos (ou socioterminológicos) só têm a contribuir para:

- a) uma comunicação mais eficiente dentro e entre os setores públicos e privados em matéria de ciência e tecnologia;
- b) o processo de ensino-aprendizagem no plano da educação superior;
- c) a publicação e o aproveitamento dos resultados da investigação científica;
- d) incrementar o intercâmbio de informação científica no âmbito internacional;
- e) o aperfeiçoamento dos profissionais universitários;
- f) organização e documentação de banco de dados das línguas especializadas (PONTES, 1997. p. 48).

Nesta perspectiva, a Terminologia e a Socioterminologia apresentam-se como a Lingüística a serviço da *inter*, da *intra* e da *transdisciplinaridade*, abrindo caminho e criando condições para uma comunicação eficaz entre ciência (pesquisa), tecnologia (produção), ensino (desenvolvimento social) e políticas públicas (controle).

Ressalte-se que a ciência, apesar do estágio de desenvolvimento já atingido, encontra-se *balcanizada*, isto é, fragmentada em *ilhas* em conflitos entre si. Faz-se necessária uma interação entre as várias áreas do conhecimento. É bem provável que as descobertas feitas na área da Neurologia, por exemplo, sejam importantes para explicar muitos fenômenos hoje ainda obscuros para um psicólogo. A Terminologia, talvez, não resolverá o problema desse

“ilhamento conflituoso” das várias áreas da ciência, mas abre um caminho interessante no sentido de uma maior interação entre essas várias áreas.

2.2.1 Teoria Geral da Terminologia

A Teoria Geral da Terminologia (TGT) ou Terminologia Clássica é também conhecida como terminologia wüsteriana, pelo fato de ela ter se erigido a partir dos trabalhos do engenheiro austríaco Eugen Wüster, a partir de 1930. Os principais postulados e recortes da TGT podem ser resumidos em nove. São eles:

1. A terminologia é concebida com uma disciplina autônoma, mas de caráter multidisciplinar:

A terminologia [wüsteriana] se concebe como uma *disciplina autônoma* e se define como uma *área de intersecção* constituída pelas *ciências das coisas* e por outras disciplinas como a *lingüística*, a *lógica*, a *ontologia* e a *informática*. (CABRÉ, 2002. p. 42).¹⁵

2. O objeto de estudo é o termo, entendido como uma unidade de duas faces: a denominação e o conceito:

Para os terminólogos, uma unidade terminológica consiste numa *palavra* com a qual se designa um conceito, enquanto as palavras são, para a maioria dos lingüistas atuais, unidades compostas de forma e conteúdo, na qual forma e conteúdo são indissociáveis. Terminólogos usam a expressão *conceito*, e não *significado*, por uma razão básica: em sua opinião, o significado de um termo (o conceito) se esgota com o significado *denotativo*, também chamado de *significado conceitual*, e prescinde, em geral, às *conotações*. (WÜSTER, 1998. p. 21-22).¹⁶

3. Os conceitos precedem à denominação e são independentes em relação a esta. O valor de um conceito depende do lugar que ele ocupa na estrutura conceitual a que pertence:

¹⁵ “La terminología se concibe como una *materia autónoma*, y se defiende como un *campo de intersección* constituido por las ‘*ciencias de las cosas*’, y por otras disciplinas como la *lingüística*, la *lógica*, la *ontología* y la *informática*.” (CABRÉ, 2002. p. 42).

¹⁶ “Para los terminólogos, una unidad terminológica consiste en una *palabra* a la cual se le asigna un concepto como su significado, mientras que para la mayoría de los lingüistas actuales, la palabra es una unidad inseparable compuesta de forma y contenido.

Los terminólogos usan la expresión *concepto*, y no la de *significado*, por una razón básica: en su opinión, el significado de un término (el concepto) se esgota con el significado *denotativo*, también llamado *significado conceptual*, y prescinde, en general, de las *connotaciones*.” (WÜSTER, 1998. p. 21-22).

Em primeiro lugar, todo trabalho terminológico utiliza como ponto de partida os conceitos com *objetivos* de estabelecer delimitações claras entre eles. A terminologia considera que o âmbito dos conceitos e das denominações (= os termos) são independentes. (WÜSTER, 1998. p. 21).¹⁷

4. Os conceitos de determinado domínio mantêm relações, de diversos níveis, entre si: “A comparação de conceitos permite estabelecer dois tipos de relações entre eles: as relações lógicas e as relações ontológicas.” (WÜSTER, 1998. p. 40).¹⁸
5. Limitação do léxico (técnico) à área de domínio: “para os terminólogos, somente as denominações de conceitos têm importância ...” (WÜSTER, 1998. p. 22).¹⁹
6. Entendimento da linguagem técnica como um produto consciente (*artificial*): “A primeira particularidade relevante é a formação *consciente* da língua.” (WÜSTER, 1998. p. 22).²⁰
7. Prioridade da língua escrita sobre a língua falada: “... para a terminologia, a forma gráfica dos termos tem prioridade sobre a forma fônica, ou seja, sobre a pronúncia. A forma escrita dos termos técnicos está unificada em escala internacional.” (WÜSTER, 1998. p. 25).²¹
8. Enfoque sincrônico: “a prioridade que a terminologia dá aos conceitos tem levado inevitavelmente a investigação terminológica a considerar a língua de um ponto de vista essencialmente *sincrônico*.” (WÜSTER, 1998. p. 22).²²
9. Enfoque da comunicação técnica em âmbito internacional:

A normalização dos termos individuais necessita obrigatoriamente de diretrizes unificadas de caráter supralingüístico, ou seja, de uma espécie de fio condutor da teoria geral da terminologia. Com esta finalidade, a Organização Internacional de Padronização (ISO)

¹⁷ “En primer lugar, todo trabajo terminológico utiliza como punto de partida los conceptos con el *objetivos* de establecer delimitaciones claras entre ellos. La terminología considera que el ámbito de los conceptos y el de las denominaciones (= los términos) son independientes.” (WÜSTER, 1998. p. 21).

¹⁸ “La comparación de conceptos permite establecer dois tipos de relaciones entre ellos: las relaciones lógicas y las relaciones ontológicas.” (WÜSTER, 1998. p. 40).

¹⁹ “para los terminólogos, sólo tienen importancia las denominaciones de los conceptos ...” (WÜSTER, 1998. p. 22).

²⁰ “La primera particularidad relevante es la formación *consciente* de la lengua.” (WÜSTER, 1998. p. 22).

²¹ “.. para la terminología, la forma gráfica de los términos tiene prioridad sobre la forma fônica, es decir, sobre la pronunciación. La forma escrita de los términos técnicos está unificada a escala internacional” (WÜSTER, 1998. p. 25).

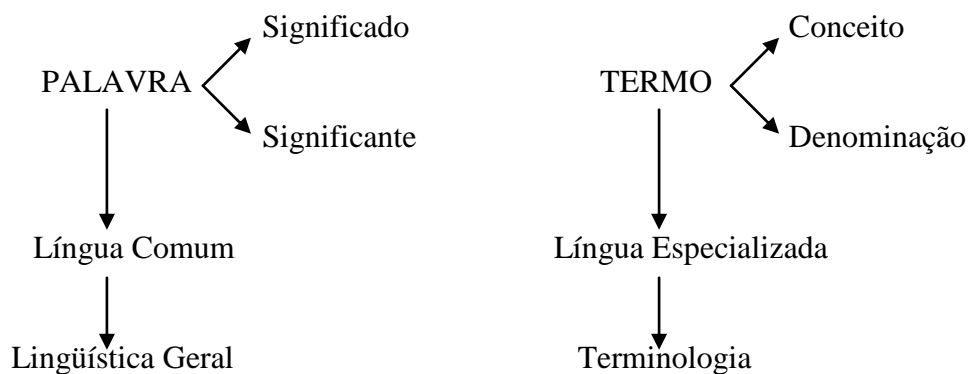
²² “la prioridad que la terminología da a los conceptos ha llevado inevitablemente a la investigación terminológica a considerar la lengua desde un punto de vista esencialmente *sincrônico*.” (WÜSTER, 1998. p. 22).

tem elaborado, ao longo de vinte anos, numerosos princípios terminológicos e lexicográficos. (WÜSTER, 1998. p. 24).²³

Wüster, como se pode observar, define a Terminologia como uma disciplina autônoma, mas a considera multidisciplinar, (conforme Cabré, a Terminologia Wüsteriana abrangeria a Lingüística, a Lógica, a Ontologia e a Informática). Apresenta como objeto de estudo da Terminologia os *termos técnico-científicos*, descrevendo estes como unidades semióticas de duas faces, as quais seriam o *conceito* e a *denominação*, sendo o *conceito* precedente à *denominação*. Observa que os conceitos de um determinado *domínio* (área de especialidade) mantêm relações entre si e que o resultado dessas relações é o que constitui a *estrutura conceitual* desse mesmo domínio. Os termos são estudados num recorte sincrônico, priorizando a linguagem escrita sobre a falada. Wüster propõe como objetivo dos estudos terminológicos (da TGT) a *normatização* (conceitual e denominativa) e como finalidade da *normatização*, a *precisão* e *univocidade* da *comunicação profissional* em âmbito internacional.

Na definição do *objeto*, o termo, Wüster delimita o campo da Terminologia e estabelece a diferença entre esta e a Lingüística. O esquema a seguir permite visualizar esse recorte:

Figura 1 – Palavra e termo.



A “palavra” (unidade semiótica de dupla face: significante e significado) pertence à língua comum e é objeto de estudo da Lingüística (geral); o termo (unidade também semiótica

²³ “La normalización de los términos individuales necesita obligatoriamente líneas directrices unificadas de carácter supralingüístico, es decir, una especie de hilo conductor de la teoría general de la terminología. Con esta finalidad, la Organización Internacional de Normalización (ISO) há ido elaborando, a lo largo de los últimos veinte años, numerosos principios terminológicos y lexicográficos.” (WÜSTER, 1998. p. 24).

de duas faces: conceito e denominação²⁴) pertence à língua especializada e constitui o objeto de estudo da Terminologia.

Como se pode observar, a TGT, concebida por Eugene Wüster, encara a língua especializada como sendo de natureza diferente da língua comum. Sua terminologia, fundada numa lógica formal (Aristóteles, Carnap, Wittgenstein, Peirce), parte do pressuposto de que o *conceito* é algo totalmente transparente, objetivo e universalmente válido. Como consequência disso, acredita-se que a comunicação que veicula conceitos (a comunicação técnica) pode ser internacionalmente padronizada, bastando para isso que se adote um princípio de *univocidade terminológica*. Este princípio de *univocidade* ou *monossemia do termo* consiste em que cada *conceito* tenha apenas uma *denominação* correspondente. A língua escrita garantiria as condições para normatização e circulação terminológica em escala internacional.

Com isso, eliminar-se-ia a dimensão pragmática do termo, evitando-se as variações e imprecisões (próprias da comunicação na língua comum), que são consideradas ruídos para comunicação técnica, e garantir-se-ia precisão e eficácia na comunicação científica em âmbito internacional. A normatização, por conseguinte, surge como uma necessidade dessa padronização conceitual e denominativa.

Wüster, portanto, idealiza a comunicação científica (e o próprio conhecimento) e reduz o trabalho da Terminologia à compilação e normatização de termos. Isto fica, particularmente, evidente quando considera a linguagem técnica como um produto consciente, isto é, intencional. Ignora que nem todos os conceitos científicos são produzidos a partir de conhecimentos baseados em julgamentos *a priori*, como os teoremas da matemática (e os princípios da lógica formal), mas que em grande parte da ciência os conceitos são produzidos *a posteriori*, a partir da observação e interpretação da realidade sensível (que no caso de ser social ou sociológica torna a questão mais complicada, pois, neste caso, o sujeito observador é também objeto). Nesta parte da ciência, o um sujeito do conhecimento se depara com um dado objeto e da observação, desse objeto, constrói um conhecimento, que não é totalmente independente do sujeito observador. Além disso, não podemos perder de vista o fato de um mesmo objeto poder ser analisado a partir de abordagens teóricas distintas, o que, neste caso, modificará a própria observação.

Da mesma forma, a idéia de que o conceito preexiste à denominação, ignora o fato de que, em geral, só se tem conhecimento de um conceito por meio da denominação, ou seja, de

²⁴ A definição de termo de Wüster, ao mesmo tempo que revela o seu esforço para diferenciar o *termo* da *palavra*, revela também o quanto foi influenciado pelo Círculo Lingüístico de Viena.

sua verbalização. A situação de surgimento de um conceito, totalmente novo, a espera de ser nomeado ou designado, é algo (às vezes) imaginado, mas dificilmente constatado (pois esta é uma experiência interior e solitária), pois o conceito só tem existência como unidade inteligível a partir de sua representação sígnica (a denominação). O procedimento onomasiológico (do conceito para a denominação), portanto, se revelou inadequado para descrever os termos, porque tal procedimento não dá conta dos processos de terminologização (especialização de palavras da língua comum), desterminologização (ou vulgarização do termo), nem dos processos de migração de termos de uma área para outra, como nos exemplos de “clone” e “vírus”, citados alhures. Na abordagem lingüística da Terminologia, o procedimento adotado é o semasiológico, ou seja, o que parte das denominações para os conceitos.

Com efeito, nem na lógica formal a univocidade conceitual é constante, mas, pelo contrário, muda com o tempo e com os teóricos. Basta observarmos o conceito de *significado* entre alguns lógicos. Aristóteles trata esse conceito como *forma*; Saussure, como *conceito*; Ogden e Richards, como *referência*; Peirce, como *interpretante*; Carnap, como *intensão*; Hjelmslev trata como *conteúdo*. As denominações *forma*, *conceito*, *referência*, *interpretante*, *intensão* e *conteúdo* designam exatamente um mesmo conceito de *significado*? É obvio que não. A *forma* para Aristóteles é um significado universal; o *conceito* para Saussure é um significado social. O simples fato de haver várias denominações para um conceito, já é garantia de que ele não é totalmente claro e transparente. Com isso, não se deve concluir, todavia, que não exista relações sinonímicas, mas que os sinônimos são funcionais e que, a rigor, não existe “sinônimo perfeito”. Além disso, não podemos perder de vista os casos em que, mesmo as denominações sendo as mesmas, os conceitos são diferentes (homonímia): Aristóteles também utiliza a denominação *conceito* como sinônimo de *forma*, mas *conceito* em Aristóteles e Saussure não é exatamente a mesma coisa, como já vimos.

Nesse exemplo (o de conceito de *significado*), o que poderia ser mais desastroso (para a terminologia e para o próprio conhecimento científico) do que reduzirmos o conceito de *significado* a apenas uma denominação?

Na verdade, os conceitos só são mais ou menos transparentes e claros, e somente no discurso, em situação real de uso da língua, eles adquirem precisão. Além disso, a variação não constitui entrave para a comunicação, mas, pelo contrário, estudos sociolingüísticos²⁵ têm mostrado que a tentativa de se padronizar a comunicação sem levar em conta a funcionalidade

²⁵ É o caso, por exemplo, da tentativa de controle do uso dos estrangeirismos (na França, Portugal, Brasil) (cf. FARACO, 2001).

da variação, quando é seguida (pois, mesmo quando imposta por lei, geralmente, estas padronizações não são adotadas pelos falantes), só contribui para tornar a comunicação truncada e artificial, pois a variação é funcional para o uso. A língua varia por uma necessidade de adaptação da comunicação às situações sócio-comunicativas. Um médico que se comunicasse com seus pacientes usando um alto nível de formalidade terminológica, provavelmente não se faria entender. Portanto, para que consiga se comunicar, ele precisa adequar o seu discurso ao seu interlocutor, evitando certos termos, usando termos mais comuns, perifraseando alguns termos etc. Nos artigos de divulgação científica, também se faz necessário filtrar os termos e adequar o grau de formalidade da linguagem técnica e científica, para que o conhecimento veiculado, ali, possa ser compreendido por um grande número de leitores que não são especialistas da área. Nestes dois casos, todavia, alguém poderia alegar que não estamos lidando com língua especializada, mas com a língua comum. Entretanto, esta alegação só encontra fundamento numa concepção idealizada da comunicação científica. Numa concepção lingüística da terminologia, a língua especializada é vista como a própria língua (e não como um subsistema), apenas com a particularidade (funcional) de veicular conhecimento especializado, ou seja, as línguas especializadas não se diferenciam da língua comum por sua estrutura e complexidade (sua natureza), mas pela informação (o conhecimento técnico e científico) veiculada por meios de suas unidades sígnicas, os termos. Como assinala Lerat (1997, p. 14), tratando dessa questão, “a noção de ‘subsistema lingüístico’ é mais quimérica que real”²⁶.

Por ser fundada em idealizações (do conhecimento e da comunicação científica), não apresentando uma base empírica que permita dar conta da realidade da comunicação terminológica, a TGT sofreu severas críticas, sobretudo a partir dos anos 80, quando os estudos terminológicos passaram a ser tratados sob o ponto de vista da Lingüística. Segundo Krieger ; Finatto (2004), os trabalhos pioneiros de Rey (1979), Boulanger (1981), Hoffmann (1982), Isenberg (1983), Brinker (1988), Heinemann (1991), Gaudin (1993), impuseram um novo rumo aos estudos terminológicos.

A partir de então, a terminologia denominativa de Wüster passou a ceder lugar a uma terminologia comunicativa e textual. A denominação deixa de ser compreendida como uma espécie de suporte do conceito, passando a ser considerada como parte do próprio conceito. O *termo* deixa de ser o único objeto da Terminologia, pois: "termo e palavra não se distinguem *a priori*, mas somente pelo conteúdo, especializado ou não, que veiculam nos atos

²⁶ “la noción de ‘subsistema lingüístico’ es más quimérica que real” (LERAT, 1997. p. 14).

comunicativos" (KRIEGER, 2004, p. 328). Dessa forma, os textos especializados (ou a comunicação especializada), e não mais apenas os termos, passam a ser objeto da atenção da Terminologia. Com o trabalho de Cabré (1999), a TGT passa a perder espaço para o que se tornou conhecida como Teoria Comunicativa da Terminologia, ou TCT.

Contudo, não é exagero afirmar que apesar dos avanços teóricos, a TGT continua influenciando os trabalhos de investigação em Terminologia, pois, como observa Finatto (2001, p. 62):

na falta de substituto acabado, [a TGT] permanece um referencial importante no cenário dos estudos terminológicos, ainda que a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) se encaminhe para constituir uma alternativa lingüística ou que, mesmo antes dela, a Socioterminologia pudesse ter se desenvolvido além do que já avançou.

De qualquer modo, acreditamos que não será a Terminologia numa vertente normativa que irá contribuir com uma melhor comunicação e interação entre as várias áreas do saber. Se a Terminologia pretende contribuir para uma melhor comunicação científica e, sobretudo, com uma melhor comunicação entre as várias ciências, ela deve começar considerando a diversidade conceitual e denominativa, isto é, considerando a variação terminológica.

2.2.2 A Variação Terminológica e a Socioterminologia

A Socioterminologia surge da necessidade que os estudos em terminologia tinham de dar conta do fenômeno da variação terminológica. De início, tal necessidade foi sentida, quando do tratamento, pela terminologia de base tradicional, das questões de sinonímia, homonímia e polissemia dos termos e das questões de tradução e normalização terminológica (estas últimas, típicas da situação de bilingüismo de Quebec). Posteriormente, sob um olhar da terminologia embasada na lingüística, que via os tecnoletos como uma especialização da língua geral, e não como um sistema diverso, tal necessidade se impôs como uma condição teórica para a construção de uma terminologia descritiva que pudesse dar conta dos termos de determinado domínio, a partir das condições de uso e de circulação destes termos, na língua falada e escrita. O enfoque essencialmente sincrônico e normativo do termo, da TGT, também não condizia com a necessidade de se descrever as alterações que os termos sofrem (na forma e no conteúdo) na linha do tempo, pois, como observa Faulstich (2002, p. 64), “o termo é uma entidade do discurso independentemente de sua realização no plano sincrônico e no plano diacrônico e, por isso, passível de apresentar variantes antigas e atuais.”

2.2.2.1 Aporte Teórico

O termo *socioterminologia* aparece pela primeira vez, segundo Gaudin (1993a, p. 67), em 1981, num trabalho de Jean-Claude Boulanger, publicado numa obra de Jean-Claude Corbeil. Gaudin observa que desde a década de 1970 vários trabalhos, como os de Alain Rey e Louis Guilbert, já mostravam a necessidade de uma abordagem mais ampla do termo, que valorizasse o seu aspecto social (ou sociolingüístico) da linguagem especializada. Nas palavras de Gaudin (1993a, p.68): “As relações entre sociolingüística e terminologia existem desde o desenvolvimento de uma reflexão terminológica, isto desde o início dos anos 70²⁷”. Para Gaudin, Gambier, num trabalho de 1989, “desenha os contornos de uma socioterminologia que cobre um vasto campo interdisciplinar...” (GAUDIN, 1993a, p. 69)²⁸.

As reflexões das décadas anteriores à de 90 criaram as condições para que, em 1993, François Gaudin sistematizasse um aporte teórico para o estudo do termo sob um enfoque sociolingüístico. Sua tese de doutorado, *Pour une Socioterminologie: des problemes semantiques aux pratiques institutionnelles*, estabelece os fundamentos teóricos da socioterminologia, tal como é entendida atualmente.

Já no prólogo desta obra, Louis Guespin afirma ser deplorável o fato de a Terminologia precisar ser travestida com um rótulo de “sócio”, pois, para Guespin, “qualquer terminologia deveria ser preocupada com a sociedade, o tecido mesmo onde nascem e se trocam conceitos e termos”. Guespin acrescenta que “a prática pela qual milita o autor [Gaudin] mereceria chamar-se simplesmente terminologia”, pois seria o “ramo wüsteriano que, constituindo uma prática restrita, deveria ser acompanhada de uma determinação; trata-se [esta], com efeito, de uma terminologia normativista.” (GAUDIN, 1993a, p. 9)²⁹.

Este descontentamento de Guespin com a extensão “sócio” adjungida à Terminologia, em **Socioterminologia**, lembra muito a mesma insatisfação de William Labov, no início de “Sociolinguistic Patter”, sua obra inaugural da Sociolingüística, publicada em 1972, alegando que havia resistido por vários anos ao uso do termo Sociolingüística, pois tal termo implicaria

²⁷ “Lês liens entre sociolinguistique et terminologie existent depuis le développement d’une réflexion terminologique, ceci au début des années 1970.” (GAUDIN, 1993a, p. 68).

²⁸ “En effet, ce dernier [Yves Gambier (1989)] dessine lês contours d’une socioterminologie couvrant un vaste champ interdisciplinaire...” (GAUDIN, 1993a, p. 69).

²⁹ “Il est quelque peu regrettable d’avoir à affubler notre pratique de ce formant qui l’alourdit, car après tout, toute terminologie devrait être soucieuse de la société, du tissu même où naissent et s’échangent concepts et termes. En fait, la pratique pour laquelle milite l’auteur mériterait de s’appeler tout simplement terminologie ; c’est la branche wüstérienne qui, constituant une pratique restreinte, devrait être pourvue d’une détermination ; il s’agit en effet d’une terminologie normalisatrice” (GAUDIN, 1993, p. 9)

que poderia haver uma teoria ou prática lingüística bem-sucedida que não fosse social. (cf. LABOV, 1972. p. xiii)³⁰.

Esta semelhança do pensamento de Guespin ao de Labov não é coincidência, mas a demonstração da íntima relação que tem (ou que precisa ter) a Socioterminologia com a Sociolingüística. Ela serve também como uma síntese do pensamento que norteia a obra de Gaudin, pois o próprio Gaudin afirma que sua obra (“Pour une Socioterminologie: des problemes semantiques aux pratiques institutionnelles”) tem como uma das tarefas:

mostrar como, no mesmo movimento que conduziu a lingüística estrutural à Sociolingüística, uma *Socioterminologia* pode levar em conta o real funcionamento da linguagem e restituir toda a sua dimensão social nas práticas languageiras concernentes. (GAUDIN, 1993a. p. 16)³¹.

A obra de Gaudin (1993a) está dividida em três partes. Na primeira, ele faz uma recensão das principais reflexões teóricas acerca da terminologia, iniciando pela tese de Eugen Wüster, publicada em 1931. Em seguida, aborda a situação da francofonia em Quebec (Canadá), na Bélgica e Luxemburgo, e a situação da terminologia na França, ressaltando as questões de bilingüismo e dos aspectos da relação da terminologia com a política lingüística e suas implicações institucionais. Na segunda parte do trabalho, Gaudin analisa algumas questões centrais da terminologia, tais como os problemas de *estrutura de domínio*, a *definição* e o *conceito*. Finalmente, na terceira parte, Gaudin apresenta as “pistas para uma socioterminologia”, pistas estas que seriam delineadas pela sociolingüística, pela análise da interação verbal, pela praxemática³² e pela glotopolítica³³. Neste ponto da obra, Gaudin (1993a):

1. em desacordo com idealismo universalista da terminologia wüsteriana, argumenta a favor de uma terminologia que considere as variedades de línguas, pois a relação:

entre linguagem e conhecimento obriga a prestar atenção às especificidades das línguas: a terminologia deve fazer respeitar as identidades culturais porque as línguas

³⁰ “I have resisted the term sociolinguistic for many years, since it implies that there can be a successful linguistic theory or practice which is not social.” (LABOV, 1972. p. xiii).

³¹ “Sur ce point, nous tenterons de montrer comment, dans le même mouvement qui a conduit de la linguistique structurale à la sociolinguistique, une *socioterminologie* peut prendre en compte le réel du fonctionnement du langage et restituer toute leur dimension sociale aux pratiques langagières concernées.” (GAUDIN, 1993b. p. 16).

³² Segundo Gaudin (1993b. p. 93), “A praxemática é uma lingüística cujos conceitos têm sido desenvolvidos inicialmente por Robert Lofont, e cuja elaboração situa-se na encruzilhada dos caminhos da sociolingüística das línguas minoritário, do pensamento de Gustave Guillaume, da psicanálise e do marxismo.”

³³ Para Gaudin (1993b. p. 176), o termo glotopolítica “encontra a sua pertinência no fato de permitir alargar a reflexão ‘sobre as diversas abordagens que uma sociedade pode ter sobre as ações da linguagem, que seja ou não consciente’”.

têm estruturas diferentes que correspondem a hábitos de pensamento e de expressão diferentes. (GAUDIN, 1993a. p. 120)³⁴.

2. rejeita o pensamento averbal (ao contrário de Wüster, que, influenciado pela lógica positivista do círculo de Praga, entendia o conceito como sendo independente da denominação), mas observa que a “palavra como um instrumento que, permitindo implicitar o real, autoriza a autonomia do pensamento.” (GAUDIN, 1993a. p. 121)³⁵.

3. com relação ao termo, propõe o seu estudo em condições *in vivo*, nas quais, sem exclusão dos mecanismos referenciais, seja possível observar os aspectos contextuais e pragmáticos dos termos no discurso, pois para o autor “não se pode excluir, nesta abordagem contextual e pragmática, a análise dos mecanismos referenciais.” (GAUDIN, 1993a. p. 180)³⁶.

Em *Socioterminologie: une approche sociolinguistique de la terminologie*, Gaudin (1993b) apresenta as contribuições da Sociolingüística para Terminologia. Neste trabalho, que é complementar à sua obra anterior, Gaudin organiza a exposição (da contribuição da Sociolingüística para a Socioterminologia), a partir dos seguintes pontos (cf. GAUDIN, 1993b. p. 17-19):

1. Propõe um percurso histórico e teórico, no qual aborda as questões dos domínios e dos conceitos, das características semânticas do termo e da autonomia da terminologia;
2. Apresenta os conceitos e métodos sociolingüísticos utilizados e utilizáveis em socioterminologia. As propostas e modelos de análises advêm, principalmente, da lingüística da interação, do estudo da insegurança verbal e da praxemática;
3. Considera que a circulação social dos termos impõe debruçar-se, pelo menos em algum momento, sobre a questão da vulgarização terminológica. Tal questão é abordada com base na noção de dialogismo (de Mikhail Bakhtin).

³⁴ “... entre langage et connaissance oblige à prêter attention aux spécificités des langues: la terminologie doit-elle faire respecter les identités culturelles parce que les langues ont des structures différentes qui correspondent à des habitudes de pensée et d'expression différentes. (GAUDIN, 1993a, p. 120).

³⁵ “Aussi convient-il de considérer le mot comme un outil qui, permettant d'impliciter le réel, autorise l'autonomie de la pensée”. (GAUDIN, 1993a, p. 121).

³⁶ “Et l'on ne peut exclure, dans cette approche contextuelle et pragmatique, l'analyse des mécanismes référentiels.” (GAUDIN, 1993b. p. 180).

4. Lança uma luz sobre o tipo textual da vulgarização e as restrições lexicais que dizem respeito à gestão dos vocabulários. Mediante o exame das relações lexicais e semânticas introduzidas pelos editores, busca-se refletir sobre as estratégias lexicográficas desenvolvidas pelos autores de dicionários de vulgarização e sobre a sua pertinência;
5. Reflete sobre as relações entre semântica e terminologia. O problema central a que se atém, no âmbito de uma semântica aplicada às línguas especializadas, está aqui situada na sociolingüística;
6. Aborda a vulgarização e a terminografia sob os aspectos lingüísticos dos estudos terminológicos. O plano sociolingüístico refere-se, de modo essencial, à implicação da terminologia nas questões de políticas lingüísticas. Isto aparece, notadamente, na política lingüística adotada na França, onde aparecem freqüentemente iniciativas destinadas a conter o avanço do anglicismo.
7. A reflexão (da obra) termina com um estudo conjunto da história dos vocabulários e das metáforas, ressaltando a importância da inclusão da história nos estudos terminológicos e mostrando as implicações epistemológicas e éticas que excedem a simples gestão e tradução de grupos lexicais.

Os trabalhos de Gaudin (1993a e 1993b) preenchem, consistentemente, a lacuna que havia nos estudos terminológicos, até então carentes de bases epistemológicas que não fossem simplesmente transplantadas de outras disciplinas, para dar conta dos termos em contexto social. Seu apanhado da Sociolingüística advém, sobretudo, dos aspectos macros desta disciplina, tais como o planejamento e a política lingüística, as questões de normalização e vulgarização e da relação entre língua e cultura.

Uma observação possível sobre Gaudin (1993a e 1993b), contudo, diz respeito ao fato de o autor não ter destinado nenhum capítulo (nem mesmo um subcapítulo) à questão específica da variação, questão que é central para a Sociolingüística. O referido autor aborda, com bastante propriedade, “os problemas lingüísticos da vulgarização” (considerando-os como “um problema sociolingüístico e não terminológico.”³⁷), que é, sem dúvida, uma importante via pela qual os termos, assim como as palavras da língua geral, ao entrar no uso

³⁷ “La vulgarisation est un problème sociolinguistique et non terminologique.” (GAUDIN, 1993b. p. 105).

social, adquirem independência e podem-se alterar na forma e no conteúdo, produzindo variantes formais ou nocionais. Todavia, a vulgarização não é o único caminho para explicar a variação terminológica. Termos altamente especializados podem apresentar variação, num determinado texto, por exemplo, por uma necessidade (ou vontade) do especialista (que fala ou escreve) em evitar repetição (ou redundância) de formas (ou conteúdos) na cadeia sequencial do texto. É o que acontece com “Pátio da serraria” e “Pátio”, na Terminologia da Madeira, no trecho seguinte:

Tentou-se calcular o volume da extração pelo volume de entrada no **pátio da serraria**, descontando o volume comprado, e somando o volume vendido. Porém, verificou-se que o conteúdo das diferentes listagens não correspondiam. Para os meses de julho a setembro de 1998, foi calculado o volume por espécies através da distribuição do volume total (receita da entrada no **pátio**) dividido por proporções médias (receita de listagens da mata sobre a extração). Como resultado destas deficiências, os números apresentados na Tabela 6 contêm erros. É necessário esclarecer estes pontos no levantamento da Etapa II. (POKORNY; SOUSA, 2000, p. 51).

Neste caso, o balanceamento entre informação nova (“Pátio da serraria”) e informação dada (“Pátio”) pode explicar (o condicionamento d’) a variação entre as formas “Pátio da serraria” e “Pátio”. Não se trata, neste caso, de fenômeno resultante da vulgarização da forma “Pátio da serraria”, mas do dinamismo inerente à expressão textual e à comunicação verbal.

Na verdade, a variação é constitutiva da própria linguagem humana e, como tal, manifesta-se em todas as dimensões da comunicação verbal, abrangendo, portanto, o plano vertical (ou diastrático e diafásico), horizontal (ou dialetal) e temporal (ou diacrônico) da língua.

2.2.2.2 Aporte Metodológico

Se a Gaudin (1993a e 1993b) coube a tarefa de estabelecer as bases teóricas para uma Socioterminologia, a Faulstich (1995a, 1995b, 1998, 2000, 2002) se deve o trabalho de organizar uma proposta metodológica para esta nova vertente dos estudos terminológicos. Segundo Faulstich (1995b, p. 2), a “Socioterminologia, como prática do trabalho terminológico, fundamenta-se na análise das condições de circulação do termo no funcionamento da linguagem” e, como uma disciplina descritiva, aborda o “termo sob uma perspectiva lingüística na interação social” e, assim assumida, a pesquisa socioterminológica deve contar com o auxílio dos:

1. princípios da sociolingüística, tais como os critérios de variação lingüística dos termos no meio social e a perspectiva de mudança;
2. os princípios de etnografia: as comunicações entre membros da sociedade capazes de gerar conceitos interacionais de um mesmo termo ou de gerar termos diferentes para um mesmo conceito. (FAULSTICH, 1995b. p. 2).]

Para Faulstich, o respaldo da etnografia “deriva de um postulado fundamental, que é a existência de uma ordem: o engajamento entre as pessoas, a interação de uns com os outros” (FAULSTICH, 1995b. p. 7). Segunda a autora, o levantamento dos aspectos etnográficos, na pesquisa socioterminológica, implica em precisar:

- a) as características da empresa, da instituição em que a terminologia é gerada: tipo de atividade; divisão do trabalho; rede de comunicação; frequência da interação no plano horizontal e no plano vertical; impacto das novas tecnologias sobre a produção e sobre a linguagem etc.;
- b) as características do pessoal: postos que ocupam; formação profissional, especialização, qualificação; idade; condições e frequência de atualização etc.;
- c) a competência e os usos lingüísticos: comunicação mais falada, escrita, lida; domínio de terminologias; emprego de terminologias; consulta a obras de referência, interesse pelas línguas de especialidade; desenvolvimento de pesquisa dentro das empresas; difusão de terminologias por meio de obras específicas etc.;
- d) registro da variação lingüística na terminologia.

(FAULSTICH, 1995b. p. 9).

Estes procedimentos etnográficos, já adotados na Sociolingüística, constituem apelos extralingüísticos (ou “extraterminológicos”) fundamentais da teoria socioterminológica e, a exemplo do que acontece na Sociolingüística, com a *comunidade de fala*, são estes aspectos etnográficos que permitem caracterizarmos o que podemos chamar de uma *comunidade terminológica*, ou comunidade de falantes de determinado domínio.

As áreas especializadas ou domínios não são realidades exatas e estanques em si mesmas, mas um espaço de relações, de ações pela linguagem, no qual os significados (ou conceitos de um conhecimento especializado) são negociados e construídos conjuntamente pelos sujeitos envolvidos. Neste sentido, os termos precisam ser observados e descritos em seu contexto real de circulação na interação comunicativa, sob pena de não se alcançar a dimensão real da comunicação humana e se perder em interpretações idealizadas da comunicação especializada.

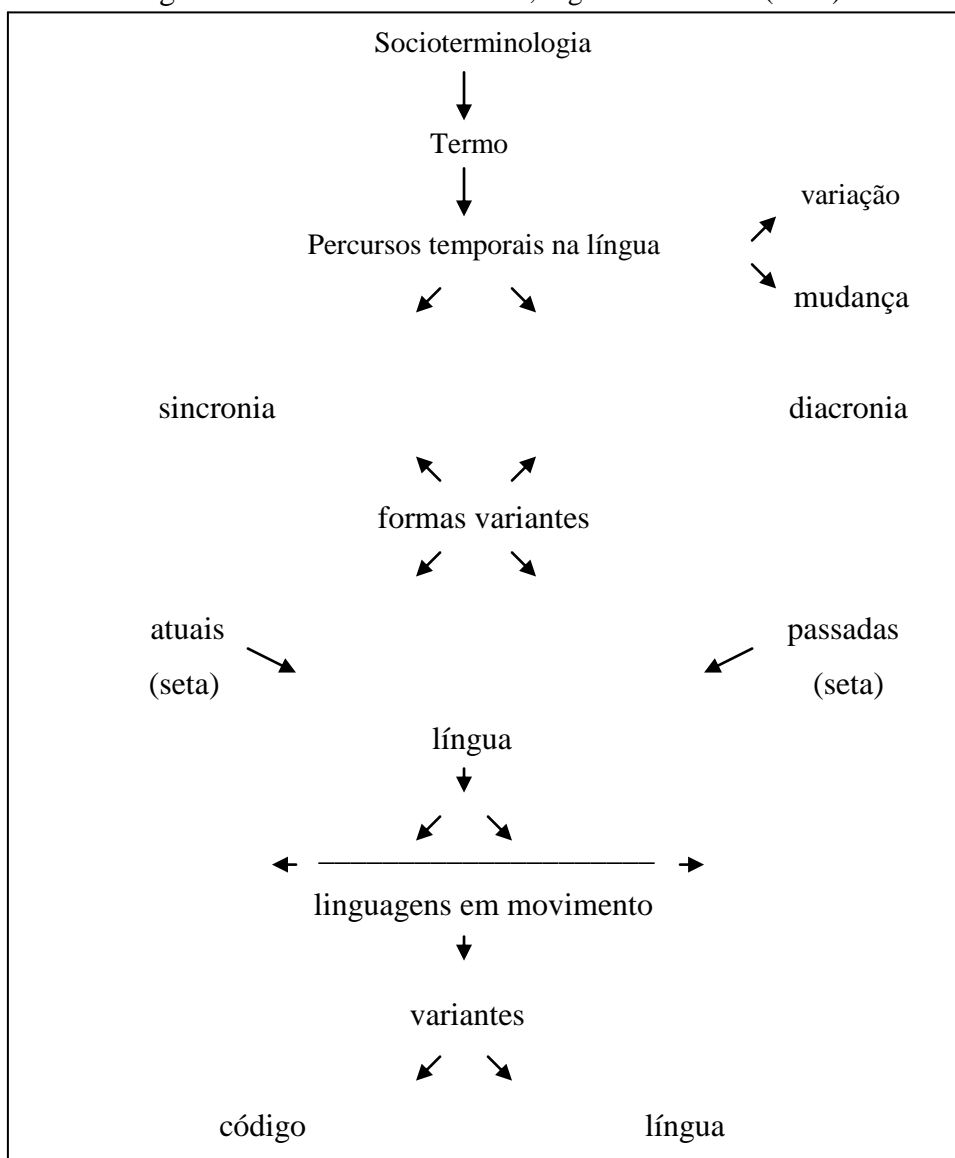
Para que a pesquisa socioterminológica possa dar conta do termo nessa complexa dimensão da comunicação humana, Faulstich (1995b) propõe os seguintes passos a serem seguidos:

1. identificar o usuário da terminologia a ser descrita;
2. adotar atitude descritiva;
3. consultar especialista da área;
4. delimitar o *corpus*;
5. selecionar documentação bibliográfica pertinente;
6. precisar as condições de produção e de recepção do texto científico e técnico;
7. conceder, na análise do funcionamento dos termos, estatuto principal à sintaxe e à semântica;
8. registrar o termo e a(s) variante(s) do termo [em fichas terminológicas];
9. redigir repertórios terminológicos.

No registro dos termos, segundo a autora, deve-se considerar: a) as variantes, nas dimensões oral e escrita; b) as ocorrências do termo, nas estratificações vertical e horizontal da língua; c) a interação entre usuários de terminologias; d) a dimensão discursiva do termo, ou seja, o uso do termo “em discurso científico, em discurso técnico, em discurso de vulgarização científica, em discurso jornalístico de língua de especialidade, em discursos que registram linguagens especiais” (cf. FAULSTICH, 1995b. p. 4).

Por meio do esquema teórico seguinte, Faulstich (2002, p. 64) descreve o movimento do termo, procurando “estabelecer relações que conduzem à percepção de que a variação terminológica atua na língua, segundo as variedades”:

Figura 2 – Movimento do Termo, segundo Faulstich (2002).

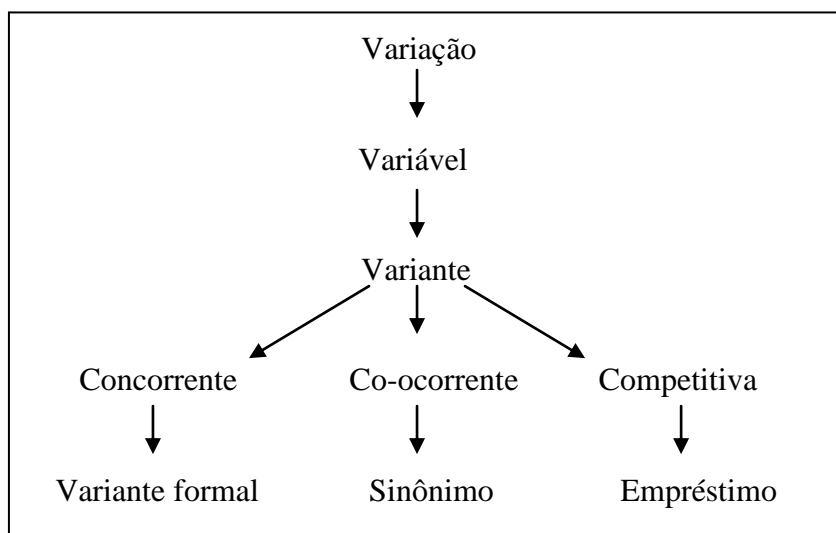


Para Faulstich (1998, p. 97), a “socioterminologia é uma disciplina que se interessa pelo movimento do termo nas linguagens de especialidade” e o termo “é um elemento lexical que tem função comunicativa interlingüística ou intralingüística, bem como um valor social e cultural³⁸”. Neste esquema teórico de Faulstich, a Socioterminologia teria como tarefa dar conta do movimento do termo na dimensão sincrônica e diacrônica e na perspectiva da variação e da mudança. A concepção de variação e mudança, aqui, é a mesma da Sociolingüística: a variação como o intercurso da mudança, como o momento em que duas ou mais variantes se alternam; e a mudança como a situação em que apenas uma das variantes, que competiam, permanece, desaparecendo a(s) outra(s).

³⁸ “La socioterminologie est une discipline qui s’intéresse au mouvement du terme dans les langages de spécialité. Le terme est un élément lexical qui a une fonction communicative interlinguistique ou intralinguistique ainsi qu’une valeur sociale et culturelle”. (FAULSTICH, 1998. p. 97).

Neste modelo metodológico proposto por Faulstich, as variantes são classificadas a partir do seguinte esquema (cf. FAULSTICH, 1998. p. 102):

Figura 3 – Modelo Teórico da Variação, proposto por Faulstich (1998).



Conforme este esquema, uma determinada variável (termo) se realiza por meio de suas variantes, que podem ser Concorrente, Co-ocorrente e/ou Competitiva. As variantes Concorrentes são mutuamente excludentes (variantes de registro), por exemplo: uma variante é própria da língua falada e a outra é própria da língua escrita; ou uma é própria de um registro formal e a outra de um registro informal. As variantes Concorrentes são subclassificadas em Variantes formais (que podem ser sintáticas, morfológicas, lexicais, fonéticas, gráficas). As variantes “co-ocorrentes formalizam a sinonímia terminológica”³⁹ (FAULSTICH, 1998. p. 105). As variantes Competitivas, por sua vez, são as que “relacionam significados entre itens lexicais de línguas diferentes”⁴⁰.

Detectamos nesta descrição de Faulstich alguns inconvenientes teóricos, isto, pelo menos, se partirmos da teoria da variação. Primeiramente, porque entendemos que se uma variante é “concorrente”, ela também será “competitiva” e vice-versa; segundo, porque a “competição” ou “concorrência” é inerente a todo processo de variação; e terceiro, porque a noção de sinonímia está na base da própria definição de regra variável e de variação, pois, segundo Labov (1972), as regras variáveis dizem respeito à possibilidade de o falante escolher

³⁹ “Les variantes co-occurrentes formalisent la synonymie terminologique”. (FAULSTICH, 1998. p. 105).

⁴⁰ “Les variantes compétitives sont celles qui mettent en rapport les signifiés entre les éléments lexicaux de langues différentes (...)” (FAULSTICH, 1998. p. 105).

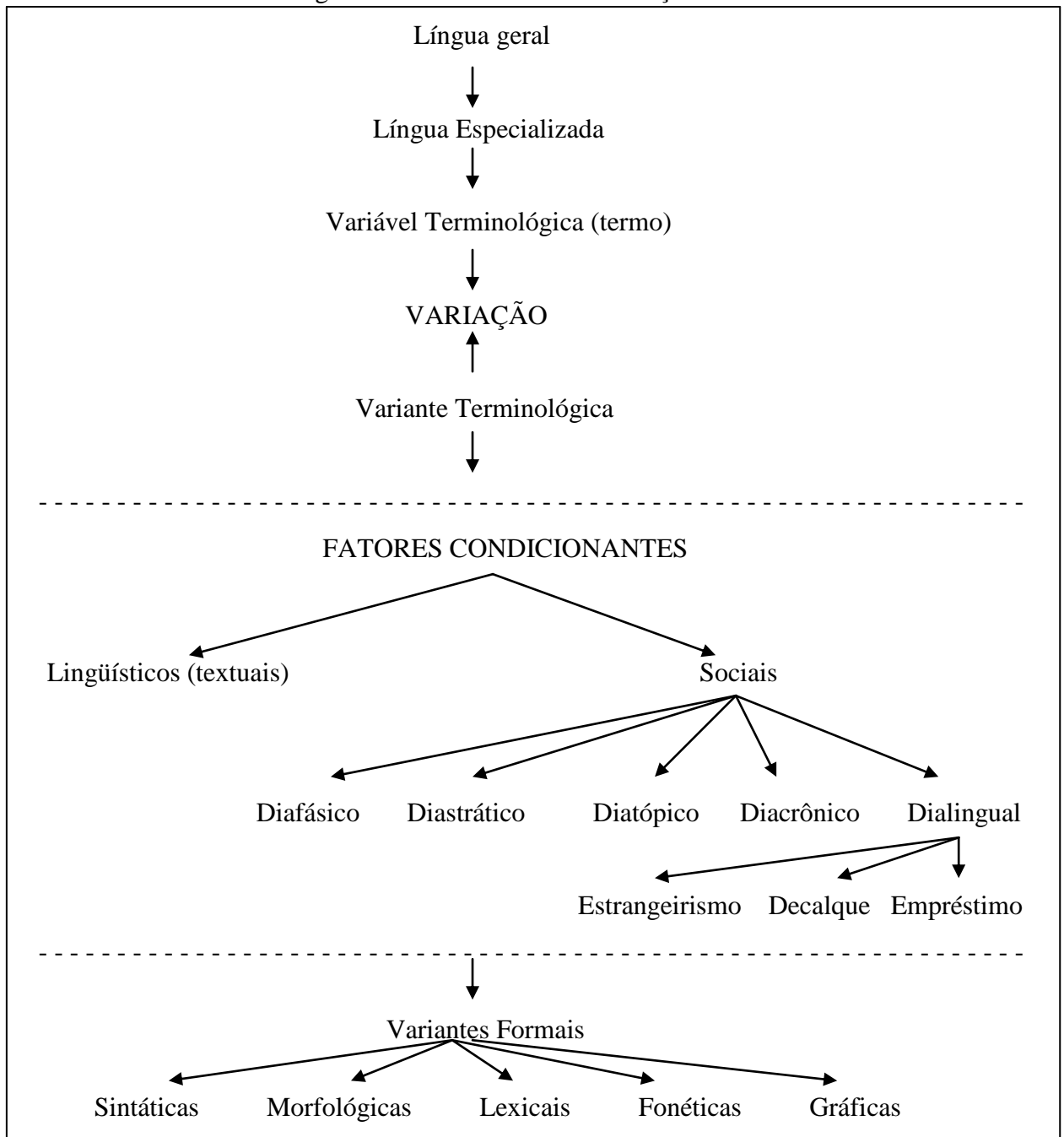
entre duas ou mais forma para dizer a mesma coisa com o mesmo valor de verdade. O caráter de “Sinônimo” não serve, portanto, para particularizar um tipo de variante, pois todas as variantes são dotadas deste mesmo caráter (ou desta mesma característica). A menos que retomemos a dicotomia saussureana de língua e fala, dicotomia já superada pela Sociolingüística, tal distinção entre sinônimo e variante não faz nenhum sentido.

Outro aspecto importante a se observar diz respeito ao fato de que a abordagem da variação não precisa ser reinventada, porque a Sociolingüística já avançou nesta etapa do estudo da linguagem humana.

A tipologia Concorrente, Co-ocorrente e Competitiva cria uma ambigüidade desnecessária, pois já existem termos para designar tais tipos variantes, quais sejam: *Variantes Diafásicas* (resultantes da variação que ocorre entre estilos de fala (variação estilística)); *Variantes Diastráticas* (resultantes da variação que ocorre entre estratos sociais ou profissionais); *Variantes Diatópicas* (resultantes da variação que ocorre no espaço geográfico, entre duas regiões, por exemplo); *Variantes Diacrônicas* (resultantes da variação que ocorre na dimensão temporal, entre dois momentos da língua, por exemplo); e finalmente, *Variantes Dialinguais* (resultantes da variação entre duas ou mais línguas).

Com base nessa tipologia da Sociolingüística, já amplamente aceita, propomos o quadro seguinte para a descrição das variantes terminológicas.

Figura 4 – Modelo Teórico da Variação.



Neste esquema teórico, a própria Língua Geral é uma variável, da qual a Língua Especializada é uma variante. A Variação Terminológica, diferentemente do que acontece no esquema de Faulstich (1998, p. 102), é descrita como o resultado da realização variável do termo. A variação se situa na relação entre a variável e as variantes⁴¹. Os fatores

⁴¹ Como já é amplamente conhecido em Sociolinguística, a *variável* não é uma *forma padrão* (isto é, a *variante mais freqüente*), a *variável* é a possibilidade de todas as variantes. Portanto, a *variável* são todas as *variantes* (em conjunto), mas nenhuma em particular. A *variante mais freqüente*, normalmente usada para *representar* a variável, não constitui a *variável*, pois é apenas uma *variante*.

condicionantes das variantes podem ser lingüísticos, ou sociais. No primeiro caso, os fatores são internos ao texto e estão, geralmente, relacionados a balanceamento do fluxo de informação na cadeia seqüencial do texto (é o exemplo de “Pátio da serraria” e “Pátio”, mostrado na página 45). No segundo caso, temos os fatores extralingüísticos, ou extratextuais. Estes fatores condicionantes, com seus tipos e subtipos, dão nome às próprias variantes daí resultantes, por exemplo: as variantes Diatópicas recebem este nome por serem diatopicamente condicionadas. Todas as Variantes Terminológicas se manifestam em Variantes Formais⁴², ou seja, as Variantes Formais não são subtipos de uma classe específica de variantes. As variantes Dialinguais, por exemplo, realizam-se por meio de variantes formais Sintáticas, Morfológicas, Lexicais, Fonéticas e/ou Gráficas.

Em resumo, podemos enumerar, como consequência desta nova tipologia, pelo menos sete pontos positivos:

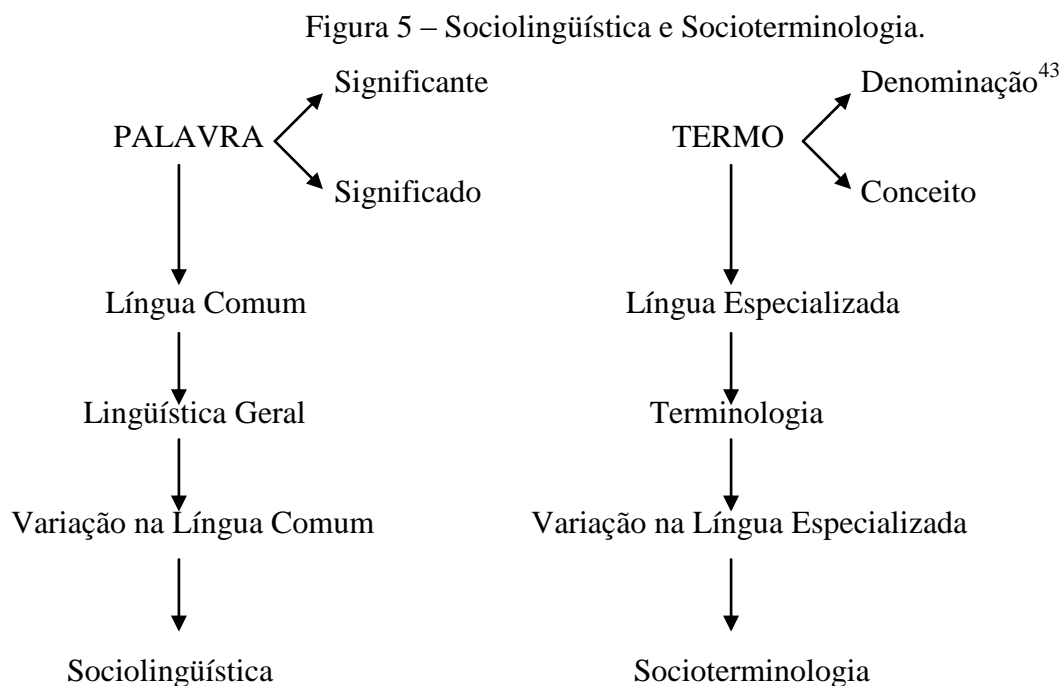
1. Coloca-se a **variável** acima da **variação**, pois esta é o resultado da realização (variante) da variável;
2. Resolve-se o paradoxo entre **variantes** e **sinônimos** (tudo passa a ser tratado como variante): a noção de “sinônimo” é inerente a todas as variantes, e não a um tipo particular;
3. Ajustam-se os termos da descrição à abordagem teórica: **variante** é um termo da teoria da variação, **sinônimo** é um termo do estruturalismo;
4. Distinguem-se as variantes terminológicas que são linguisticamente condicionadas (**v. textuais**) das variantes que são condicionadas extralinguisticamente (**v. sociais**);
5. Aproveita-se uma tipologia (da Sociolingüística) que já é amplamente conhecida e aceita;
6. Deixa-se evidente a relação entre os tipos de variantes e os fatores que as condicionam;
7. Estende-se a tipologia das variantes formais a todos os tipos de variantes.

Devemos advertir, contudo, que a Socioterminologia não é a Sociolingüística. Uma pesquisa Socioterminológica, independentemente do detalhamento das variantes e da abrangência das condições de circulações dos termos, devem considerar, primeiramente, os

⁴² Obviamente, isto não é diferente do entendimento de Faulstich (1998), mas o seu modelo não permite que isto seja visualizado (pelo contrário, induz-nos a pensar que apenas as Variantes Concorrentes são subclassificadas em Variantes formais).

objetivos finais do trabalho. Não se justifica fazer um estudo para provar que os termos variam (isto já se sabe), tampouco se justifica fazer um trabalho para mostrar de que forma os termos de determinada área variam, pois isto poderia ser tarefa da Sociolingüística. A Sociolingüística tem como fim a própria variação, a Socioterminologia tem como fim o termo (e, num sentido mais amplo, a língua especializada). Mas o termo também é o objetivo da Terminologia (tradicional). Neste sentido, o que difere a Socioterminologia, da Sociolingüística e da Terminologia, é o fato de que a Socioterminologia tem como fim o termo, mas parte do pressuposto de que os termos variam e que, para que se dê conta dos mesmos, é necessário precisar as condições de variação.

A Figura seguinte, que amplia a Figura 1, permite ilustrar a delimitação do campo da Lingüística Geral, da Terminologia, da Sociolingüística e da Socioterminologia.



A variação na Língua Comum é objeto de interesse da Sociolingüística; a variação na Língua Especializada, da Socioterminologia.

⁴³ Agora a Denominação vem em primeiro lugar, pois se trata de uma abordagem semasiológica, própria da abordagem lingüística.

2.2.3 Teoria Comunicativa da Terminologia

A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), fundada por Cabré e seu grupo de pesquisa do Instituto de Lingüística Aplicada da Universidade Pompeu Fabra (Barcelona), foi construída a partir de uma crítica sistemática à teoria wüsteriana. A TCT propõe um redimensionamento nas bases teóricas da pesquisa terminológica, assentando as bases da Terminologia na lingüística e nos estudos cognitivos e da comunicação humana. O texto especializado, e não mais o termo, como era na TGT, passa a ser o foco da investigação terminológica, pois a comunicação especializada, assim como toda comunicação lingüística, é feita por meio de texto, e somente a partir dos textos é que os termos podem-se definir como tais. O acolhimento destes pontos de vista, como observa Krieger ; Finatto (2004), leva “a TCT a postular que *a priori* não há termos, nem palavras, mas somente unidades lexicais, tendo em vista que estas adquirem estatuto terminológico no âmbito das comunicações especializadas.” (KRIEGER; FINATTO, 2004. p. 35).

Em linhas gerais, os fundamentos da TCT estabelecidos por Cabré (2002) são em número de oito, tais como seguem (cf. CABRÉ, 2002. p. 55-57):

1. A terminologia é concebida como um campo interdisciplinar, construído a partir do aporte teórico de três teorias: a) uma teoria do conhecimento; b) uma teoria da comunicação; e c) uma teoria da linguagem que dê conta das unidades terminológicas propriamente ditas dentro da língua natural;
2. O objeto de estudo da TCT são as unidades terminológicas, unidades que formam parte da língua natural e da gramática que descreve cada língua;
3. Os termos são unidades lexicais, constituídas de forma ou denominação e significado ou conteúdo, ativadas singularmente por suas condições pragmáticas de adequação em situação específica de comunicação;
4. Os termos são unidades dotadas de *forma* e *conteúdo*, na qual o *conteúdo* é simultâneo à *denominação*;

5. Os conceitos de um mesmo âmbito especializado mantêm entre si relações de diferentes tipos e o conjunto destas relações, entre os conceitos, compõe a estrutura conceitual de determinado domínio;
6. O valor de um termo é estabelecido pelo lugar que ocupa na estruturação conceitual de uma determinada área ou domínio;
7. O objetivo da terminologia teórica é: a) descrever formal, semântica e funcionalmente as unidades que podem adquirir valor terminológico; b) dar conta de como tal valor é ativado; e c) explicar suas relações com outros tipos de signos do mesmo ou de outro sistema;
8. A finalidade aplicada da recopilação e análises das unidades de valor terminológicos usadas num determinado âmbito é muito diversificada e permite muitas aplicações. Mas em todas elas se ativam duas funções dos termos: a *representação* e a *transferência* do conhecimento especializado.

Cabré (2002), como se vê, concebe a TCT como uma abordagem da linguagem especializada que pretende dar conta dos termos como unidades lexicais, ao mesmo tempo singulares e semelhantes às outras unidades (palavras) da linguagem geral, num esquema de representação e descrição da realidade comunicativa, que acolhe a variação conceitual e denominativa, tendo em vista a dimensão textual e discursiva dos termos (cf. CABRÉ, 2002. p. 53). Conserva alguns dos postulados da TGT, tais como em 5 e 6, mas no essencial rompe com as bases da terminologia tradicional (ou, mais propriamente, com as bases tradicionais da terminologia), contribuindo para estabelecer uma terminologia de base lingüística que trata a unidade terminológica do ponto de vista textual, discursivo e pragmático. A sinonímia, a homonímia, a polissemia e todos os fenômenos de variação que incidem sobre o léxico geral (da língua comum), incidem também sobre o termo (léxico da língua especializada), uma vez que este, *a priori*, não se distingue daquelas unidades da língua geral. Isto, contudo, não inviabiliza a observação de Lerat (1997) de que:

Ao ser nomes de noções, os termos suscitam uma dupla expectativa: tem de ser unidades lingüísticas integráveis aos enunciados, (...), e ao mesmo tempo tem de ser unidades de

conhecimento de conteúdo estável e, portanto, mais independente do contexto que as palavras correntes. (LERAT, 1997. p. 45)⁴⁴.

Mas, pelo contrário, mostra que a particularidade dos termos, em relação às palavras, é fruto de sua funcionalidade comunicativa nos discursos especializados. Como observa Aymerich (2002, p. 36), o aporte teórico de Cabré, “leva em conta a inclusão da competência pragmática ou comunicativa, que abrange a teoria da comunicação e que, em geral, inclui as regras que explicam o uso real da língua e, portanto, a variação”⁴⁵.

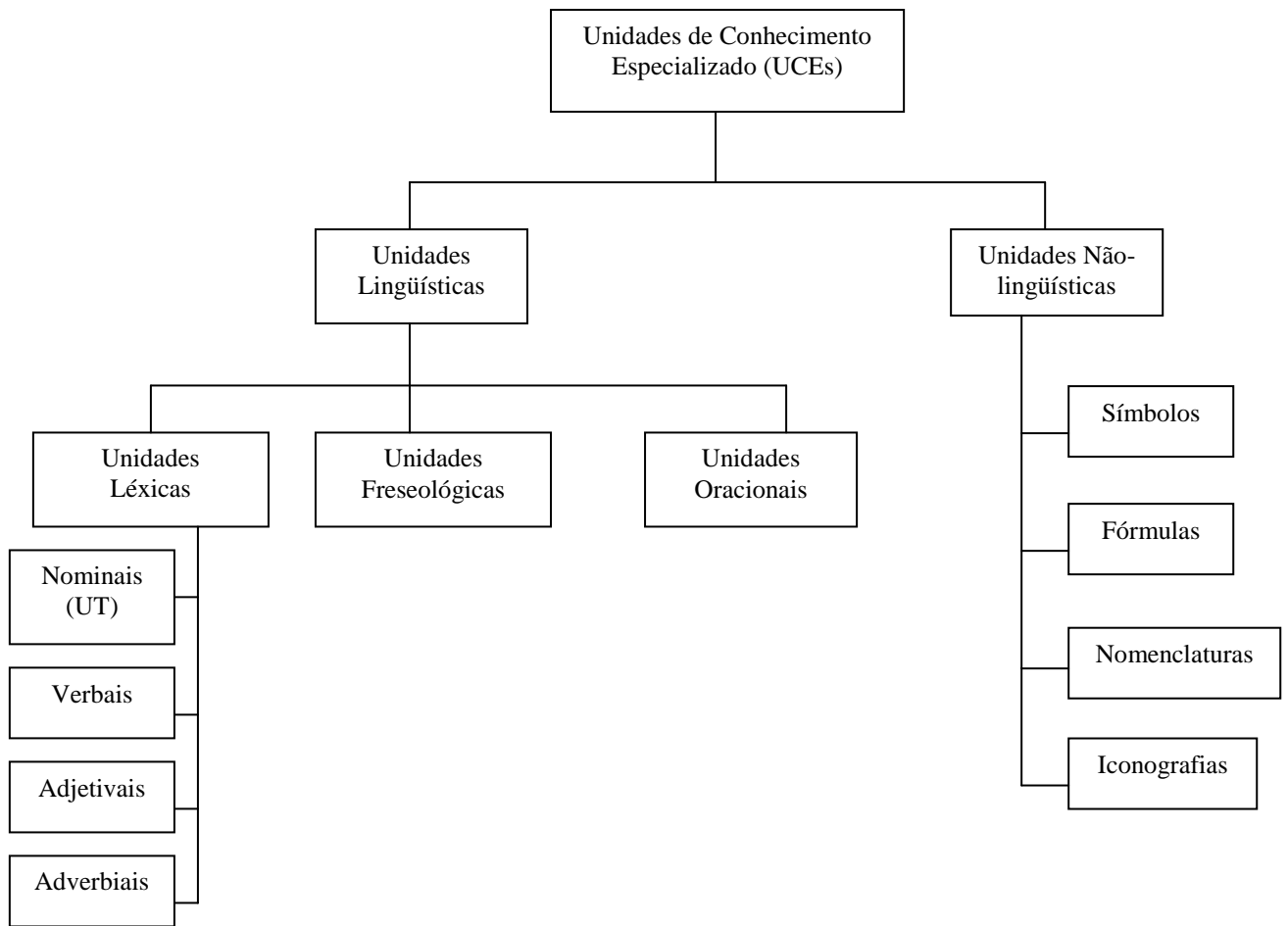
2.2.3.1 Tipologia do Léxico Especializado ou Unidades de Conhecimento Especializado

Na classificação das unidades do léxico especializado, Cabré (2005) reúne todo o conjunto dos signos, cujas funções é *representar* e *transmitir* o conhecimento especializado, em Unidades de Conhecimento Especializado (UCEs) e as divide em lingüísticas e não-lingüísticas. Vejamos a classificação completa na Fig 6, a seguir (cf. CABRÉ, 2005. p. 15):

⁴⁴ “Al ser nombres de nociones, los términos suscitan una doble expectativa: han de ser unidades lingüísticas integrables en los enunciados, (...), y al mismo tiempo han de ser unidades de conocimiento de contenido estable y, por lo tanto, más independientes del contexto que las palabras corrientes.” (LERAT, 1997. p. 45).

⁴⁵ “(...) i que tingui en compte la inclusió de la competència pragmàtica o comunicativa, que abarqui la teoria de la comunicació i que, en general, inclogui les regles que expliquen l'ús real del llenguatge i, per tant, la variació.” (AYMERICH, 2002. p. 36).

Figura 6 – Tipologias das Unidades de Conhecimento Especializado.



Com relação a esta classificação, Cabré (2005) assim se expressa:

Com o termo *unidades de conhecimento especializado* (UCE) nos referimos ao conjunto destas unidades cujo traço definatório é a representação do conhecimento especializado de um âmbito. As UCEs tanto podem ser lingüísticas como não lingüísticas e tanto podem incluir uma UT como mais de uma. Reservamos o termo *unidade terminológica* (UT) para nos referirmos às unidades léxicas que representam este conhecimento. Dentro delas, as unidades nominais são as prototípicas por isso consideramos que a terminologia se circunscreve basicamente aos nomes. (CABRÉ, 2005. p.16).⁴⁶

Como se vê, Cabré considera as UCEs um conjunto que abrange as Unidades Terminológicas Lingüísticas e as Unidades Terminológicas Não-lingüísticas, tratando as UTs como um subconjunto das Unidades Terminológicas Lingüísticas, constituído por unidades

⁴⁶ “Con el término *unidades de conocimiento especializado* (UCE) nos referimos al conjunto de estas unidades cuyo rasgo definitorio es la representación del conocimiento especializado de un ámbito. Las UCE tanto pueden ser lingüísticas como no lingüísticas y tanto pueden incluir una UT como más de una. Reservamos el término *unidade terminológica* (UT) para referirnos a las unidades léxicas que representan este conocimiento. Dentro de ellas, las unidades nominales son las prototípicas por eso suele decirse que la terminología se circunscribe basicamente a los nombres.”

léxicas cuja categoria gramatical prototípica é a nominal. A autora mostra que os termos não são os únicos tipos de unidades que representam o conhecimento, haja vista que os símbolos, as fórmulas, as nomenclaturas e as iconografias também podem desempenhar esta função.

Esta tipologia de Cabré permite estabelecer uma distinção importante entre UCEs (signos da língua especializada) e palavras (signos da língua geral) e, principalmente, aponta para uma diferença entre a língua geral e a língua especializada, na medida em que mostra que os signos da língua especializada não são, necessariamente, lingüísticos. De qualquer forma, Cabré deixa evidente que, embora as UCEs nem sempre sejam constituídas por signos lingüísticos, elas, e não apenas as Unidades Lingüísticas, devem receber a atenção da Terminologia, ainda que a “terminologia se circunscreva basicamente aos nomes”.

Na verdade, para Cabré, a língua especializada não é outra língua, diferente da língua geral que conhecemos, tampouco é um subsistema ou sublíngua, mas a mesma língua (com todos os seus recursos gramaticais e suas complexidades) que adquiriu uma determinada especialização, resultante de um uso particular da linguagem humana para expressar o conhecimento (especializado). A natureza desta especialização deve ser comum, ou pelos menos deve guardar aspectos gerais aplicáveis, a todas as línguas especializadas, ou domínios, em particular (é o que acontece, por exemplo, com a função, dos termos, de *representar* e *transmitir* conhecimento). Os objetivos teóricos da Terminologia é explicar a natureza da linguagem especializada, explicar, por exemplo, de que forma o valor dos termos são ativados e mostrar a interação dos signos num mesmo domínio e entre domínios diferentes.

2.3. DICIONÁRIO ESPECIALIZADO

Segundo Sousa (1995, p.144), dicionário especializado é o “Dicionário que registra o vocabulário de uma ciência, técnica ou arte”⁴⁷. Para Faulstich (1995b, p. 5), dicionário terminológico é o “Dicionário que apresenta a terminologia de um ou de vários domínios”.

Na verdade, o dicionário especializado, ou dicionário terminológico ou técnico, é produto de uma pesquisa terminológica e também de um trabalho terminográfico. A Terminologia fornece os fundamentos teóricos e metodológicos para a pesquisa e o levantamento da nomenclatura; a Terminografia, por sua vez, dispõe dos métodos e

⁴⁷ “**dicionário especializado**. Dicionario que registra el vocabulario de una ciencia, técnica o arte”. (SOUSA, 1995. p. 144).

procedimentos para a organização e sistematização dos repertórios terminológicos. As duas disciplinas são interdependentes e complementares.

Segundo Krieger; Finatto (2004), os fundamentos da Terminografia se circunscrevem nos quatros seguintes princípios:

- a) o produto deve atender às necessidades de um público-alvo, e de preferência deve preencher uma lacuna de informação;
- b) todos os dados registrados ou utilizados para a futura geração do produto devem ser plenamente confiáveis;
- c) a utilização e a ordem dos dados registrados, os signos para sua representação, bem como os símbolos utilizados para identificar dados coletados devem ser convencionais e sistemáticos, preferencialmente, oriundos de padrões de normas nacionais ou internacionais;
- d) a ordenação dos dados de informação sobre o termo no interior de uma ficha de registro ou de uma base de dados e também o modo de organização das entradas no dicionário devem ser adaptadas aos objetivos do trabalho e ao uso que será feito das informações.

(KRIEGER; FINATTO, 2004. p. 130).

Todo dicionário é, antes de tudo, uma obra de consulta e no caso particular do dicionário especializado, uma obra de consulta destinada a um público, mais ou menos, específico. Como obra desta natureza, o dicionário tem que ser sistemático, objetivo e preciso. Como observa Mattos (1996, p. 15), o dicionário precisa “dizer o máximo com o mínimo: o máximo, porque é preciso eliminar por completo a dúvida do consulente, e o mínimo, porque toda consulta é circunstancial”. Todo trabalho lexicográfico precisa considera essa observação de Mattos, embora relativizando o “por completo”.

Com relação específica às obras terminográficas, conforme Barros (2004, p. 133), elas correspondem aos “dicionários terminológicos (ou vocabulários) que contêm o conjunto de termos de um domínio especializado (de uma técnica, uma ciência, uma profissão etc.)”. A norma ISO 1087 (*apud* BARROS, 2004) classifica as obras terminográficas em:

6.2.1. **dicionário**: Repertório estruturado de unidades lexicais contendo informações lingüísticas sobre cada uma dessas unidades.

6.2.1.1. **dicionário terminológico**: (termo tolerado: dicionário técnico): Dicionário (6.2.1) que compreende dados terminológicos (6.1.5) relativos a uma ou várias áreas (2.2).

6.2.1.1.1. **vocabulário**: Dicionário terminológico (6.2.1.1) baseado em um trabalho terminológico (8.2) que apresenta a terminologia (5.1) de um domínio (2.2) particular ou de domínio (2.2) associados.

(Norma ISO 1087, *apud* BARROS, 2004. p. 140).

A autora observa que esta tipologia da norma ISO 1087 é muito sucinta para dar conta das obras lexicográficas, além do que não considera o nível de atualização das unidades léxicas (no sistema e na norma), tampouco leva em conta o público-alvo. Com base nos critérios de *nível de atualização da unidade lexical*, de *presença ou ausência de definições* e de *presença ou ausência de dados enciclopédicos*, Barros (2004, p. 143) propõe o seguinte quadro de classificação tipológica das obras terminológicas:

Quadro 1 – Classificação tipológicas da obras lexicográficas, segundo Barros (2004).

	<i>Nível de atualização da unidade lexical</i>		<i>Definição</i>	<i>Dados enciclopédicos</i>
	<i>sistema</i>	<i>norma(s)</i>		
<i>Dicionário</i>	+	+	+	-
<i>Dicionário Terminológico</i>	-	+	+	-
<i>Glossário</i>	+	+	-	-
<i>Enciclopédia</i>	+	+	-	+
<i>Léxico</i>	-	+	+	-

Partimos desta tipologia de Barros, para classificar os repertórios da madeira em Dicionário (da atividade madeireira) e Glossário (das espécies). Contudo, é preciso observar alguns aspectos desta tipologia. Primeiro, precisamos entender que todos estes repertórios podem: a) se manifestar na forma impressa ou digital; b) ser ilustrados, ou não; c) ser mono, bi, tri, ou multilíngüe. Segundo, é preciso esclarecer em que consiste, aqui, *sistema* e *norma*.

O critério *Nível de atualização da unidade lexical* (no *sistema* e/ou na *norma*), usado neste quadro de Barros, aparece em muitos outros trabalhos de classificação tipológica da obras lexicográficas e terminográficas, constituindo um critério bastante recorrente. Todavia, esta dicotomia *sistema* e *norma*, correspondente aos níveis de atualização das unidades léxicas (sejam elas palavras ou termos), não é, na maioria das vezes, muito bem esclarecida, deixando um ranço de dúvida se tal critério não se fundamenta na dicotomia saussureana de *língua e fala*⁴⁸.

⁴⁸Dicotomia que parece ser usada por Faulstich, no seu quadro que descreve o movimento do termo, representada por *língua* e *código*. (cf. FAULSTICH, 2002. p. 64).

2.3.1 Níveis de Atualização das Unidades Léxicas: Sistema e Norma

Como se sabe, Saussure dividiu a língua em dois planos: a língua e a fala, encarando a primeira como o sistema social, e a segunda como a atualização desse sistema social pelos indivíduos. Um dos primeiros lingüistas a sistematizar uma crítica a esta dicotomia de Saussure, foi Hjelmslev. Apesar de o trabalho de Hjelmslev poder ser considerado uma continuação e um aprofundamento dos trabalhos de Saussure, há algumas diferenças muito importantes entre os dois. Uma dessas diferenças diz respeito, exatamente, ao modo como os dois encaram a língua. Em Hjelmslev (2003), a língua é concebida dividida em três planos: a) o *esquema*, que seria a língua enquanto forma (mais ou menos equivalente ao que Saussure chamou de *sistema*); b) a *norma*, que seria a *forma* material da língua (mais ou menos equivalente à língua enquanto “instituição social”); e c) o *uso*, que poderia ser entendido como a materialização da língua (mais ou menos equivalente à *fala*)⁴⁹. O *esquema*, na verdade, diz respeito ao sistema enquanto virtualidade e potencialidade formal; a *norma* se refere ao uso social que se faz do sistema, isto é, a *norma* é o sistema depois de filtrado pelo uso social; e o *uso* é a *norma* depois de filtrada pelo (uso do) indivíduo. Em outras palavras, podemos dizer que tanto a *norma* quanto a *fala* fazem parte do *uso*. A *norma* é (o uso) social; a *fala* é (o uso) individual. Decorre daí, como observou Barthes (2007), que a tripartição de Hjelmslev pode ser reagrupada numa nova dicotomia (que substitui o par língua/fala) que seria *Esquema/Usos*. Segundo Barthes (2007, p. 21), “O remanejamento hjelmsleviano, entretanto, não é indiferente: ele formaliza radicalmente o conceito de língua (sob o nome de *esquema*) e elimina a fala concreta em proveito de um conceito mais social, o *uso*”.

Ora, como a relação entre *esquema* e *uso* é uma relação de co-determinação, temos estabelecido, aqui, a concepção de língua (ou sistema lingüístico) como um organismo dinâmico. A criação de palavras (ou a atribuição de significados novos às já existentes (neologia semântica)) e o incessante rearranjo na ordenação dos elementos no discurso impõem uma constante reorganização e renovação do sistema lingüístico. Nas palavras de Hjelmslev (2003, p. 86): “Todas as significações ditas contextuais manifestam variedades e todas as significações especiais manifestam variações”. Do balanceamento entre *variação* e

⁴⁹ Coseriu também dividiu a língua em três planos que ele denominou de *sistema*, *norma* e *fala*. Apesar da diferença terminológica, a perspectiva conceitual parece ser a mesma em Coseriu e Hjelmslev. Ressalte-se que a publicação do trabalho de Hjelmslev ([1942] 2003) é anterior à de Coseriu ([1958] 1979).

*variedade*⁵⁰ resulta o equilíbrio entre a conservação e a mudança lingüística. Se o sentido conotativo de uma palavra for usado muitas vezes, este novo significado pode-se tornar previsível pela língua, de modo que esta *conotação* será recuperada pela língua e se tornará *denotação*. Segundo Barbosa (1996, p. 37), “Diremos, então, que a significação elaborada em discurso foi *recuperada* pelo sistema”. Dessa forma, ainda segundo Barbosa, no modelo hjelmsleviano, “ao contrário do que se dá no modelo saussureano, os elementos permanentes do sistema lingüístico – e de outros sistemas semióticos – não são as grandezas-signos, mas a função semiótica” (BARBOSA, 1996. p. 37-38). Como consequência disso, a noção de processo, antes reservada à fala, “passa a ser aplicável também ao sistema, em seu dinamismo semiótico” (BARBOSA, *idem, ibidem*).

Neste sentido, precisamos entender o dicionário, por exemplo, como uma obra que descreve as unidades léxicas fornecendo a elas as suas significações, isto é, todos os significados possíveis, previsto pelo sistema (nos vários contextos de uso social da língua); enquanto o dicionário especializado ou terminológico é aquele que apresenta os significados (ou conceitos) que a unidade lexical adquiriu numa norma de uso específica. As obras socioterminológicas, por sua vez, se diferenciam das terminológicas, principalmente, pelo fato de aquelas conterem informações de caráter sociolingüístico e pragmático dos termos. Mas o critério de nível de atualização das unidades léxicas também é aplicável às obras socioterminológicas.

Podemos dizer que as obras socioterminológicas se diferem das terminológicas pelo conteúdo e também pela forma. Pelo conteúdo, porque a sua nomenclatura é resultante de uma abordagem terminológica que considera a dimensão histórica, social e discursiva dos termos, descrevendo a variação terminológica. Pela forma, porque as obras socioterminológicas são resultantes de um trabalho terminográfico que descreve as variantes resultantes da investigação socioterminológica. Variantes denominativas (como nos casos de sinonímia) e conceituais (como nos casos de homonímia, ou polissemia).

2.3.2 A Necessidade de uma Socioterminografia

⁵⁰ Para Hjelmslev, *variedade* equivale à variação lingüisticamente condicionada; e *variação* equivale àquilo que em fonologia linear é chamado de variação livre, isto é, a variação que não é linguisticamente condicionada. Hoje se sabe que não há *variação livre*, pois toda variação é sociolingüisticamente condicionada.

O estudo do termo numa perspectiva variacionista cria uma necessidade premente, qual seja: a de criação de uma metodologia que permita tratar, terminograficamente, os dados resultantes da pesquisa. Tal metodologia, adaptada da Terminografia, poderia se chamar *Socioterminografia*. Esta metodologia apresentaria os procedimentos de como tratar as variantes terminológicas, tanto para os repertórios em versão impressa quanto em formato digital.

Nem todos os resultados obtidos num trabalho socioterminológico podem ser representados numa obra de consulta, como um glossário ou dicionário, pois algumas informações, ao invés de ajudar, podem sacrificar a funcionalidade destas obras como fonte de consulta. É o que acontece, por exemplo, com uma variante fonética que não implique em variante gráfica: a menos que não se trate de um repertório monolíngüe nem de variante dialingual, não faz sentido representar tal variante, haja vista que seria contraproducente a transcrição fonética num dicionário especializado monolíngüe. Por exemplo, a variação entre **Co[ʃ]taneira** e **Co[s]taneira** (uma fricativa palatal e uma fricativa alveolar, respectivamente), que produz a mesma forma escrita COSTANEIRA, pode ser um bom resultado do ponto de vista sociolingüístico, mas, certamente, não o é do ponto de vista terminográfico.

Outras questões, igualmente importantes, dizem respeito à quantidade e relevância das informações lexicológicas (isto é, informações de cunho lingüístico ou gramatical) a serem representadas numa obra especializada, como um dicionário ou glossário socioterminológico.

Os trabalhos socioterminológicos, até agora realizados, têm resolvidos problemas como estes à sua maneira. Na falta de uma metodologia socioterminográfica, a consulta aos especialistas e aos prováveis consulentes, a ponderação e o bom senso do pesquisador, no momento da sistematização da obra terminológica, é o que tem servido como base de orientação.

3. METODOLOGIA

3.1. A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa em si teve dois momentos: o da revisão bibliográfica da literatura especializada e o da delimitação e constituição do *corpus*.

3.1.1 A Recensão da Literatura Especializada

Nesta fase, procedemos à revisão da literatura especializada, examinando vários trabalhos, dentre os mais recentes, no campo da Terminologia e da Socioterminologia, realizados no Brasil e no exterior. Um enfoque especial foi dado aos trabalhos terminológicos que tratam de atividades econômicas de impacto no meio rural, na intenção de se observar a circulação da terminologia entre os profissionais envolvidos com atividades industriais no campo e de se aprender como resolver certos problemas terminográficos, já solucionados nesses trabalhos. Dentre estes trabalhos, destacamos: Pontes (1996), Vasconcelos (2000), Farias (2006), Lidon (2001), Finatto (2001), Maciel (2001), Aymerich (2002), Velasco (2004), Corno (2006), Martins (2007), Costa (2009).

Na verdade, estes trabalhos foram consultados ao longo de todo o processo de feitura desta tese, desde a preparação do projeto de tese até o tratamento do corpus e a elaboração do dicionário.

3.1.2 A Delimitação e Constituição do *Corpus*

Esse segundo momento, por sua vez, teve duas fases: a da pesquisa do material escrito e a da digitalização e catalogação (bibliográfica) desse material.

3.1.2.1 A Fase da Pesquisa do Material Escrito

Nesta fase, foi realizada a triagem do material escrito sobre a atividade da indústria madeireira, produzido entre 1970 e 2008⁵¹, disponível nas bibliotecas⁵²:

⁵¹ Alguns materiais publicados em 2009 foram incluídos no banco de dados: trata-se de documentos de legislação, três revistas da madeira (REMADE), um dicionário socioambiental, dentre outros (cf. na referência bibliográfica do Dicionário, p. 352).

- a) da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM-PA);
- b) do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, da Universidade Federal do Pará (NAEA-UFPA);
- c) da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária da Amazônia Oriental (EMBRAPA-PA);
- d) da Secretaria Executiva de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente do Pará (SECTAM-PA);
- e) da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA).

Foram mais de oito meses de pesquisa nas bibliotecas, coletando e catalogando o material encontrado. As obras eram levadas para ser reproduzidas (fotocopiadas) em três em três, já que não era permitido sair das bibliotecas com uma quantidade maior. O número total de obras reproduzidas (fotocopiadas) soma mais de 160, num total de mais de 7.500 páginas.⁵³

Outra parte do material que compõe o *corpus*, não mais que 25% do volume total do banco de dados, foi conseguida na *internet*, nos (ou a partir dos) seguintes *sites*:

1. www.abimci.com.br;
2. www.aimex.com.br;
3. www.bndes.gov.br;
4. www.imazon.org.br;
5. www.sectam.pa.gov.br;
6. www.sefa.pa.gov.br;
7. www.sema.pa.gov.br.

Uma pequena parcela (em torno de 7%) do *corpus*, mas não menos importante, foi obtida durante a VIII Feira Internacional de Máquinas e Produtos do Setor Madeireiro, realizada, de 28 a 31 de outubro de 2009, em Belém. Trata-se de livros, revistas, folhetos de divulgação, CD-ROM (com arquivos contendo artigos científicos sobre: secagem, tratamento da madeira, nomes de espécies madeireiras, painéis), fotos e filmes de divulgação de máquinas.

⁵² Essas bibliotecas foram escolhidas por serem os locais onde estão depositados os maiores acervos, sobre a atividade da indústria madeireira, disponível no Pará.

⁵³ Algumas obras não foram reproduzidas no todo, mas apenas em parte. Isto aconteceu, principalmente com as revistas de artigos especializados, pois nem todos os artigos interessavam à pesquisa.

Reunindo todo o material coletado (nas bibliotecas, na internet e durante a VIII Feira Internacional de Máquinas e Produtos do Setor Madeireiro), o resultado foi um banco de dados (*corpus*) com mais de 11.000 (onze mil) páginas, mais de 4 milhões de palavras.

Devido o volume de material escrito sobre a indústria madeireira, entre livros, teses, dissertações, relatórios, censos industriais, normas, leis, artigos científicos, revistas, ser muito grande, determinou-se como critério, para um primeiro recorte desse volume de material, que somente as publicações feitas a partir de 1970 fossem consideradas. Ficaram excluídas desse critério, porém, as publicações que dizem respeito à legislação, tais como leis, normas, resoluções (relacionadas à atividade madeireira), ou de caráter lexicográfico, tais como dicionários, glossários, catálogos.

Todo esse material escrito foi organizado em três grupos, correspondentes a três fases de publicação das obras: fase A: corresponde às obras publicadas entre 1970 e 1985; fase B: corresponde às obras publicadas entre 1986 e 1999; e fase C: corresponde às obras publicadas entre 2000 e 2008⁵⁴. O objetivo desta divisão é, num momento posterior, poder observar a variação dos termos da indústria madeireira no espaço temporal.

3.1.2.1.1 Seleção e Classificação dos Textos

Como critério de seleção e classificação dos textos que compõem *corpus*, levamos em conta a relação escritor-leitor e os gêneros textuais, pois, como adverte Pearson (2004, p. 55), devemos procurar “construir um *corpus* que nos permita apontar não apenas termos, mas também elementos definitórios”. Para Pearson (2004, p. 55) “toda discussão sobre o que é um texto especializado deve considerar um elemento muito importante que é extra-textual, isto é, a relação entre o autor e o leitor”.

Este critério extra-textual (ou pragmático), adotado por Pearson, diz respeito à identificação da área e do nível de especialização do escritor do texto e a apreensão da área e do nível de especialização dos leitores a quem o texto se destina. Pearson observa que texto altamente especializado (como artigos científicos, escritos por especialistas para especialistas) apresenta, geralmente, alta densidade terminológica, mas baixa densidade de elementos definitórios (pois se pressupõe que os leitores deste tipo de texto já dominem os termos, não sendo necessário parafraseá-los ou explicá-los); enquanto textos menos especializados (como manuais, escritos por especialista para não-especialistas ou para pessoas da mesma área, mas

⁵⁴ A razão para a diferença da duração de cada período se deve, obviamente, à quantidade de material publicado em cada período.

de nível de formação menos especializado do que o do escritor) têm, geralmente, baixa densidade terminológica, mas alta densidade de elementos definitórios (pois, neste caso, pressupõe-se que estes leitores não dominem, totalmente, os termos técnicos, sendo necessário explicá-los) (cf. PEARSON, 2004. p 54-56). Ora, como os textos que compõem o *corpus* não se prestam apenas à extração das unidades terminológica, mas também (e principalmente) à extração dos elementos que compõem a definição, ou seja, os elementos definitórios, a dimensão escritor-leitor e a diversidade de gêneros se impõe, não só como uma necessidade para garantir relevância ao *corpus*, mas também como condição que facilita o trabalho de extração das informações necessárias para elaborar os repertórios terminológicos.

Portanto, considerando as observações de Pearson (2004 e 1998), classificamos todos os textos em três grupos, como seguem:

1. Textos altamente especializados: são os textos escritos por especialistas da área da madeira ou florestal⁵⁵ (tais como: engenheiros civis, engenheiros de madeiras, engenheiros florestais, engenheiros de produção, designer de produtos, agrônomos, botânicos, químicos industriais, economistas) e destinados a especialistas da mesma área e de mesmo nível de especialização. São os textos do gênero: a) artigos científicos publicados em revistas especializadas; b) teses e dissertações; c) relatórios técnicos; d) livros técnicos (que tratam de um assunto específico da área); e) catálogos; f) palestras.

2. Textos especializados: são os textos escritos por especialista da área, destinados a pessoas da mesma área, mas de nível menos especializado, ou a especialistas de outras áreas. São incluídos neste grupo os textos do gênero: a) artigos científicos publicados em revista de divulgação (como a “Revista da Madeira”); b) normas técnicas (de controle de qualidade); c) leis, normas e portarias; d) censos industriais; e) livros técnicos (que tratam de assuntos gerais da área); f) glossários e dicionários (da área específica, ou de áreas afins, tais como: glossário agropecuário e florestal, dicionário ambiental, vocabulário de meio ambiente) ; g) manuais.

⁵⁵ Ou especialistas de outras áreas que tenham envolvimento com a atividade madeireira ou florestal, tais como os bioquímicos que trabalham na produção de produtos para a indústria madeireira (tais como imunizantes, resinas, fungicidas etc.).

3. Textos menos especializados: são os escritos por especialista da área (ou por pessoas não-especialistas, mas que dominam o assunto), destinados a um público geral, que possa ter interesse no assunto, embora não seja um especialista da área. São os textos do gênero: a) artigos de revistas (como os publicados na revista “Globo Rural”); b) relatórios de atividade industrial ou relatórios institucionais (como os da ABIMCI e o do SFB e IFT); c) cartilhas; d) livretos de divulgação publicitária; e) boletim de preços.

Este acolhimento da relação escritor-leitor e da diversidade de gêneros textuais na composição do *corpus* deste trabalho tem dois propósitos muito claros: a) garantir representatividade à amostra; b) garantir uma gama considerável de textos com alta densidade de termos técnicos, mas também permitir a presença de textos com densidade considerável de elementos definitórios, a fim de se otimizar a tarefa de extração das unidades terminológicas e dos elementos definitórios.

3.1.2.2 Digitalização do *Corpus*

Após a triagem, a reprodução do material impresso (mais de 7.500 páginas) e a seleção e classificação dos textos, foi efetuada a digitalização, página por página, das cópias, utilizando-se uma impressora multifuncional com *scanner*. Primeiramente, o material foi digitalizado em formato PDF e organizado em uma pasta, para que os textos originais, com os recursos de formatação, ilustração e imagens, pudessem ser lidos posteriormente pelo pesquisador, na tela do computador. Em seguida, utilizando o programa OCR (*Optical Character Recognition*⁵⁶), foi criada uma outra pasta, em que os arquivos em formato PDF foram convertidos em formato txt, para serem lidos e analisados pelo programa computacional *WordSmith Tools 4.0* (cf. p. 84) que permitiu, dentre outras vantagens, automatizar a seleção de listas de candidato a termos e controlar a lexicometria (frequência de ocorrência) das variantes.

Nem todo o material usado para a construção do dicionário, entretanto, foi digitalizado, haja vista que algumas cópias (xérox) não favoreciam a digitalização, tendo que serem lidas na forma impressa. Alguns livros, que não podiam ser abertos a ponto de permitir o escaneamento, também foram lidos na forma impressa. O material não digitalizado,

⁵⁶ Na verdade, o programa OCR permite converter os textos em formato PDF para um formato txt ou doc, mas com algumas incorreções de leitura. Por isso, faz-se necessário, após o escaneamento e conversão, fazer uma correção ortográfica dos textos escaneados. Para esta tarefa, utilizou-se a ferramenta de correção ortográfica do programa *Word*.

explorado apenas na forma impressa, constitui cerca de 12% do *corpus* (cerca de 480.000 palavras).

Outros materiais, como fotos e filmes, que não podem ser manipulados pelo programa computacional *WordSmith Tools 4.0*, mas também compõem o *corpus*, foram reunidos numa outra pasta, para ser manipulado pelo pesquisador quando necessário.

3.1.2.3 Ficha terminológica

De início todos os termos, e todas as informações sobre eles, retirados dos textos, foram registrados em fichas terminológicas (“fichas de terminologia à qual funciona como uma ‘certidão de nascimento [do termo]’” (Faulstich, 2000)), como exemplificada abaixo⁵⁷.

Quadro 2 – Ficha Terminológica

1.	Número da ficha	
2.	Entrada	
3.	Categoria gramatical	
4.	Gênero	
5.	Definição(s)	
5.1	Fonte	
6.	Contexto	
6.1	Fonte	
7.	Variante(s)	
7.1	<i>V.Sint.</i>	
	Fonte	
7.2	<i>V.Gráf.</i>	
	Fonte	
7.3	<i>V.Fon.</i>	
	Fonte	
7.4	<i>V.Lex.</i>	
	Fonte	
7.5	<i>V.Estr.</i>	
	Fonte	
7.6	<i>V.Dec.</i>	
	Fonte	
7.7	<i>V.Empr.</i>	
	Fonte	
8.	Remissivas	
9.	Hiperônimo	
10.	Hipônimo	
11.	Nota(s)	
12.	Forma dicionarizada	
12.1	Nome do dicionário	
13.	Data de registro	
14.	Data da última alteração	

⁵⁷ Esta ficha terminológica foi adaptada a partir do modelo adotado por Martins (2007, p. 65).

A tabela seguinte apresenta a Ficha Terminológica com as explicações dos itens que a compõem.

Quadro 3 – Descrição da Ficha Terminológica.

1.	Número da ficha	As fichas serão numeradas em ordem crescente. O número de cada ficha corresponde à ordem de sua inclusão na base de dados. Por exemplo, se a base de dados contém 100 fichas, a próxima a ser incluída terá o número 101.
2	Entrada	Apresenta o termo grafado em maiúsculo e lematizado (nomes, no masculino singular e verbo, no infinitivo).
3.	Categoria gramatical/ tipologia das Uts.	Especifica a classe gramatical do termo (se substantivo, adjetivo, verbo, advérbio) ou o tipo de UT (se fraseologias, siglas, acrônimos, símbolos, fórmulas, iconografias).
4.	Gênero	Especifica se o termo é do gênero masculino ou feminino.
5.	Definição(s)	A definição (ou as definições) acompanhará a fonte, isto é, a referência de onde foi retirada.
5.1	Fonte	Corresponde à referência bibliográfica de onde o termo foi retirado.
6.	Contexto	Corresponde ao recorte do texto de onde o termo foi retirado. Somente o termo-entrada apresentará contexto.
6.1	Fonte	Corresponde à referência do texto de onde foi tirado o “contexto”.
7.	Variante(s)	Apresenta a(s) variante(s) do termo, de acordo com a classificação. Todas as variantes virão acompanhadas da fonte de onde elas foram retiradas, pois nem sempre as variantes pertencem à mesma fonte da do termo-entrada. Na verdade, as variantes geralmente pertencem a contextos e fontes diferentes. Isto, obviamente, impõe que as fichas sejam, ao longo da pesquisa, revisitadas frequentemente. Todas as variantes serão registradas também como termo-entrada em fichas separadas.
7.1	<i>V.Sint.</i>	Variante sintática.
	Fonte	
7.2	<i>V.Gráf.</i>	Variante gráfica.
	Fonte	
7.3	<i>V.Fon.</i>	Variante fonética.
	Fonte	
7.4	<i>V.Lex.</i>	Variante lexical.
	Fonte	
7.5	<i>V.Estr.</i>	Variante empréstimo.
	Fonte	
7.6	<i>V.Dec.</i>	Variante decalque.
	Fonte	
7.7	<i>V.Empr.</i>	Variante empréstimo
	Fonte	
8.	Remissivas	Neste item serão registrados os termos que, embora não constituam sinônimos ou formas variantes do termo-entrada, apresentem forte relação com este. É o caso, por exemplo, dos hiperônimos, hipônimos e conceitos conexos.
8.1.	Hiperônimo	
8.2.	Hipônimo	
9.	Nota(s)	Neste campo serão registradas as informações de cunho enciclopédico sobre o termo.
10.	Forma dicionarizada	As formas dicionarizadas serão registradas (com a indicação de SIM ou

		NÃO) para que depois se possa quantificar e analisar os neônimos. Os dicionários utilizados para a consulta serão: o AURÉLIO, o HOUAISS e o MICHAELIS, todos em versão eletrônicas.
10.1	Nome do dicionário	
11.	Data de registro	Corresponde à data em que o termo foi adicionado à base de dados.
12.	Data da última alteração	Registra a data da última alteração da ficha e, se necessário, algum comentário sobre a alteração feita.

Durante o desenvolvimento do trabalho, percebeu-se que esta tarefa poderia ser otimizada e agilizada, utilizando-se a plataforma do programa *Lexique-Pro* para inserir as informações sobre os termos diretamente nos campos apropriados do *prompt* do programa (cf. p. 88).

3.2. ORGANIZAÇÃO MACROESTRUTURAL DO DICIONÁRIO

O dicionário foi organizado em duas versões: uma digital e outra impressa. Na versão digital, há 2.081 entradas, das quais: a) 1.089 são constituídas por termos da atividade madeireira (que abrange os campos semânticos de matéria-prima, extração, processamento, máquinas e equipamentos, instalações, produtos, resíduos, mercado), sendo 685 verbetes e 404 variantes; b) 886 são constituídas por 247 nomes de espécies e 639 variantes; e c) 106 são siglas acompanhadas das variantes sintáticas (escritas por extenso).

A versão digital conta ainda com 133 imagens (entre fotos, ilustrações, figuras, tabelas), distribuídas por 134 verbetes. São imagens que ilustram ou exemplificam (como no caso de PÁTIO DA MATA e RAMAL DE ARRASTE), descrevem (como no caso do MDF e CISALHAMENTO), ou ampliam (como no caso de TEOR DE UMIDADE DA MADEIRA e FLORESTA PLANTADA) o conceito do termo em evidência. As imagens foram retiradas do próprio material que compõe o banco de dados, com algumas fotos feitas pelo próprio pesquisador.

Na versão impressa, as siglas foram organizadas numa lista à parte. Os nomes das espécies de madeira foram organizados num glossário lexical (com entradas sem definição), no final do dicionário, de modo que o consulente do dicionário poderá, mais facilmente, obter as informações desejadas, tanto sobre os termos quanto sobre os nomes das espécies tropicais de madeiras. Na versão impressa, não aparecem as imagens, mas apenas os textos.

3.2.1 Tipologia das Unidades Terminológicas

O termo ou Unidade Terminológica (UT) é um signo de caráter propriamente lingüístico. Desde os trabalhos de Wüster (em 1931), o termo foi descrito como uma unidade semiótica de dupla faces, as quais seriam a *denominação* e o *conceito* (como já vimos). A norma ISO 1087 (de 1990) define termo como “designação, por meio de uma unidade lingüística, de um conceito definido em uma língua de especialidade” (p. 5). Entretanto, na literatura especializada atual, não é raro encontrarmos o termo *termo* como sinônimo de *denominação*, isto é, significando apenas o suporte lingüístico. É também muito comum se utilizar *conceito* para se referir à *definição* e vice-versa.

Em trabalhos mais recentes, tem sido muito utilizado a expressão *Unidade de Conhecimento Especializado*, ora como sinônimo de termo, ora significando algo como um conjunto do qual o termo seria apenas um subconjunto.

Diante essa variação terminológica, que é muito natural, faz-se necessário, por exigência metodológica, definir como alguns termos serão empregados neste trabalho. Portanto, arrolaremos a seguir alguns desses termos e posteriormente apresentaremos o quadro geral da tipologia dos termos que será seguida neste trabalho:

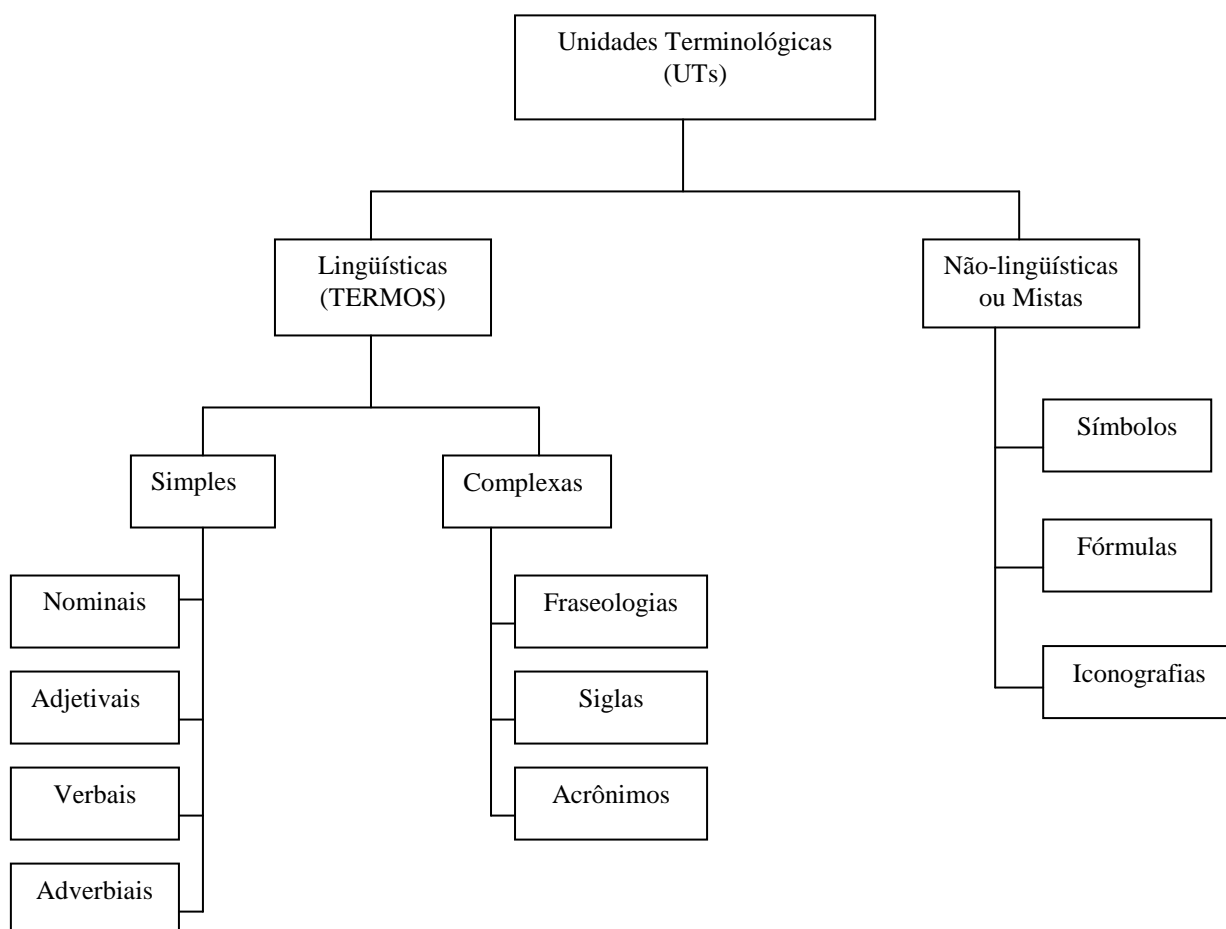
- a) **Denominação:** *expressão*⁵⁸ lingüística que codifica um conceito;
- b) **Definição:** *expressão* lingüística que decodifica um conceito;
- c) **Conceito:** unidade do conhecimento (pré-sígnica) que pode ser expressa por um termo;
- d) **Unidade Terminológica (UT) ou termo** (com inicial minúscula): conjunto formado pelas Unidades Terminológicas Lingüísticas e Não-lingüísticas ou Mistas. A UT ou termo é sempre um conjunto formado por *expressão* (lingüística, não-lingüística ou mista) e *conteúdo* (o conceito);
- e) **Termo** (com inicial maiúscula): conjunto formado pelas Unidades Terminológicas Lingüísticas.

⁵⁸ O termo “expressão” aqui está sendo usado no sentido hjelmsleviano. A denominação pode ser constituída por lexia simples ou complexa.

Desta forma, *denominação* e *definição* serão descritas como *expressões* lingüísticas que *significam* um conceito. *Denominação* e *definição* estão ligadas por uma relação sinonímica, mas a *definição* se distingue da *denominação* pelo fato de aquela, por meio da paráfrase, descrever, explicar (ou seja, decodificar) o conceito (ou conceitos) contido(s) na *denominação*. Ambas se distinguem do *conceito*, pois este é uma unidade do conhecimento, que pode ser expressa tanto por signos lingüísticos quanto por signos não-lingüísticos (como fórmulas, iconografias, símbolos etc.).

Como nem todo *conceito* (entidade pré-sígnica, pelo menos enquanto signo como instrumento socialmente inteligível) é representado por signos lingüísticos, mas também por signos não-lingüísticos ou mistos, chamaremos de UT ao conjunto formado por Unidades Terminológicas Lingüísticas e Não-lingüísticas ou Mistas, tal qual descrito no diagrama a seguir.

Figura 7 – Tipologias das Unidades Terminológicas.



Esta tipologia tomou como ponto de partida a classificação proposta por Cabré (2005), mas considerou, também, os objetivos propostos neste trabalho. Por isso, as adaptações à tipologia da referida autora.

Por coerência metodológica, foi excluída a expressão “Unidade de Conhecimento Especializado” (UCE), a fim de se evitar ambigüidades com o termo “conceito”, pois este também é uma “unidade do conhecimento”, embora não seja uma UT. Como este trabalho segue, principalmente, uma orientação lingüística semasiológica, entendeu-se como mais coerente também pôr em primeiro plano a “Unidade Terminológica” ou termo, e não a UCE, que lembra *conceito* e, conseqüentemente, a abordagem onomaseológica tradicional.

Será usado “termo” (com inicial minúscula) como sinônimo de UT e “Termo” (com inicial maiúscula) para designar as Unidades Terminológicas Lingüísticas.

A seguir, abreviaturas usadas para representar as categorias de gêneros masculinos e femininos e os tipos de unidades terminológicas⁵⁹:

- *Sm.* para substantivo masculino: (Caibro, Skidder, Torete);
- *Sf.* para substantivo feminino: (Boca, Face, Pernamanca);
- *Adj.* para adjetivo (?⁶⁰);
- *V.* para verbo (Topejar);
- *Adv.* para advérbio (?);
- *Fras.* para fraseologia (Transporte da madeira, Pátio de estocagem);
- *Sigla* para siglas (CCA, MDF, OSB);
- *Acr.* para acrônimo (CAP, DAP, ABIMCI);
- *Simb.* para símbolo (?);
- *Form.* para fórmula (?);
- *Icon.* para iconografia (?).

3.2.2 Critérios de Identificação e Seleção dos Termos:

- a) Foram registrados como termos, em entradas de verbetes, palavras, expressões (fraseologias), siglas, acrônimos que denominam conceitos referentes a matéria-prima, extração, processamento, máquinas, equipamentos, instalações, resíduos e produtos, mercados, recursos humanos⁶¹, relacionados ao universo das atividades da Indústria Madeireira;

⁵⁹ No corpo do dicionário, as *Fras.*, *Sigla* e *Acr.* são classificadas como *Sm.* ou *Sf.*

⁶⁰ Não houve ocorrência no *corpus*.

⁶¹ No início do trabalho, todos os campos semânticos estavam sendo contemplados, mas, com o desenvolvimento do trabalho, o volume de trabalho se revelou bem maior que o tempo necessário para concluí-lo. Por isso, os

- b) Os termos são caracterizado pelo seu próprio enquadre, que circunscreve o universo terminológico da Indústria Madeireira, e pela sua recorrência (frequência) e atualização nos textos escritos especializados desta área de atividade;
- c) Os termos que apresentam variantes têm como entrada do verbete a variante mais frequente;
- d) Termos encontrados no domínio da Indústria Madeireira serão confrontados com as palavras já registras em dicionários de língua portuguesa. Este critério tem como principal objetivo identificar os neônimos (lexicais ou semânticos) e os empréstimos.

3.2.3 Classificação e Representação das Variantes

Os termos não são criações dos terminólogos, mas dos próprios usuários das línguas especializadas. Neste sentido, uma abordagem lingüística da terminologia precisa adotar uma postura descritiva e considerar o termo em sua situação real de comunicação e circulação do conhecimento especializado. Quando Wüster propôs a padronização dos termos como forma de melhorar a comunicação técnico-científica, entendia a variação como uma perturbação, como um ruído para a comunicação especializada. Entretanto, o que os estudos de abordagem lingüística da terminologia têm mostrado é exatamente o contrário: a comunicação pode-se tornar truncada e deficiente quando a padronização desconsidera a variação terminológica, pois, como já vimos, os termos variam, dentre outros motivos, pela necessidade de adequação dos discursos às situações sócio-comunicativas.

Neste trabalho, em que se adota uma postura lingüístico-descritiva, os termos serão recolhidos de textos reais:

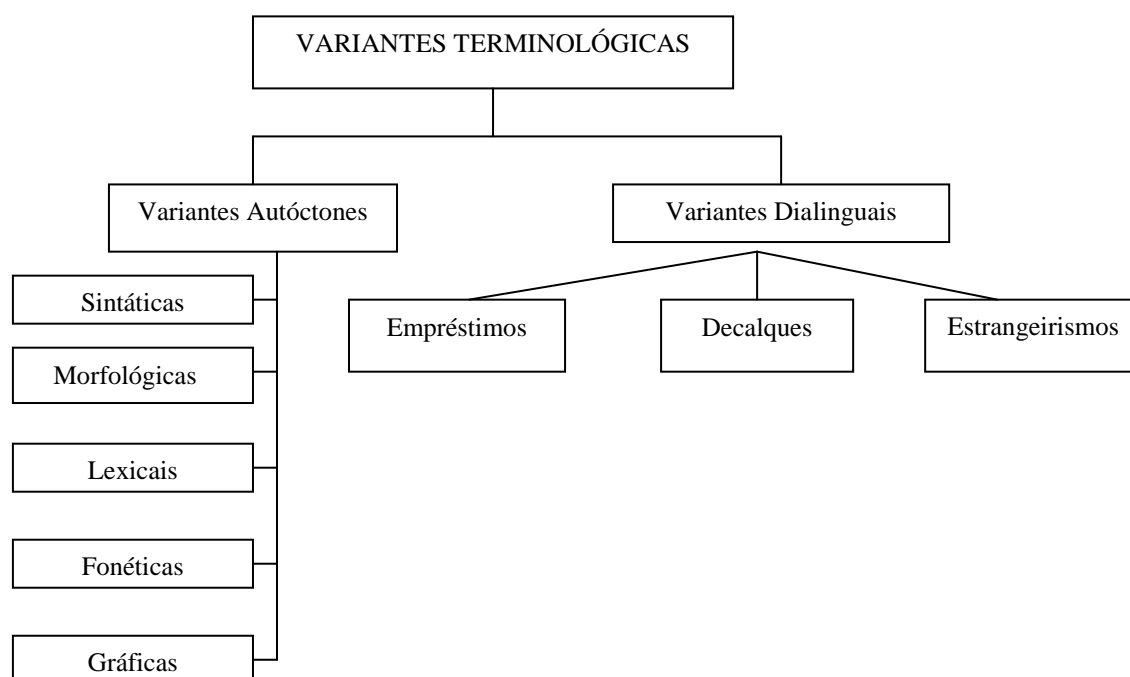
- a) do discurso dos profissionais/especialistas envolvidos na atividade da Indústria Madeireira;
- b) de diferentes níveis discursivos ou de formalidades (encontrados em leis e resoluções, artigos, revistas, folhetos publicitários) ;

c) de diversos gêneros, tais como: dicionários, glossários, catálogos, teses, dissertações, relatórios, leis, artigos científicos, artigos de divulgação científica de revistas e jornais, normas e manuais de procedimento.

As variantes serão examinadas de um ponto de vista léxico-semântico e pragmático, isto é, considerando-se os seus aspectos lingüístico-textuais e suas condições de uso.

Num trabalho desta natureza, entretanto, uma das grandes dificuldades a se enfrentar diz respeito à necessidade de se encontrar um ponto de equilíbrio entre a liberdade, que um trabalho socioterminológico possibilita, e as limitações, que uma prática terminográfica exige. Dito em outras palavras, um dicionário só pode ser descritivo até o ponto em que não sacrifique a sua funcionalidade como obra de consulta. A tipologia das variantes terminológicas adotada neste trabalho levou em conta isso. Veja o quadro geral das variantes terminológicas na Figura 6 abaixo.

Figura 8 – Variantes Terminológicas.



Nesta tipologia, as Variantes Formais foram usadas como subclassificação para as variantes próprias da língua portuguesa (Variantes Autóctones), não sendo aplicadas (embora pudessem) às Variantes Dialinguais⁶². O grupo das Variantes Dialinguais corresponde às variantes que ocorrem entre duas ou mais línguas, podendo ser Empréstimos, Decalques ou

⁶² Exceto nos casos de siglas, como, por exemplo, MDF (de Medium Density Fiberboard), FSC (de Forest Stewardship Council).

Estrangeirismos. Foi considerado como Empréstimo a Variante Dialingual já integrada à língua portuguesa, possuindo registro nos dicionários de língua geral, na forma aportuguesada (com adaptação da ortografia) ou não, tais como: Briquete, Deque, Deck, Espeque, Parquete, Parquet. Foi considerado como Decalque a Variante Dialingual constituída por lexias simples ou complexas (fraseologias) que traduzem, literalmente, para o português, termos de outras línguas (que não a portuguesa). Por exemplo: Chapa dura (de Hardboard), Painel de Fibra de Média Densidade (de MDF – Medium Density Fiberboard), Painel colado lateral (de EGP – Edge Glued Panel). O Estrangeirismo, por sua vez, é representado pelas Variantes Dialinguais não dicionarizadas, tais como: Harvester, Finger-joint, Skidder.

Uma mesma variável (termo) dialingual pode produzir mais de um subtipo de Variantes Dialinguais, como ocorre, por exemplo, em “EGP” que produz o Decalque “Painel colado lateral” e o Estrangeirismo “Edge Glued Panel”⁶³.

Uma limitação bastante evidente desta tipologia resulta do fato de a designação das variantes não revelar o principal: o fator condicionante (ou seja, não há menção, por exemplo, se determinada “variante sintática” é condicionada lingüística ou socialmente), todavia esta tipologia adotada aqui permitiu tratar (de forma limitada, mas satisfatória) as variantes encontradas no universo da atividade madeireira, dentro dos objetivos deste trabalho.

Abreviatura das variantes, com apresentação de exemplos retirados do dicionário⁶⁴:

- *V.Sint.* para variante sintática: (ACA x Amônia Cobre Arsênio);
- *V.Morf.* para variante morfológica: (Corte de cipó x Corte de cipós);
- *V.Lex.* para variante lexical: (Cortador x Serrador);
- *V.Fon.* para variante fonética: (Moirão x Mourão);
- *V.Gráf.* para variante gráfica: (Motosserra x Moto-serra);
- *V.Estr.* para estrangeirismo: (Hardboard, Skidder);
- *V.Dec.* para decalque: (Chapa dura);
- *V.Empr.* para empréstimo: (Briquete, Bricket, Deck).

Esta classificação das variantes não aparece no corpo do dicionário digital, aparecendo apenas no dicionário impresso. No corpo do dicionário digital, todas as variantes são apresentadas apenas como *Variant* (conforme recurso do próprio programa *Lexique-Pro*).

⁶³ O termo EGP também apresenta a variante “Painel colado”, mas neste caso esta variante constitui uma Variante Sintática de “Painel colado lateral”.

⁶⁴ Essa classificação das variantes não foi usada no Glossário das Espécies (v. final do dicionário), para o qual foi usado apenas Variante/Variantes. O Glossário das Espécies é um trabalho que precisa ser melhor desenvolvido.

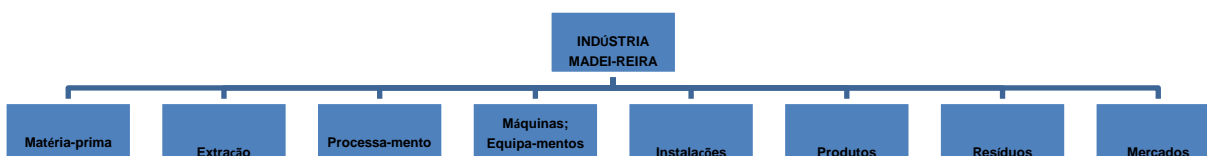
Todas as variantes de um termo constituem entradas no dicionário, mas apenas a variante mais freqüente do termo contém definição. As variantes que constituem termo-entrada sem definição são acompanhadas da variante mais freqüente.

É importante observar que um tratamento das variantes que permitisse classificá-las, por exemplo, em *variantes escritas*, *variantes faladas*, *variantes formais*, *variantes informais*, *variantes regionais*, *variantes diacrônicas*⁶⁵, produziria, sem dúvida, um resultado mais interessante sobre o léxico especializada da atividade madeireira, mas para isso seria necessária uma abordagem mais ampla da área estuda, com a inclusão da língua falada⁶⁶.

3.2.4 Estrutura Conceitual da Indústria Madeireira

A estrutura conceitual do Setor Madeireiro foi subdividida em oito campos semânticos, compreendendo os campos Matéria-prima, Extração, Processamento, Máquinas e equipamentos, Instalações, Produtos, Resíduos e Mercado, como segue.

Figura 9 – Árvore de domínio da Indústria Madeireira (resumo).



A seguir, a descrição completa da árvore de domínio.

ÁRVORE DE DOMÍNIO DA INDÚSTRIA MADEIREIRA⁶⁷

1. Indústria Madeireira

1.1 Matéria-prima

1.1.2 Madeira

1.2 Extração

⁶⁵ Como ocorre entre EXTRAÇÃO e EXPLOTAÇÃO: a variante EXPLOTAÇÃO é comum nos textos anteriores a 1980 e raros nos textos mais recentes.

⁶⁶ Esta é uma etapa da pesquisa sobre a terminologia da madeira ainda a ser desenvolvida.

⁶⁷ Ver, em anexo, a organização em árvore (p. 377).

- 1.2.8 Extração Manejada
- 1.2.9 Extração Convencional
- 1.3 Processamento
 - 1.3.1 Primário
 - 1.3.2 Secundário
 - 1.3.3 Terciário
- 1.4 Máquinas e Equipamentos
 - 1.4.1 Trator
 - 1.4.2 Máquina
 - 1.4.3 Serras
- 1.5 Instalações
 - 1.5.1 Galpões
 - 1.5.2 Pátios
 - 1.5.3 Estufas
- 1.6 Produtos
 - 1.6.1 Madeira Serrada
 - 1.6.2 Madeira Roliça
 - 1.6.3 Composto Laminado
 - 1.6.4 Composto Particulado
 - 1.6.5 Lenha
 - 1.6.6 Carvão Vegetal
- 1.7 Resíduos
 - 1.7.1 Resíduos Sólidos
 - 1.7.2 Resíduos Não-sólidos
- 1.8 Mercado
 - 1.8.1 Mercado Local
 - 1.8.2 Mercado Nacional
 - 1.8.3 Mercado Internacional
 - 1.8.4 Mercado Geral
 - 1.8.5 Mercado Especial

Esta organização da árvore de domínio em campos semânticos (organização ontológica), além de ser de suma importância para elaboração e sistematização das definições, permite um maior controle da extensão e abrangência da área estudada e possibilita a visualização das relações entre os termos, o que, por sua vez, permite a elaboração da rede de remissivas.

3.3. ORGANIZAÇÃO DA MICROESTRUTURA

A organização da microestrutura dos verbetes obedece ao modelo seguinte. Veja a descrição completa a seguir.

VERBETE = TERMO-ENTRADA + CATEGORIA GRAMATICAL + DEFINIÇÃO + CONTEXTO (Referência) ± IMAGEM/ILUSTRAÇÃO ± NOTA ± VARIANTE + REMISSIVA

Os quatro primeiros elementos (TERMO-ENTRADA, CATEGORIA GRAMATICAL, DEFINIÇÃO e CONTEXTO) e o último (REMISSIVA) são obrigatórios, os outros três (IMAGEM/ILUSTRAÇÃO, NOTA e VARIANTE) dependem da própria natureza de cada termo (pois nem todos os termos apresentam variantes, por exemplo). As referências (do CONTEXTO) são indicadas por um número, que corresponde a uma obra referenciada nas REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO DICIONÁRIO (p. 351). Por exemplo: "O <refúgio> deve ser indicado no mapa do plano de manejo antes da demarcação do talhão." (15, p. 13). O número "15" corresponde à obra "AMARAL, P. H. C. ; *et al.* **Floresta para sempre:** um manual para produção de madeira na Amazônia. Belém: IMAZON, 1998.", o número "13" indica a página, na referida obra, de onde foi retirado o trecho citado.

O elemento IMAGEM/ILUSTRAÇÃO foi usado apenas na versão digital do dicionário, aparecendo em 133 verbetes (como já foi explicado). As IMAGENS/ILUSTRAÇÕES são usadas para ilustrar conceitos e precisar definições, além de servir também como abonação para o termo.

O elemento REMISSIVA aparece em todos os verbetes, tendo a função, além da que já é convencional, de inserir o termo num determinado campo semântico.

A apresentação dos verbetes no corpo do dicionário segue a ordem alfabética.

Usou-se, preferencialmente, a *definição por compreensão*, por considerarmos a que reúne elementos que melhor dá conta de precisar um referente por meio da verbalização conceitual⁶⁸.

Vejamos os seguintes exemplos de verbete:

Forest Stewardship Council. *Sm. V.Estr. FSC.*

FSC. *Sm.* Conselho de manejo florestal, de âmbito internacional e de caráter independente, que, por meio de organizações por ele credenciadas, concede selo de certificação a empresas que processam e/ou comercializam produtos de origem florestal.

"(...) <FSC> (Forest Stewardship Council), ou Conselho de Manejo Florestal, [é um] sistema independente de certificação florestal, um dos mais rigorosos do mundo (...)." (90, p. 26).

⁶⁸Segundo Alves (1996; p.126), "a Norma ISO 1087 prescreve apenas dois tipos [de definição], a *definição por compreensão* – que abrange a menção do conceito genérico mais próximo (já definido ou supostamente conhecido) e as características distintivas que delimitam o conceito a ser definido – e a *definição por extensão* – baseada na enumeração exaustiva dos objetos aos quais um conceito se refere ou nos conceitos específicos que lhe são imediatamente subordinados." Os grifos em itálico são nossos.

N. A atuação do FSC se dá por meio da criação e desenvolvimento de princípios e normas para a certificação florestal, por meio do credenciamento de organizações certificadoras e por meio do apoio e/ou desenvolvimento de padrões (de exploração dos recursos florestais) economicamente viáveis para cada região, em conformidade com as condições socioambientais locais. O FSC foi fundado em 1993, após a ECO-92 no Rio de Janeiro, e está em operação no Brasil desde 1996.

V.Estr. Forest Stewardship Council.

Ver. Certificação FSC, Selo FSC, FSC Brasil, Tripé da sustentabilidade

Vejamos passo a passo:

a) FSC.

Termo-entrada: em negrito, com inicial maiúscula e seguido de ponto. O termo-entrada, geralmente, é apresentado numa forma lematizada, isto é, no masculino singular.

b) *Sm.*

Categoria gramatical do termo-entrada: (*Substantivo masculino*), em itálico, com apenas inicial em maiúsculo, seguida de ponto.

c) “Conselho de manejo florestal, de âmbito internacional e de caráter independente, que, por meio de organizações por ele credenciadas, concede selo de certificação a empresas que processam e/ou comercializam produtos de origem florestal.”

Definição (*definição por compreensão*): sem estilização textual (negrito ou itálico) e seguida de ponto.

Em caso de homonímia, o enunciado definitório de cada acepção é numerado (polissemia). Quando as acepções são muito próximas (conceitos conexos), ficam reunidas num único texto (numerado) e com um único contexto. Quando as acepções são claramente distintas, elas ficam numeradas e em textos distintos, com contextos específicos para cada uma e com variante (caso a tenham) e remissivas.

Por exemplo:

“ **Face** *Sf.* **1. As duas maiores superfícies longitudinais de uma peça de madeira ou compensado, ou as quatro superfícies longitudinais, nos casos de peças de madeira em que largura e espessura sejam iguais ou aproximadamente iguais.**

"As rachas podem aparecer nas <faces> laterais e nas extremidades/topos da peça." (251, p. 8).

V.Sint.: Face da peça de madeira; V.Sint.: Face da peça.

Ver: Melhor face; Pior face; Borda; Quina; Topo.

2. Lado de dentro da ponta do dente da serra, oposto à costa, que forma, juntamente com a reta do passo, o ângulo de corte.

"Faze a linha cortante da <face> do dente é qualquer outra posição da lâmina." (36, p. 56).

V.Sint.: **Face do dente; V.Sint.:** **Face do dente da serra; V.Sint.:** **Peito do dente.**

Ver: **Passo; Reta do passo; Ângulo de corte."**

d) "(...) <FSC> (Forest Stewardship Council), ou Conselho de Manejo Florestal, [é um] sistema independente de certificação florestal, um dos mais rigorosos do mundo (...)." (90, p. 26).

Contexto: entre aspas, em fonte menor que a da definição, com o termo-entrada em evidência dentro de parênteses angulares.

A referência da fonte, de onde foi extraído o termo-entrada, é indicada por um número, como já foi explicado acima.

e) "N. A atuação do FSC se dá por meio da criação e desenvolvimento de princípios e normas para a certificação florestal, por meio do credenciamento de organizações certificadoras e por meio do apoio e/ou desenvolvimento de padrões (de exploração dos recursos florestais) economicamente viáveis para cada região, em conformidade com as condições socioambientais locais. O FSC foi fundado em 1993, após a ECO-92 no Rio de Janeiro, e está em operação no Brasil desde 1996."

Nota: apenas a inicial, em maiúsculo e seguida de ponto.

A "Nota" consiste em informações de caráter enciclopédico que, embora não diretamente relacionadas ao conceito, podem eventualmente contribuir para uma melhor compreensão ou contextualização do termo. O texto da nota será grafado na mesma fonte que a da definição.

f) *V.Estr.:* **Forest Stewardship Council.**

Variante terminológica (*V.Estr.:*): em itálico, com as iniciais maiúsculas e seguidas de dois pontos.

O sintagma "Forest Stewardship Council" é uma denominação que juntamente com "FSC" correspondem a um mesmo conceito. "Forest Stewardship Council" e "FSC" são, portanto, formas variantes de um mesmo conceito ("Conselho de manejo florestal, de âmbito internacional e de caráter independente, que, por meio de organizações por ele credenciadas,

concede selo de certificação a empresas que processam e/ou comercializam produtos de origem florestal.”). As variantes terminológicas serão grafadas da mesma forma como aparecerão como entrada no corpo do dicionário, ou seja, em negrito e com iniciais maiúsculas. Quando houver mais de uma variante, elas aparecerão no verbete organizada por uma ordem que vai da mais freqüente para a menos freqüente (exceto no caso dos nomes das espécies, em que as variantes, geralmente em grande número, são organizadas obedecendo, também, à forma como aparecem nos textos especializados). Por exemplo: “*V.Sint.*: **Face do dente; Face do dente da serra; Peito do dente.**”.

g) *Ver*: **Certificação FSC, Selo FSC, FSC Brasil, Tripé da sustentabilidade**

Remissiva: expressa pela forma *Ver*:, com a inicial em maiúsculo, em itálico e seguida de dois pontos. Quando houver mais de uma termo em remissiva, eles serão organizados ou pela ordem como aparecem no texto da definição, ou pela ordem de relevância para a compreensão ou ampliação de aspectos do termo do verbete em evidência.

Diferentemente de “**Forest Stewardship Council**” (que pode substituir “**FSC**”), “**Certificação FSC, Selo FSC, FSC Brasil, Tripé da sustentabilidade**” são outros termos (outras entradas). Por apresentar uma forte relação semântica com o termo em evidência (“**FSC**”), a consulta destas entradas indicadas na remissiva permitirá ampliar ou restringir o conceito de “**FSC**”.

As relações semânticas entre o termo em evidência e sua(s) remissiva(s) pode(m)-se estabelecer por antonímia, hiperonímia, hiponímia, conceitos conexos. Além disso, a remissiva, por “envolver” o termo num determinado universo semântico, desempenha também a função de determinar o campo semântico do termo. Quando uma entrada tem várias acepções, como no caso de homonímia (tais como ocorre em **Corte, Face e Lâmina**), cada acepção apresenta a sua própria remissiva que enquadra o termo no seu campo semântico correspondente.

Como observa Faulstich (1993, p. 651), a “remissiva, enquanto indicativo de relações nocionalmente ligadas, surge no âmbito da microestrutura, mas vai ter reflexo direto na macroestrutura textual [do dicionário ou glossário]”.

Na verdade, as remissivas permitem uma maior integração entre as partes de um dicionário, contribuindo para que o mesmo não seja uma lista fragmentada de denominações e conceitos, mas um todo coeso e coerente. Em outras palavras, as remissivas fazem do dicionário um texto com possibilidade multilinear de leitura.

3.4. SUPORTE COMPUTACIONAL: Tratamento dos Dados

3.4.1 *WordSmith*

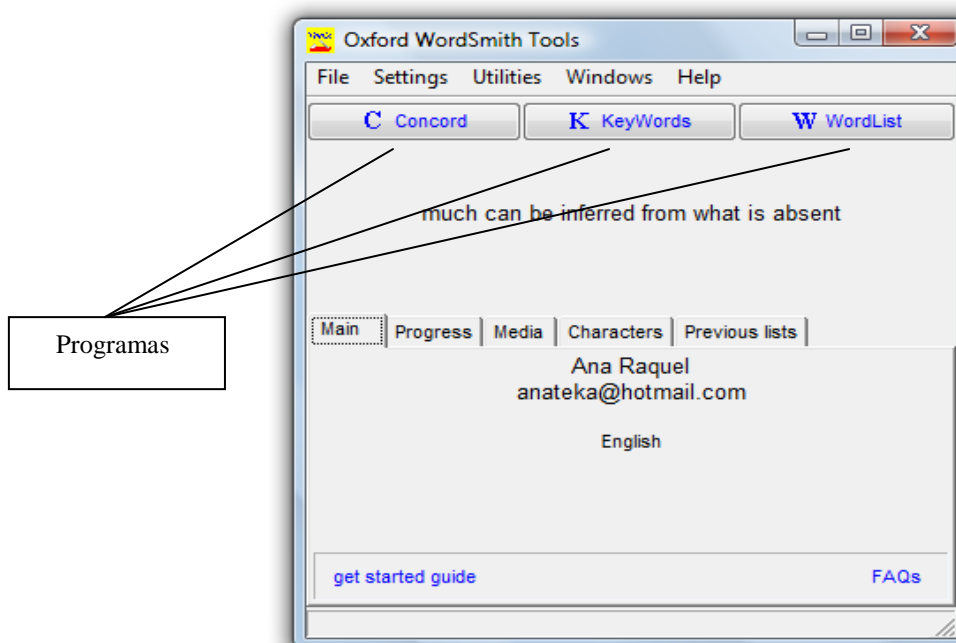
O *WordSmith Tools 4.0*⁶⁹ (SCOTT, 2004) é a quarta versão de um pacote de programas computacionais que permitem gerenciar grandes quantidades de dados, como bancos de dados para construção de dicionários.

Para a construção do dicionário da madeira, utilizamos um *corpus* com mais de 4 milhões de palavras. A maior parte desse material, cerca de 88% (mais de 3,5 milhões de palavras), foi digitalizada e preparada para ser explorada com o pacote de programas do *WordSmith Tools 4.0*.

Para manipular todo esse volume de dados e gerenciar as informações a partir daí produzidas, as ferramentas e utilitários do *WordSmith Tools 4.0* foram de fundamental importância, de tal forma que consideramos que sem tais suportes computacionais toda a metodologia deste trabalho teria que ser reformulada (a começar pela redução do tamanho do *corpus*), sob o risco de não se concluir em tempo hábil o tratamento dos dados.

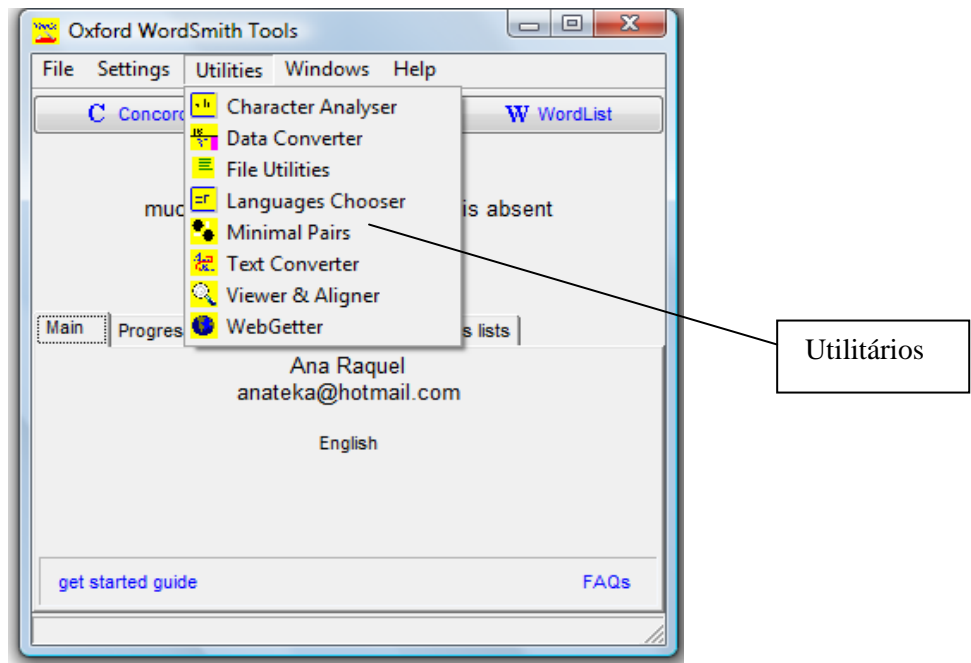
O *WordSmith Tools 4.0* possui três ferramentas (ou programas) e oito utilitários, conforme podemos observar nas janelas abaixo:

Ilustração 1 – Janela principal do *WordSmith Tools*.



⁶⁹ Este pacote de programas não possui distribuição livre. Para adquiri-lo é preciso comprar uma licença. Todavia é possível conseguir uma versão demo no endereço: <http://www.lexically.net/downloads/download.htm>. A presente cópia foi gentilmente cedida por Ana Raquel.

Ilustração 2 – Exibição dos utilitários na janela principal do *WordSmith Tools*.



As ferramentas e utilitário do *WordSmith Tools 4.0* permitem, dentre outras tarefas:

- a) acessar arquivos em formato txt (arquivos texto) e fazer a listagem de todas as palavras do *corpus*, fornecendo a frequência de ocorrência, o que, por sua vez, permite controlar a lexicometria dos termos;
- b) extrair listas de candidato a termo, a partir do *corpus*, no todo ou em parte, o que facilita o trabalho de o pesquisador ter que examinar todo o material, um a um, além de possibilitar um maior controle dos campos semânticos;
- c) extrair listas de fraseologias (lexias complexas) candidatas a termo;
- d) acessar os contextos (de origem), a partir das listas de candidato a termos, orientando a atenção do pesquisador e reduzindo, de forma extraordinária, o trabalho de leitura e garimpagem dos contextos no *corpus* do trabalho;

- e) agrupar formas lexicais a partir de uma mesma base (lematização), por exemplo, as palavras **madeira** e **madeira** podem ser agrupadas a partir da base **madeir-**, contribuindo para a análise dos processos de terminologização;
- f) acessar *corpus* de referência, como dicionários, para confrontar o termo encontrado na língua de especialidade com palavras do dicionário de língua comum, o que possibilita a observação dos processos de neologismos (lexicais e semânticos) e de terminologização;
- g) acessar contextos para candidato a termo fornecido pelo pesquisador, com restrição de lemas à esquerda ou à direita do candidato a termo em evidência (por exemplo, podemos levantar contextos para a palavra **madeira** sozinha, ou acompanhada de um número específico de palavras à sua esquerda e à sua direita).

Vejam, a seguir, a ilustração de algumas dessas tarefas a partir da plataforma dos programas *WordList* e *Concord*:

Rodada no programa *WordList* de um banco de dados com 127.589 vocábulos (palavras distintas).

Ilustração 3 – Rodada no programa *WordList* do *WordSmith Tools*.

N	Word	Freq.	%	Texts	% emmas	Set
181	SOLO	1.597	0,04	122	41,08	
182	UMIDADE	1.590	0,04	107	36,03	
183	DURANTE	1.585	0,04	183	61,62	
184	RESISTÊNCIA	1.581	0,04	115	38,72	
185	SEGUNDO	1.581	0,04	184	61,95	
186	CONDIÇÕES	1.579	0,04	179	60,27	
187	ESTA	1.569	0,04	190	63,97	
188	ESSA	1.565	0,04	167	56,23	
189	FOR	1.564	0,04	168	56,57	
190	NATURAL	1.562	0,04	154	51,85	
191	ARACTERÍSTICAS	1.561	0,04	171	57,58	
192	LEI	1.553	0,04	124	41,75	
193	NÚMERO	1.551	0,04	184	61,95	

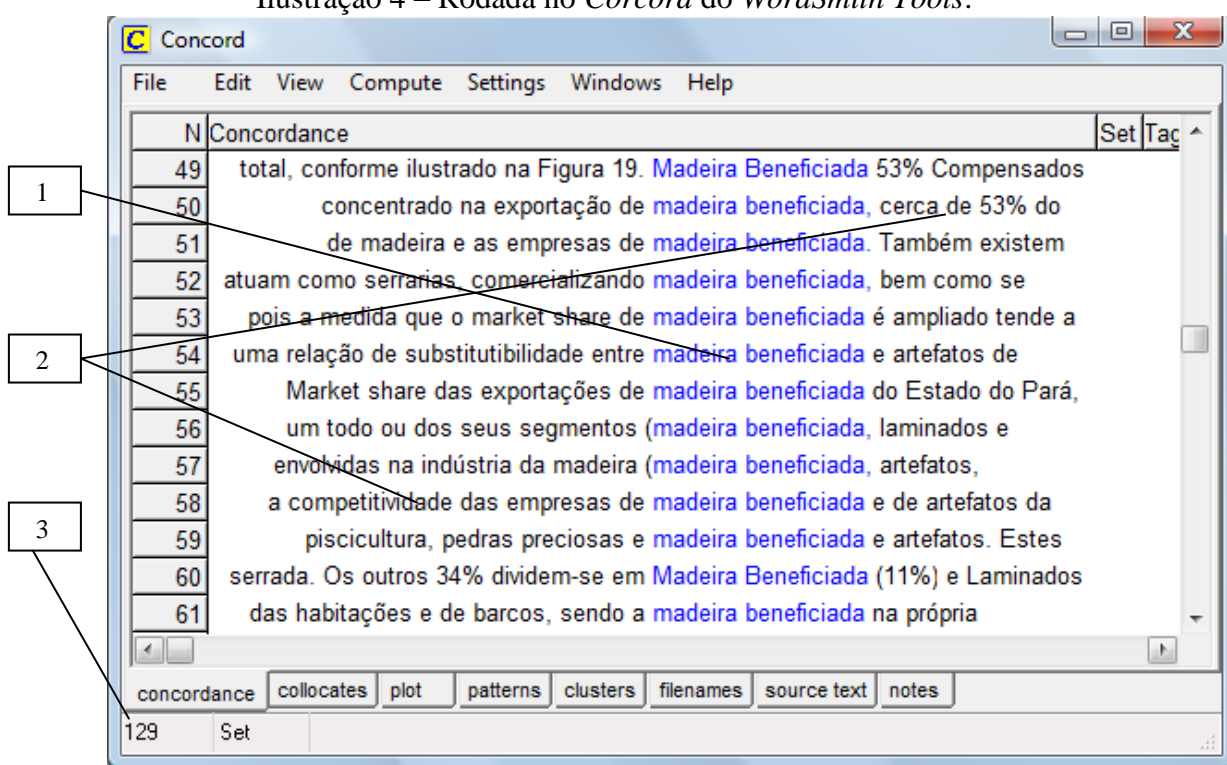
127.589 Type-in A

1. Número de vocábulos; 2. Listagem das palavras por ordem de frequência; 3. Listagem das palavras por ordem alfabética; 4. Estatística das ocorrências; 5. Listagem dos nomes dos arquivos texto de entrada; 6. Nota com resumo da quantidade de textos processados, data e horário.

O programa *WordList* executa rodadas de *arquivo* ou *banco de dados* de textos, previamente preparados em formato txt, fornecendo a listagem das palavras por ordem de frequência ou por ordem alfabética. Este programa também fornece a densidade lexical dos textos e prepara arquivos para serem rodados nos outros programas do pacote.

A seguir, uma rodada, do mesmo banco de dados anterior, no programa *Concord*:

Ilustração 4 – Rodada no *Concord* do *WordSmith Tools*.



1. Palavra-chave fornecida ao programa; 2. Lista de contextos para a palavra-chave; 3. Número de contextos encontrados no banco de dados (número de ocorrência da palavra-chave).

O programa *Concord* permite, dentre outras tarefas, fazer a listagem de todos os contextos (do banco de dados) para a palavra-chave fornecida pelo pesquisador e acessar os textos de origem a partir da própria listagem. Desta forma, para acessarmos os textos originais onde se encontram os contextos listados, basta clicarmos em qualquer um dos contextos listados pelo *Concord* e o programa abrirá o texto original, numa janela de bloco de notas, com o contexto clicado em evidência. A tarefa seguinte é marcar o contexto, na extensão desejada, copiá-lo e cola-lo num local apropriado; fazendo, em seguida, o mesmo com a referência bibliográfica da obra de onde o contexto está sendo retirado.

Neste trabalho, após o tratamento dos dados no programa *WordSmith Tools*, os termos, os contextos e todas as informações recolhidas do *corpus* foram compor as fichas terminológicas, que são fichas que contêm todas as informações necessárias para a redação do verbetes. A redação final dos verbetes foi realizada na plataforma do programa *Lexique-Pro*, conforme explicaremos a seguir.

As tarefas executadas no programa *Lexique-Pro* são complementares em relação às tarefas executadas pelo *WordSmith Tools*: este permite preparar as informações para compor as fichas terminológicas; aquele, organizar as informações e os termos e compor o dicionário no formato digital e impresso.

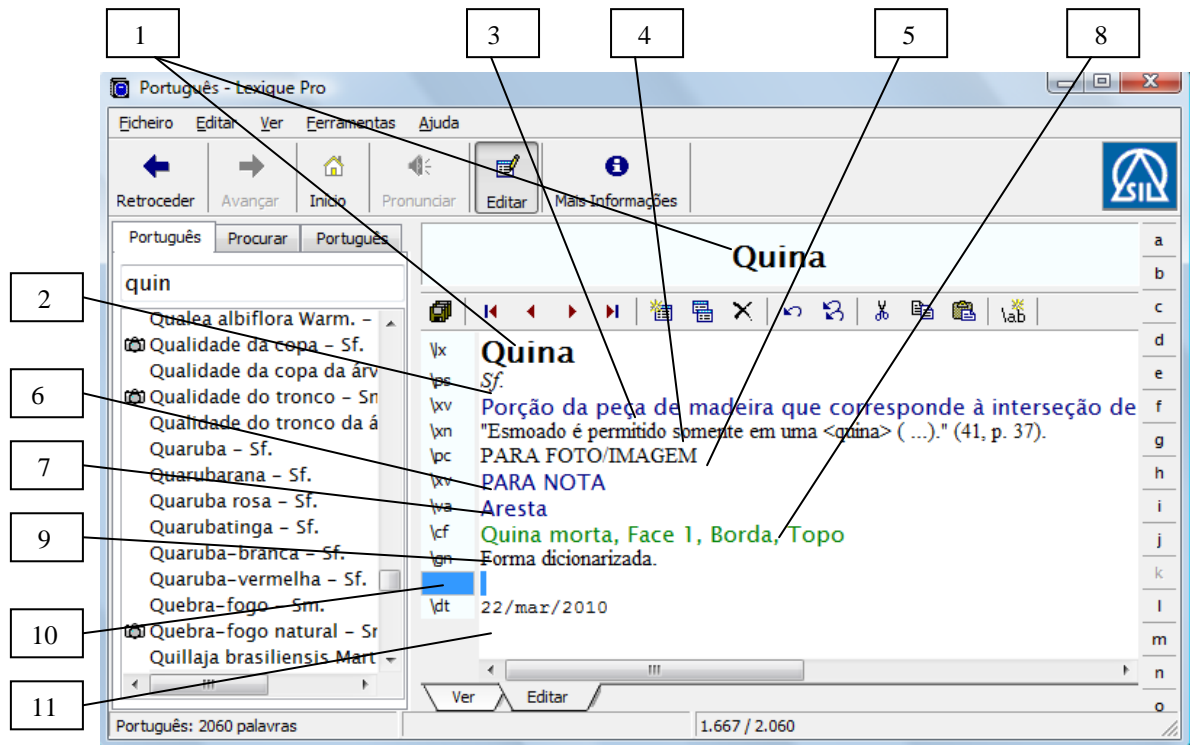
3.4.2 *Lexique-Pro*

O *Lexique-Pro* versão 2.8.6 (2004-2008)⁷⁰ é um *software* que permite criar bases de dados, gerenciar arquivos e gerar documentos em formato de dicionário para *Word* ou para *Web*, conforme a escolha do usuário. O programa também permite produzir dicionários digitais, a partir de sua própria plataforma, conforme ilustraremos a diante.

Na construção do dicionário da madeira, uma das principais tarefas executadas neste programa foi a de construção da fichas terminológicas na própria plataforma do programa. Esta possibilidade oferecida pelo *Lexique-Pro* permitiu reduzir o tempo na construção das fichas e otimizar os trabalhos de controle e de acesso às informações e aos termos já catalogados durante a pesquisa. Veja a ilustração a seguir:

⁷⁰ Este *software*, diferentemente do *WordSmith Tools*, tem distribuição livre a partir do site www.lexiquepro.com ou do site do SIL (Summer Institute of Linguistics) www.sil.org.

Ilustração 5 – Plataforma do *Lexique-pro*.



1. Termo-entrada (lx); 2. Categorias gramaticais (ps); 3. Definição (xv); 4. Contexto (xn); 5. Foto/Imagem (pc); 6. Nota (xv); 7. Variante (va); 8. Remissiva (cf); 9. Forma Dicionarizada (gn); 10. Demais informações (xv); 11. Datas da última alteração (tarefa feita pelo próprio programa).

Para cada informação da ficha é preciso usar um código, como especificado acima, para que as informações inseridas no programa sejam organizadas em seus devidos campos. Alguns códigos podem se repetidos (como é o caso do “xv” usado para “Definição” e “Demais informações”).

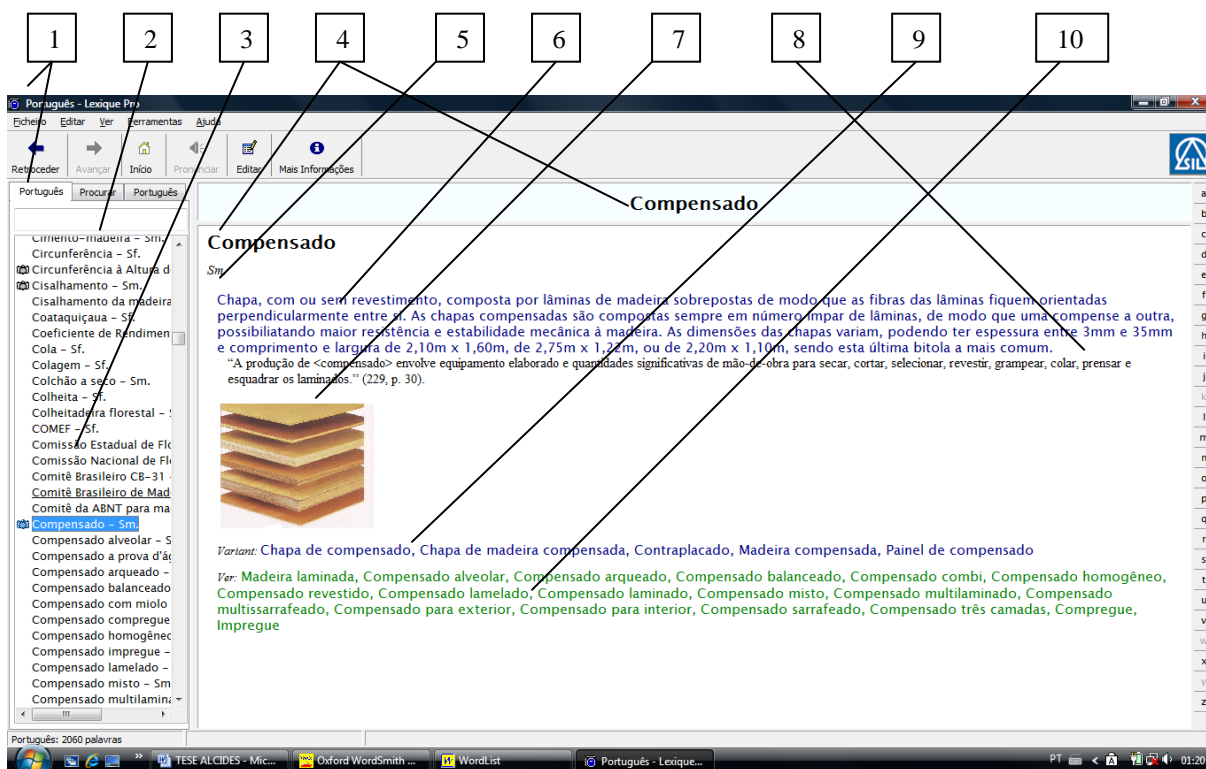
As informações foram sendo inseridas à medida que iam sendo encontradas, de modo que, num determinado momento, quando as informações já eram suficientes para formular uma definição, os verbetes eram construídos a partir da própria ficha no *prompt* do programa.

Tanto a versão digital quanto a impressa do dicionário foram construídas com os recursos do *Lexique-pro*.

A versão digital do dicionário da madeira, construída na plataforma do *Lexique-pro*, permite o acesso aos termos de forma automatizada. Permite ainda a visualização de imagens e a utilização de *links* para acessar informações (como Variantes e Remissivas) por meio de clique com o mouse.

Veja ilustração de uma janela do dicionário digital com o termo COMPENSADO em evidência.

Ilustração 6 – Plataforma do *Lexique-pro*.



1. Nome do Dicionário (ou da base de dados); 2. Campo para o consultante digitar o termo a ser consultado; 3. Lista de termos do Dicionário em ordem alfabética; 4. Termo entrada; 5. Categoria gramatical (substantivo masculino); 6. Definição; 7. Imagem (foto); 8. Contexto; 9. Variantes; 10. Remissivas.

Após a composição dos verbetes e a formatação do dicionário digital, o banco de dados foi fechado (criptografado) e, juntamente com as imagens e o setup do programa, organizado num CD-ROM. O dicionário pode ser instalado, a partir do CD-ROM, em qualquer computador.

A versão impressa foi gerada a partir do dicionário digital.

Toda a macroestrutura, e parte da microestrutura, do dicionário impresso foi organizada utilizando-se as ferramentas de formatação disponíveis no programa *Lexique-pro*.

Ao final da redação dos verbetes na plataforma do programa e da formatação da macro e microestruturas, com alguns comandos, o programa criou, automaticamente, um documento *Word* no formato de um dicionário, com sua macro e micro estruturas em conformidade com o que foi previamente definido.

A seguir há uma cópia de uma página do dicionário da madeira gerada, em formato .doc (documento *Word*), pelo *Lexique-Pro*.

Abate ABRAF

A - a

Abate *Sm. Variant: Derruba.*

Abaulamento *Sm. 1. Defeito na madeira que consiste no empenamento da peça no sentido transversal (largura), resultando numa peça com um lado côncavo e outro convexo. "Abaulamentos" e arqueamentos não devem ser admitidos quando impedirem o aparelhamento de ambas as faces da tábua até sua espessura padrão da madeira aparelhada." (36, p. 184). Variant: Encanoamento; Encanoamento da peça. Ver: Defeito na madeira. 2. Empenamento no sentido transversal da serra fita. "A lâmina deve ser tensionada de acordo com o <abaulamento> do arco do volante superior ou de ambos os volantes." (36, p. 16). Variant: Calo de lâmina.*

ABIMA *Sf. Associação das indústrias de aglomerado, criada em 1967, que até 1994 congregava também as indústrias produtoras de painel. "O setor de painéis de madeira industrializada ampliou a sua representatividade, transformando a <ABIMA>, Associação Brasileira da Indústria de Madeira Aglomerada, criada em dezembro de 1967, na ABIPA (...)." (10, p. 9). Variant: Associação Brasileira da Indústria de Madeira Aglomerada. Ver: ABIPA.*

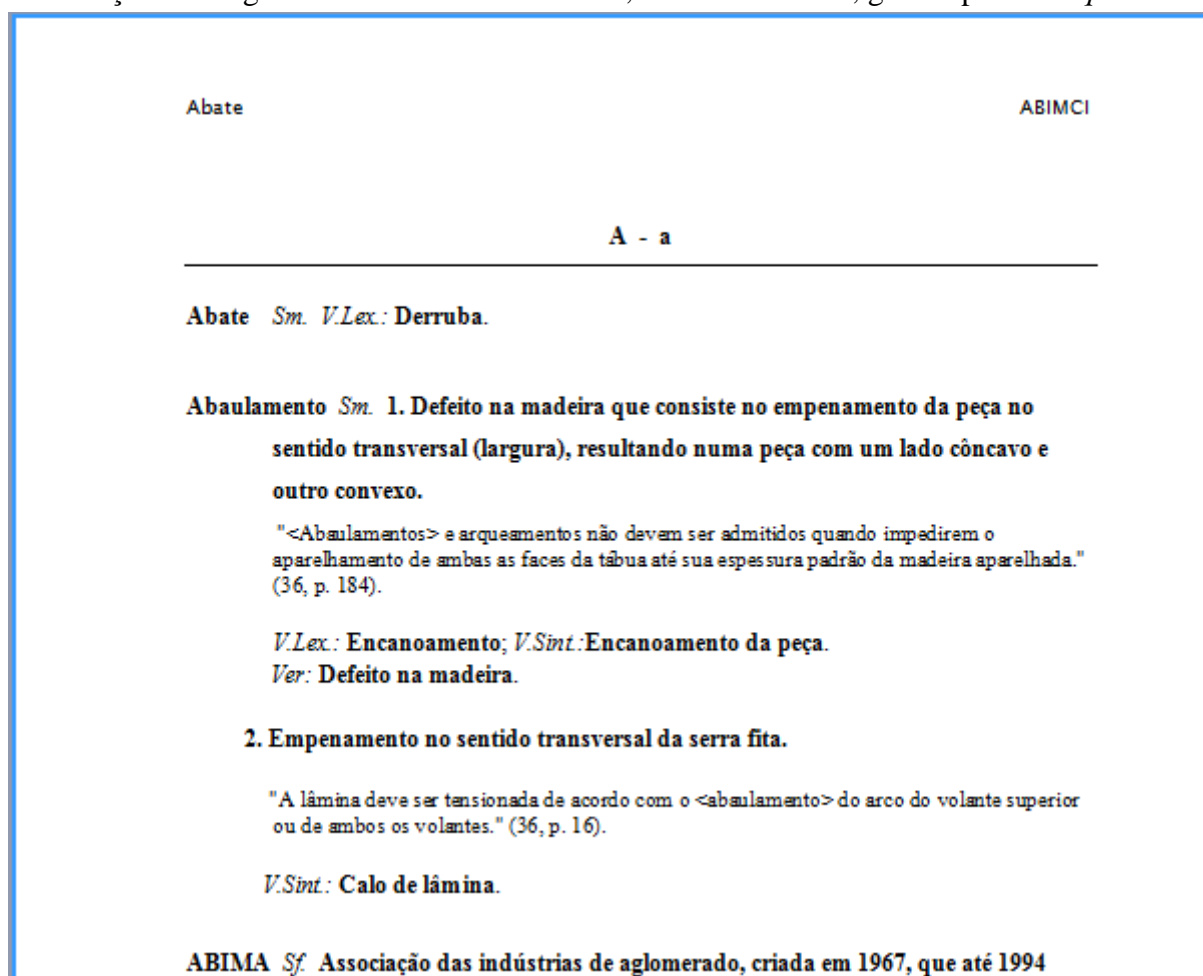
Abimaq *Sf. Variant: Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos.*

ABIMCI *Sf. Organização que reúne e representa as indústrias de processamento mecânico de madeira no Brasil, há mais de 35 anos, atuando no apoio e/ou desenvolvimento de projetos que promovam o setor. "A Associação Brasileira da Indústria de Madeira Processada Mecanicamente - <ABIMCI> - reúne e representa as indústrias de processamento mecânico de madeira, nas suas múltiplas concepções." (2, p. 2). Variant: Associação Brasileira da Indústria de Madeira Processada Mecanicamente. Ver: Comitê Brasileiro CB₅.*

ABIPA *Sf. Associação das indústrias produtoras de compostos laminados (compensado laminado, compensado sarrafeado, viga laminada) e compostos particulados (aglomerado convencional, OSB, HDF, MDF, MDP), criada em 1994, que tem como objetivos principais representar os associados junto às entidades de direito público e privado, em âmbito nacional e/ou internacional, e apoiar e/ou desenvolver projetos que promovam o setor. "A <ABIPA> congrega as maiores indústrias produtoras de*

Após gerado o documento a ser impresso, foi preciso algumas alterações e correções, tais como: a) substituição de *Variant* por uma forma específica de classificação das variantes (por exemplo: *V.Sint.*, *V.Morf.*, *V.Lex.*); b) separação dos elementos do verbete (CONTEXTO, DEFINIÇÃO, VARIANTE, REMISSIVA), pois no documento gerado pelo programa esses elementos ficam todos juntos num bloco; c) alteração das fontes (tamanho, cor, espaço, estilo de letra); d) retirada dos nomes das espécies e das siglas, para serem reorganizados à parte.

A seguir, há uma cópia da mesma página acima, após a formatação adotada para a versão impressa do dicionário.



A utilização de ferramentas computacionais, como o *WordSmith Tools* e o *Lexique-Pro*, facilitam em muito o trabalho do pesquisador terminólogo, de modo que tais ferramentas não podem ser dispensadas ou subestimadas, quando se trata de trabalhos, em que é necessário manipular uma grande quantidade de dados, como o de construção de glossários e dicionários.

Contudo, as principais tarefas da pesquisa terminológica e do trabalho terminográfico continuam condicionadas à habilidade de leitura e análise textual do pesquisador e de sua capacidade de verbalizar, de expressar pela língua escrita, o conhecimento (especializado) apreendido na leitura e na análise dos textos técnicos.

Os programas podem, por exemplo, selecionar os contextos, apontando os textos a serem lidos e analisados. Mas os trabalhos de leitura, de coleta das informações sobre os termos, necessárias para compor o conceito, e da redação da definição (do conceito), são habilidades exclusivas do pesquisador. Os programas podem, também, listar candidatos a termos, mas a identificação dos termos é, também, tarefa exclusiva do pesquisador. Um

programa como o *WordList*, do *WordSmith Tools*, até pode auxiliar o pesquisador na identificação de um determinado termo, na medida em que tal programa fornece a frequência de ocorrência do termo, no *corpus* fornecido como entrada ao programa, mas sabemos que a simples frequência não pode ser usada para determinar que uma palavra (ou lexia) é um termo, pois há palavras (e lexias) de grande frequência que não constitui termo e há os casos dos hápax.

Há ainda uma tarefa na qual os programas em nada podem ajudar o pesquisador: trata-se do teste de fiabilidade. Mesmo contando com um banco de dados bastante representativo da área investigada, o terminólogo não pode prescindir de consultar especialistas da área, a fim de dirimir dúvidas e esclarecer pontos que, por ventura, não tenham ficados claros para o pesquisador, quando da leitura e análise dos textos especializados.

Neste trabalho, além das ferramentas computacionais, contamos também com o auxílio de consultores especialistas da área da atividade madeireira, que nos auxiliaram na revisão dos repertórios e no esclarecimento de questões ambíguas ou obscuras.

4. SOCIOTERMINOLOGIA DA INDÚSTRIA MADEIREIRA

4.1. SIGLAS

Abimaq Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos.

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas.

ABRAF Associação Brasileira de Produtores de Florestas Plantadas.

ABRAMADE Associação Brasileira dos Produtores, Atacadistas e Varejistas de Produtos de Madeira.

AIMAT Associação das Indústrias Madeireiras de Altamira.

ANPM Associação Nacional dos Produtores de Piso de Madeira.

APEF Associação Profissional de Engenheiros Florestais do Pará.

ART Associação de Reflorestadores de Tailândia.

ATIBT Associação Técnica Internacional de Madeira Tropical.

AUTEF Autorização de Exploração Florestal.

BNDES Banco Nacional do Desenvolvimento.

CERFLOR Programa de Certificação Florestal.

CGFLOP Comissão de Gestão de Florestas Públicas.

CNEA Cadastro Nacional de Entidades Ambientalistas.

CNFP Cadastro Nacional de Florestas Públicas.

COMEF Comissão Estadual de Floresta.

CONAFLOP Comissão Nacional de Florestas.

CSMEM Câmara Setorial para Máquinas e Equipamentos para Madeira.

EMF Empreendimento de Manejo Florestal.

FIEPA Federação das Indústrias do Estado do Pará.

FNAB Fórum Nacional das Atividades de Base Florestal.

FSB Serviço Florestal Brasileiro.

FUNDEFLOP Fundo Estadual de Desenvolvimento Florestal.

IBDF Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal.

ICMBio Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

IDEFLOR Instituto de Desenvolvimento Florestal do Estado do Pará.

IFT Instituto Floresta Tropical.

IHM Interface Homem Máquina.

INPA Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia.

ITERPA Instituto de Terras do Pará.

IWPA International Wood Products Association.

LAMAPA Laminados de Madeiras do Pará S/A.

MMA Ministério do Meio Ambiente.

OIMT Organização Internacional da Madeira Tropical; International Tropical Timber Organization.

PSQ-PIM Programa Setorial da Qualidade de Portas Internas de Madeira.

SBEF Sociedade Brasileira de Engenheiros Florestais.

SECTAM Secretaria Executiva de Ciência Tecnologia e Meio Ambiente.

SEFA Secretaria de Estado da Fazenda do Pará.

SEMA Secretaria de Estado de Meio Ambiente do Pará.

SIMABB Sindicato das Indústrias Madeireiras de Breu Branco.

SIMAG Sindicato das Indústrias Madeireiras de Goianésia.

SIMAJA Sindicato das Indústrias Madeireiras de Jacundá.

SIMASPA Sindicato das Indústrias Madeireiras do Sudoeste do Pará.

SIMATUR Sindicato das Indústrias Madeireiras de Tucuruí e Região.

SIMAVA Sindicato das Indústrias Madeireiras do Vale do Acará.

SINDIMATA Sindicato das Indústrias Madeireira e Moveleira de Tailândia.

SINDISERPA Sindicato do Setor Florestal de Paragominas.

SNIF Sistema Nacional de Informações Florestais.

SUDAM Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia.

UFRA Universidade Federal Rural da Amazônia.

UICN União Internacional para a Conservação da Natureza.

UNIFLORA Associação da Cadeia Produtiva Florestal da Amazônia.

VLO Verification of Legal Compliance; Verificação de Origem Legal.

4.2. DICIONÁRIO DA MADEIRA

A - a

Abate *Sm.* *V.Lex.:* **Derruba.**

Abaulamento *Sm.* **1. Defeito na madeira que consiste no empenamento da peça no sentido transversal (largura), resultando numa peça com um lado côncavo e outro convexo.**

"<Abaulamentos> e arqueamentos não devem ser admitidos quando impedirem o aparelhamento de ambas as faces da tábua até sua espessura padrão da madeira aparelhada." (36, p. 184).

V.Lex.: **Encanoamento; V.Sint.:** **Encanoamento da peça.**

Ver: **Defeito na madeira.**

2. Empenamento no sentido transversal da serra fita.

"A lâmina deve ser tensionada de acordo com o <abaulamento> do arco do volante superior ou de ambos os volantes." (36, p. 16).

V.Sint.: **Calo de lâmina.**

Ver: **Serra fita.**

ABIMA *Sf.* **Associação das indústrias de aglomerado, criada em 1967, que até 1994 congregava também as indústrias produtoras de painel.**

"O setor de painéis de madeira industrializada ampliou a sua representatividade, transformando a <ABIMA>, Associação Brasileira da Indústria de Madeira Aglomerada, criada em dezembro de 1967, na ABIPA (...)." (10, p. 9).

V.Sint.: **Associação Brasileira da Indústria de Madeira Aglomerada.**

Ver: **ABIPA.**

ABIMCI *Sf.* **Organização que reúne e representa as indústrias de processamento mecânico de madeira no Brasil, há mais de 35 anos, atuando no apoio e/ou desenvolvimento de projetos que promovam o setor.**

"A Associação Brasileira da Indústria de Madeira Processada Mecanicamente - <ABIMCI> - reúne e representa as indústrias de processamento mecânico de madeira, nas suas múltiplas concepções." (2, p. 2).

V.Sint.: Associação Brasileira da Indústria de Madeira Processada Mecanicamente.

Ver: Comitê Brasileiro CB 31.

ABIPA Sf. Associação das indústrias produtoras de compostos laminados (compensado laminado, compensado sarrafeado, viga laminada) e compostos particulados (aglomerado convencional, OSB, HDF, MDF, MDP), criada em 1994, que tem como objetivos principais representar os associados junto às entidades de direito público e privado, em âmbito nacional e/ou internacional, e apoiar e/ou desenvolver projetos que promovam o setor.

"A <ABIPA> congrega as maiores indústrias produtoras de painéis de madeira industrializada, instaladas no território nacional (...)". (10, p. 9).

V.Sint.: Associação Brasileira da Indústria de Painéis de Madeira.

Ver: Composto laminado; Composto particulado.

ABPM Sf. Associação, fundada em 1969, que congrega as empresas produtoras de madeira preservadas no Brasil, atuando no apoio e/ou desenvolvimento de projetos que promovam o setor.

"Em 1969, foi fundada a <ABPM> (Associação Brasileira dos Preservadores de Madeira) e com isso aumentou o interesse na preservação de madeiras." (118, p. 2).

N. As primeiras práticas de tratamento preservante de madeira, no Brasil, remontam à década de 1940 e foram usadas, sobretudo, no tratamento de postes, para suporte da rede de energia elétrica, e de dormentes, para a construção de estrada de ferro.

V.Sint.: Associação Brasileira de Preservadores de Madeira.

Ver: Composto laminado.

ACA Sf. Prudoto preservativo, composto por amônia, cobre e arsênio, utilizado no procedimento de imunização e autoclavagem da madeira.

"Amônia Cobre Arsênio (<ACA>) e Amônia Cobre Zinco Arsênio (ACZA) são alternativas ao CCA, mas com alguns limites nas aplicações, principalmente em ambientes marinhos." (177, p. 38).

V.Sint.: **Amônia Cobre Arsênio.**

Ver: **CCA; CCB; ACQ; ACZA; Imunização; Autoclavagem.**

Acabamento *Sm.* **Conjunto de operações de beneficiamento da peça de madeira que a torna mais ou menos pronta para seu uso específico.**

"A madeira com teor de umidade por volta de 15% tem suas propriedades melhoradas em vários aspectos, com destaque para a melhoria das propriedades de resistência, facilidade nas operações de <acabamento> (furação, aplainamento, lixamento etc.) (...)." (147, p. 1).

Ver: **Beneficiamento da madeira.**

Aceiro *Sm.* **Faixa sem nenhuma vegetação, com largura de três a quatro metros, limpada em volta da mata explorada, com o objetivo de, em havendo incêndio, impedir que o fogo se espelhe pela floresta.**

"Deve-se manter sempre limpo o <aceiro> para que sirva como uma proteção permanente." (15, p. 91).

N. O aceiro é recomendado quando não há mata virgem em volta da mata explorada, mas aberturas como pastos e roçados.

Ver: **Mata explorada; Extração; Quebra-fogo.**

Acelerador de pega *Sm.* *V.Sint.:* **Agente de cura.**

Acha *Sf.* **Lasca de madeira, com comprimento em torno de 1,5m, geralmente cortada a machado, usada como estaca ou lenha.**

"TAIÚVA (...) Energia: lenha de boa qualidade, com boa combustão, mas não é de fácil transformação em <achas>." (168, p. 323).

Ver: **Estaca; Mourão; Machado.**

Acondicionamento *Sm.* Estágio final do processo de secagem da madeira em estufa, no qual se busca eliminar as diferenças de teor de umidade nas peças e aliviar as tensões causadas pela secagem.

"Para avaliar a qualidade da madeira após o <acondicionamento> faz-se o teste do garfo: quando os dentes do garfo arqueiam para dentro a madeira ainda apresenta endurecimento e o período de acondicionamento deve ser prolongado para cargas semelhantes da mesma espécie." (170, p. 3).

V.Sint.: **Acondicionamento da madeira.**

Ver: **Secagem.**

Acondicionamento da madeira *Sm.* *V.Sint.:* **Acondicionamento.**

ACQ *Sf.* Prudoto preservativo, composto por amônia, cobre e quaternário, utilizado no procedimento de imunização e autoclavagem da madeira.

"Amônia Cobre Quaternário (<ACQ>) é outra alternativa ao CCA que originalmente foi patentado no Canadá (...)." (177, p. 38).

V.Sint.: **Amônia Cobre Quaternário.**

Ver: **CCA; CCB; ACA; ACZA; Imunização; Autoclavagem.**

ACZA *Sf.* Prudoto preservativo, composto por amônia, cobre, zinco e arsênio, utilizado no procedimento de imunização e autoclavagem da madeira.

"Amônia Cobre Arsênio (ACA) e Amônia Cobre Zinco Arsênio (<ACZA>) são alternativas ao CCA, mas com alguns limites nas aplicações, principalmente em ambientes marinhos." (177, p. 38).

V.Sint.: **Amônia Cobre Zinco Arsênio.**

Ver: **CCA; CCB; ACA; ACQ; Imunização; Autoclavagem.**

Adesivo *Sm.* Produto aderente usado para colar as superfícies das peças ou lâminas de madeiras, para produção de madeira laminada ou compensada, ou para compactar fibras ou partículas de madeira no processo de produção de madeira aglomerada.

"Como os <adesivos> normalmente são utilizados na forma líquida, faz-se necessária a transformação do <adesivo> da forma sólida para a líquida". (162, p. 75).

N. Dependendo da natureza química, o adesivo pode ser à base de resina sintética, animal, ou vegetal e dependendo das condições de uso, podem ser curável a frio ou a quente.

V.Lex.: Cola; *V.Lex.:* Resina 2.

Ver: Colagem; Compensado; Cura; Madeira aglomerada; Prensagem.

Adubação Sf. Adição de substâncias, produtos ou organismos ao solo, para aumentar as suas propriedades nutritivas e permitir um maior crescimento e desenvolvimento das mudas de árvore cultivadas.

"A primeira <adubação> química, aos 30 dias após o plantio, é indispensável porque promove o bom desenvolvimento das mudas, dando-lhes maior vigor e tornando-as mais resistentes aos agentes patogênicos e também aos mecânicos (ventos fortes)." (65, p. 25).

Ver: Reflorestamento; Floresta plantada.

Afiação Sf. Procedimento em que se esmerila a face e a costa do dente da serra fita ou serra circular, ou se afina o fio de lâminas de corte da madeira, aguçando-as para a serragem e corte.

"Para a <afiação> perfeita, deve-se inicialmente esmerilhar a parte dianteira dos dentes e, em seguida, a parte traseira (...)." (36, p. 67).

Ver: Afiadeira.

Afiadeira Sf. Máquina para afiação de instrumentos de corte da madeira, como guilhotinas, serras fitas, serras circulares, facas, fresas, formada por um conjunto próprio, com rebolo de esmeril e regulagem para angulação, profundidade, distanciamento dos dentes (passo) e para largura de lâminas diversas.

"A durabilidade e a precisão de uma <afiadeira> de alta rotação, (...), estão naturalmente sujeitas à ação prejudicial da poeira ou quaisquer outros agentes." (36, p. 71).

V.Lex.: **Afiadora; V.Lex.:** **Afiador.**

Ver: **Afiação.**

Afiador *Sm.* *V.Lex.:* **Afiadeira.**

Afiadora *Sf.* *V.Lex.:* **Afiadeira.**

Agente de cura *Sm.* **Produto endurecedor que causa ou regula a reação química de resinas ou adesivos durante o processo de cura.**

"Endurecedor - <agente de cura> que causa ou regula a reação química de resinas para resultar em produtos rígidos (har dener)." (101, p. 19).

V.Lex.: **Endurecedor; V.Sint.:** **Acelerador de pega.**

Ver: **Adesivo; Cura; Compensado.**

Aglomerado *Sm.* *V.Sint.:* **Aglomerado convencional.**

Aglomerado convencional *Sm.* **Painel de fibras de madeira, aglutinadas com adesivos sob pressão e altas temperaturas.**

"O custo artesanal da chapa de cimento-madeira foi superior a de <aglomerado convencional>, no entanto, a fabricação em escala industrial poderá favorecer a diminuição do custo, de modo a tornar competitiva a sua produção." (220, p. 99).

N. O aglomerado convencional se difere do OSB, dentre outros motivos, pelo tamanho das fibras: as fibras do OSB são maiores do que as do aglomerado.

V.Sint.: **Aglomerado.**

Ver: **Painel; Madeira aglomerada.**

AIMEX *Sf.* **Associação, sem fins lucrativos, criada em 1983, por um grupo de empresários, para cuidar dos problemas específicos da exportação dos produtos madeireiro no Estado do Pará.**

"Apesar da grande homogeneidade das empresas madeireiras no Pará, o setor de exportação apresenta características de concentração visto que 80% das exportações são realizadas pelas sessenta empresas membros da <AIMEX>." (195, p. 36).

V.Sint.: Associação das Indústrias Exportadoras de Madeira do Estado do Pará.

Ver: Mercado internacional.

Alburno *Sm.* Camada situada entre a casca e o cerne da madeira, mais permeável e menos resistente que o cerne, constituída por células jovens.

"O cerne em relação ao <alburno>, é mais denso, menos permeável e apresenta maior concentração de extrativos". (162, p. 17).

N. O alburno torna-se cerne a medida em que as células envelhecem.

V.Lex.: Brancal.

Ver: Alburno descolorido; Alburno são; Cerne; Medula.

Alburno descolorido *Sm.* Alburno com coloração atípica para a espécie.

"<Alburno descolorido> (...) Alburno que apresenta uma coloração diferente da normal para a espécie." (41, p. 52.).

Ver: Alburno.

Alburno são *Sm.* Alburno íntegro, sem presença de ataques de fungos ou insetos e sem descolorido anormal para a espécie.

"<Alburno são> (...) não apresenta nenhum sinal de ataque de fungos (podridão, madeira ardida e manchas) e não é descolorido." (41, p.52).

Ver: Alburno.

Alma *Sf.* Porção central do compensado, podendo ser composta por uma ou mais lâminas, por painel sarrafeado ou por peça única de madeira sólida, ou por partículas de madeira compactada com resina e pressão a quente, envolvida pelas capas ou pela capa e contra-capas.

"O compensado também pode ser utilizado em grandes estruturas, formando seções compostas com <alma> em compensado e mesas em madeira maciça." (62, p. 224).

V.Lex.: Miolo.

Ver: Compensado.

2. Porção central da viga "I", com dimensões transversais em torne de 34mm por 175mm, geralmente composta por madeira laminada ou compensada.

"Observa-se ainda um perfeito equilíbrio entre o limite de resistência ao cisalhamento, ocorrendo na região da linha neutra e na região da união entre a <alma> e a mesa."

Ver: Viga "I"; Compensado; Madeira laminada 1.

Alma falha *Sf.* Defeito na camada interna do compensado que se revela em afundamento na face.

"<Alma falha> - ocasiona marca na superfície a que se denomina capa afundada." (101, p. 17).

Ver: Alma; Capa afundada; Compensado.

Altura comercial *Sf.* Extensão do fuste da árvore, que vai da base à primeira bifurcação em galhos, aproveitável comercialmente, conforme a destinação da madeira. A altura comercial varia de espécie para espécie, mas também depende se se trata de árvores de floresta nativa ou de floresta plantada e, sobretudo, da destinação final da madeira.

"Para calcular o volume de cada árvore deve-se utilizar as informações sobre a circunferência à altura do peito (CAP) ou diâmetro à altura do peito (DAP), <altura comercial> e qualidade do tronco (...)." (15, p. 32).

N. Nas florestas naturais da Região Amazônica, costuma-se estimar a altura comercial a partir do DAP: árvores com DAP entre 30 e 45cm são consideradas jovens (árvores para corte futuro) e árvores com DAP acima de 45cm, adultas (comercialmente prontas para corte).

V.Sint.: Altura-útil.

Ver: Estimativa da altura comercial; Diâmetro à Altura do Peito; Árvores adultas; Árvores para a exploração futura.

Altura do dente *Sf. V.Sint.:* **Profundidade do dente.**

Altura-útil *Sf. V.Sint.:* **Altura comercial.**

Amônia Cobre Arsênio *Sf. V.Sint.:* **ACA.**

Amônia Cobre Quaternário *Sf. V.Sint.:* **ACQ.**

Amônia Cobre Zinco Arsênio *Sf. V.Sint.:* **ACZA.**

Anelamento *Sm.* **Procedimento que consiste na retirada de uma faixa de casca de cerca de 10cm, do troco da árvore, contornando toda a circunferência, para eliminar lentamente o vegetal. Esta técnica é usada para eliminar as espécies sem valor comercial e é mais vantajosa (sobretudo no caso das árvores com DAP acima de 15cm) do que a derruba, pois elimina os impactos que a queda de uma árvore, de médio ou grande porte, causa na floresta. O anelamento pode ser simples ou especial. Após o anelamento simples as árvores morrem entre um e dois anos, variando conforme a espécie. No caso do anelamento especial, este tempo é abreviado.**

"O <anelamento> é o método mais utilizado para eliminar lentamente as árvores sem valor comercial." (15, p. 99).

N. Amaral *et al.* (1998) faz a seguinte observação sobre a prática do anelamento:

"Embora haja vantagens em se aplicar o anelamento para promover o crescimento de árvores de valor comercial, é preciso destacar possíveis impactos negativos dessa prática. O anelamento pode reduzir a diversidade de espécies arbóreas na área manejada. Além disso, a fauna pode ser prejudicada, uma vez que algumas dessas espécies aneladas servem como abrigo e fonte de alimento. Finalmente, algumas espécies classificadas como sem valor comercial no presente pode vir a ter valor no futuro. Nesse caso, a eliminação significa uma perda econômica." (15, p. 100).

Ver: **Anelamento simples; Anelamento especial; Desbaste.**

Anelamento especial *Sm.* **Anelamento no qual se utiliza herbicida, óleo queimado (óleo lubrificante usado), ou qualquer outro tipo de produto que acelere o emurchecimento e a morte da árvore.**

"Para usar o <anelamento especial> é necessário evitar contaminação na floresta, treinando o pessoal e usando equipamentos adequados." (15, p. 99).

Ver: **Anelamento.**

Anelamento simples *Sm.* **Anelamento no qual não se utiliza herbicida, óleo queimado (óleo lubrificante usado), ou qualquer outro tipo de produto que acelere o emurchecimento e a morte da árvore.**

"<Anelamento simples>. Usando um machadinho, retira-se uma faixa de 10 cm de largura da casca do tronco (na altura do DAP da árvore). Para garantir a eliminação, faz-se um pequeno corte na base do tronco anelado." (15, p. 99).

Ver: **Anelamento.**

Anel de crescimento *Sm.* **Cada uma das camadas circulares visíveis no topo do lenho cortado.**

"Essa hipótese é consubstanciada pela evolução da secagem de cada <anel de crescimento>, de forma relativamente independente." (155, p. 11).

V.Sint.: **Anel de crescimento da madeira.**

Ver: **Anelamento.**

Anel de crescimento da madeira *Sm.* *V.Sint.:* **Anel de crescimento.**

Ângulo de corte *Sm.* **Ângulo determinado pela inclinação da face do dente com a reta do passo.**

"Usando um outro perfil de dentes, aconselhamos que o <ângulo de corte> não seja menos de que 15° e que a profundidade do dente seja maior do que 10mm." (36, p. 20).

Ver: **Face do dente da serra; Passo; Ângulo de saída.**

Ângulo de saída *Sm.* **Ângulo formado pela inclinação da costa do dente da serra e a reta do passo.**

"DIFICULDADES ENCONTRADAS DURANTE A OPERAÇÃO DO RECALQUE (...)
Pouco <ângulo de saída> (...)." (36, p. 50).

Ver: **Ângulo de corte; Costa do dente da serra; Reta do passo.**

Anti-racha *Sf. V.Sint.:* **Protetor de topo.**

Apara *Sf. 1. Procedimento de resserragem de sobrecomprimentos de peças, toras, ou lâminas.*

"Apara - parte do material não utilizável quando se corta ou <apara>." (151, p. 31).

V.Sint.: **Aparas de topo.**

Ver: **Resserragem; Sobrecomprimento.**

2. Resíduo sólido de madeira, resultante do procedimento de apara.

"Também existem fornecedores que são grandes empresas, e por trabalharem a madeira com bitolas definidas geram grandes quantidades de <aparas>. Entretanto, estas <aparas>, que seriam lixo nas grandes empresas, podem atender a demanda das MPE de artefatos." (192, p. 89).

V.Sint.: **Aparas de madeira.**

Ver: **Resíduo sólido.**

Aparas de madeira *Sf. V.Sint.:* **Apara 2.**

Aparas de topo *Sf. V.Sint.:* **Apara 1.**

Aplainamento *Sm. Operação de usinagem que torna as superfícies das faces e bordas das peças de madeira mais lisas e regulares, ao longo de todo o seu comprimento.*

"No <aplainamento>, as sobremedidas e as irregularidades são retiradas, deixando a superfície mais lisa." (252, p. 27).

Ver: **Usinagem.**

Apodrecimento *Sm.* Deterioração ou decomposição do tecido lenho da madeira causada por ataques de fungos, caracterizada pela alteração da consistência das fibras e pela mudança da coloração natural da madeira.

"SAMAÚMA (...) Extremamente vulnerável a insetos e ao <apodrecimento> quando em contato com o solo." (222, p. 114).

V.Lex.: **Podridão.**

Ver: **Defeito na madeira; Madeira branca.**

APP *Sf.* *V.Sint.:* Área de Preservação Permanente.

Apreensão de madeira *Sf.* Confiscação de madeira ilegal pela polícia ou por agentes de órgão público investidos de poder para tal, tais como agentes do IBMA e da SEMA.

"Aliado a isto está o fato de que as práticas de exploração predatória e/ou ilegal são fracamente coibidas, sendo a <apreensão de madeira> e as multas às madeiras, um aspecto periférico em relação ao volume de produção total de madeira da Amazônia." (181, p. 4-5).

Ver: **Madeira apreendida.**

Área de Preservação Permanente *Sf.* Área protegida por lei, nos termos dos artigos 2º e 3º do Código Florestal Brasileiro, coberta ou não por vegetação nativa, com função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica, a biodiversidade, o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem estar das populações humanas (cf. Código Floresta Brasileiro, ou Lei Federal nº 4.771, de 15 de setembro de 1965).

"Como fica claro a partir do próprio significado da expressão <Área de Preservação Permanente>, essas áreas são locais onde a ação antrópica não deve ocorrer, ou seja, não podem ser objeto de exploração econômica direta." (186, p. 14).

N. A APP e a Reserva Legal (RL) são ambas áreas de preservação, mas uma se diferencia da outro, pelo fato de a RL poder ser, a partir de um PMFS, objeto de exploração; enquanto a APP não pode, em hipótese alguma, ser objeto de exploração.

V.Sint.: **APP.**

Ver: Reserva Legal; Refúgio; PMFS.

Aresta *Sf. V.Lex.:* Quina.

Arqueamento *Sm.* Defeito da madeira que consiste na curvatura ao longo do comprimento da peça, num plano paralelo à face.

"<Arqueamento> é permitido até uma flecha máxima de 5 mm por metro, medida em relação ao comprimento total da peça." (41, p. 36).

Variante: Arqueamento da peça.

Ver: Defeito na madeira.

Arqueamento da peça *Sm. V.Sint.:* Arqueamento.

Arreverso *Sm. V.Sint.:* Grã revessa.

Árvores adultas *Sf.* Árvores de um talhão que atingiram altura e diâmetro (geralmente com DAP acima de 45cm) suficientes para serem selecionadas para corte.

"Quando não é possível selecionar árvores matrizes em número suficiente (quando o estoque de <árvores adultas> for muito baixo), deve-se plantar indivíduos das espécies nas clareiras após a exploração." (15, p. 28).

V.Sint.: Árvores de valor atual.

Ver: Árvores para a exploração futura; Altura comercial; Talhão.

Árvores com potencial para corte futuro *Sf. V.Sint.:* Árvores para a exploração futura.

Árvores de valor atual *Sf. V.Sint.:* Árvores adultas.

Árvores matrizes *Sf.* Árvores de um talhão, com copa boa e DAP entre 30 e 45cm, escolhidas próximo de áreas a serem abertas grandes clareras, mantidas como fontes disseminadoras de sementes para a regeneração da floresta.

"Quando não é possível selecionar <árvores matrizes> em número suficiente (quando o estoque de árvores adultas for muito baixo), deve-se plantar indivíduos das espécies nas clareiras após a exploração." (15, p. 28).

Ver: **Árvores porta-sementes; Extração; Refúgio; Talhão.**

Árvores para a exploração futura *Sf.* **Árvores de um talhão, com DAP entre 30 e 45cm e ainda em fase de crescimento, mantidas para extração em ciclos futuros.**

"Fazer desvios suaves nos trechos da estrada onde houver árvores matrizes, <árvores para a exploração futura> (DAP entre 30 e 45 cm), árvores de valor atual (DAP maior que 45 cm) e variações topográficas (elevações de terreno, baixões)." (15, P. 53).

V.Sint.: **Árvores com potencial para corte futuro; V.Sint.:** **Árvores para colheita futura; V.Sint.:** **Árvores para corte futuro; V.Sint.:** **Árvores para extração futura.**

Ver: **Árvores adultas; Ciclo de extração; Talhão.**

Árvores para colheita futura *Sf.* *V.Sint.:* **Árvores para a exploração futura.**

Árvores para corte futuro *Sf.* *V.Sint.:* **Árvores para a exploração futura.**

Árvores para extração futura *Sf.* *V.Sint.:* **Árvores para a exploração futura.**

Árvores porta-sementes *Sf.* **Árvores mantidas em pé, nos talhões, para produzir sementes e garantir a regeneração natural da floresta explorada.**

"Um dos objetivos do manejo florestal é garantir a continuidade da produção madeireira através do estímulo à regeneração natural nas clareiras e da proteção do estoque de árvores remanescentes (DAP entre 10 e 45 cm). Para isso, deve-se conservar <árvores porta-sementes> na floresta e utilizar técnicas para reduzir os danos ecológicos da exploração." (15, p. 94).

Ver: **Árvores matrizes; Manejo florestal; Refúgio; Talhão.**

Assoalho *Sm.* **Peça de madeira beneficiada com dimensões de corte transversal de 20mm x 100mm, destinada à composição de piso.**

"Tipos de produtos serrados produzidos (pranchas tamanho padrão, molduras, <assoalho>, etc.)." (32, p. 52).

Ver: **Madeira beneficiada; Piso.**

Associação Brasileira da Indústria de Madeira Aglomerada *Sf.* *V.Sint.:* **ABIMA.**

Associação Brasileira da Indústria de Madeira Processada Mecanicamente *Sf.*
V.Sint.: **ABIMCI.**

Associação Brasileira da Indústria de Painéis de Madeira *Sf.* *V.Sint.:* **ABIPA.**

Associação Brasileira de Preservadores de Madeira *Sf.* *V.Sint.:* **ABPM.**

Associação das Indústrias Exportadoras de Madeira do Estado do Pará *Sf.*
V.Sint.: **AIMEX.**

ATPF *Sf.* *V.Sint.:* **Autorização de Transporte de Produtos Florestais.**

Auditoria florestal *Sf.* **Avaliação da atividade florestal, de caráter técnico qualificado e independente, no que diz respeito ao cumprimento das obrigações econômicas, sociais e ambientais, assumidas de acordo com um PMFS, quando do contrato de concessão florestal, ou de certificação ambiental. As auditorias são efetuadas por entidade de órgão público, ou por instituições independentes que concedem selo de certificação ambiental.**

"Os custos diretos de uma <auditoria florestal> incluem o pagamento de uma visita de avaliação preliminar da certificadora escolhida." (80, p. 5).

Ver: **PMFS; Concessão florestal; Certificação florestal.**

Autocarregável *Sf.* **Caminhão, Carreta, ou trator equipados com grua que permite fazer o carregamento e o descarregamento da madeira.**

"Entre as vantagens que o <autocarregável> Connection possui, destaca-se a garantia da conservação das características originais do trator e seu fácil desengate do mesmo, realizado em minutos." (178, p. 128).

Ver: **Colheita florestal; Transporte da madeira.**

Autoclavagem *Sf.* Tratamento preservativo em que se retira o ar e a água das células da madeira e se insere líquido imunizante (produto preservativo), por meio de pressão e compressão à vácuo em autoclave.

"Esterilização (...) processo de eliminação de qualquer forma de vida efetuado <autoclavagem>, filtração, radiação ou por produtos químicos." (151, p. 115).

N. No procedimento de autoclavagem, após o carregamento da madeira e a porta da autoclave ser hermeticamente vedada, aplica-se uma pressão negativa (vácuo), para retirar o ar e a umidade do tecido da madeira, e em seguida, sem permitir a entrada de ar no cilindro, é inserido líquido imunizante para ocupar todos os espaços vazios no interior da autoclave.

V.Sint.: Tratamento sob pressão; *V.Sint.:* Tratamento a vácuo.

Ver: Autoclave; Imunização; Tratamento sem pressão.

Autoclave *Sf.* Cilindro de aço com uma porta numa das extremidades, normalmente com 2m de diâmetro por até 25m de comprimento e com capacidade de suportar pressões de até 18kg/cm², utilizado no processo de tratamento a vácuo da madeira.

"Após o carregamento da <autoclave>, é dado um vácuo (pressão negativa), que retira o ar e a umidade das células da madeira." (172, p. 1).

Ver: Autoclavagem.

Autorização de Transporte de Produtos Florestais *Sf.* Documento de licença para transporte de produto madeireiro, emitido pelo IBAMA e destinado a pessoas físicas ou jurídicas, consumidoras de produtos florestais, que em 2006 foi substituído pelo Documento de Origem Florestal (DOF).

"ATPF (<Autorização de Transporte de Produtos Florestais>) - Documento anteriormente emitido pelo IBAMA para pessoas físicas e jurídicas, consumidoras de matéria-prima florestal utilizado para controlar o transporte de produtos florestais, em especial madeira e carvão." (252, p. 95).

V.Sint.: ATPF.

Ver: Documento de Origem Florestal.

Azulamento *Sf.* **Alteração na cor natural da madeira, geralmente para uma tonalidade azulada, causada por fungos.**

"<Azulamento> causado por fungos, afetando a qualidade das capas." (61, p. 85).

Ver: **Estria mineral; Defeito na madeira.**

B - b

Baiana *Sf. V.Lex.:* **Suspiro.**

Bandeja *Sf.* **Suporte de plástico, madeira, papelão, isopor, metal, usado para apinhar as mudas em tubetes, nas estufas.**

"<Bandeja> - (1) tabuleiro de várias formas e feitios, feito de madeira, papelão, isopor, plástico, metal ou outro material, utilizado em viveiros (...)." (151, p. 42).

Ver: **Reflorestamento; Estufa; Muda; Tubete.**

Batente *Sm.* **Peça de madeira beneficiada com dimensões de corte transversal de 45mm por 145mm.**

"[Angico-preto] Indicação de Uso (...) Na construção rural, em caibros, esquadrias, <batentes>, vigas e tacos." (168, p. 38).

Ver: **Madeira beneficiada.**

Bateria *Sf.* **Conjunto de fornos carvoeiros (composto, no caso de fornos de alvenaria, geralmente por 9 fornos e no caso de fornos metálicos, por 20) sob a responsabilidade operacional de uma equipe de operadores.**

"O forno de 5m de diâmetro, com melhor controle de entrada do ar e vida útil mais longa, é usado pelas empresas siderúrgicas com produção própria, em <baterias> de 36 a 108 fornos." (70, p. 3).

Ver: **Carvão vegetal; Carvoaria.**

Beneficiamento da madeira *Sm.* **Procedimento, como secagem, resserragem e usinagem (aplainamento, desengrosso, desempeno, molduramento, torneamento, recorte, furação, respigado, ranhurado), que melhora o estado da madeira serrada e agrega valor às peças.**

"A melhoria do nível de <beneficiamento da madeira> é um fator de melhor aproveitamento da matéria prima e de maior valorização do produto." (160, p. 101).

Ver: **Madeira beneficiada; Madeira tratada.**

Bica corrida *Sf.* **1. Madeira não selecionada, ou madeira serrada sem prévia especificação de um contrato, que compreende todo o produto da tora, com exceção das peças inaproveitáveis ou refugos. 2. Madeira que compreende o produto total de uma tora, sem a separação de peças de cerne e de peças de alburno.**

"(...) madeira não selecionada (<bica corrida>) que compreende todo o produto da tora exceto as peças inaproveitáveis." (252, p. 84).

V.Sint.: **Madeira tipo bica corrida; V.Sint.:** **Não selecionados.**

Ver: **Madeira de primeira qualidade; Madeira serrada; Madeira beneficiada.**

Bicada de pássaros *Sf.* **Defeito da madeira que consiste no desvio local das fibras, resultante de bicadas de pássaro, que às vezes se apresenta acompanhado de depressão e/ou casca inclusa.**

"(...) as exigências de rendimentos de cortes devem ser as mesmas como especificado nas Classes-Padrão, exceto que serão admitidos sem limite, furos de inseto, <bicadas de pássaros> e estrias." (234, p. 140).

Ver: **Defeito na madeira.**

Biomassa *Sf.* *V.Sint.:* **Biomassa de madeira.**

Biomassa de madeira *Sf.* **Matéria orgânica, resultante do processamento da madeira, constituída pelos resíduos vegetais.**

"Pioneira no mercado de <biomassa de madeira>, a Brancalhão através de sua infra-estrutura interna e visão empreendedora, consegue garantir a liderança absoluta do segmento, possuindo um quadro de fornecedor estável e qualitativamente regular atuando em todo Brasil (...)." (177, p. 20).

V.Sint.: **Biomassa.**

Ver: **Resíduo; Serrapilheira.**

Bitola *Sf. V.Lex.:* **Dimensão.**

Bloco *Sm.* **1. Peça de madeira, em formato retangular, que resulta de uma tora após o desdobro das costaneiras; ou porção de uma tora com pelo menos duas laterais faceadas, destinada, geralmente, à produção de lâminas faqueadas.**

"Os principais produtos de madeira beneficiada são tábuas serradas e, ou, beneficiadas (de madeira verde, seca ao sol e seca em estufa), barrotes de madeira em várias bitolas, pranchas e <blocos> de madeira serrada e, ou, beneficiada, sobras para ripado e caibro de casas e lenha para padarias." (190, p. 218).

V.Sint.: **Bloco de madeira serrada; V.Sint.:** **Madeira em bloco; V.Sint.:** **Bloco maciço; V.Sint.:** **Bloco maciço de madeira.**

Ver: **Costaneira; Desdobro; Faqueamento.**

2. Peça de madeira com dimensões de corte transversal a partir de 100mm x 100mm.

"A madeira serrada será classificada de acordo com as seguintes dimensões: (...) <Bloco>, quadrado ou filé (...)." (43, p. 19).

V.Lex.: **Quadrado.**

Ver: **Peça de madeira.**

Bloco de madeira serrada *Sm. V.Sint.:* **Bloco 1.**

Bloco maciço *Sm. V.Sint.:* **Bloco 1.**

Bloco maciço de madeira *Sm. V.Sint.:* **Bloco 1.**

Boca *Sf.* Abertura no tronco da árvore, à altura de 20cm do solo, oposta ao corte de abate, formada por um corte na horizontal e outro de cima para baixo num ângulo aproximado de 45 graus. A boca tem a finalidade de direcionar a queda da árvore e de evitar a rachadura do lenho.

“Erro no corte da <boca> (profundidade e ângulo). Se o corte diagonal for menor que 45 graus e não interceptar o corte horizontal, as chances da árvore rachar durante a queda são maiores.” (15, p. 71).

V.Sint.: **Entalhe direcional.**

Ver: **Derruba; Corte de abate.**

Bolacha *Sf.* Diedro cortado na base do caule da árvore, num ângulo aproximado de 45 graus, para a abertura da boca, quando da derruba da árvore.

“O operador examina a vegetação ao redor da fava-de-bolota, avalia a inclinação do tronco em relação ao solo, o fuste e a disposição de imensa copa espraiada sobre a floresta amazônica, (...). Então pega a motosserra e perfura o caule até o cerne para checar a integridade (...). Depois, tira uma <bolacha> - termo usado para designar o diedro cortado na base do caule, ...” (90, p. 23).

Ver: **Boca.**

Bolha *Sf.* Saliência na superfície do compensado que consiste na elevação da lâmina de capa ou contra-capas, causada pela separação entre folhas ou camadas, geralmente invisível nas bordas do compensado.

"<Bolha> - elevação da superfície, proveniente de uma separação entre folhas geralmente não visível nas bordas do compensado." (101, p. 17).

Ver: **Compensado; Madeira laminada.**

Bolor *Sm.* Formação de fungos emboloradores na superfície da peça de madeira, que se desenvolvem sob influência do calor e da umidade.

"A madeira é sujeita ao <bolor>, dando formação de mancha azul." (128, p. 194).

V.Lex.: **Mofo.**

Ver: **Fungo embolorador.**

Bolsa de resina *Sf.* **Cavidade mais ou menos alongada, no tecido da madeira, contendo resina.**

"(...) as <bolsas de resina> não são consideradas como defeitos e, portanto, são permitidas dentro dos cortes limpos." (41, p. 40).

Ver: **Madeira serrada.**

Borato de Cobre Cromatado *Sm. V.Sint.:* **CCB.**

Borda *Sf.* **Porção que corresponde a cada uma das duas menores superfícies longitudinais de uma peça de madeira.**

"Alburno é permitido, contanto que não exceda à metade da largura, à metade da espessura e ocorra apenas numa <borda>." (41, p. 42).

V.Sint.: **Face lateral.**

Ver: **Face 1; Quina; Topo.**

Borda aparada *Sf.* **Borda de sarrafo, ou outra peça de madeira, que foi mecanicamente beneficiada para permitir uma perfeita junção.**

"<Bordas aparadas> - bordas de sarrafo mecanicamente beneficiadas para possibilitar perfeita junção." (101, p. 17).

Ver: **Finger-joint; Junta; Compensado.**

Brançal *Sm. V.Lex.:* **Alburno.**

Bricket *Sm. V.Empr.:* **Briquete.**

Briquete *Sm.* Produto de alto teor energético, obtido por um processo industrial que compacta, sob alta pressão e calor, as partículas de fibra de madeira, provenientes do aproveitamento dos resíduos de madeira (sólidos ou não-sólidos), ou da trituração de toras, apresentando forma regular (geralmente cilíndrica, com 10cm de diâmetro por 50cm de comprimento) e constituição homogênea, destinado à geração de energia térmica, principalmente em fornos industriais, em substituição à lenha ou ao carvão.

"Verificar se existe um controle da medição da produção de produtos a partir do consumo do carvão (ferro gusa, carvão industrializado/ensacado, <briquete>, etc.) e solicitar dados ou planilhas." (43, p. 6).

V.Empr.: **Bricket.**

Ver: **Produto madeireiro.**

C - c

Cabeçote *Sm.* Conjunto equipado com garra, serra e rolos de tração, adaptável à grua de um trator (harvester), que permite numa só operação a derruba, o descasque e o traçamento da árvore.

"O projeto robusto e componentes já testados na prática garantem que os <cabeçotes> Valmet suportam as condições mais intensas de trabalho." (178, p. 27).

V.Sint.: **Cabeçote processador.**

Ver: **Colheita florestal; Harvester; Derruba; Descasque; Traçamento; Rolos de tração.**

Cabeçote processador *Sm.* *V.Sint.:* **Cabeçote.**

Cadeia de custódia *Sf.* *V.Sint.:* **Certificação de cadeia de custódia.**

Caibrinho *Sm.* Peça de madeira com espessura de 35mm por 50mm e com comprimento a partir de 2m.

"BOLETIM DE PREÇOS MÍNIMOS DE MERCADO - MADEIRA - PRODUTO [XIII - 3] <CAIBRINHO> (3,5 x 5,0) a partir de 2,00m de comprimento." (202, p. 3).

Ver: **Caibro; Peça de madeira.**

Caibro *Sm.* **Peça de madeira serrada, com espessura entre 40mm e 80mm, largura entre 50mm e 80mm e com o comprimento variando de acordo com a destinação.**

"(...), os principais produtos comercializados foram peças rústicas utilizadas nesse tipo de construção. Por exemplo, vigas e <caibros>, utilizados principalmente para estruturas de telhados". (219, p. 28).

Ver: **Caibrinho; Pernamanca.**

Caieira *Sf.* **Forno rudimentar, que consiste num buraco aberto no chão, preenchido com lenha e depois coberto com uma argamassa feita de argila (barro), deixando alguns furos para o controle da oxigenação, usado para a carbonização parcial da madeira, na produção do carvão vegetal.**

"A produção de carvão vegetal é uma atividade realizada tanto por mulheres quanto por homens, em <caieiras>, com dimensões variadas (...)." (125, p. 74).

Ver: **Forno; Carbonização; Carvão vegetal; Carvoaria.**

Cálculo de espessura de serrim *Sm.* **Cálculo para medir a espessura da lasca produzida por cada dente da serra. Este cálculo é obtido pela fórmula $C = S \times P / 60 \times V$ (C igual a S vezes P, dividido por 60 vezes V), em que S é a velocidade de alimentação em m/min, P o passo dos dentes em mm, V a velocidade periférica da lâmina em m/seg e C a espessura do serrim.**

"<CÁLCULO DE ESPESSURA DE SERRIM> (OU ESPESSURA DA LASCA PRODUZIDA POR CADA DENTE) (...) Fórmula básica: $C = S \times P / 60 \times V$." (36, p. 13).

Ver: **Serra fita.**

Calo *Sm. V.Sint.:* **Calo de lâmina.**

Calo de lâmina *Sm.* Defeito no corpo da serra fita, que consiste em pequenas saliências ou no empenamento no sentido transversal da serra.

"Os <'calos' de lâminas> nada mais são do que mossas, e mesmo novas, quase todas as lâminas já os trazem." (94, p. 80).

V.Lex.: **Abaulamento 2**; *V.Sint.:* **Calo**; *V.Lex.:* **Mossa**.

Ver: **Corpo da serra**.

Camada *Sf.* Poção de lâmina de madeira, constituída por uma ou mais folha laminada, com grãs dispostas paralelamente entre si.

"Compensado é geralmente construído a partir de um número ímpar de <camadas> com grãs das lâminas adjacentes perpendiculares entre si" (101, p. 18).

Ver: **Compensado; Madeira laminada**.

Camada externa *Sf.* *V.Sint.:* **Lâmina externa**.

Canaleta *Sf.* *V.Lex.:* **Ranhurado**.

Canteamento *Sm.* Procedimento de corte longitudinal raso, por meio do qual são retirados os cantos e definida e uniformizada a largura da peça de madeira.

"Câncer, fungos, buracos e grandes nós secos, porém, significam defeitos extensivos, não supostos a desaparecer no <canteamento>, devendo o serrador orientá-las para o centro da face pior." (36, p. 128).

V.Morf.: **Cantear**; *V.Sint.:* **Procedimento de cantear**.

Ver: **Topejamento; Madeira serrada**.

Cantear *V.* *V.Morf.:* **Canteamento**.

CAP *Sf.* *V.Sint.:* **Circunferência à Altura do Peito**.

Capa *Sf.* **Lâmina que reveste a melhor face de um compensado de qualquer classe, ou, no caso de compensado de faces iguais, que reveste as duas faces.**

"A lâmina que irá compor a <capa> normalmente é de qualidade superior à da contracapa, principalmente se o painel for destinado a um uso final em que a estética seja essencial." (137, p. 36).

V.Sint.: **Lâmina de capa.**

Ver: **Compensado; Contracapa; Madeira laminada.**

Capa afundada *Sf.* **Capa com afundamento ou depressão decorrente de falha no miolo do compensado.**

"Alma falha - ocasiona marca na superfície a que se denomina <capa afundada>." (101, p. 17).

Ver: **Capa; Alma falha; Compensado.**

Capoeira *Sf.* **Área de floresta, constituída por uma vegetação rala e pouco desenvolvida, que se forma após o corte raso da floresta nativa.**

"As <capoeiras> que fazem limite com os pastos são menos suscetíveis ao fogo" (15, p. 87).

Ver: **Floresta; Floresta secundária.**

Carbonização *Sf.* **Queima parcial da madeira em fornos carvoeiros ou caieiras, para produção de carvão vegetal.**

"Durante a <carbonização>, que leva vários dias, a entrada de ar (por orifícios perto do chão do forno) deve ser rigorosamente controlada por operadores treinados (...)" (139, p. 78).

V.Sint.: **Ignição da lenha.**

Ver: **Carvão vegetal; Forno; Caieira; Carvoejamento; Carvoaria.**

Carga *Sf.* **Quantidade de lenha suficiente para preencher o forno carvoeiro.**

"O método de carbonização foi o de <carga> com reposição, duplicando o volume de lenha enfiada (...)" (139, p. 81).

V.Sint.: **Carga de lenha.**

Ver: **Carvão vegetal; Carregamento₁; Descarga; Forno.**

Carga de lenha *Sf.* *V.Sint.:* **Carga.**

Carregamento *Sm.* **1. Preenchimento do forno carvoeiro com a carga de lenha que lhe é compatível.**

"O <carregamento> é feito por batelada, sendo a madeira cortada em toras de 1,0 a 2,0 m de comprimento." (70, p. 2).

V.Sint.: **Carregamento do forno.**

Ver: **Carga; Descarga; Forno.**

2. Procedimento de embarque da madeira em tora, em caminhões ou em balsas, para o transporte da mesma, do pátio de estocagem para o porto ou para a serraria, ou do porto próximo ao local de extração para outro porto próximo à serraria; ou procedimento de embarque da madeira serrada, em navios, destinada à exportação (mercado nacional ou exterior).

"O tipo de caminhão adequado depende principalmente da distância, da qualidade das estradas, do equipamento para o <carregamento> e descarregamento e da capacidade de carga." (234, p. 38).

V.Sint.: **Carregamento da madeira.**

Ver: **Carregamento da balsa; Carregamento do caminhão; Transporte da madeira.**

Carregamento da balsa *Sm.* **Procedimento de embarque da madeira em tora numa balsa.**

"Para efetuar o <carregamento da balsa> tipo Catamarã poderá ser usado de preferência, um guincho instalado na popa da balsa ou na margem do rio." (139, p. 56).

V.Sint.: **Carregamento da madeira em balsa.**

Ver: **Carregamento 2; Transporte da madeira.**

Carregamento da madeira *Sm. V.Sint.:* **Carregamento 2.**

Carregamento da madeira em balsa *Sm. V.Sint.:* **Carregamento da balsa.**

Carregamento da madeira em caminhão *Sm. V.Sint.:* **Carregamento do caminhão.**

Carregamento do caminhão *Sm. Procedimento de embarque da madeira em tora num caminhão.*

"Para se efetuar o <carregamento dos caminhões> no pátio existem vários métodos e equipamentos, devendo-se utilizar sempre os mais adequados para cada situação." (235, p. 39).

V.Sint.: **Carregamento da madeira em caminhão.**

Ver: **Carregamento 2; Transporte da madeira.**

Carregamento do forno *Sm. V.Sint.:* **Carregamento.**

Carvão *Sm. V.Sint.:* **Carvão vegetal.**

Carvão de lenha *Sm. V.Sint.:* **Carvão vegetal.**

Carvão de resíduo *Sm. V.Sint.:* **Carvão vegetal de resíduo.**

Carvão vegetal *Sm. Produto florestal madeireiro, resultante da carbonização da madeira, usado como termo-redutor na produção do ferro gusa e como combustível na produção de energia térmica, destinado, principalmente, às siderúrgicas e às fábricas de cimento.*

"A produção de <carvão vegetal> em toda a Amazônia Legal foi estimada, em 1972, em cerca de 50.000 m³, dos quais 14.000m³ destinadas a uso doméstico." (230, p. 22).

N. No Pará (e em toda a Região Amazônica), o carvão vegetal ainda é muito utilizado como combustível doméstico, nas residências populares onde não há folgão a gás, em substituição ao gás de cozinha.

V.Sint.: **Carvão; V.Sint.:** **Carvão de lenha.**

Ver: **Carbonização; Carvoejamento; Carvoaria; Carvão vegetal de resíduo; Forno.**

Carvão vegetal de resíduo *Sm.* **Carvão resultante da carbonização de refugo ou resíduos sólidos de madeira, apresentando heterogeneidade na forma e na densidade.**

"<Carvão vegetal de resíduo> - Substância combustível, sólida, negra, resultante da carbonização de resíduo da industrialização da madeira, podendo apresentar diversas formas e densidades." (43, p. 18).

V.Sint.: **Carvão de resíduo.**

Ver: **Carvão vegetal; Refugo; Resíduo sólido.**

Carvoaria *Sf.* **Local de produção de carvão vegetal, contendo um conjunto de baterias e infra-estrutura necessária para o carvoejamento, tais como abastecimento de água e pátio de estocagem para a lenha e para o carvão.**

"Uma <carvoaria> é composta de várias baterias e da infra-estrutura indispensável à produção (...)." (139, p. 77).

Ver: **Carvão vegetal; Bateria; Forno.**

Carvoejamento *Sm.* **Atividade de produção de carvão vegetal. O processo de produção do carvão vegetal compreende as etapas de secagem da lenha (no sol), carregamento do forno, combustão, esfriamento e descarregamento ou retirada do carvão do forno.**

"A atividade de <carvoejamento> no Brasil é muito antiga, tendo como seu principal propulsor o uso do carvão vegetal como termo-redutor na produção de ferro gusa." (139, p. 77).

Ver: **Carvão vegetal; Carregamento 1; Carbonização; Resfriamento 2; Descarga.**

Casa pré-fabricada *Sf.* **Casa de madeira, fabricada em partes montáveis, que pode ser transportada e montada.**

"O volume de madeira vendido na forma de móveis populares representou (15%); forros, pisos e esquadrias somaram 11%; enquanto <casas pré-fabricadas> de madeira totalizaram apenas 3% e móveis finos e peças de decoração 1%." (219, p. 8).

V.Sint.: **Casa pré-fabricada de madeira.**

Ver: **Produto madeireiro.**

Casa pré-fabricada de madeira *Sf. V.Sint.:* **Casa pré-fabricada.**

Casca inclusa *Sf.* **Vestígio de casca no cerne da madeira, resultante de crescimento irregular da árvore causado pela cicatrização de algum tipo de trauma ou ferimento sofrido pela árvore quando era mais nova.**

"<CASCA INCLUSA> São os vestígios de casca que ficam dentro da madeira (árvore) (...)." (36, p. 169).

Ver: **Defeito na madeira.**

Caule *Sm. V.Lex.:* **Fuste.**

Cavaco *Sm.* **Sobras de madeira constituídas por resíduo sólido de pequena dimensão, ou fragmentos de madeira resultantes da trituração de toras ou de resíduos sólidos, em máquinas de trituração ou picadores de madeira.**

"(...) muitos países consideram a necessidade de profundas mudanças, incluindo a intensificação do aproveitamento de outras fontes energéticas, sobretudo as renováveis, incluindo-se a madeira - destaque para a casca, <cavaco>, costaneira, pó de serra (...)." (2, p. 16).

Ver: **Resíduo; Picador de madeira.**

CBMF *Sm. V.Sint.:* **FSC Brasil.**

CCA *Sm.* Prudoto preservativo mais comum utilizado no procedimento de imunização e autoclavagem da madeira. O CCA é composto por três substâncias químicas: o cromo, o cobre e o arsênio. Cada substância possui ação específica: o cromo tem ação antifúngica; o cobre, ação antifúngica e inseticida; e o arsênio, ação estabilizadora, que garante à madeira maior resistência e proteção aos raios ultravioletas. Na aplicação do CCA em solução de água, os três componentes reagem quimicamente com a madeira, garantindo, com isto, uma maior fixação.

"Tanto para o <CCA> como para o CCB, o nível adequado de retenção dependerá do risco de degradação biológica da madeira." (115, p. 2).

N. CCA é muito usado em combinação com o creosoto.

V.Sint.: **Cromo Cobre Arsênio.**

Ver: **Creosoto; ACA; CCB; ACQ; ACZA; Imunização; Autoclavagem.**

CCB *Sm.* Prudoto preservativo, composto por cromo, cobre e borato, utilizado no procedimento de imunização e autoclavagem da madeira.

"Os principais preservantes para evitar a degradação biológica da madeira são o creosoto (preservante oleoso), o CCA e o <CCB>, ambos preservantes hidrossolúveis." (115, p. 2).

V.Sint.: **Cromo Cobre Borato; V.Sint.:** **Borato de cobre cromatado; V.Sint.:** **Sais de Wolman.**

Ver: **CCA; ACA; ACQ; ACZA; Imunização; Autoclavagem.**

Celulose *Sf.* Produto florestal, resultante da dissociação e desintegração do principal componente da parede da célula vegetal (o carboidrato), obtido por meio de processos mecânico e químico, utilizado como matéria-prima na produção de papel, papelão e similares.

"Praticamente, as plantações florestais destinadas a produção de madeira para energia, <celulose> e processamento mecânico, são muito mais responsáveis pela formação dos macro-indicadores do setor florestal brasileiro que as florestas nativas (...)." (178, p. 52).

Ver: **Polpa de madeira; Produto florestal.**

Censo *Sm. V.Sint.:* **Censo florestal.**

Censo florestal *Sm. Inventário de todo o estoque de árvores de valor comercial existentes em um talhão, efetuado um ou dois anos antes da extração. O censo deve identificar também as árvores matrizes e as árvores com potencial para corte futuro.*

"A seleção das árvores a serem beneficiadas para o segundo corte (por exemplo, DAP maior que 30 cm) é feita com base nos dados do <censo florestal>." (15, p. 98).

V.Sint.: **Censo**; *V.Sint.:* **Inventário florestal.**

Ver: **Árvores matrizes; Árvores para a exploração futura.**

Cerne *Sf. Parte interna do lenho da árvore, entre o alburno e a medula, constituída pelo tecido celular mais velho e mais denso da árvore, e de cor mais escura que a do alburno.*

"(...) as madeiras extraídas do cerne são conformadas por células vegetais mais antigas e, por conseguinte, apresentam-se compactas, rígidas, pouco atacáveis por xilófagos" (124, p. 27).

Ver: **Alburno; Medula; Cerne quebradiço.**

Cerne quebradiço *Sm. Defeito na parte central do cerne da madeira, caracterizado por ser muito frágil (quebradiço).*

"<Cerne quebradiço> não é permitido." (41, p. 35).

Ver: **Cerne.**

Certificação de cadeia de custódia *Sf. Certificação baseada num mecanismo de monitoramento e controle que rastreia o produto florestal desde a floresta até o consumidor final, ou, no caso de produtos recuperados, desde o ponto de recuperação até o consumidor final. A certificação de cadeia de custódia se destina às empresas que têm como matéria-prima produtos de origem florestal, mas não possuem unidade de manejo ou floresta manejada, precisando comprar sua matéria-prima de outras empresas.*

"Não é preciso ser proprietário de florestas certificadas para obter a <Certificação de Cadeia de Custódia>, e sim consumir insumos provenientes de áreas florestais certificadas." (185, p. 20).

V.Sint.: **Cadeia de custódia; V.Sint.: Certificação de cadeia de custódia FSC.**

Ver: **FSC; Certificação de unidade de manejo.**

Certificação de cadeia de custódia FSC *Sf. V.Sint.:* **Certificação de cadeia de custódia.**

Certificação de unidade de manejo *Sf. V.Sint.:* **Certificação de unidade de manejo florestal.**

Certificação de unidade de manejo florestal *Sf.* **Certificação destinada a empresas que exploram unidades de manejo ou floresta manejada e fornecem produtos de origem florestal como matéria-prima para outras empresas.**

"Localização, área e ano de <certificação de unidades de manejo florestal> por empresas na Amazônia." (157, p. 50).

V.Sint.: **Certificação de unidade de manejo.**

Ver: **Certificação FSC; Certificação de cadeia de custódia; Unidade de manejo; Floresta manejada.**

Certificação florestal *Sm.* **Contrato no qual uma empresa se submete aos princípios e critérios estabelecidos por uma organização certificadora de produtos florestais. As organizações certificadoras podem ser de caráter público (entidades subordinadas a órgão público), ou de caráter independente, de âmbito nacional e/ou internacional.**

"Para a construção do nosso material empírico, foram selecionadas 50 matérias jornalísticas, de distintos veículos não especializados, compostas por discursos sobre a <certificação florestal> na Amazônia." (157, p. 15).

Ver: **Certificação FSC; Produto florestal certificado.**

Certificação florestal FSC *Sf. V.Sint.:* **Certificação FSC.**

Certificação FSC *Sf.* Contrato no qual uma empresa se submete aos princípios e critérios do FSC. A certificação do FSC é concedida por organizações certificadoras credenciadas pelo FSC e não atua sobre material neutro. Há dois tipos de certificação florestal FSC: a certificação de unidade de manejo e a certificação de cadeia de custódia. As empresas certificadas pelo FSC têm os seus produtos de origem florestal identificados com o selo FSC.

"O FSC criou, além dos padrões para o manejo de florestas, as normas de rastreabilidade, surgindo, assim, um segundo tipo de <certificação FSC>, denominado Certificação de Cadeia de Custódia." (185, p. 12).

N. As exigências para que uma empresa e seus produtos recebam a certificação do FSC se baseiam no tripé da sustentabilidade, indo do cumprimento da legislação ambiental e social à melhoria e redução continuadas das ações de impacto ambiental.

V.Sint.: Certificação florestal FSC.

Ver: FSC; Certificação de unidade de manejo; Certificação de cadeia de custódia; Material neutro; Produto certificado FSC.

CH *Sm.* *V.Sint.:* Conteúdo de umidade.

Chapa de cimento-madeira *Sf.* Chapa compacta, resultante da prensagem a frio do compósito de serragem, cimento e agente de cura, usada na construção civil como alternativa às chapas aglomeradas e à madeira sólida.

"<Chapas de cimento-madeira> (Wood-Cementboard) - São chapas produzidas a partir da mistura de partículas de madeira com um aglutinante mineral (cimento) e compostos químicos aceleradores de cura, e consolidadas através de prensagem a frio" (162, p. 44).

Ver: Madeira-cimento.

Chapa de Compensado *Sf.* *V.Sint.:* Compensado.

Chapa de madeira aglomerada *Sf.* *V.Sint.:* Painel de madeira reconstituída.

Chapa de madeira compensada *Sf. V.Sint.:* **Compensado.**

Chapa de madeira reconstituída *Sf. V.Sint.:* **Painel de madeira reconstituída.**

Chapa dura *Sf.* **Chapa de espessura fina, resultante da prensagem de fibras de madeira por meio de um processo a quente e úmido que reativa os aglutinantes naturais da própria madeira, conferindo ao produto final alta densidade.**

"Também conhecida como <chapa dura> (hardboard), a chapa de fibra é uma chapa de espessura fina (...)." (134, p. 124).

N. As chapas duras, como HDF e SDF, são produzidas por via úmida, diferentemente do aglomerado convencional, do MDP, do MDF e do OSB que são compactados por via a seco.

V.Estr.: **Hardboard.**

Ver: **HDF; SDF.**

Ciclo de corte *Sm. V.Sint.:* **Ciclo de extração.**

Ciclo de extração *Sm.* **Período decorrido entre dois momentos de extração da madeira de determinada floresta. Os ciclos de extração têm como principais objetivos garantir a recuperação da floresta, dos impactos da extração, e evitar o corte de espécies jovens.**

"(...) a economia começa a declinar depois de oito anos quando as árvores de alto valor são exauridas e um segundo <ciclo de extração> de árvores de médio e baixo valor se inicia." (194, p. 16).

V.Sint.: **Ciclo de corte.**

Ver: **Floresta manejada.**

Cimentomadeira *Sm. V.Sint.:* **Madeira-cimento.**

Cimento-madeira *Sm. V.Sint.:* **Madeira-cimento.**

Cipós *Sm.* Plantas trepadeiras que crescem e se desenvolvem em torno do fuste e da copa das árvores, sendo comuns em toda a floresta natural da Amazônia, principalmente, nas matas de terra firme.

"A presença de <cipós> interligando as copas das árvores dificulta o direcionamento de queda da árvore a ser extraída. Assim, a possibilidade de essa árvore cair em qualquer direção, arrastando consigo as outras, aumenta as situações de risco de acidentes para a equipe de corte" (15, p.37).

N. Os cipós são muito importantes para a floresta nativa (por ser reserva de água e nutrientes, por produzir frutos para alguns animais etc.), mas quando se trata de extração da madeira, eles aumentam as dificuldades de corte e os riscos de acidentes.

Ver: Corte 4; Corte de cipó; Pré-corte; Derruba; Extração.

Circunferência *Sf.* Medida do contorno do lenho da madeira roliça, efetuada com o auxílio de uma fita métrica.

"Mede-se a <circunferência> ou o diâmetro da árvore para estimar o volume de madeira e ajudar na seleção das árvores a serem exploradas." (15, p. 23).

Ver: Circunferência à Altura do Peito; Diâmetro.

Circunferência à Altura do Peito *Sf.* Medida da circunferência do caule da árvore efetuada à altura do peito do medidor em pé, o que convencionalmente se estima em 1,30m do solo.

"Para calcular o volume de cada árvore deve-se utilizar as informações sobre a <circunferência à altura do peito> (CAP) ou diâmetro à altura do peito (DAP), (...)." (15, p. 32).

V.Sint.: CAP.

Ver: Circunferência; Diâmetro à Altura do Peito.

Cisalhamento *Sm.* Quebra ou deformação que sofre a peça de madeira, quando submetida à pressão ou ao esforço cortante.

"A laminação cruzada confere altas resistências tanto ao longo como através das grãs, o que o torna mais resistente ao <cisalhamento>, fendilhamento e ao impacto." (62, p. 216).

V.Sint.: **Cisalhamento da madeira.**

Ver: **Madeira de reação; Fissura de compressão; Tensão de cisalhamento.**

Cisalhamento da madeira *Sm. V.Sint.:* **Cisalhamento.**

Coefficiente de Rendimento Volumétrico *Sm.* **Coefficiente que se obtém da relação entre o volume da tora processada e o volume obtido de lâminas ou serrados, acrescido, quando for o caso, do volume obtido com produtos de aproveitamento, desde que devidamente comercializados.**

"O órgão ambiental considerará o <coeficiente de rendimento volumétrico> conforme Anexo II, nos casos de não apresentação de estudos específicos". (43, § 6º).

N. O CRV foi instituído pela Resolução do CONAMA N° 411, de 06 de maio de 2009, para ser adotado por órgãos ambientais competentes para a conversão de toras de madeiras de espécies de folhosas tropicais em madeira serrada ou laminada.

V.Sint.: **CRV.**

Ver: **Cubagem; Madeira serrada; Madeira laminada.**

Cola *Sf. V.Lex.:* **Adesivo.**

Colagem *Sf.* **Ligação ou aderência, de superfície ou fragmento de madeira, efetuada por meio de cola ou adesivo.**

"A alta umidade dos cavacos aumenta o custo da secagem, produz fibras crespas que dificultam a <colagem> e demandam mais resina." (64, p. 7).

Ver: **Adesivo; Junta; Compensado; Prensagem.**

Colapso *Sm.* **Defeito de secagem que consiste na contração excessiva das fibras da madeira, causada, geralmente, por secagem artificial muito rápida, resultando em peças com superfícies enrugadas ou com rachaduras em forma de favo.**

"O <colapso> caracteriza-se por ondulações nas superfícies da peça de madeira, que pode apresentar-se bastante distorcidas." (113, p. 2).

Ver: **Rachadura em favo; Defeito de secagem.**

Colchão a seco *Sm. V.Lex.:* **Manta.**

Colheita *Sf. V.Sint.:* **Colheita florestal.**

Colheita da madeira *Sf. V.Sint.:* **Colheita florestal.**

Colheita florestal *Sf.* **Extração da madeira de uma floresta plantada.**

"Isso implica aumento no rendimento das operações de <colheita florestal>, elevando o nível de produtividade e contribuindo para o aumento na competitividade das empresas florestais."(177, p. 60).

N. A colheita florestal muitas vezes é realizada por meio de uma colheitadeira florestal.

V.Sint.: **Colheita da madeira; V.Sint.:** **Colheita.**

Ver: **Extração; Harvester.**

Colheitadeira florestal *Sm. V.Estr.:* **Harvester.**

Comitê Brasileiro CB-31 *Sf.* **Comitê da ABNT, coordenado pela ABIMCI desde 2004, que trata da elaboração e revisão das normas técnicas para uma grande gama de produtos madeireiros, tais como compensado, madeira serrada, painéis de madeira reconstituída, PMVAs, além de procedimentos de secagem e imunização. A CB-31 conta com várias comissões de estudos, cada uma responsável pela revisão e atualização das normas de determinado seguimento da atividade madeireira.**

"A ABIMCI passou a coordenar, em 2004, o <Comitê Brasileiro CB-31> da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) (...)." (2, p. 07).

V.Sint.: Comitê da ABNT para madeiras; V.Sint.: Comitê Brasileiro de Madeiras.

Ver: ABIMCI.

Comitê Brasileiro de Madeiras Sm. V.Sint.: Comitê Brasileiro CB-31.

Comitê da ABNT para madeiras Sm. V.Sint.: Comitê Brasileiro CB-31.

Compensado Sm. Chapa, com ou sem revestimento, composta por lâminas de madeira sobrepostas de modo que as fibras das lâminas fiquem orientadas perpendicularmente entre si. As chapas compensadas são compostas sempre em número ímpar de lâminas, de modo que uma compense a outra, possibilitando maior resistência e estabilidade mecânica à madeira. As dimensões das chapas variam, podendo ter espessura entre 3mm e 35mm e comprimento e largura de 2,10m x 1,60m, de 2,75m x 1,22m, ou de 2,20m x 1,10m, sendo esta última bitola a mais comum.

"A produção de <compensado> envolve equipamento elaborado e quantidades significativas de mão-de-obra para secar, cortar, selecionar, revestir, grampear, colar, prensar e esquadrear os laminados." (229, p. 30).

V.Sint.: Chapa de compensado; V.Sint.: Chapa de madeira compensada; V.Lex.: Contraplacado; V.Sint.: Madeira compensada; V.Sint.: Painel de compensado.

Ver: Madeira laminada; Compensado alveolar; Compensado arqueado; Compensado balanceado; Compensado combi; Compensado homogêneo; Compensado revestido; Compensado lamelado; Compensado laminado; Compensado misto; Compensado multilaminado; Compensado multissarrafeado; Compensado para exterior; Compensado para interior; Compensado sarrafeado; Compensado três camadas; Compregue; Impregue.

Compensado alveolar Sm. Compensado cujo miolo, em madeira ou papelão, é constituído por uma estrutura em forma de favos de mel.

"<Compensado Alveolar> (...) Compensado cujo miolo é constituído por uma estrutura tipo favos (...)." (173, p. 1).

Ver: **Compensado.**

Compensado a prova d'água *Sm. V.Sint.:* **Compensado para exterior.**

Compensado arqueado *Sm.* **Compensado fabricado em formato curvo, com o auxílio de uma prensa com gabarito, para uma destinação específica.**

"<Compensado Arqueado> (...) Compensado em formato de curva, fabricado com o auxílio de uma prensa com gabarito (...)." (173, p. 1).

Ver: **Compensado.**

Compensado balanceado *Sm.* **Compensado fabricado com a máxima simetria das lâminas, que, para isso, devem pertencer à mesma espécie, ter a mesma espessura de corte e a disposição das fibras em mesmo sentido.**

"<Compensado Balanceado> (...) Compensado no qual as lâminas simétricas, em relação a lâmina central, pertencem a mesma espécie (...)." (173, p. 1).

Ver: **Compensado homogêneo; Compensado.**

Compensado combi *Sm.* **Compensado cujas faces são em lâminas de madeira tropical e o miolo em madeira de Pinus.**

"Cabe salientar que inclui-se como compensado tropical o tipo <[compensado] 'combi'> (face em madeira tropical e miolo em madeira de Pinus)." (10, p. 6-7).

Ver: **Compensado; Madeira tropical; Madeira conífera.**

Compensado com miolo sarrafeado *Sm. V.Sint.:* **Compensado sarrafeado.**

Compensado compregue *Sm. V.Sint.:* **Compregue.**

Compensado homogêneo *Sm.* **Compensado multilaminado cujas camadas de lâminas possuem as mesmas características físicas.**

"<Compensado Homogêneo> (...) Compensado multilaminado onde todas as camadas de lâminas possuem as mesmas características físicas (...)." (173, p. 2).

Ver: **Compensado balanceado; Compensado multilaminado; Compensado.**

Compensado impregue *Sm. V.Sint.:* **Impregue.**

Compensado lamelado *Sm.* **Compensado cujo miolo é composto com as fibras dispostas na mesma direção.**

"<Compensado Lamelado> (...) Compensado que tem miolo formado com as fibras na mesma direção." (173, p. 2).

Ver: **Compensado.**

Compensado laminado *Sm.* **Compensado composto por lâminas, geralmente lâminas torneadas.**

"A produção de compensados sarrafeados ainda é reduzida, atingindo uma faixa de apenas 25 a 35% dos painéis compensados produzidos em geral e, por conseqüência, o seu consumo situa-se no baixo nível de 0,25 a 0,35m³ por m³ de <compensado laminado>." (137, p. 6).

Ver: **Compensado; Compensado multilaminado.**

Compensado misto *Sm.* **Compensado composto com lâminas de espécies diferentes, sendo geralmente espécies de folhosas e espécie de coníferas, em que as lâminas interiores são de uma espécie e as exteriores, de outra.**

"<Compensado Misto> (...) Compensado cujas lâminas interiores são de espécies diferentes das lâminas exteriores." (173, p. 2).

Ver: **Madeira de folhosa; Madeira conífera; Compensado.**

Compensado multilaminado *Sm.* **Compensado composto com lâminas finas, com espessura de 0,5mm a 3mm, dispostas alternadamente de modo que as fibras de uma fiquem dispostas perpendicularmente às fibras da outra.**

"Os painéis laminados caracterizam-se pela estrutura contínua da linha de cola formado através do processo de colagem de lâminas, como: <compensado multilaminado>, compensado sarrafeado (...)." (162, p. 34).

Ver: **Compensado; Compensado laminado.**

Compensado multissarrafeado *Sm.* **Compensado cujo miolo é composto por lâminas prensadas e coladas na vertical, resultando num laminado de alta estabilidade.**

"No compensado sarrafeado, o miolo é formado por vários sarrafos de madeira, colados lado a lado. O <[compensado] multissarrafeado> é considerado o mais estável (...)." (252, p. 29).

Ver: **Compensado.**

Compensado para exterior *Sm.* **Compensado composto com lâminas de madeira de folhosas e/ou com produtos preservativos resistentes às intempéries, geralmente adesivos, que tornam adequado o uso do compensado em ambiente exterior.**

"<Compensado Para Exterior> (...) Compensado produzido com materiais, principalmente adesivo, resistentes às intempéries e, portanto, adequado ao uso exterior." (173, p. 3).

V.Sint.: **Compensado para uso externo; V.Sint.:** **Compensado a prova d'água.**

Ver: **Compensado.**

Compensado para interior *Sm.* **Compensado produzido com materiais pouco resistentes às intempéries, principalmente à umidade, destinado a ambientes internos ou sob abrigo de umidade.**

"<Compensado Para Interior> (...) Compensado produzido com materiais pouco resistentes às intempéries (...)." (173, p. 3).

V.Sint.: **Compensado tipo interior.**

Ver: **Compensado.**

Compensado para uso externo *Sm.* *V.Sint.:* **Compensado para exterior.**

Compensado revestido *Sm.* **Compensado com lâmina decorativa, de espécies como mogno, cerejeira, cedro e pau amarelo, colada externamente, destinado, geralmente, à confecção de móveis, portas e acabamentos decorativos.**

Ver: **Compensado; Lâmina decorativa.**

Compensado sarrafeado *Sm.* **Compensado cujo miolo é composto por sarrafos colados lateralmente ou topo a topo, no caso de sarrafos curtos.**

"O termo <compensado sarrafeado> ("blockboard") deve-se ao método de fabricação, que consiste em formar a parte central do painel (miolo), colando-se madeira serrada (sarrafo) em blocos sendo o conjunto, então, revestido com lâminas." (137, p. 6).

V.Sint.: **Compensado com miolo sarrafeado.**

Ver: **Compensado; Sarrafo.**

Compensado tipo interior *Sm.* *V.Sint.:* **Compensado para interior.**

Compensado três camadas *Sm.* **Compensado composto por duas lâminas finas, coladas exteriormente a uma madeira base (que funciona como miolo) de modo que as fibras das lâminas fiquem dispostas perpendicularmente às fibra da madeira do miolo.**

"<Compensado Três Camadas> (...) Compensado constituído de duas lâminas, relativamente finas, coladas exteriormente a uma madeira base (miolo) (...)." (173, p. 3).

Ver: **Compensado.**

Compensado tropical *Sm.* **Compensado fabricado com lâminas de madeira tropical.**

"O preço do <compensado tropical> é, em média, cerca de 60% superior ao do compensado de pinus." (134, p. 145).

Ver: **Compensado; Madeira tropical.**

Componente *Sm.* Cada uma das partes, perfeitamente distinguível, de um produto montado.

"O programa também gera planilha orçamentária que contém a quantificação de <componente> e detalhes de montagem, relacionando todas as peças necessárias para a montagem completa do conjunto estrutural, desde pilares e vigas até encaixes e conexões, com as respectivas dimensões e detalhes." (177, p. 84).

Ver: **Produto montado.**

Composição *Sf.* Procedimento de arranjo das lâminas ou sarrafos durante a fabricação do compensado.

"Painel - chapa de compensado de qualquer <composição>." (101, p. 21).

Ver: **Compensado; Madeira laminada.**

Compósito cimento-madeira *Sm.* *V.Sint.:* Madeira-cimento.

Compósito laminado *Sm.* *V.Sint.:* Composto laminado.

Composto laminado *Sm.* Chapa composto por lâminas, no caso de madeira compensada, ou peça composta por tábuas de espessura de até 25mm coladas umas sobre as outras, no caso de madeira laminadas.

V.Sint.: **Compósito laminado.**

Ver: **Madeira compensada; Madeira laminada 1; Composto particulado.**

Composto particulado *Sm.* Painel, tais como aglomerado convencional, OSB, MDF, HDF e MDP, composto com partículas ou fibras de madeira compactadas com adesivo termofixo sob pressão e altas temperaturas.

"O diagrama da figura 1, apresenta as áreas de abrangência do estudo, envolvendo os seguintes aspectos: <compostos particulados> e de fibras à base de madeira (...)." (162, p. 8).

V.Sint.: **Painel reconstituído.**

Ver: **Composto laminado; Produto madeireiro.**

Compregue *Sm.* **Compensado impregnado com resina sintética, sob pressão, para reduzir o inchamento e a contração da madeira, aumentar a massa específica e melhorar as características mecânicas da chapa.**

"<Compregue> - compensado especial impregnado com resina sintética a comprimido, com a finalidade de reduzir o inchamento e a contração (...)." (101, p. 18).

V.Sint.: **Compensado compregue.**

Ver: **Compensado.**

Compressão a frio *Sf. V.Sint.:* **Prensagem a frio.**

Compressão a quente *Sf. V.Sint.:* **Prensagem a quente.**

Compressão axial *Sf.* **Força ou pressão exercida sobre o eixo longitudinal da peça de madeira.**

"Normalmente se tem aumento da relação entre a resistência à tração na flexão e a <compressão axial>." (78, p. 22).

Ver: **Flexão axial; Cisalhamento.**

Comprimento *Sm.* **Medida de maior extensão de uma peça ou tora de madeira, determinada pela menor distância entre os dois topos da tora ou da peça.**

"Encurvamento é permitido em peças maiores que 3,00 m de <comprimento> até uma flecha máxima de 5 mm por metro, medida em relação a todo o comprimento da peça." (41, p. 36).

V.Sint.: **Comprimento da peça de madeira; V.Sint.:** **Comprimento da peça.**

Ver: **Dimensão; Comprimento médio; Comprimento nominal; Comprimento real; Sobrecomprimento; Diâmetro; Topo.**

Comprimento da peça *Sm. V.Sint.:* **Comprimento.**

Comprimento da peça de madeira *Sm. V.Sint.:* **Comprimento.**

Comprimento médio *Sm.* **Medida obtida pelo cálculo da soma dos comprimentos**

nominais de todas as peças de madeira, dividida pelo número total de peças de um lote.

"Quando o contrato se refere a um <comprimento médio> e/ou largura média, essas dimensões são definidas da seguinte forma: (...)." (41, p. 24).

Ver: **Comprimento.**

Comprimento nominal *Sm.* **Comprimento que as peças de madeira devem ter, a um teor de umidade de 20%.**

"Cada peça deve ser topejada 2 polegadas mais comprida de que seu <comprimento nominal> em pés." (36, p. 131).

Ver: **Comprimento; Comprimento real.**

Comprimento real *Sm.* **Comprimento que as peças de madeira têm no ato da medição e da classificação.**

"(...) o sobrecomprimento é igual ao <comprimento real> menos o comprimento nominal." (41, p. 58).

Ver: **Comprimento; Comprimento nominal.**

Concessão florestal *Sf.* **Contrato no qual o poder público, mediante licitação, concede ao particular o direito de explorar, segundo critérios de manejo e sustentabilidade, determinada floresta pública não destinada, por um período determinado e mediante pagamento.**

"A Floresta Nacional Saracá-Taquera, no Pará, foi selecionada para abrigar o 2º lote de <concessão florestal>, mediante licitação pública e pagamento pelo uso dos recursos florestais." (207, p. i).

N. A concessão florestal não permite: a) a titularidade imobiliária ou preferência em sua aquisição; b) o acesso ao patrimônio genético para fins de pesquisa e desenvolvimento, bioprospecção ou constituição de coleções; c) o uso dos recursos hídricos acima do especificado como insignificante; d) a exploração dos recursos minerais; e) a exploração de recursos pesqueiros ou da fauna silvestre; e f) a comercialização de créditos decorrentes da emissão evitada de carbono em florestas naturais. No caso de reflorestamento de áreas degradadas, o direito de comercializar a emissão evitada do carbono poderá ser incluído nos termos do contrato de concessão (cf. Lei n° 11.284, de 2 de março de 2006).

Ver: Floresta pública; Floresta pública não destinada; Flona.

Condicionamento *Sm.* Procedimento, como o de secagem e preservação, que potencializa as qualidades da madeira e facilita o trabalho de usinagem, permitindo uma melhor utilização e aproveitamento das peças.

"Por outro lado, na análise depois do <condicionamento>, apenas as interações com secagem não foram significativas." (61, p. 264).

V.Sint.: Condicionamento da madeira.

Ver: Secagem; Imunização.

Condicionamento da madeira *Sm. V.Sint.:* Condicionamento.

Conformador *Sm.* Aparelho usado para tornar uniforme (conformar) os dentes da serra.

"É o igualizador ou <conformador>, também regulável para a espessura de travagem requerida." (94, p. 81).

V.Lex.: Igualizador.

Ver: Serra.

Conicidade *Sf.* Defeito da madeira, que consiste na diferença exagerada entre os dois topos do fuste da árvore (fazendo com que a tora assuma a forma geométrica de um cone), que reduz o aproveitamento da tora.

"FIBRAS TRANSVERSAIS são fibras não paralelas ao eixo da peça serrada, deixando a mesma sem resistência à flexão, provenientes de toras curvas ou que apresentem grande <conicidade>." (36, p.172).

Ver: Defeito na madeira.

Conselho Brasileiro de Manejo Florestal *Sm. V.Sint.:* FSC Brasil.

Construção civil assoalho doméstico *Sf. V.Sint.:* Madeira de construção civil assoalho doméstico.

Construção civil leve em esquadrias *Sf. V.Sint.:* Madeira de construção civil leve em esquadrias.

Construção civil leve externa *Sf. V.Sint.:* Madeira de construção civil leve externa.

Construção civil leve interna decorativa *Sf. V.Sint.:* Madeira de construção civil leve interna decorativa.

Construção civil leve interna de utilidade geral *Sf. V.Sint.:* Madeira de construção civil leve interna de utilidade geral.

Construção civil leve interna estrutural *Sf. V.Sint.:* Madeira de construção civil leve interna estrutural.

Construção civil pesada externa *Sf. V.Sint.:* Madeira de construção civil pesada externa.

Construção civil pesada interna *Sf. V.Sint.:* **Madeira de construção civil pesada interna.**

Conteúdo de umidade *Sm.* **Quantidade de água contida no tecido celular da madeira, expressa em porcentagem com relação ao peso da madeira seca em estufa. O conteúdo de umidade é obtido pela fórmula: $CH = (Mv - Ms / Ms) \times 100$ (CH é igual a Mv menos Ms dividido por Ms vezes 100), em que CH é o conteúdo de umidade em porcentagem, Mv é a massa da madeira verde e Ms é a massa da madeira seca em estufa ($a \pm 105^\circ C$).**

"(...) a obtenção de um adequado <conteúdo de umidade>, além de garantir melhor qualidade ao usuário, contribuirá para reduzir os custos de transporte." (232, p. 01).

V.Sint.: **CH.**

Ver: **Madeira verde.**

Contração *Sf.* **Redução nas dimensões de uma peça de madeira, causada por uma diminuição de seu teor de umidade.**

"Estes planos apresentam índices diferentes de <contração> e de velocidade de secagem, podendo causar defeitos nas peças, como rachas e empenamentos." (251, p. 2).

Ver: **Teor de umidade da madeira.**

Contracapa *Sf.* **Lâmina de qualidade inferior, que reveste a face oposta à capa.**

"A <contracapa> pode ser, ou não, da mesma espécie que compõe a capa e a parte central, admitindo, no entanto, uma lâmina de qualidade inferior em relação à capa." (137, p. 36).

Ver: **Capa; Alma; Compensado; Madeira laminada.**

Contraplacado *Sm. V.Lex.:* **Compensado.**

Copa *Sf.* **Cobertura da árvore, representada por toda a ramagem de galhos e folhas que forma sobre o tronco uma área de sombra, responsável pela captação da energia solar.**

"A direção de queda de uma árvore depende da inclinação natural do seu tronco e da distribuição da sua <copa>." (15, p. 27).

V.Sint.: **Copa da árvore; Ramagem.**

Ver: **Qualidade da copa.**

Copa boa *Sf.* **Copa íntegra e bem distribuída sobre o eixo central do tronco da árvore.**

"<[COPA] BOA>: Copa inteira e bem distribuída em torno do eixo central da árvore." (15, p. 29).

Ver: **Qualidade da copa.**

Copa da árvore *Sf.* *V.Sint.:* **Copa.**

Copa inferior *Sf.* **Copa incompleta, com mais da metade dos galhos quebrados ou secos.**

"<[COPA] INFERIOR>: Copa incompleta, mais da metade dos galhos quebrados." (15, p. 29).

Ver: **Qualidade da copa.**

Copa regular *Sf.* **Copa com alguns galhos, menos da metade, quebrados ou secos.**

"<[COPA] REGULAR>: Copa com alguns galhos quebrados." (15, p. 29).

Ver: **Qualidade da copa.**

Corpo da serra *Sm.* **Porção da serra que na serra fita representa todo o espaço entre a costa da serra e os dentes e na serra circular, toda a área entre a base dos dentes e o eixo da serra.**

Ver: **Serra circular; Serra fita.**

Cortador *Sm.* **Motosserrista encarregado de fazer e a derruba da árvore.**

"Os <cortadores> procuram e cortam os cipós usando como guia o mapa do censo e as trilhas de orientação." (15, p. 40).

V.Lex.: **Serrador.**

Ver: **Derruba; Motosserrista; Traçador.**

Corte *Sm.* **1. Porção de uma peça de madeira obtida por talho transversal, longitudinal ou por ambos, devendo ser suficientemente plana para que permita o aparelhamento das faces até a espessura das peças.**

"<Corte>: porção de uma tábua ou prancha obtida por corte transversal ou longitudinal ou por ambos." (233, p. 185).

Ver: **Corte limpo.**

2. Talho efetuado por serra ou lâmina de corte da madeira, durante os processos de extração, traçamento, desdobro ou beneficiamento da madeira serrada.

"As técnicas de corte de árvores aplicadas na exploração madeireira manejada buscam evitar erros, tais como o <corte> acima da altura ideal e o destopo abaixo do ponto recomendado." (15, p. 65).

Ver: **Corte de abate; Desdobro; Beneficiamento da madeira; Traçamento.**

3. Processo de extração da madeira.

"Os benefícios do manejo no longo prazo podem ser estimados através do valor presente da receita líquida da exploração de madeira com e sem manejo para o primeiro e o segundo <corte>." (15, p. 112).

V.Lex.: **Extração.**

Ver: **Corte raso; Corte sob cobertura; Corte único; Desbaste.**

4. Procedimento de abate da árvore.

"A eliminação das árvores sem valor para promover o crescimento das árvores de valor comercial pode ser feita através de um <corte> (derrubada) para o caso de árvores pequenas (DAP menor que 15 cm) ..." (15, p. 98-99).

V.Lex.: **Derruba.**

Ver: **Pré-corte.**

Corte de abate *Sm.* **Corte na horizontal do lado oposto à boca, à altura de 30cm do solo e à 10cm do corte horizontal da boca, com profundidade que deve atingir a metade do tronco, usado no procedimento de derruba.**

"Erro na altura do corte. Ao invés de fazer o <corte de abate> na altura recomendada (30 cm), o motosserrista, por falta de treinamento e também por comodidade, o faz na altura da cintura (60-70 cm). Esse erro ocasiona um desperdício de 0,25 m³ por hectare. " (15, p. 71).

V.Sint.: **Corte de derrubada; V.Sint.:** **Corte de derruba; V.Sint.:** **Corte de queda;**

V.Sint.: **Corte final.**

Ver: **Corte 2; Derruba.**

Corte de derruba *Sm.* *V.Sint.:* **Corte de abate.**

Corte de derrubada *Sm.* *V.Sint.:* **Corte de abate.**

Corte de desdobro *Sm.* *V.Sint.:* **Desdobro.**

Corte de cipó *Sm.* **Procedimento de corte e remoção de cipós do tronco e ramagem das árvores, antes da derruba.**

"Podem ser aplicados tratamentos para aumentar o crescimento das árvores de acordo com o desenvolvimento da floresta, incluindo a limpeza nas clareiras, <corte de cipós> e o desbaste ao redor das árvores juvenis e intermediárias." (15, p. 101).

V.Morf.: **Corte de cipós.**

Ver: **Cipós; Extração; Pré-corte.**

Corte de cipós *Sm.* *V.Morf.:* **Corte de cipó.**

Corte de derruba *Sm.* *V.Sint.:* **Corte de abate.**

Corte de derrubada *Sm.* *V.Sint.:* **Corte de abate.**

Corte de encaixe *Sm.* **Poção da borda da peça de madeira que foi fresada (com molduramento tipo fêmea) para permitir o encaixamento numa outra peça com espiga (molduramento tipo macho). O corte de encaixe é usado em lambris, molduras, portas, tábuas corridas, dentre outras peças beneficiadas.**

"O molduramento faz os <cortes de encaixes> - tipo macho-fêmea, por exemplo - no comprimento para peças (...)." (252, p. 27).

V.Sint.: **Entalhe de encaixe.**

Ver: **Espiga; Lambril; Usinagem.**

Corte de face limpa *Sm.* *V.Sint.:* **Corte limpo.**

Corte de queda *Sm.* *V.Sint.:* **Corte de abate.**

Corte final *Sm.* *V.Sint.:* **Corte de abate.**

Corte limpo *Sm.* **Porção da peça de madeira sem irregularidade, resultante de corte livre de esmoado, medula, rachadura ou podridão.**

"Corte limpo - É o corte livre de defeitos (...)." (41, p. 29).

V.Sint.: **Corte de face limpa; V.Sint.:** **Corte são.**

Ver: **Corte 1.**

Corte longitudinal *Sm.* **1. Porção longitudinal da peça de madeira, podendo ser face ou borda.**

"<Corte longitudinal> (longitudinal cutting): Corte paralelo ao eixo longitudinal da peça de madeira." (41, p. 53).

Ver: **Corte 1; Face 1; Borda.**

2. Corte ao comprido, paralelo ao eixo longitudinal da tora, por meio do qual se fatia a tora ou bloco maciço em peças retangulares.

"...peças de 12" ou mais, ligeiramente abauladas ou arqueadas, devem ser admitidas se após um <corte longitudinal> produzirem duas peças de 1ª e 2ª, as quais permitirão aparelhamento de ambas as faces até a espessura padrão." (36, p. 184).

Ver: **Corte 2; Corte transversal.**

Corte raso *Sm.* **Abate de toda a cobertura vegetal de uma determinada floresta.**

"Os projetos de manejo têm uma duração de quarenta anos, período no qual a floresta não pode sofrer <corte raso> e a terra não pode ser vendida." (242, p. 182).

Ver: **Corte 3; Corte único; Desmatamento.**

Corte são *Sm. V.Sint.:* **Corte limpo.**

Corte seletivo *Sm. V.Sint.:* **Garimpagem florestal.**

Corte sob cobertura *Sm.* **Corte de todas as árvores, independentemente do DAP, que estejam abaixo da cobertura da floresta.**

"<Corte sob cobertura> - é a retirada de todos os indivíduos independente do DAP (...)." (151, p. 82).

Ver: **Corte 3; Desbaste.**

Corte transversal *Sm.* **1. Porção transversal da peça de madeira.**

"<Corte transversal> (...) Corte perpendicular ao eixo longitudinal da peça de madeira" (41, p. 53).

V.Lex.: **Topo.**

2. Corte perpendicular ao eixo longitudinal da peça de madeira, usado no procedimento de traçamento e de apara.

"PAU-BRANCO (...) Resistência ao < corte transversal > manual: moderadamente dura." (168, p. 258).

Ver: **Corte; Corte longitudinal.**

Corte único *Sf.* **Corte de todas as árvores que atingiram a altura comercial, dentro de um talhão ou floresta plantada.**

"<Corte único> - consiste no corte de todas as árvores que chegaram à maturidade, existentes no terreno ou parcela destinada a exploração." (151, p. 83).

Ver: **Corte 3; Corte raso; Altura comercial.**

Costa *Sf. V.Sint.:* **Costa do dente.**

Costa da serra *Sf.* **Lado da serra fita oposto aos dentes.**

"É exatamente nesta porção que se deve laminar. Testamos a <costa da serra>, se há uma abertura então lamina-se levemente a costa uma ou duas vezes." (36, p. 34).

Ver: **Corpo da serra.**

Costa do dente *Sf.* **Lado do dente da serra, oposto à face, que, dependendo de sua inclinação e/ou curvatura, determina, juntamente com a reta do passo, o ângulo de saída.**

"O tope deve ser perfeitamente ajustado na <costa do dente>." (36, p. 50).

V.Sint.: **Costa; V.Sint.:** **Costa do dente da serra.**

Ver: **Face do dente da serra; Ângulo de saída.**

Costa do dente da serra *Sf. V.Sint.:* **Costa do dente.**

Costaneira *Sf.* **Peça de refugo, em formato plano-convexo, talhada da tora de madeira nos primeiros cortes de desdobro, usada como matéria-prima para produção de sarrafos (para compensado), ou como resíduo sólido. As costaneiras podem representar até mais de 35% do volume total de uma tora.**

"Quando se tira uma <costaneira> paralelamente à casca, a face resultante deve ter a largura mínima, prescrita para a classificação esperada". (36, p. 129).

Ver: **Refugio; Resíduo sólido.**

Cota de Reserva Florestal *Sf.* **Título representativo atribuído a áreas de mata nativa sob regime de servidão florestal.**

"(...) Fica instituída a <Cota de Reserva Florestal>-CRF, título representativo de vegetação nativa sob regime de servidão florestal (...)" (40, p. 17).

V.Sint.: **CRF.**

Creosoto *Sf.* **Produto preservativo oleossolúvel, muito comum, utilizado no procedimento de imunização e autoclavagem da madeira. Após o tratamento com creosoto, a madeira adquire, caracteristicamente, uma coloração marrom.**

"Os principais preservantes para evitar a degradação biológica da madeira são o <creosoto> (preservante oleoso), o CCA e o CCB, ambos preservantes hidrossolúveis." (115, p. 2).

N. O CCA juntamente com o creosoto constituem os produtos imunizantes mais comuns usados nos processos de tratamento da madeira.

Ver: **Produto preservativo; Imunização; Autoclavagem.**

CRF *Sf.* *V.Sint.:* **Cota de Reserva Florestal.**

Cromo Cobre Arsênio *Sm.* *V.Sint.:* **CCA.**

Cromo Cobre Borato *Sm.* *V.Sint.:* **CCB.**

CRV *Sm.* *V.Sint.:* **Coefficiente de Rendimento Volumétrico.**

Cubagem *Sf.* **Cálculo do volume de madeira de um povoamento ou do estoque de madeira do pátio de estocagem, ou do volume de carvão ou de lenha, ou do volume de madeira serrada em lote.**

"Efetuar a <Cubagem> de lenha, carvão e de toda a madeira em toras do pátio da indústria por espécie." (43, p. 5).

V.Morf.: **Cubicagem.**

Ver: **Cubagem de toras.**

Cubagem de toras *Sf.* **Cubagem da madeira em tora, com base na fórmula $V = [(db^2 \cdot p/4) + (dt^2 \cdot p/4)] / 2 \cdot L$, ou $V = 0,7854 \cdot [(Db + Dt) / 2]^2 \cdot L$. Onde: V = Volume em m³; L = Comprimento da tora em metro; db = Diâmetro da base da tora em metro (obtido a partir da média do maior e menor diâmetro na seção em cruz); dt = Diâmetro do topo da tora em metro (obtido a partir da média do maior e menor diâmetro na seção em cruz); dt = Diâmetro do topo da tora em metro (obtido a partir da média do maior e menor diâmetro na seção em cruz).**

"O órgão ambiental deve adotar o método geométrico para <cubagem de toras>, utilizando a fórmula de Smalian." (43, p. 5).

N. O cálculo é feito com a madeira em tora com ou sem casca, a depender do controle estabelecido pelo órgão ambiental competente.

Ver: **Cubagem.**

Cubicagem *Sf.* *V.Morf.:* **Cubagem.**

Cupim *Sm.* **Inseto parasita, mais comum, que ataca a madeira.**

"O nome Cupiúba é dado em relação ao cheiro que exala de madeira, com odor de <cupim>." (128, p. 171).

Ver: **Cupinicida; Defeito na madeira; Furo de inseto; Xilófago.**

Cupinicida *Sm.* **Produto imunizante (veneno para cupim) usado para preservar a madeira de ataque de cupins e outros insetos xilófagos.**

Ver: **Cupim; Defeito na madeira; Xilófago.**

Cura *Sf.* **Secagem e endurecimento do adesivo ou cimento.**

"Quanto menor o conteúdo de umidade da madeira, maior será a taxa de absorção, velocidade de <cura> e solidificação do adesivo." (162, p. 18).

Ver: **Cura a frio; Cura a quente; Agente de cura; Colagem; Prensagem.**

Cura a frio *Sf.* **Procedimento de cura sem utilização de calor.**

"Para as chapas com <cura a frio>, utilizou-se a mesma prensa, porém sem aquecimento, sendo posteriormente fixadas com suporte metálico e parafusos para manter a compressão até o final da cura do adesivo." (162, p. 78).

Ver: **Cura; Prensagem a frio.**

Cura a quente *Sf.* **Procedimento de cura com a utilização de calor.**

"A prensagem das chapas encoladas com adesivos para <cura a quente> foi realizada em uma prensa piloto (...)." (162, p. 78).

Ver: **Cura; Prensagem a quente.**

Curto *Sm.* **Peça de madeira com comprimento menor que 1,80m e igual ou maior que 60cm, e largura variada.**

"Os <curtos>, ou seja, peças cujo comprimento é menor que 1,80m possuem apenas duas qualidades: 1a. e 2a. Classe." (94, p. 26).

Ver: **Madeira serrada.**

D - d

DAP *Sf. V.Sint.:* **Diâmetro à Altura do Peito.**

Deck *Sm.* **Assoalho composto por peças de madeira perfilada dispostas paralelamente entre si, destinado, geralmente, ao revestimento de chão em ambientes externos e/ou sem proteção da umidade.**

"A madeira tratada é frequentemente utilizada como dormentes de ferrovias, postes, pilares de atracadouros, <decks>, cercas e outras aplicações exteriores." (177, p. 37).

V.Estr.: **Decking.**

Ver: **Assoalho; Madeira perfilada; Piso.**

Decking *Sm. V.Empr.:* **Deck.**

Defeito *Sm. V.Sint.:* **Defeito na madeira.**

Defeito da madeira *Sm. V.Sint.:* **Defeito na madeira.**

Defeito de secagem *Sm.* **Defeito na peça de madeira, tais como colapso e rachadura em favo, causado pela contração das fibras durante o processo de secagem.**

"As tensões que se desenvolvem na madeira são a causa básica dos <defeitos de secagem> (...)." (113, p.1).

Ver: **Defeito na madeira; Secagem.**

Defeito de serragem *Sm.* **Irregularidade nas dimensões das peças de madeira acima dos padrões permitidos, resultante de operações de serragem e desdobro mal feitas.**

"<Defeito de serragem> (...) variação nas dimensões da peça de madeira acima dos padrões permitidos (...)." (41, p. 53).

V.Sint.: **Irregularidade de serragem.**

Ver: **Desdobro.**

Defeito na madeira *Sm.* Irregularidade na madeira, roliça ou serrada, tais como conicidade, empenamento, fendilhado, furo, mancha, miolo solto, rachadura, torção, tortuosidade, que diminui o valor e/ou o aproveitamento comercial da mesma.

"O corte separa a peça de madeira que será aproveitada dos excessos de dimensões e dos <defeitos da madeira> (corte)." (62, p. 201).

V.Sint.: **Defeito; V.Sint.: Defeito da madeira.**

Ver: **Madeira serrada.**

Delaminação *Sf.* Separação das lâminas do compensado, causada por falha de colagem e compactação das camadas.

"(...) não verificação no ato do recebimento dos compensados gera um dos principais problemas relatados pelos usuários, ou seja, a <delaminação> dos painéis." (252, p. 85).

Ver: **Compensado; Madeira laminada.**

Densidade da madeira *Sf.* Quociente da divisão do peso da madeira pelo volume, calculado em quilograma por metro cúbico (kg/m³).

"(...) quantidade e distribuição em camadas, teor de umidade e distribuição, tamanho das partículas, <densidade da madeira>, orientação das partículas e suas interações." (162, p. 37).

V.Sint.: **Densidade de massa da madeira.**

Ver: **Madeira vermelha; Madeira branca.**

Densidade de massa da madeira *Sf.* *V.Sint.:* **Densidade da madeira.**

Dente *Sm.* Cada uma das saliências pontiagudas e cortantes das serras (fitas e circulares) e fresas.

"Os <dentes> da lâmina tornam-se azulados." (36, p. 18).

Ver: **Serra circular; Serra fita.**

Dente bico de papagaio *Sf.* Dente cuja costa, em formato curvo, lembra o bico da ave papagaio.

"ESTES SÃO OS TIPOS DE DENTES USADOS PARA SERRA DE FITA (...): <Dente Bico de Papagaio." (36, p. 26).

Ver: Dente de costa reta.

Dente de costa reta *Sf.* Dente cuja costa é reta.

"ESTES SÃO OS TIPOS DE DENTES USADOS PARA SERRA DE FITA (...) <Dente de Costa Reta." (36, p. 26).

Ver: Costa do dente da serra; Dente bico de papagaio.

Derruba *Sf.* Etapa do processo de extração que consiste em cortar a base do tronco da árvore para deitá-la ao solo. A derruba em floresta natural é, geralmente, realizada por um ou dois motosserristas, enquanto nas florestas plantadas, sobretudo do Sul e Sudeste do Brasil, é muito comum se utilizar tratores com cabeçote processador (colheitadeira florestal).

"O corte propriamente dito era efetuado utilizando a maior parte das técnicas convencionais para <derruba>, ou seja, com cortes direcional e de abate, sem auxiliares com cunha." (159, p. 47).

N. No procedimento de derruba, o cortador precisa ter habilidade para direcionar a queda da árvore, a fim de evitar quebra, rachadura ou fissuras de compressão no lenho, reduzir o esmagamento ou quebra das árvores vizinhas e facilitar o traçamento e o arraste das toras.

V.Lex.: Corte 4; *V.Lex.:* Abate; *V.Morf.:* Derrubada.

Ver: Extração; Cortador; Pré-corte; Harvester.

Derrubada *Sf.* *V.Morf.:* Derruba.

Desbaste *Sm.* Técnica de manejo de plantio florestal que consiste no corte de árvores adultas de um povoamento, a fim de liberar espaço para as outras árvores mais novas, geralmente mais desenvolvidas, e aumentar, qualitativa e quantitativamente, o crescimento do povoamento remanescente.

"Onde a densidade de espécies de valor comercial for muito alta, pode-se fazer um <desbaste> (retirada), eliminando o excesso de plantas de valor que não terão espaço suficiente para crescer." (15, p. 97).

Ver: Corte 3; Corte sob cobertura; Anelamento; Incremento; Povoamento.

Descarga *Sf.* Retirada do carvão do forno, após o esfriamento.

"A última etapa é a <descarga>." (139, p. 78).

V.Morf.: Descarregamento; *V.Sint.:* Descarregamento do forno.

Ver: Carregamento 1; Carga.

Descarregamento *Sm.* *V.Morf.:* Descarga.

Descarregamento do forno *Sm.* *V.Morf.:* Descarga.

Descascador *Sm.* *V.Sint.:* Descascador de madeira.

Descascador de madeira *Sm.* Máquina usada para remover as cascas das toras de madeira.

"Os <descascadores de madeira> MASI são implementos de alta produtividade que combinam robustez e praticidade no trabalho de remoção de cascas." (177, p. 2).

V.Sint.: Descascador; *V.Sint.:* Descascador de tora.

Ver: Descasque.

Descascador de tora *Sm.* *V.Sint.:* Descascador de madeira.

Descasque *Sm.* Procedimento que consiste na retirada da casca do fuste da árvore derrubada, em cabeçotes processadores ou em descascadores de madeira.

"<Descasque> - operação que consiste na eliminação da casca das toras ou troncos já cortados." (151, p. 96).

Ver: Traçamento; Colheita florestal.

Desdobro *Sm.* Processamento primário que consiste em talhar a tora de madeira em bloco maciço de formato retangular, para em seguida fatiá-lo em peças ou lâminas de madeira serrada.

"No desdobro, a tora sofre cortes longitudinais resultando em peças com duas faces paralelas entre si (...). (252, p. 25).

V.Sint.: Corte de desdobro.

Ver: Serragem 2; Resserragem.

Desempeno *Sm.* Usinagem da peça de madeira que consiste no alinhamento dos cortes e eliminação das alterações na forma geométrica inicial da peça (empenamento).

"Podem incluir as seguintes operações: aplainamento, molduramento e torneamento e ainda desengrosso, <desempeno>, destopamento, recorte, furação, respigado, ranhurado, entre outras." (178, p. 26).

Ver: Usinagem; Empenamento; Corte 1.

Desengrosso *Sm.* Usinagem da peça de madeira que consiste em redimensionar os cortes longitudinais (face e borda), dando às peças perfeito acabamento de espessura e largura.

"Podem incluir as seguintes operações: aplainamento, molduramento e torneamento e ainda <desengrosso>, desempeno, destopamento, recorte, furação, respigado, ranhurado, entre outras." (178, p. 26).

Ver: Usinagem; Corte 1.

Desenrolamento *Sm. V.Lex.:* Torneamento.

Desfibramento *Sm. V.Sint.:* **Desfibramento da madeira.**

Desfibramento da madeira *Sm. Etapa do processo de produção do MDF, em que os cavados, por meio mecânico, são transformados em fibras, que posteriormente são refinadas, secadas e misturadas com resinas para a produção da manta.*

"O processo de fabricação de painéis de fibra de madeira começa com o <desfibramento da madeira>, através de um desfibrador termomecânico." (162, p. 45).

V.Sint.: **Desfibramento.**

Ver: **MDF; Manta.**

Desmatamento *Sm. Remoção total ou parcial da a cobertura vegetal de uma determinada floresta natural, causada pela derruba das árvores, ou pela ação do fogo. A extração madeireira predatória também pode levar ao desmatamento florestal, sobre tudo quando os ciclos de extração são muito curtos e intensos, pois isto cria muitas clareiras e deixa a mata muito rala e vulnerável a incêndios. O desmatamento tem, dentre outras finalidades, a de ampliação de áreas de atividade agropecuárias, a construção de estradas, vilas e cidades e a mineração do solo.*

"No Estado do Pará, o <desmatamento> detectado pelo Sistema de Alerta de Desmatamento (SAD) atingiu 484 quilômetros quadrados em novembro de 2007 enquanto em dezembro de 2007 caiu para 48 quilômetros quadrados." (225, p. 1).

N. Apesar de o desmatamento, na maioria das vezes, tratar-se de crime ambiental (cf. o Código Florestal Brasileiro), algumas vezes ele acontece dentro da legalidade. Isso ocorre, por exemplo, quando o Estado autoriza a ampliação de determinadas áreas de atividades agropecuárias, pois para que tal ampliação seja efetivada é preciso que a floresta seja removida. Trata-se de um desmatamento autorizado.

V.Sint.: **Desmatamento florestal.**

Ver: **Extração predatória; Corte raso.**

Desmatamento florestal *Sm. V.Sint.:* **Desmatamento.**

Destopamento *Sm. V.Sint.:* **Traçamento mecânico.**

Desvio local da grã *Sm. Inclinação localizada da grã que não constitui um padrão de desvio geral dos elementos axiais da madeira.*

"<Desvio local da grã> (...) Inclinação localizada da grã (...)." (41, p. 54).

Ver: **Grã.**

Diâmetro *Sm. Medida da grossura do fuste da madeira, definida pela medida da circunferência do lenho dividida por 3,14, ou $D=C/p$ (onde: D = diâmetro; C = circunferência; p = 3,14). Na prática, a medida do diâmetro do fuste da árvore é efetuado utilizando-se uma fita diamétrica ou uma suta.*

"A medição da circunferência pode ser feita com uma fita métrica, enquanto para a medição do <diâmetro> pode ser utilizada fita diamétrica ou uma suta." (15, p. 23).

V.Sint.: **Diâmetro da árvore.**

Ver: **Diâmetro à Altura do Peito; Circunferência.**

Diâmetro da árvore *Sm. V.Sint.:* **Diâmetro.**

Diâmetro máximo do nó *Sm. Medida que corresponde à distância máxima entre as tangentes de um nó, traçadas paralelamente às quinas longitudinais da peça.*

"<Diâmetro máximo do nó> (...) Distância máxima entre as tangentes de um nó (...)." (41, p. 54).

Ver: **Diâmetro.**

Diâmetro à Altura do Peito *Sm. Medida do diâmetro do caule da árvore efetuada à altura do peito do medidor em pé, o que convencionalmente se estima em 1,30m de altura do solo.*

"Para calcular o volume de cada árvore deve-se utilizar as informações sobre a circunferência à altura do peito (CAP) ou <diâmetro à altura do peito> (DAP), (...)." (15, p. 32).

V.Sint.: **DAP.**

Ver: **Diâmetro; Circunferência à Altura do Peito.**

Dimensão *Sf.* **Medida da largura, espessura e comprimento das peças de madeira, chapas de compensado e painéis.**

"Salvo se houver especificações em contrário, a <dimensão> média apresentada não deve ser inferior a mais de 5 por cento da dimensão média especificada." (41, p. 24).

V.Lex.: **Bitola.**

Ver: **Dimensão nominal; Dimensão real; Comprimento; Espessura; Largura.**

Dimensão nominal *Sf.* **Medida de espessura, largura ou comprimento, que as peças de madeira devem ter, a um conteúdo de 20% de umidade.**

"Algumas tolerâncias são permitidas para a <dimensão nominal>." (41, p. 34).

Ver: **Dimensão; Dimensão real.**

Dimensão real *Sf.* **Medida de espessura, largura ou comprimento, que as peças de madeira têm no ato da medição e da classificação.**

"<Dimensão real> (...) Dimensão (espessura, largura ou comprimento) que as peças de madeira têm no ato da classificação." (41, p. 54).

Ver: **Dimensão; Dimensão nominal.**

Dobradiça *Sf.* **Porção ilesa no centro do caule da árvore, entre o final do corte de abate e o ângulo da boca, que se dobra e se parte no momento da queda da árvore, evitando a rachadura do lenho.**

"A largura da <dobradiça> deve equivaler a 10% do diâmetro da árvore." (15, p. 66).

V.Sint.: **Filete de fratura.**

Ver: Boca; Cote de abate.

Documento de Origem Florestal *Sm.* Documento de licença obrigatória para o transporte de produtos e subprodutos florestais de origem nativa, contendo as informações sobre a procedência legal do produto transportado. O DOF foi instituído pela portaria nº 253, de 18 de agosto de 2006, do Ministério do Meio Ambiente, em substituição ao documento ATPF. O DOF é emitido pelo IBAMA.

"Para transportar a madeira da floresta é necessário portar o <Documento de Origem Florestal> (DOF), emitido pelo IBAMA (...)." (252, p. 16).

V.Sint.: DOF.

Ver: Autorização de Transporte de Produtos Florestais.

DOF *Sm.* *V.Sint.:* Documento de Origem Florestal.

Dormente *Sm.* Peça de madeira serrada, com espessura entre 160mm e 170mm, largura entre 220mm e 240mm e comprimento variando entre 2m e 5,6m e 2,8m 5,6m, usada geralmente em estradas de ferro como suporte transversal para o assentamento dos trilhos.

"Durante a primeira metade do século XX, também exportaram-se <dormentes> para estradas de ferro da Europa (Alemanha e Espanha) e do sul do Brasil." (32, p. 113).

Ver: Peça de madeira.

Dossel *Sm.* Cobertura das florestas, constituída por todas as copas que se tocam formando um tecido verde compacto, que garante um alto nível de umidade no interior da mata e a preserva de incêndios.

"Um estudo do IMAZON revelou que o tamanho da abertura no <dossel> da floresta é 50% menor na exploração manejada do que na exploração convencional. Conseqüentemente, o número de dias ao longo do ano em que a floresta é capaz de incendiar é bem menor na exploração manejada." (15, p. 90).

Ver: Quebra-fogo; Extração.

Edge Glued Panel *Sm. V.Sint.:* **EGP.**

EGP *Sm.* **Painel composto por pequenas peças de madeira serrada, emendadas ou não, coladas lateralmente umas às outras, destinado, principalmente, à fabricação de móveis, portas, pisos e fachadas.**

"Comumente, não são aplicados revestimentos ao <EGP>, pois o efeito decorativo é dado pelo próprio desenho da madeira e/ou pelas emendas." (134, p. 126).

N. As peças de madeira do EGP podem ser unidas com topo reto ou com encaixe tipo finger-joint.

V.Estr.: **Edge Glued Panel**; *V.Dec.:* **Painel colado lateral**; *V.Sint.:* **Painel colado.**
Ver: **Painel**; **Finger-joint.**

EIR *Sf. V.Sint.:* **Extração manejada.**

Elemento *Sm.* **Porção da peça de madeira, que pode ser obtida por corte imaginário transversal ao eixo da peça. A largura do elemento é sempre igual à largura total da peça.**

"<Elemento> - É uma porção da peça que pode ser obtida por corte imaginário transversal ao eixo da peça." (41, p. 32).

Ver: **Elemento limpo.**

Elemento limpo *Sm.* **Elemento isento de defeito, cujo comprimento é expresso em unidades de 30cm.**

"(...) Mínimo rendimento de <elementos limpos> exigido para se classificar uma peça de madeira em uma determinada classe." (41, p. 57)."

Ver: **Elemento.**

Emenda finger-joint *Sf.* *V.Estr.:* **Finger-joint.**

Empenamento *Sm.* **Defeito da madeira, que consiste em qualquer variação ou alteração na forma geométrica inicial da peça. O empenamento pode ser causado por formação irregular das pilhas de madeira, por tensões internas resultantes da secagem, por grã irregular.**

"Na prática, o principal fator que causa o <empenamento> está quase sempre relacionado com a formação irregular das pilhas de madeira." (171, p. 5).

Ver: **Defeito na madeira.**

Empilhadeira *Sf.* **Trator com barras de evevação, usado para empilhar a mdeira serrada, laminada ou aglomerada.**

"Devido à grande rotatividade que oferece esta tecnologia, é imprescindível o uso de vagonetes (com portas em ambos os lados), para agilizar a carga e descarga da madeira (se seca em 42 horas, evita-se perda de tempo com carregamento via <empilhadeira>)." (165, p. 3).

Ver: **Empilhamento.**

Empilhamento *Sm.* **1. Acomodação da madeira serrada, em camadas superpostas separadas por sarrafos com espessura suficiente para permitir a circulação do ar entre as camadas, agrupada por lote em lugar, preferencialmente, sob abrigo do sol e da chuva.**

"(...) a data de <empilhamento> deve ser indicada em cada pilha."(41, p. 22).

V.Sint.: **Empilhamento da madeira serrada.**

Ver: **Empilhadeira; Madeira serrada; Pilha de madeira; Lote.**

2. Acomodação da madeira em tora no pátio de estocagem, enquanto aguarda para ser transportada; ou nos pátios das serrarias, enquanto aguarda para ser processada.

"Utilizamos a estimativa do número médio de pessoas envolvidas na exploração florestal para calcular o número de máquinas envolvidas nas operações de extração madeireira, de transporte das toras até as indústrias processadoras e de <empilhamento> das toras nos pátios dessas empresas." (123, p. 130).

V.Sint.: **Empilhamento da madeira em tora; V.Sint.: Empilhamento das toras.**

Ver: **Pátio de estocagem; Transporte da madeira.**

Empilhamento da madeira em tora *Sm. V.Sint.:* **Empilhamento 2.**

Empilhamento da madeira serrada *Sm. V.Sint.:* **Empilhamento 1.**

Empilhamento das toras *Sm. V.Sint.:* **Empilhamento 2.**

Empresa exportadora *Sf. V.Sint.:* **Empresa madeireira exportadora.**

Empresa madeireira *Sf.* **Empresa do setor florestal que produz e/ou comercializa produto madeireiro.**

"A madeira leve pode ser transportada através de balsa da margem do rio até a <empresa madeireira>." (229, p. 25).

V.Sint.: **Madeiraira.**

Ver: **Madeireiro; Empresa madeireira exportadora; Indústria madeireira;**

Produto florestal; Produto madeireiro; Serraria.

Empresa madeireira exportadora *Sf.* **Empresa (algumas multinacionais) que exporta madeira e/ou produtos de madeira para outros países.**

"As fontes de dados da pesquisa são três: - entrevistas quantitativas com <empresas madeireiras exportadoras> - análise secundária de estudos empíricos sobre o setor madeireiro paraense entre 1960 e 1995; - análise de dados estatísticos do IBGE (censos industriais, produção da extração vegetal e da silvicultura e exportações). " (195, p. 21).

V.Sint.: **Empresa exportadora.**

Ver: **Empresa madeireira.**

Empresário do setor madeireiro *Sm. V.Sint.: Madeireiro 1.*

Encanoamento *Sm. V.Lex.: Abaulamento 1.*

Encanoamento da peça *Sm. V.Lex.: Abaulamento 1.*

Encruamento *Sm. Defeito de secagem causado, geralmente, por secagem artificial muito rápida. No encruamento, a parte externa da madeira apresenta-se seca, enquanto a parte interna permanece verde e úmida.*

"O <encruamento> é causado basicamente por secagem muito rápida ou desuniforme." (114, p. 2).

V.Sint.: Encruamento da madeira.

Ver: Secagem.

Encurvamento *Sm. Defeito da madeira que consiste no empenamento longitudinal da peça de madeira num plano perpendicular à face.*

"Os empenamentos classificam-se como encanoamento, arqueamento, <encurvamento> e torcimento." (251, p. 7).

V.Sint.: Encurvamento da peça.

Ver: Encurvamento complexo; Defeito na madeira.

Encurvamento complexo *Sm. Encurvamento com duas ou mais curvatura da peça de madeira.*

"<Encurvamento complexo> e torcimento não são permitidos." (41, p. 35).

V.Sint.: Encurvamento complexo da peça.

Ver: Encurvamento; Tortuosidade.

Encurvamento complexo da peça *Sm. V.Sint.: Encurvamento complexo.*

Encurvamento da peça *Sf. V.Sint.:* **Encurvamento.**

Endurecedor *Sm. V.Sint.:* **Agente de cura.**

Ensaio destrutivo *Sm. Método de verificação do teor de umidade de peças de madeira de um lote, que consiste em descrever a quantidade de perda de massa da madeira em estufa. O ensaio destrutivo é um método mais preciso que o ensaio não destrutivo, porém requer equipamentos laboratoriais e é mais demorado.*

" (...) verificar o teor de umidade das peças do lote, por amostragem, empregando medidores elétricos (ensaio não destrutivo) de acordo com as instruções do fabricante, ou pelo método de perda de massa em estufa (<ensaio destrutivo>)." (252, p. 81).

Ver: **Ensaio não destrutivo; Teor de umidade da madeira.**

Ensaio não destrutivo *Método de verificação do teor de umidade das peças de madeira de um lote, por amostragem, utilizando-se medidor de umidade elétrico.*

" (...) verificar o teor de umidade das peças do lote, por amostragem, empregando medidores elétricos (<ensaio não destrutivo>) de acordo com as instruções do fabricante, ou pelo método de perda de massa em estufa (ensaio destrutivo)." (252, p. 81).

Ver: **Ensaio destrutivo; Medidor de umidade da madeira; Teor de umidade da madeira.**

Entalhe de encaixe *Sm. V.Sint.:* **Corte de encaixe.**

Entalhe direcional *Sm. V.Lex.:* **Boca.**

Entrelaçamento *Sm. V.Sint.:* **Formação das mantas.**

Entrelaçamento das fibras *Sm. V.Sint.:* **Formação das mantas.**

Escarificação *Sf. V.Lex.:* **Subsolagem.**

Escoramento *Sm.* **Pontaleta de madeira roliça, resultante de seção de tronco fino e manuseável.**

"Outro uso para esses elementos é como <escoramento> reutilizável na concretagem das estruturas de concreto armado." (161, p. xii).

V.Lex.: **Espeque; V.Lex.: Esteio; V.Lex.: Estronca; V.Lex.: Vara; V.Lex.: Pontaleta.**

Ver: **Pontaleta; Madeira roliça.**

Esfriamento *Sm. V.Morf.:* **Resfriamento.**

Esmoadado *Sm.* **Porção da superfície da madeira roliça, em contato com a casca, que aparece na peça serrada como ausência de madeira.**

"<Esmoadado> não é permitido." (41, p. 42).

Ver: **Defeito na madeira.**

Espécie autóctone *Sf.* **Espécie de árvore nativa que cresce e se desenvolve numa determinada região, de forma espontânea ou com o auxílio da ação humana.**

N. **Dentre as espécies autóctones mais cultivadas em reflorestamento no Brasil, estão a Seringueira, o Paricá, a Araucária, a Andiroba, a Copaíba, o Louro Vermelho, o Jatobá.**

Ver: **Floresta; Espécie exógena; Espécie nativa.**

Espécie exógena *Sf.* **Espécie de árvore presente numa determinada região da qual não é nativa, geralmente cultivada em florestas artificiais. No Brasil, as duas espécies exógenas mais cultivadas em reflorestamento são o Eucalipto e a Teca.**

"(...) árvores plantadas com fins econômicos, normalmente formada por uma única <espécie exógena>, o que não a permite dispor de biodiversidade significativa (...)." (151, p. 130).

Ver: **Floresta; Espécie autóctone; Espécie nativa.**

Espécie nativa *Sf.* **Espécie de árvore que cresce e se desenvolve de forma espontânea numa determinada região.**

"(...) utilizar-se de diversas espécies de madeiras, em mistura, como matéria-prima, por não ser viável economicamente o aproveitamento de uma única <espécie nativa> (...)." (44, p. 21).

Ver: **Floresta; Espécie autóctone; Espécie exógena.**

Espeque *Sm. V.Lex.:* **Escoramento.**

Espessura *Sf.* **Medida de menor extensão da seção transversal de uma peça de madeira, determinada pela menor distância entre as duas quinas de uma borda.**

"Encanoamento é permitido no caso em que o aplainamento da peça não reduza sua <espessura> em mais de 4 mm abaixo de sua espessura nominal." (41, p. 36).

Ver: **Dimensão; Espessura nominal; Espessura real; Sobre-espessura; Comprimento; Largura.**

Espessura nominal *Sf.* **Espessura que as peças de madeira devem ter, a um teor de umidade de 20%.**

"(...) a sobre-espessura é igual à espessura real menos a <espessura nominal>." (41, p. 58).

Ver: **Espessura; Espessura real.**

Espessura real *Sf.* **Espessura que as peças de madeira têm no ato da medição e da classificação.**

"(...) a sobre-espessura é igual à espessura real menos a <espessura nominal>." (41, p. 58).

Ver: **Espessura; Espessura nominal.**

Espiga *Sf.* Poção da borda da peça de madeira que foi fresada (com molduramento tipo macho) para permitir o encaixamento numa outra peça com entalhe de encaixe (molduramento tipo fêmea). A espiga é usada em lambris, molduras, portas, tábuas corridas, dentre outras peças.

"Os adesivos venfílicos podem ser usados em colagens não estruturais de substratos como madeira, incluindo: painéis, laminação (...), colagem de <espiga> e cavilha, etc. (63, p. 235)."

Ver: Corte de encaixe; Fresada; Lambril.

Espigadeira *Sf.* Máquina equipada com serra e lâmina reguláveis, usada na feitura de espigas.

Ver: Usinagem.

Espigamento *Sm. V.Lex.:* Fresada.

Estabilidade dimensional *Sf.* Propriedade que diz respeito à inalterabilidade da dimensão inicial da madeira.

"As propriedades obtidas são: (...) Incrementa <estabilidade dimensional> pela redução da umidade de equilíbrio 50%." (177, p. 104).

Ver: Empenamento.

Estaca *Sf.* Peça de madeira, de espessura e comprimento variados, usada geralmente para suporte das ramagens do pé de pimenteira (pimenta-do-reino), em pimentais, para suporte de arame farpado, em currais, ou para sustentação de cercado em geral.

"Locar com <estacas> a linha central cada 20 m (retas e curvas), colocar também duas <estacas> para os limites da área da estrada, esquerda e direita, ao mesmo tempo medir a distância com fita métrica (ou equivalente)." (234, p. 67).

Ver: Acha; Mourão.

Esteio *Sm. V.Lex.:* **Escoramento.**

Estimativa da altura comercial *Sf.* **Cálculo aproximado da altura comercial da árvore, efetuado geralmente a olho nu, por meio do teste da vara.**

"<Estimativa da altura comercial> - A estimativa da altura do tronco, que corresponde ao ponto de corte na base da árvore até a primeira bifurcação dos seus galhos, geralmente é feita a olho nu." (15, p. 25).

Ver: **Altura comercial; Teste da vara 1.**

Estrada primária *Sf. V.Sint.:* **Estrada principal.**

Estrada principal *Sf.* **Estrada municipal, estadual ou federal, de pavimentação asfáltica ou de piçarra, à qual as estradas secundárias estão conectadas e por onde a madeira extraída é transportada em caminhões diretamente para as serrarias, ou para um porto, de onde uma balsa fará o transporte final até às serrarias, onde as toras serão processadas.**

"Desenhar as estradas no mapa a partir da <estrada principal> iniciando por uma das laterais da área." (15, p. 6).

V.Sint.: **Estrada primária.**

Ver: **Estrada secundária.**

Estrada secundária *Sf.* **Estrada aberta na floresta para interligar o local de extração da madeira a uma estrada primária preexistente. A estrada secundária se conecta ao local de extração da madeira por meio do ramal principal e dos ramais de arraste.**

"Em terrenos acidentados deve-se definir uma rota para a <estrada secundária> que não exceda a inclinação de 2% nas curvas e 6 a 8% nas retas." (15, p. 8).

Ver: **Estrada principal; Pátio de estocagem.**

Estriado *Sm. V.Lex.:* **Ranhurado.**

Estria mineral *Sf.* **Mancha de cor que varia entre verde-oliva e verde-escuro (às vezes marrom), de origem imprecisa e comum em madeiras duras.**

"<Estria Mineral>: mancha de cor verde-oliva a verde escuro (...)." (234, p. 185).

Ver: **Mancha; Azulamento.**

Estronca *Sf. V.Lex.:* **Escoramento.**

Estufa *Sf.* **1. Ambiente artificial, onde se controla a temperatura, a umidade e o vapor de água, usado para secar a madeira.**

"As temperaturas na <estufa> no início do processo variam entre 40 a 80°C e, no final entre 65 a 90°C. Alta temperatura e circulação forçada do ar são os meios principais de acelerar a secagem." (251, p. 5).

Ver: **Secagem.**

2. Ambiente artificial para o cultivo de mudas.

"No momento das avaliações, o material genético foi submetido a determinações de umidade através do método da <estufa> 105° 3°C. Para avaliação da germinação foram utilizados germinadores de 30°C, com umidade e fotoperíodo controlados." (62, p. 155).

V.Lex.: **Viveiro.**

Ver: **Plantio; Muda.**

Eucalipto *Sm.* **Árvore da família da Mirtaceae e do Gênero Eucalyptus, originária da Austrália, cultivada no Brasil desde 1904. O Eucalipto reúne 670 espécies, dentre as quais estão as espécies mais cultivada no Brasil, abrangendo uma área de 3.752.000 hectares de floresta plantada. A madeira do eucalipto se destina, principalmente, à produção de celulose e papel, madeira serrada, lâminas e compensado, embalagem e lenha (para queima ou para produção de carvão).**

"A madeira roliça na região centro-sul do País é proveniente de reflorestamentos, principalmente daqueles realizados com as diversas espécies de <eucalipto>." (178, p. 24).

V.Estr.: *Eucalyptus camaldulensis*; *Eucalyptus citriodora*; *Eucalyptus dunnii*; *Eucalyptus grandis*; *Eucalyptus robusta*; *Eucalyptus saligna*; *Eucalyptus tereticarnis*; *Eucalyptus urograndis*; *Eucalyptus urophylla*.

Ver: Floresta plantada; Madeira reflorestada.

Exploração convencional *Sf. V.Sint.:* **Extração convencional.**

Exploração de Impacto Reduzido *Sf. V.Sint.:* **Extração manejada.**

Exploração madeireira *Sf. V.Lex.:* **Extração.**

Exploração manejada *Sf. V.Sint.:* **Extração manejada.**

Exploração planejada *Sf. V.Sint.:* **Extração manejada.**

Exploração predatória *Sf. V.Sint.:* **Extração predatória.**

Exploração seletiva de madeira *Sf. V.Sint.:* **Garimpagem florestal.**

Exploração sustentada *Sf. V.Sint.:* **Extração manejada.**

Exploração sustentável *Sf. V.Sint.:* **Extração manejada.**

Exploração *Sf. V.Lex.:* **Extração.**

Exploração convencional *Sf. V.Sint.:* **Extração convencional.**

Exsudação *Sf. V.Sint.:* **Exsudação de resina.**

Exsudação da cola *Sf. V.Sint.:* **Ultrapassagem de cola.**

Exsudação de resina *Sf.* **Presença de resinas, ou outras substâncias viscosas, secretadas por certas células da madeira na superfície da peça.**

"Alguns autores a reportam como moderadamente difícil de ser trabalhada por causa da dureza e da <exsudação de resina> que ocorre quando a madeira é aquecida pelas ferramentas." (6, p. 21).

V.Sint.: **Exsudação; V.Sint.: Zona resinosa.**

Ver: **Ultrapassagem de cola; Madeira serrada; Resina.**

Extração *Sf.* **Procedimento, que pode chegar a mais de 50% do custo total do processamento da madeira, que compreende o mapeamento da área a ser explorada, a abertura de estrada secundária e de ramais, a derruba, o destopamento, o arraste, o empilhamento das toras e o transporte da madeira até a serraria, onde a madeira será processada.**

"Na exploração convencional, a <extração> de uma árvore afeta 488 m² de floresta, enquanto na exploração manejada afeta apenas 336 m² (arraste com trator de esteira) e 370 m² (arraste com skidder)." (15, p. 108).

N. O termo “extração” é mais usado para a madeira de floresta nativa ou natural; para a madeira de floresta plantada, o termo mais usado é “colheita florestal”.

V.Sint.: **Extração da madeira; V.Sint.: Exploração madeireira; V.Sint.: Colheita da madeira. V.Lex.: Corte 3; V.Lex.: Exploração; V.Lex.: Tiração.**

Ver: **Colheita florestal; Extração convencional; Extração manejada; Extração predatória; Garimpagem florestal; Corte 4; Pré-corte; Madeira em pé.**

Extração convencional *Sf.* **Extração na qual não é seguido nenhum plano de manejo florestal que reduza os impactos ambientais da exploração. Este tipo de extração, quando aplicado em ciclos muito curtos sobre uma mesma área, pode leva à devastação ou desmatamento da floresta.**

"(...) parâmetro para indicar se é manejo de impacto reduzido ou <extração convencional>." (181, p. 116).

V.Sint.: **Exploração convencional; V.Sint.: Exploração convencional.**

Ver: **Extração; Extração manejada; Desmatamento; Manejo florestal.**

Extração da madeira *Sf. V.Sint.:* **Extração; V.Sint.:** **Colheita florestal.**

Extração manejada *Sf.* **Exploração dos estoques madeireiros de determinada floresta com base num plano de manejo florestal sustentável.**

"A extração e processamento predatórios geravam TIR de 108%, enquanto a <extração manejada> e processamento geravam TIR de 103%." (194, p. 48).

V.Sint.: **EIR; V.Sint.:** **Exploração de Impacto Reduzido; V.Sint.:** **Exploração manejada; V.Sint.:** **Exploração planejada; V.Sint.:** **Exploração sustentável; V.Sint.:** **Exploração sustentada.**

Ver: **Extração; Manejo florestal.**

Extração predatória *Sf.* **Exploração até a exaustão dos estoques de madeira da floresta de determinada área ou região.**

"O termo <exploração predatória> tem sido frequentemente utilizado para designar a atividade madeireira que não tem como base um Plano de Manejo Florestal corretamente executado" (96, p. 74).

N. A extração predatória constitui crime ambiental que pode ser punido com multa, apreensão (de madeira, máquinas e equipamento) e até com o fechamento da empresa ou estabelecimento que o praticou. *Ver:* Extração; Extração manejada; Garimpagem florestal.

Extração seletiva *Sf. V.Sint.:* **Garimpagem florestal.**

Extração seletiva de madeira *Sf. V.Sint.:* **Garimpagem florestal.**

Extrator *Sf. V.Lex.:* **Madeireiro 2.**

Extrator madeireiro *Sf. V.Sint.:* **Madeireiro 2.**

Faca *Sf.* **Peça de aço afiada integrada a uma máquina de corte da madeira, tais como guilhotina e torno desfolhador ou faqueador.**

"... a lâmina faqueada é obtida a partir de uma tora inteira, da metade ou de um quarto da tora, presa pelas laterais, para que uma <faca> do mesmo comprimento seja aplicada sob pressão (...)." (252, p. 28).

V.Lex.: **Lâmina 1; V.Lex.:** **Navalha.**

Ver: **Laminação.**

Face *Sf.* **1. As duas maiores superfícies longitudinais de uma peça de madeira ou compensado, ou as quatro superfícies longitudinais, nos casos de peças de madeira em que largura e espessura sejam iguais ou aproximadamente iguais.**

"As rachas podem aparecer nas <faces> laterais e nas extremidades/topos da peça." (251, p. 8).

V.Sint.: **Face da peça de madeira; V.Sint.:** **Face da peça.**

Ver: **Melhor face; Pior face; Borda; Quina; Topo.**

2. Lado de dentro da ponta do dente da serra, oposto à costa, que forma, juntamente com a reta do passo, o ângulo de corte.

"Faze a linha cortante da <face> [do dente] é qualquer outra posição da lâmina." (36, p. 56).

V.Sint.: **Face do dente; V.Sint.:** **Face do dente da serra; V.Sint.:** **Peito do dente.**

Ver: **Passo; Reta do passo; Ângulo de corte.**

Face comprimida *Sf.* **Face da lâmina de madeira que ficou em contacto com a contra-face durante o torneamento das toras, não contendo fendilhado.**

"<Face comprimida> - face da lâmina que ficou em contacto com a contra-face (...)." (101, p. 19).

Ver: **Madeira laminada 2; Face solta.**

Face da peça *Sf. V.Sint.:* **Face 1.**

Face da peça de madeira *Sf. V.Sint.:* **Face 1.**

Face do dente *Sf. V.Sint.:* **Face 2.**

Face do dente da serra *Sf. V.Sint.:* **Face 2.**

Face lateral *Sf. V.Lex.:* **Borda.**

Face solta *Sf.* **Face da lâmina de madeira que ficou em contacto com a navalha durante o processo de desenrolamento, contendo fendilhado.**

"<Face solta> - face da lâmina que ficou em contacto com a navalha (...)." (101, p. 19).

Ver: **Madeira laminada 2; Face comprimida.**

Faixa de fratura *Sf.* **Porção, de mais ou menos 10cm, entre a linha do corte horizontal do entalhe direcional (boca) e a linha do corte de abate.**

Ver: **Boca; Corte de abate.**

Faixa de proteção *Sf. V.Sint.:* **Quebra-fogo natural.**

Falha de compressão *Sf.* **Deformação nas fibras da madeira, causada por compressão excessiva ao longo da grã, em choque ou flexão.**

"<Falha de compressão> - deformação das fibras, causada pela excessiva compressão (...)." (101, p. 19).

Ver: **Fissura de compressão.**

Faqueamento *Sm.* Processo de laminação na qual um bloco maciço, uma tora ou torete, é preso pelas laterais para que uma lâmina (faca) do mesmo comprimento seja aplicada sobre a madeira, produzindo fatia a cada movimento. As lâminas assim produzidas são destinadas principalmente a revestimento decorativo de compensado, divisórias e móveis.

"Existem dois métodos para a produção de lâminas: o torneamento e o <faqueamento>." (178, p. 26).

Ver: **Madeira laminada; Laminação.**

Farinha de madeira *Sf.* Material obtido a partir da trituração de serragens e aparas, prroduzido em granulometria variada.

"Foi mantido o mesmo tipo de '<farinha de madeira>' (partículas) e alternado o tipo de adesivo e formação do colchão." (162, p. 68).

V.Lex.: **Partícula.**

Ver: **Resíduo.**

Fasquia *Sm.* Peça de madeira serrada com dimensões inferiores às da ripa, ou seja, com dimensão de corte transversal inferior a 10mm por 20mm.

"Ripa - pedaço de madeira comprido e estreito; <fasquia>, verga, sarrafo." (151, p. 242).

V.Lex.: **Ripinha.**

Ver: **Ripa, Peça de madeira.**

Fenda *Sf.* *V.Lex.:* **Rachadura.**

Fenda diametral *Sf.* Rachadura cuja profundidade atinge as duas faces da peça.

"<Fenda Diametral>: fenda que atinge as duas faces da peça." (234, p. 186).

Ver: **Rachadura.**

Fendilha *Sf. V.Morf.:* **Fendilhado.**

Fendilhado *Sm.* **Defeito da madeira que consiste em fendas superficiais, de pequenas dimensões, que aparecem, geralmente, durante o processo de secagem da madeira.**

"<Fendilhado> normal de secagem é permitido." (41, p. 35).

V.Morf.: **Fendilha; V.Morf.:** **Fendilhamento.**

Ver: **Rachadura; Defeito na madeira.**

Fendilhamento *Sm. V.Morf.:* **Fendilhado.**

Fibra *Sf.* **1. Estrutura filamentosa do tecido da madeira, que dependendo da sua disposição dá origem à grã reta, revessa ou ondulada.**

"A utilização de <fibras> vegetais por serem recursos renováveis e apresentarem baixo custo quando comparadas as sintéticas, podem representar uma economia na fabricação de novos materiais." (221, p. 15).

V.Sint.: **Fibra de madeira.**

Ver: **Madeira aglomerada.**

2. Alinhamento geral do tecido da madeira.

"Lâmina de madeira com grã (<fibra>) de formação irregular, indicada para fabricação de painéis decorativo e confecção de móveis." (173, p. 4).

V.Lex.: **Grã.**

Fibra de madeira *Sf. V.Sint.:* **Fibra.**

Fibras transversais *Sf.* **Fibras cujo alinhamento não é paralelo ao eixo da peça, comprometendo, com isto, a resistência da madeira à flexão axial. Fibras transversais são, geralmente, provenientes de toras curvas ou que apresentem grande conicidade.**

"<FIBRAS TRANSVERSAIS> são fibras não paralelas ao eixo da peça serrada> (...)." (36, p.172).

Ver: **Grã; Flexão axial.**

Filé *Sm. V.Lex.:* **Quadrado.**

Filete de fratura *Sm. V.Lex.:* **Dobradiça.**

Finger-joint *Sm. Junção de topo de peças de madeira com com multi-encaixe.*

"Os sarrafos podem apresentar união de topo, que pode ser reta ou do tipo <finger-joint>." (134, p. 126).

V.Sint.: **Emenda finger-joint; V.Sint.:** **Emendas múltiplas.**

Ver: **Borda aparada; Junta; EGP.**

Fissura de compressão *Sf. Fratura na tora, que aparece na superfície da peça como linhas quebradas ou zonas, de cor geralmente clara, dispostas perpendicularmente ao eixo longitudinal da peça, causada por excessivas tensões de compressão ao longo da grã, resultante da flexão da árvore, quando em pé, da derruba da árvore em terreno irregular, ou do manuseio inadequado das toras.*

"<Fissura de compressão> não é permitida." (41, p. 35).

Ver: **Cisalhamento; Derruba; Falha de compressão.**

Fixação *Sf. Reação química decorrente da ação de um produto preservativo, em solução de água, com o tecido da madeira, resultando numa combinação de alta insolubilidade.*

"O tratamento comumente utilizado é o químico, no qual ocorre a <fixação> de elementos preservativos na madeira (...)." (177, p. 36).

Ver: **Imunizante.**

Flechal *Sf.* *V.Lex.:* **Vigota.**

Flexão axial *Sf.* **Envergimento ou curvatura causada à peça de madeira por força ou pressão exercida sobre o seu eixo longitudinal.**

"Normalmente se tem aumento da relação entre a resistência à tração na <flexão [axial]> e a compressão axial." (78, p. 22).

Ver: **Cisalhamento; Compressão axial.**

Flona *Sf.* **Floresta pública federal, tais como as Flonas de Jamari (Rondônia), de Bom Futuro (Rondônia), de Tafé (Amazonas), de Caxiuanã e de Tapajós (Pará), na qual a exploração madeireira pode ser realizada mediante concessão florestal pelo poder público.**

"(...) os contratos de manejo ou exploração na <Flona> deveriam ser mais confiáveis do que os contratos de arrendamento disponíveis no setor privado." (23, p. 35).

V.Sint.: **Floresta Nacional.**

Ver: **Concessão florestal; Floresta pública; Flota.**

Floresta *Sf.* **Conjunto de árvores, heterogênicas (no caso de florestas nativas) ou homogêneas (no caso de florestas artificiais), que recobre uma determinada área de um local ou região.**

"A implementação do objeto amplo e indispensável do conceito de <floresta> requer primeiramente um novo entendimento desse bem natural, sob o aspecto jurídico, localizando-o basicamente no quadro de bens particulares e públicos (...)" (71, p. 88).

V.Lex.: **Mata**

Ver: **Floresta nativa; Floresta nativa de produção; Floresta artificial; Floresta natural; Floresta homogênea; Floresta plantada; Floresta tropical; Floresta pública; Floresta privada.**

Floresta alagada *Sf.* *V.Sint.:* **Floresta de várzea.**

Floresta arenosa *Sf.* *V.Sint.:* **Floresta de flanco.**

Floresta artificial *Sf.* **Floresta, em geral de uma única espécie, exógena ou autóctone, que apresenta biodiversidade de baixa complexidade (homogeneidade florestal), em contraste com os ambientes naturais, plantada com fins econômicos.**

"<Floresta artificial> - é o conjunto de árvores plantadas com fins econômicos (...)." (151, p. 130).

Ver: **Floresta.**

Floresta de flanco *Sf.* **Floresta de transição entre a floresta de várzea e a floresta de terra firme, caracterizada por terreno pobre e arenoso, no qual é desaconselhado a utilização de máquinas.**

"A <floresta de flanco> é uma transição entre a floresta de várzea e a de planalto." (93, p. 6).

V.Sint.: **Floresta arenosa.**

Ver: **Floresta de terra firme; Floresta de várzea.**

Floresta de igapó *Sf.* *V.Sint.:* **Floresta de várzea.**

Floresta de planalto *Sf.* *V.Sint.:* **Floresta de terra firme.**

Floresta destinada *Sf.* *V.Sint.:* **Floresta pública destinada.**

Floresta de terra firme *Sf.* **Floresta densa assentada, predominantemente, em terreno argiloso, caracterizada por uma grande diversidade de espécies de madeira e por terreno alto e de chão firme que permite a utilização de máquinas e exploração em qualquer estação do ano.**

"As <florestas de terra firme> são mais ricas em espécies do que as florestas de várzea e há predominância das chamadas madeiras duras, que são mais valorizadas no mercado." (34, p. 117).

V.Gráf.: Floresta de terra-firme; *V.Sint.:* Floresta de planalto.

Ver: Floresta de várzea; Floresta de flanco.

Floresta de terra-firme *Sf. V.Gráf.:* Floresta de terra firme.

Floresta de várzea *Sf.* Floresta inundada periodicamente ou diariamente (com a frequência das enchentes e vazantes das marés), localizada em terrenos baixos e planos, junto às margens dos rios.

"Este é um padrão geral da exploração madeireira nas <florestas de várzea> na Amazônia (...)." (188, p. 13).

N. A floresta de várzea, se por um lado oferece dificuldade à utilização de máquinas, como tratores de arraste, por outro, permite grande facilidade ao acesso do homem, que pode se locomover por meio de canoas ou pequenos barcos, e ao arraste e transporte das toras, que, no caso das que flutuam, podem ser transportadas em jagadas ou, no caso das pesadas, em balsas.

V.Sint.: Floresta alagada; *V.Sint.:* Floresta de igapó.

Ver: Floresta de terra firme; Floresta de flanco; Transporte da madeira.

Floresta Estadual *Sf. V.Sint.:* Flota.

Floresta heterogênea *Sf.* Floresta, geralmente natural, constituída por várias espécies de árvores e ecossistema mais complexo que as florestas homogêneas.

"... <[floresta] heterogêneas>, são assim chamadas por possuírem uma enorme variedade genética, de formação mais complexa que as homogêneas, constituindo verdadeiros sítios de patrimônios genéticos das espécies, com centenas de milhares de ecossistemas dependentes." (71, p. 92).

Ver: Floresta, Floresta homogênea.

Floresta homogênea *Sf.* Floresta, geralmente artificial, constituída por uma única ou por poucas espécies, que podem ser exógenas ou autóctone.

"Floresta homogênea - estrato florestal constituído de uma espécie predominante, geralmente plantada para fins comerciais." (151, p. 130).

N. Embora não seja muito comum, também há florestas naturais homogêneas, como é o caso das florestas de araucárias no Sul do Brasil.

Ver: **Floresta, Floresta heterogênea.**

Floresta manejada *Sf.* **Floresta, pública ou privada, explorada sob o regime de um plano de manejo florestal sustentável.**

"O monitoramento do desenvolvimento da <floresta manejada> é exigido por normas do IBAMA para propriedades acima de 500 hectares." (23, p. 41).

Ver: **Unidade de manejo florestal.**

Floresta Nacional *Sf. V.Sint.:* **Flona.**

Floresta não destinada *Sf. V.Sint.:* **Floresta pública não destinada.**

Floresta nativa *Sf.* **Floresta natural que cresce e se desenvolve de forma espontânea num determinado local, podendo ou não já ter sofrido intervenção humana, mas mantendo a sua constituição original sem o auxílio da ação humana.**

"Não é demais reafirmar que o Brasil possui um grande potencial oriundo das <florestas nativas> que poderiam ser utilizadas para a geração de bens e serviços através das técnicas de manejo florestal em regime de rendimento sustentado." (1, p. 13).

N. Segundo estudo da FAO (apud ABIMCI, 2008), a floresta nativa brasileira representa pouco mais de 50% de toda a cobertura de floresta nativa da América Latina, o que equivale, aproximadamente, a 470 milhões de hectares de florestas nativas. A maior parte dessa área é constituída pela floresta Amazônica.

Ver: **Floresta; Floresta nativa de produção.**

Floresta nativa de exploração *Sf. V.Sint.:* **Floresta nativa de produção.**

Floresta nativa de produção *Sf.* **Floresta nativa em que há extração de madeira.**

"(...) estudos da FAO estimam que cerca de 45% da cobertura florestal nativa [na Amazônia] é representada por <florestas nativas de produção> (...)." (1, p. 12).

N. Estudos da FAO (apud ABIMCI, 2008) estimam que cerca de 45% dos aproximadamente 470 milhões de hectares de floresta nativa brasileira seja floresta nativa de exploração. O restante, os 55% ou cerca de 260 milhões de hectares, constitui floresta nativa que, por força de lei e, principalmente, por estar localizada em áreas em que a ausência total de infra-estrutura impede o acesso para extração da madeira, mantém-se totalmente preservada.

V.Sint.: **Floresta nativa de exploração.**

Ver: **Floresta; Floresta nativa.**

Floresta natural *Sf.* **Floresta que cresce e se desenvolve, num determinado local, de forma espontânea ou com a ajuda da intervenção humana. A floresta natural se difere da floresta nativa, pois aquela pode ter a sua constituição original recuperada com o auxílio da ação humana, mas esta, não.**

"A pressão sobre os recursos florestais está diretamente relacionada ao abastecimento das siderúrgicas com carvão vegetal, o que nos últimos anos foi feito principalmente com base na conversão da <floresta natural>." (206, p. 53).

Ver: **Floresta.**

Floresta plantada *Sf.* **Floresta artificial, resultante de um processo de cultivo. A implantação, manutenção e exploração de florestas plantadas devem seguir projetos previamente aprovados pelo IBAMA.**

"As <florestas plantadas> no Brasil atingiram, em 2007, um total muito próximo dos 6,0 milhões de ha. (...)." (1, p.13).

N. No Brasil, segundo estudos da ABIMCI (2008), a área de floresta plantada é de aproximadamente 6 milhões de hectares, dos quais 62,7% é representado pelo eucalipto, seguido pelo pinus com 30,2%.

Ver: Floresta; Floresta nativa; Reflorestamento.

Floresta primária *Sf.* Floresta nativa em seu estado original, antes de sofrer processo de extração madeireira, ou algum tipo de degradação da mata por ação do homem ou de fenômenos naturais.

"Apesar das florestas secundárias não substituírem integralmente as <florestas primárias>, aquelas são fonte de grande diversidade de produtos de utilização humana e de importância econômica, tais como: madeira para construção rural, madeira para carvão, lenha, (...)." (125, p. 37).

V.Sint.: Mata primária.

Ver: Floresta; Floresta secundária.

Floresta privada *Sf.* Floresta, natural ou plantada, cujo direito de posse e/ou propriedade pertence a uma empresa (pessoa jurídica) ou a um indivíduo (pessoa física). O Código Florestal Brasileiro trata as florestas, existentes no território nacional, como bens de interesse comum a todos os habitantes do país, de modo que o direito de propriedade só pode ser exercido com limitações impostas pelo poder público (Cf. FLORES, 1999).

"Os custos de produção em <floresta privada> seriam mais altos devido aos custos do capital investido na terra, que não foram considerados para as terras públicas." (23, p. 10).

N. A exploração madeireira, em florestas privadas, só pode ser realizada mediante a prévia aprovação, por órgão ambiental competente, de um plano de manejo florestal sustentável (quando se tratar de floresta natural) ou de um projeto de implantação, manutenção e exploração (quando se tratar de floresta plantada).

Ver: Floresta; Floresta pública.

Floresta pública *Sf.* Floresta, natural ou plantada, localizada em todo o território nacional, que esteja sob o domínio da União, dos Estados, dos Municípios, do Distrito Federal, ou das entidades da administração indireta, na qual a exploração pode ser feita mediante concessão florestal. As florestas públicas podem ser destinadas ou não destinadas.

"Uma condição primária de qualquer <floresta pública> é a sua destinação, nesse caso a floresta pode estar destinada ou não estar destinada." (209, p. 3).

Ver: Floresta pública destinada; Floresta pública não destinada; Floresta privada; Concessão florestal; Flona; Flota.

Floresta pública destinada *Sf.* **Floresta pública cuja utilização já está definida pelo Estado para cumprimento de uma função social, tais como a conservação ambiental ou o uso comunitário por grupos sociais.**

"A adequação de procedimentos técnicos e administrativos, assim como a ampliação das oportunidades de capacitação são pontos a serem trabalhados para facilitar a adoção do manejo florestal sustentável por comunidades e famílias vivendo em <florestas públicas destinadas> ao uso comunitário." (208, p. 7).

V.Sint.: **Floresta destinada.**

Ver: **Floresta pública.**

Floresta pública não destinada *Sf.* **Floresta pública sem destinação definitiva dada pelo Estado, sendo passível de concessão florestal para exploração sustentável.**

"Essa forma de gestão indireta pode ser aplicada às Florestas Nacionais e a outras <florestas públicas não destinadas> ao uso comunitário ou a unidades de conservação de proteção integral." (208, p. 21).

V.Sint.: **Floresta não destinada.**

Ver: **Floresta pública; Concessão florestal.**

Floresta regenerada *Sf.* *V.Sint.:* **Floresta secundária.**

Floresta secundária *Sf.* **Floresta nativa em processo de regeneração natural, após passar por ciclo de extração, ou por algum tipo de degradação da mata por ações do homem ou de fenômenos naturais.**

"Em comparação, a biomassa viva média acima do solo nas áreas de floresta queimadas intensamente foi reduzida a um nível comparável às 54 t/ha⁻¹ estimadas para <florestas secundárias> antigas com 10 anos em pastagem abandonada." (89, p. 22).

V.Sint.: **Mata secundária; V.Sint.:** **Floresta regenerada.**

Ver: Floresta; Capoeira; Floresta primária.

Floresta tropical *Sf.* Floresta natural dos países do hemisfério sul (de clima tropical), situados entre os Trópicos de Câncer e o de Capricórnio, principalmente de parte da América do Sul, África Central, Sudeste da Ásia e Oeste da África.

"Na realidade, na Região Amazônica está uma das últimas grandes superfícies contínuas de <florestas tropicais> do planeta." (1, p. 12).

Ver: Floresta.

Flota Floresta pública estadual, tais como as Flotas de Trombetas, Paru, Faro e Iriri (todas no Pará), na qual a exploração pode ser realizada mediante concessão florestal pelo poder público.

"Estudo pioneiro publicado em 2000, realizado em parceria com o Banco Mundial, serviu de referência para a elaboração da política de expansão das Florestas nacionais (Flonas) e Estaduais (<Flotas>) na Amazônia." (110, p. 12).

V.Sint.: Floresta Estadual.

Ver: Concessão florestal; Floresta pública; Flona.

FNDF *Sm.* Fundo, de natureza contábil, instituído pela Lei Federal nº 11.284, de 2 de março de 2006, destinado a fomentar o desenvolvimento de práticas e pesquisas em manejo e a promover a inovação tecnológica do setor florestal no Brasil.

"Fica criado o Fundo Nacional de Desenvolvimento Florestal - <FNDF>, de natureza contábil, gerido pelo órgão gestor federal, destinado a fomentar o desenvolvimento de atividades sustentáveis de base florestal no Brasil e a promover a inovação tecnológica do setor." (42, Art. 14).

N. De acordo com a referida Lei, os recursos do FNDF são destinados, prioritariamente: a) à pesquisa e desenvolvimento de tecnologia em manejo florestal; b) à recuperação de áreas degradadas, com o plantio de espécies nativas; c) ao controle e monitoramento das atividades florestais e do desmatamento; d) à educação ambiental; e) à preservação do meio ambiente e à conservação dos recursos naturais.

V.Sint.: **Fundo Nacional de Desenvolvimento Florestal.**

Folha de madeira *Sf. V.Sint.:* **Madeira laminada 2.**

Forest Stewardship Council *Sm. V.Sint.:* **FSC.**

Formação das mantas *Sf.* **Etapa do processo de produção do MDF, em que as fibras de madeira são suspensas ao ar formando uma espécie de colchão a seco, cuja altura é delimitada por um cilindro dentado acoplado a um tubo seccionador de fibra excedente.**

"o silo de fibras, também chamado de tanque "pulmão", tem a função de acumular um volume adequado de fibras para a <formação das mantas> (entrelaçamento) (...)." (48, p. 3).

V.Sint.: **Entrelaçamento das fibras; V.Lex.:** **Entrelaçamento.**

Ver: **MDF; Manta.**

Forno *Sm.* **Câmara metálica ou em alvenaria, ou, na forma rudimentar, buraco aberto no chão (caieira), usada para carbonizar a lenha no processo de produção do carvão vegetal.**

"O <forno> de 5m de diâmetro, com melhor controle de entrada do ar e vida útil mais longa, é usado pelas empresas siderúrgicas com produção própria, em baterias de 36 a 108 fornos." (70, p. 3).

V.Sint.: **Forno carvoeiro.**

Ver: **Carvão vegetal; Forno de alvenaria; Forno metálico; Forno por carga;**

Forno contínuo; Caieira.

Forno carvoeiro *Sm. V.Sint.:* **Forno.**

Forno contínuo *Sm.* **Forno que opera em fluxo contínuo, sem intervalo de carga, cujo processo de carregamento, carbonização, esfriamento e descarga do carvão é todo automatizado.**

"Os fornos mencionados são fornos por carga, por oposição aos <fornos contínuos> que, como o nome indica, operam com um fluxo contínuo de lenha (ou, mais geralmente, biomassa vegetal)." (139, p. 77).

Ver: **Forno; Carvão vegetal.**

Forno de alvenaria *Sm.* **Forno de tijo e cimento, construído com paredes cilíndricas (cujo topo é uma abóbada fechada), contendo uma porta, por onde é feita a carga da lenha e a retirada do carvão, e alguns suspiros, para controlar a oxigenação e a queima da lenha, apresentando, geralmente, diâmetro de 3m (rabo quente), 4m (forno de encosta) ou 5m (forno de superfície).**

"Nos <fornos de alvenaria>, o avanço do processo de carbonização é avaliado pela coloração da fumaça que escapa pelos orifícios." (70, p. 3).

Ver: **Forno; Rabo quente; Forno de encosta; Forno de superfície; Oxigenação.**

Forno de encosta *Sm.* **Forno de alvenaria, construído em terreno acidentado, em que parte do fechamento é feito pelo barranco da encosta.**

"Os modelos mais comuns são o forno tipo rabo quente (3m de diâmetro), <forno de encosta> (4m) e forno de superfície (5m)." (139, p. 78).

Ver: **Forno de alvenaria.**

Forno de superfície *Sm.* **Forno de alvenaria, construído sobre o solo, com diâmetro, geralmente, de 5m.**

"Os modelos mais comuns são o forno tipo rabo quente (3m de diâmetro), forno de encosta (4m) e <forno de superfície> (5m)." (139, p. 78).

Ver: **Forno de alvenaria.**

Forno metálico *Sm.* **Forno, em formato cilíndrico ou de campânula, construído em chapa de aço, revestida internamente com fibra cerâmica refratária, que permite ciclos de carbonização mais curtos que os fornos de alvenaria.**

"A operação dos <fornos metálico> tem as mesmas etapas que a dos fornos de alvenaria, com algumas vantagens." (139, p. 81).

V.Sint.: **Unidade de carbonização.**

Ver: **Forno; Carvão vegetal; Corvoaria.**

Forno por carga *Sm.* **Forno de alvenaria ou metálico que opera por intervalo de carga, cujo tempo de carbonização, esfriamento e descarga do carvão pode levar de quatro a dez dias.**

"Os fornos mencionados são <fornos por carga>, por oposição aos fornos contínuos que, como o nome indica, operam com um fluxo contínuo de lenha (ou, mais geralmente, biomassa vegetal)." (139, p. 77).

Ver: **Forno; Carga; Carvão vegetal.**

Forro *Sm. V.Lex.:* **Lambril.**

Fresada *Sf.* **Usinagem da peça de madeira que consiste em trabalhar as bordas, manualmente ou com fresa, para dar às mesmas um contorno (espiga) que permita o encaixamento de uma peça a outra (com entalhe de encaixe), no formato macho e fêmea.**

"As bordas de peças a serem <fresadas> devem ser livres de defeitos que possam prejudicar sua utilização." (41, p. 42).

V.Lex.: **Respigado; V.Lex.:** **Espigamento.**

Ver: **Usinagem; Entalhe de encaixe; Espiga.**

FSC *Sm.* **Conselho de manejo florestal, de âmbito internacional e de caráter independente, que, por meio de organizações por ele credenciadas, concede selo de certificação a empresas que processam e/ou comercializam produtos de origem florestal.**

"(...) <FSC> (Forest Stewardship Council), ou Conselho de Manejo Florestal, [é um] sistema independente de certificação florestal, um dos mais rigorosos do mundo (...)." (90, p. 26).

N. A atuação do FSC se dá por meio da criação e desenvolvimento de princípios e normas para a certificação florestal, por meio do credenciamento de organizações certificadoras e por meio do apoio e/ou desenvolvimento de padrões (de exploração dos recursos florestais) economicamente viáveis para cada região, em conformidade com as condições socioambientais locais. O FSC foi fundado em 1993, após a ECO-92 no Rio de Janeiro, e está em operação no Brasil desde 1996.

V.Estr.: **Forest Stewardship Council.**

Ver: **Certificação FSC; Selo FSC; FSC Brasil; Tripé da sustentabilidade.**

FSC Brasil *Sm.* **Organização sem fins lucrativos, criada em 1996 e credenciada em 2002, que tem como principal objetivo promover o manejo florestal nas florestas brasileiras em conformidade com os princípios e normas do FSC. O FSC Brasil possui independência financeira em relação ao FSC internacional, captando os seus recursos por meio de consórcios, convênios e parcerias com empresas, ONGs e o poder público.**

"O volume e a diversidade de produtos certificados FSC produzidos no Brasil levaram as organizações Imaflora, Amigos da Terra, <FSC Brasil> e Imazon a acreditar que o país estava pronto para ter a sua própria feira de negócios FSC." (38, p. 295).

V.Sint.: **Conselho Brasileiro de Manejo Florestal; V.Gráf.: FSC-Brasil; V.Sint.:**
CBMF.

Ver: **FSC.**

FSC-Brasil *Sm. V.Gráf.:* **FSC Brasil.**

Fundo Nacional de Desenvolvimento Florestal *Sm. V.Sint.:* **FNDF.**

Fungo embolorador *Sm.* **Fungo que ataca, predominantemente, às células do tecido radial da madeira e os tecidos vizinhos a teste, devido à maior abundância de materiais nutritivos nestes tecidos, causando a perfuração dos raios da madeira e tornando-a mais higroscópica que no seu estado natural.**

"A madeira atacada por <fungos emboloradores> apresenta-se com o fungo aparentemente somente em suas superfícies (...)." (144, p. 4).

Ver: **Bolor.**

Furo *Sm.* **Perfuração na madeira causada por inseto ou resultante de desprendimento de nó ou galho. O furo constitui um tipo de defeito da madeira.**

"<Furos> causados por ataque de insetos em geral não são permitidos." (41, p. 47).

Ver: **Defeito na madeira; Furo de inseto; Furo de inseto ativo; Furo de inseto inativo; Furo grande de inseto; Furo de nó.**

Furo de inseto *Sm.* **Defeito na madeira causado pela perfuração do lenho por inseto.**

"Quando a madeira é comprada sob especificações combinando o termo "<Furo de inseto> não é defeito" com os nomes das classes padrão tais como "Primeiras e Segundas, <Furo de Insetos> Não Constitui Defeito" (233, p. 140).

Ver: **Defeito na madeira; Furo.**

Furo de inseto ativo *Sm.* **Furo de inseto que contém o animal vivo.**

"<Furo de inseto ativo> (...) Perfuração na madeira que contém inseto vivo" (41, p. 55).

Ver: **Furo.**

Furo de inseto inativo *Sm.* **Furo de inseto sem a presença do animal vivo.**

"<Furo de inseto inativo> (...) Perfuração na madeira causada por insetos, estando estes desaparecidos ou mortos." (41, p. 55).

Ver: **Furo.**

Furo de nó *Sm.* **Furo resultante do desprendimento de nó.**

"<Furos de nós> - vazios resultantes de desprendimento de nó." (101, p. 20).

Ver: **Furo; Nó.**

Furo grande de inseto *Sm.* **Furo de inseto com diâmetro máximo superior a 10mm, causado por certos tipos de inseto.**

"(...) <furos grandes de insetos> são permitidos, mas considerados como defeitos (...)." (41, p. 40).

V.Lex.: **Galeria.**

Ver: **Furo.**

Fuste *Sm.* **Parte da árvore, entre o pé da árvore e as ramificações, que suporta os galhos e cresce em direção contrária à das raízes.**

"PARA-PARÁ (...) <Fuste> cilíndrico e aproximadamente reto, com até 18 m de comprimento." (168, p. 252).

V.Lex.: **Caule; V.Lex.:** **Tronco.**

Ver: **Qualidade do tronco.**

G - g

Galeria *Sf. V.Sint.:* **Furo grande de inseto.**

Galhada *Sf.* **Conjuto de todos os galhos decepados do fuste da árvore derrubada, resultante do processo de traçamento. A galhada, representada pelos galhos de maiores diâmetros, pode ser transformada em toretos para produção de lenha ou carvão.**

"Torete - Seções aproveitáveis da árvore originadas a partir da <galhada>, ou de seções da tora, destinadas à cadeia produtiva da madeira serrada." (43, p. 20).

V.Morf.: **Galharada.**

Ver: **Traçamento; Subproduto madeireiro; Torete 1.**

Galharada *Sf. V.Morf.:* **Galhada.**

Garganta *Sf. V.Sint.:* **Garganta do dente.**

Garganta do dente *Sf.* **Espaço entre os dentes da serra, que vai da costa de um dente à face de outro.**

"Por outro lado, uma serra com muita força e alta alimentação requer uma lâmina com o máximo possível de dentes, especialmente em toros pequenos e intrincados onde a capacidade da <garganta do dente> não é requerida." (36, p. 91).

V.Sint.: **Garganta.**

Ver: **Face do dente da serra; Costa do dente da serra.**

Garimpagem florestal *Sf.* **Extração madeireira que retira da floresta apenas espécies de alto valor comercial.**

"As práticas de exploração madeireira na Amazônia podem ser caracterizadas como '<garimpagem florestal>.'" (15, p. vi).

N. A garimpagem florestal é considerada um dos entraves para a exploração sustentável das florestas tropicais, pois essa prática extrai um pequeno número de árvores, em média uma ou duas por hectare, mas causa impactos ambientais (com a abertura de estradas e ramais) que tornam economicamente inviável tal atividade. A garimpagem florestal muitas vezes resulta numa exploração predatória que pode ameaçar de extinção algumas espécies, como é o caso do Mogno (Swietenia Macrophylla King).

V.Sint.: **Extração seletiva; V.Sint.:** **Extração seletiva de madeira; V.Sint.:** **Exploração seletiva de madeira; V.Sint.:** **Corte seletivo.**

Ver: **Corte 3; Extração; Extração predatória; Extração manejada.**

Gotejamento *Sm.* **Escoamento gotejante de produto preservativo do tecido saturado da madeira, após o processo de tratamento de imunização.**

"Após este período de pressão, novamente é dado um vácuo, que tem como objetivo retirar o excesso de líquido imunizante da superfície da madeira, evitando com isto o <gotejamento> após a madeira ser retirada da autoclave." (172, p. 1).

Ver: **Imunização.**

Grã *Sf.* **1. Alinhamento geral das células do tecido da madeira em relação ao eixo principal do lenho. 2. Aspecto macroscópico da disposição geral das fibras do tecido celular da madeira.**

"(...) Superfície pouco lustrosa, textura fina e uniforme, lisa ao tato, <grã> predominantemente direita, sem cheiro ou gosto perceptíveis." (168, p. 156).

V.Lex.: **Fibra 2.**

Ver: **Grã reta; Grã revessa; Grã ondulada; Fibras transversais.**

Grã decorativa *Sf.* **Grã ondulada que produz um efeito decorativo na face da peça de madeira.**

Ver: **Grã; Grã ondulada.**

Grã direita *Sf. V.Sint.:* **Grã reta.**

Grã entrecruzada *Sf.* **Grã cujos elementos axiais da madeira, em sucessivos incrementos, são inclinados em diferentes direções, com relação ao eixo longitudinal da peça.**

"CÁSSIA-RÓSEA (...) Características gerais: superfície com brilho mediano; textura grossa; <grã entrecruzada>." (168, p. 94).

Ver: **Grã; Grã revessa.**

Grã inclinada *Sf. V.Sint.:* **Inclinação da grã.**

Grã ondulada *Sf.* **Disposição das fibras da madeira, que produz um efeito na forma de ondas (elípticas) na face da peça.**

"CEDRORANA (...) <Grã ondulada>, textura grossa, cheiro desagradável quando úmida, imperceptível depois da madeira seca, e gosto indistinto." (222, p. 46).

Ver: **Grã; Grã decorativa.**

Grã reta *Sf.* **Grã cuja inclinação geral dos elementos axiais, em relação à quina da peça, não excede a 3%.**

"(...) Madeira de cor castanha clara, textura média e <grã reta>, lembrando vagamente a madeira de carvalho." (168, p. 155).

V.Sint.: **Grã direita.**

Ver: **Grã.**

Grã revessa *Sf.* **Grã entrecruzada cuja disposição das fibras da madeira produz uma superfície áspera ou felpuda na peça.**

"<Grã revessa>, superfície áspera, de coloração pardo avermelhada, comportamento ruim ao acabamento e rachaduras provocadas por tensões da madeira." (61, p. 85).

V.Sint.: **Arreverso; V.Sint.:** **Reverso.**

Ver: **Grã; Grã entrecruzada.**

Greta *Sf.* **Defeito da madeira que consiste em separação das células do tecido lenhoso da madeira, geralmente paralela aos raios, que ocorre no interior de uma peça ou tora.**

"Madeira de cor castanha clara, textura média e <grã reta>, lembrando vagamente a madeira de carvalho." (168, p. 155).

Ver: **Rachadura.**

Grua *Sf.* **Máquina, ou espécie de guindaste, adaptável a um trator, caminhão ou a uma base fixa no pátio de estocagem da serraria, que pode se mover em diversos ângulos para suspender e movimentar toras de madeira ou outros materiais pesados.**

"A <Grua> 22.90S é uma das maiores, com capacidade de carga de 22 tonos e comandada remotamente por rádio frequência." (177, p. 103).

V.Sint.: **Grua florestal.**

Ver: **Trator; Cabeçote processador; Transporte da madeira.**

Grua florestal *Sf. V.Sint.:* **Grua.**

Guilhotina *Sf.* **Máquina equipada com faca, utilizada para dimensionar, por meio de corte, lâminas de madeira secas ou verdes.**

"Fabricar 10 metros cúbicos de lâmina guilhotinada por hora é outra história, que começa na saída do torno e termina na saída da <guilhotina> (...)." (61, p. 108).

Ver: **Compensado; Lâmina 1; Madeira laminada.**

H - h

Hardboard *Sf. V.Dec.:* **Chapa dura.**

Harvester *Sm.* **Trator, com rodado de pneu ou esteira, utilizado na colheita florestal, equipado com cabeçote processador que permite cortar e traçar a árvore numa única operação.**

"O <harvester> mais utilizado é o que tem a escavadeira de 21 toneladas, como máquina-base, adaptado para aplicação florestal e um cabeçote de harvester." (174, p. 107).

V.Sint.: **Colheitadeira florestal.**

Ver: **Colheita florestal; Cabeçote; Traçamento mecânico; Trator.**

HDF *Sm.* **Painel de densidade de massa superior a 800 Kg/m³ (chapa dura), composto de partículas de fibra de madeira e adesivo termofixo, que se compactam sob ação conjunta de pressão e alta temperatura, destinado, sobretudo, à produção de piso.**

"(...) são incluídos os painéis de fibra correlatos de maiores densidades: o de alta densidade (high density fiberboard – <HDF>) e os superdensos (super density fiberboard – SDF) (...)" (134, p. 141).

V.Estr.: **High Density Fiberboard**; *V.Dec.:* **Painel de Alta Densidade.**

Ver: **Chapa dura; SDF; Madeira aglomerada.**

High Density Fiberboard *Sm. V.Sint.:* **HDF.**

I - i

ICA *Sf. V.Sint.:* **Incremento Corrente Anual.**

Ignição da lenha *Sf. V.Lex.:* **Carbonização.**

Igualizador *Sm. V.Lex.:* **Conformador.**

IMA *Sm. V.Sint.:* **Incremento Médio Anual.**

IMAFLORA *Sm.* **Organização sem fim lucrativo, criada em 1995 em Piracicaba (SP), que se empenha em promover mudanças de posturas no sentido de um uso equilibrado dos recursos naturais de origem florestal e agrícola, utilizando como ferramenta, entre outras, a certificação ambiental.**

"O <Imaflora>, Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola, é uma entidade não governamental, sem fins lucrativos, que tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento sustentável, incentivando e promovendo o manejo florestal e agrícola ambientalmente adequado, socialmente justo e economicamente viável." (106, p. 18).

V.Sint.: Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola.

Impregue *Sm.* **Compensado impregnado com resina sintética, para reduzir tendências ao inchamento e a contração da madeira.**

"<Impregue> - chapa tratada com resina sintética para reduzir tendências ao inchamento e contração." (101, p. 20).

V.Sint.: **Compensado impregue.**

Ver: **Compensado.**

Imunização *Sf.* **Tratamento no qual se infiltra produtos preservativos no tecido celular da madeira. O processo de imunização pode ser efetuado de duas formas: sob pressão (autoclavagem) ou sem pressão (tratamento de campo). Tanto na autoclavagem quanto no tratamento de campo a qualidade da imunização depende da penetração e da retenção do produto preservativo no tecido celular da madeira.**

"No processo de <imunização>, a madeira em toras é enviada para a usina de preservação, após um período de secagem controlada ao ar livre." (172, p. 1).

V.Sint.: **Imunização da madeira; V.Lex.: Preservação; V.Sint.: Preservação da madeira; V.Sint.: Tratamento preservativo; V.Sint.: Tratamento preservativo da madeira; V.Sint.: Tratamento preservante; V.Sint.: Tratamento da madeira.**

Ver: **Pré-tratamento; Produto preservativo; Autoclavagem; Tratamento sem pressão; Penetração; Retenção.**

Imunização da madeira *Sf.* *V.Sint.:* **Imunização.**

Imunizante *Sm.* *V.Sint.:* **Produto preservativo.**

Inclinação da grã *Sf.* Desvio entre a direção geral longitudinal dos elementos axiais da madeira e a quina da peça. A inclinação é medida num local da peça onde a direção das fibras represente a disposição geral da grã (isto é, sem levar em conta os desvios locais) a uma distância igual ou superior ao dobro da largura da peça, sendo expressa em porcentagem.

"O movimento da umidade, a estabilidade dimensional, a resistência mecânica e condições de acabamento superficial, estão diretamente relacionados com o ângulo da <inclinação da grã>." (162, p. 17).

V.Sint.: Grã inclinada.

Ver: Grã; Desvio local da grã.

Incremento *Sm.* Aumento de volume (considerando circunferência, diâmetro, área transversal, área basal, altura) do povoamento durante um período de tempo determinado (geralmente, de um ano).

"Se os tratamentos silviculturais tivessem menor impacto no crescimento das árvores (<incremento> diamétrico de 0,6 cm/ano), seriam necessários 30 anos para que o volume disponível, 38,2 m³/ha, fosse similar ao volume explorado no primeiro corte." (31, p. 30).

Ver: Incremento Médio Anual; Incremento Corrente Anual; Volume acumulado.

Incremento acumulado *Sm.* *V.Sint.:* Volume acumulado.

Incremento Corrente Anual *Sm.* Incremento ocorrido no período de um ano.

"A estratégia mais recomendável é manter o povoamento crescendo em taxas próximas do máximo <incremento corrente anual> em área basal, o que pode ser conseguido por desbastes leves e freqüentes." (178, p. 76).

V.Sint.: ICA.

Ver: Incremento; Incremento Médio Anual; Incremento acumulado.

Incremento Médio Anual *Sm.* **Quantidade de crescimento obtida pelo cálculo da divisão do incremento acumulado (volume acumulado) pela idade em anos de crescimento do povoamento.**

"Segundo a mesma fonte, a condição mais importante para o sucesso do sistema, é a combinação de espécies heliófilas de rápido crescimento, com <incremento médio anual> em altura de pelo menos 1,5 m, com plena luz vertical por ocasião do plantio." (62, p. 104).

V.Sint.: **IMA.**

Ver: **Incremento; Incremento Corrente Anual; Incremento acumulado.**

Indústria de produtos de madeira *Sf. V.Sint.:* **Indústria madeireira.**

Indústria madeireira *Sf.* **Indústria do ramo florestal que processa a madeira, em estado de matéria-prima, para a produção de madeira roliça, madeira serrada, compostos laminados, compostos particulados, lenha, carvão.**

"As florestas naturais fornecem uma ampla variedade de serviços, desde os mais tradicionais e palpáveis - como a produção de matéria-prima para diversos segmentos da <indústria madeireira> (...)." (177, p. 16).

V.Sint.: **Indústria de produtos de madeira.**

Ver: **Madeira; Empresa madeireira; Produção madeireira.**

Inseto xilófago *Sm. V.Sint.:* **Xilófago.**

Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola *Sm. V.Sint.:* **IMAFLORA.**

Insumo não-florestal *Sm. V.Sint.:* **Material neutro.**

Inventário amostral *Sm.* **Levantamento de informações quantitativas e qualitativas sobre determinada floresta, utilizando-se do método de amostragem.**

"Dessa maneira, o plano de manejo passaria a ser um instrumento muito mais simples e livre de informações desnecessárias (p. ex. <inventário amostral>, documentação fundiária, caracterização do meio físico, biótico e sócio-econômico." (96, p. 90).

Ver: Inventário amostral permanente; Inventário amostral único; Censo florestal.

Inventário amostral permanente *Sm.* **Inventário amostral realizado periodicamente, em geral a cada três ou cinco anos, com o objetivo de acompanhar a exploração e a recuperação da floresta. O inventário amostral permanente deve descrever os níveis de crescimento, mortalidade e regeneração da flora, bem como todas as condições de impacto ambientais resultantes da exploração. O inventário amostral permanente tem como uma das principais funções orientar os ciclos de corte.**

"<Inventário amostral permanente>. É um levantamento periódico (em geral, a cada 3 a 5 anos) de uma parte da floresta (parcelas permanentes)." (15, p. 3).

Ver: Inventário amostral; Ciclo de corte; Extração.

Inventário amostral único *Sm.* **Inventário amostral realizado antes da exploração, em uma pequena fração da área a ser manejada, com o objetivo de avaliar, de forma rápida, o potencial madeireiro do povoamento e as características topográficas e hidrográficas do entorno.**

"<Inventário amostral único>. É um levantamento realizado antes da exploração em uma pequena fração (menos de 1%) da área a ser manejada." (15, p. 2).

Ver: Inventário amostral.

Inventário florestal *Sm. V.Sint.:* **Censo florestal.**

Irregularidade de serragem *Sf. V.Sint.:* **Defeito de serragem.**

Jangada *Sf.* Arranjo de toras de madeira amarradas lateralmente (em forma de jangada) rebocado por um barco, no processo de transporte da madeira pelos rios da Amazônia.

"Os madeireiros pequenos são aqueles que trabalharam com pouco maquinário, basicamente um caminhão, uma motosserra e um barco para rebocar as <jangadas>." (135, p. 42).

Ver: Transporte da madeira

Junta *Sf.* Junção de duas peças adjacentes de madeira serrada ou laminada, realizada pelo topo ou pela borda, podendo ser colada ou não.

"Admite-se <juntas> na face N desde que perfeitas e combinadas em cor e grão." (101, p. 78).

Ver: Junta aberta; Junta faminta; Junta de topo; Junta de borda; Borda aparada; Finger-joint.

Junta aberta *Sf.* Falha de junção que consiste na separação de duas lâminas adjacentes, geralmente encontrada em madeira compensada cujas lâminas são unidas pela borda.

"Defeito aberto - qualquer irregularidade tais como trincas, rachas, <juntas abertas>, fissuras, furos de nó, ou nós soltos que modificam a regularidade da superfície de lâmina." (101, p. 19).

Ver: Junta; Borda aparada; Finger-joint.

Junta de borda *Sf.* Junta realizada lateralmente pela borda da peça ou lâmina.

"<Junta de borda>: duas peças de madeira ou lâminas unidas lateralmente." (101, p. 20).

Ver: Junta; Junta de topo.

Junta de topo *Sf.* **Junta realizada pelo topo da peça.**

"<Junta de topo>: duas peças de madeira unidas pelo topo." (101, p. 20).

V.Sint.: **União de topo.**

Ver: **Junta; Junta de borda.**

Junta faminta *Sf.* **Junta com falha de colagem, decorrente de aplicação insuficiência de adesivo.**

"<Junta faminta> - colagem pobre devido à insuficiência de adesivo." (101, p. 20).

Ver: **Adesivo; Junta; Finger-joint; .**

L - 1

Lambril *Sm.* **Peça de madeira beneficiada com usinagem de espigamento e entalhe de encaixe, tipo macho-fêmea, com espessura de 10mm, largura de 100mm e comprimento variando de acordo com a destinação, usada geralmente como forro na construção civil.**

"O importante a constatar aqui é que há uma tendência mundial de ampliação do nível de beneficiamento dos produtos da indústria madeireira, o que aponta para uma crescente produção de laminados, compensados e outros tipos de madeira beneficiada, tais como tacos, lambril, portas e janelas." (160, p. 89).

V.Lex.: **Forro.**

Ver: **Madeira beneficiada; Fresada; Corte de encaixe.**

Lâmina *Sf.* **1. Peça de aço afiada, integrada a uma máquina de corte da madeira, ou serra (fita ou circular), usadas no processo de laminação, serragem e usinagem da madeira.**

"A profundidade do dente depende da espessura da <lâmina>, do passo, e como tal, também da espécie a ser serrada." (94, p. 79).

Ver: Serra; Faca; Guilhotina.

2. Folha fina de madeira torneada ou faqueada.

"Existem dois métodos para a produção de <lâminas>: o torneamento e o faqueamento." (252, p. 28).

V.Sint.: Madeira laminada 2.

Ver: Compensado.

Laminação *Sf.* **Processamento primário que consiste no faqueamento ou torneamento de toras e/ou blocos maciços de madeira para produção de laminados, destinados à produção de compensados e revestimentos decorativos.**

"(...) a produção total de toras de eucalipto de plantios homogêneos para serraria e <laminação> está estimada em cerca de 3 milhões/m³/ano." (178, p. 54).

V.Sint.: Processo de laminação.

Ver: Faqueamento; Torneamento; Madeira laminada; Compensado.

Lâmina cruzada *Sf.* **Lâmina interna cuja direção das fibras está disposta perpendicularmente às fibras da lâmina da face.**

"<Lâmina Cruzada> (...) Lâmina em que a direção das fibras é perpendicular a das lâminas de face." (173, p. 3).

Ver: Madeira laminada; Compensado.

Lâmina de capa *Sf.* *V.Sint.:* Capa.

Lâmina decorativa *Sf.* **Lâmina de madeira com grã em formação irregular que cria efeito decorativo, ou lâmina de madeiras nobres de espécies como mogno, cerejeira, cedro e pau amarelo, destinada a revestimento decorativo e a confecção de móveis e portas.**

"ANGELIM (...) Uso crescente na manufatura de móveis, inclusive móveis de boa qualidade, tanto em madeira sólida como em forma de <lâminas decorativas>." (168, p. 27).

Ver: **Madeira laminada.**

Laminadeira *Sf.* **Máquina, montada em bancada própria, usada para o tensionamento de lâminas, a retirada de calos longitudinais e a regulagem da curvatura da costa da lâmina de fita.**

"Nessa bancada os calos são retirados por <laminadeira> ou por martelos próprios, dependendo de sua localização e forma." (94, p. 80).

Ver: **Calo de lâmina.**

Lâmina de madeira *Sf. V.Sint.:* **Madeira laminada 2.**

Lâmina de Madeira Serrada *Sm. V.Sint.:* **Madeira laminada 1.**

Laminado *Sm. V.Sint.:* **Madeira laminada 2.**

Laminado-colado *Sm. V.Sint.:* **Madeira laminada 1.**

Lâmina externa *Sf.* **Lâmina que constitui a camada externa de um compensado.**

"Lâmina de Capa (...) Ambas as <lâminas externas> de um compensado que não apresenta distinção entre as faces." (173, p. 4).

V.Sint.: **Camada externa.**

Ver: **Madeira laminada.**

Lâmina faqueada *Sf.* **Lâmina de madeira obtida pelo processo de faqueamento.**

"<Lâmina Faqueada> (...): Lâmina obtida pela movimentação do bloco, tora ou torete, lateralmente contra a faca e vice-versa." (173, p. 4).

Ver: **Madeira laminada; Faqueamento.**

Lâmina interna *Sf.* **Lâmina, ou lâminas, que compõe a camada interna de um compensado.**

"Algumas empresas produzem compensados com uma <lâmina interna> de material isolante acústico, a fim de isolar melhor os ambientes." (62, p. 223).

Ver: **Madeira laminada.**

Lâmina serrada *Sf.* **Lâmina de madeira produzida por meio da serragem de bloco maciço de madeira.**

"<Lâmina serrada> - lâmina produzida através da serração." (101, p. 20).

N. As lâminas produzidas pelo processo de serragem são, geralmente, destinadas à produção de MLC (cf. madeira laminada 1).

Ver: **Madeira laminada 1; Serragem.**

Lâmina torneada *Sf.* **Lâmina de madeira resultante do processo de torneamento.**

"<Lâmina Torneada> Denominação referente à lâmina de madeira ou fragmento chato e delgado obtido pelo método de processamento rotativo ou torneamento (...)." (43, p. 18).

Ver: **Madeira laminada; Torneamento₁.**

Laminated Veneer Lumber *Sm. V.Sint.:* **Madeira laminada 1..**

Largura *Sf.* **Medida de maior dimensão transversal de uma peça de madeira, determinada pela menor distância entre as duas quinas de uma face.**

"Alburno são é permitido, contanto que não exceda à metade da <largura>, à metade da espessura e ocorra apenas numa borda." (41, p. 42).

Ver: **Dimensão; Largura nominal; Largura real; Sobrelargura.**

Largura média *Sf.* **Resultado da soma das larguras nominais de todas as peças dividida pelo número total de peças de um lote.**

"Quando o contrato se refere a um comprimento médio e/ou <largura média>, essas dimensões são definidas da seguinte forma (...)." (41, p. 24).

Ver: **Largura; Largura nominal; Lote.**

Largura nominal *Sf.* **Largura que as peças de madeira devem ter, a um teor de umidade de 20%.**

"(...) a sobrelargura é igual à largura real menos a <largura nominal>." (41, p. 58).

Ver: **Largura; Largura real.**

Largura real *Sf.* **Largura que as peças de madeira têm no ato da medição e da classificação.**

"(...) a sobrelargura é igual à <largura real> menos a largura nominal." (41, p. 58).

Ver: **Largura; Largura nominal.**

Lenha *Sf.* **Madeira, roliça ou serrada, usada como matéria-prima para a produção de carvão ou como combustível para a produção de energia térmica nas indústrias, padarias, restaurantes.**

"No mesmo ano, a produção nacional de <lenha> chegou a 91,9 milhões de toneladas, apresentando um crescimento de mais de 30% nos últimos dez anos." (177, p. 100).

Ver: **Lenha roliça; Lenha serrada; Carvão vegetal.**

Lenha roliça *Sf.* **Lenha constituída por toretes ou por seções do fuste de árvores de pequeno diâmetro, geralmente, provenientes de reflorestamento.**

Ver: **Lenha; Torete 1.**

Lenha serrada *Sf.* **Lenha resultante do processamento da madeira, constituída por resíduos sólidos e por refugos.**

Ver: **Lenha; Resíduo sólido; Refugo.**

Lenho *Sm.* **Tora, ou peça grossa de madeira pré-fatiada em formato retangular ou quadrada.**

"CARDEIRO (...) Cheiro e gosto: imperceptíveis canais secretores presentes por todo o <lenho>, obstruídos por resina branca." (168, p. 91).

Ver: **Madeira bruta; Madeira roliça.**

Liteira *Sf.* **Biomassa úmida em decomposição, resultante da queda, na mata, das folhas, sementes, frutos, galhos, árvores, que fertiliza o solo e garante a manutenção da floresta.**

"Dentro da área de exploração restam "manchas de floresta" (áreas que não foram exploradas porque não continham árvores de valor madeireiro). Nesse ambiente, a <liteira> seca mais devagar e, geralmente, precisa de uma estiagem de cerca de um mês no verão para que o fogo possa penetrar." (15, p. 87).

V.Lex.: **Serrapilheira 2.**

Ver: **Floresta.**

Lixamento *Sm.* **Usinagem da peça de madeira que consiste em remover, por meio de lixa, irregularidades das faces e bordas, tornando-as mais lisa e regular.**

"AMAPÁ (...) Aplainamento e <lixamento> são regulares e não apresentam lascamento, recebe brilho acentuado." (168, p. 19).

Ver: **Usinagem.**

Lote *Sm.* **Porção de peças de madeira de mesma bitola (espessura, largura, comprimento), em conformidade com especificações de um determinado contrato.**

"Um máximo de 10 por cento do número de peças de um <lote> pode conter um ou mais defeitos ou irregularidades (...)." (41, p. 25).

V.Sint.: **Lote de madeira.**

Ver: **Empilhamento; Pilha de madeira.**

Lote de concessão florestal *Sm.* **Conjunto de unidades de manejo florestal ou floresta manejada, de origem pública, destinado à licitação.**

"A Floresta Nacional Saracá-Taquera, no Pará, foi selecionada para abrigar o 2º <lote de concessão florestal>, mediante licitação pública e pagamento pelo uso dos recursos florestais." (207, p. i).

Ver: **Unidade de manejo florestal; Floresta manejada.**

Lote de madeira *Sm. V.Sint.:* **Lote.**

LVL *Sm. V.Sint.:* **Madeira laminada 1.**

M - m

Machado *Sm.* **Instrumento de corte da madeira constituído por uma lâmina de aço em formato de cunha, tendo numa das extremidades o gume e noutra, um buraco para o encaixe do cabo, por meio do qual o instrumento é empunhado. O machado é usado, geralmente, para rachar toras de pequeno diâmetro e produzir achas para cercado ou curral, ou lenha para o carvoejamento.**

"Os 'paus' mais grossos são rachados no <machado> para que fiquem menores. Isto facilita a combustão mais rápida e ajuda no manuseio da brasa e no controle da temperatura do forno." (125, p. 74).

Ver: **Acha; Carvoejamento; Motosserra; Serrotão.**

Madeira *Sf.* **Produto florestal, matéria-prima da indústria madeireira, destinado ao processamento industrial para a produção de madeira roliça, madeira serrada, compostos laminados, compostos particulados, lenha, carvão.**

"Paradoxalmente, usar <madeira> de floresta manejada contribui na manutenção da floresta." (177, p. 25).

Ver: Indústria madeireira; Produto madeireiro.

Madeira aglomerada *Sf.* Painel confeccionado com aglomeração de fragmentos de madeira (como cavacos, maravalha, serragem, partículas), colados com adesivos termofixos e compactados sob pressão e calor. A madeira aglomerada, dependendo da granulometria dos fragmentos e do processo de compactação das chapas (se a seco ou a úmido), pode dar origem a vários tipos de painéis de média ou alta densidade (exemplos: aglomerado convencional, MDF, MDP, HDF, SDF, OSB).

"Os painéis de <madeira aglomerada> são os mais consumidos no mundo (...)." (134, p. 128).

V.Sint.: Madeira reconstituída.

Ver: Painel; Aglomerado convencional; MDF; MDP; HDF; SDF; OSB; Prensagem.

Madeira aparelhada *Sf.* Madeira beneficiada que passou por processo de acabamento em plaina, desengrossadeira, ou outro processo equivalente, para obter uma superfície lisa nas faces e bordas e uniformidade de dimensões.

"Abaulamentos e arqueamentos não devem ser admitidos quando impedirem o aparelhamento de ambas as faces da tábua até sua espessura padrão da <madeira aparelhada>." (36, p. 184).

V.Sint.: Madeira aplainada.

Ver: Madeira beneficiada.

Madeira aplainada *Sf.* *V.Sint.:* Madeira aparelhada.

Madeira apreendida *Sf.* Madeira roliça ou serrada, de origem ilegal, que está sob custódia do poder público enquanto aguarda uma decisão da justiça para ter uma destinação específica (geralmente, leilão ou doação).

"O Ibama alegou que o tipo de <madeira apreendida> apodreceria se não fosse destinada rapidamente, por isso, pretendia fazer o leilão antecipadamente (...)" (28, p. 29).

Ver: **Madeira ilegal.**

Madeira ardida *Sf.* **Madeira com início de apodrecimento, no qual ainda não há amolecimento ou diminuição da resistência mecânica, caracterizada por uma leve alteração da cor natural para a espécie.**

"<Madeira ardida> (...) Estágio inicial do apodrecimento, geralmente caracterizado por uma alteração da cor natural da madeira." (41, p. 56).

Ver: **Mancha; Defeito na madeira.**

Madeira autoclavada *Sf.* **Madeira roliça ou serrada após passar pelo processo industrial de autoclavagem.**

"No caso da <madeira autoclavada>, por tratar-se de produto florestal industrializado, há uma série de aspectos a serem considerados para que haja garantia de que o produto esteja dentro dos critérios básicos de sustentabilidade, qualidade e legalidade." (174, p. 122).

Ver: **Autoclavagem.**

Madeira beneficiada *Sf.* **Madeira que foi submetida ao processo de beneficiamento, tais como secagem, resserragem e usinagem, para agregar valor às peças.**

"A <madeira beneficiada> é obtida pela usinagem das peças serradas, agregando valor às mesmas." (252, p. 27).

V.Sint.: **Madeira processada.**

Ver: **Beneficiamento da madeira; Madeira bruta; Madeira perfilada; Madeira tratada; Produto acabado.**

Madeira branca *Sf.* **Madeira de baixa qualidade e baixo valor comercial, geralmente de cor branca e baixa densidade (fibras longas). A madeira branca também se caracteriza por apresentar grande vulnerabilidade aos ataques de fungos e insetos xilófagos e por pertencer a espécies de rápido crescimento (ucuúba, marupá, paricá, sumaúma).**

"A primeira exploração demonstrativa teve a parte da madeira nobre leiloadada e a parte de madeira de segunda qualidade (<madeira branca>) desperdiçada." (242, p. 105-132).

V.Sint.: **Madeira mole; V.Sint.:** **Madeira leve.**

Ver: **Madeira vermelha; Madeira conífera.**

Madeira bruta *Sf.* **Madeira sólida, roliça ou serrada, antes de passar por processo de beneficiamento e/ou tratamento. Toda madeira bruta é madeira sólida, mas nem toda madeira sólida é madeira bruta, pois aquela pode ser madeira beneficiada e/ou tratada e esta, não.**

"Na primeira metade do século XX, essas matas continuaram a fornecer <madeira bruta> e dormentes para o mercado externo e para o sul do país." (38, p. 164).

V.Sint.: **Madeira em bruto.**

Ver: **Madeira sólida; Madeira beneficiada; Madeira tratada.**

Madeira certificada *Sf.* **Madeira, roliça ou serrada, com registro de procedência legal e com selo de certificação de organizações certificadoras.**

"(...) as construtoras menores acreditavam que qualquer elevação no preço final da obra acarretaria prejuízos e, portanto, só teriam interesse em consumir <madeira certificada> se isso não significasse um sobrepreço." (219, p. 59).

Ver: **Madeira legal; Organização certificadora; Certificação FSC.**

Madeira-cimento *Sf.* **Compósito à base de fibra ou partícula de madeira e cimento, podendo ou não conter aditivo acelerador de pega, na qual a fração do agregado mineral (o cimento) é absorvida pelo material orgânico vegetal, resultando numa espécie de argamassa de cimento portland, usado como material de engenharia.**

"Com o início da produção do OSB, a perspectiva fica em torno do início da produção de painéis de <madeira-cimento> em escala industrial." (10, p. 13).

V.Sint.: **Cimento-madeira; V.Gráf.:** **Cimentomadeira; V.Sint.:** **Compósito cimento-madeira.**

Ver: Subproduto madeireiro; Chapa de cimento-madeira.

Madeira compensada *Sf. V.Sint.:* **Compensado.**

Madeira conífera *Sf.* **Madeira branca (ou mole) de árvores do grupo da gimnosperma, caracterizadas por folhas miúdas e perenes, por não produzirem frutos e por se desenvolverem em forma de cone.**

"Sua estrutura química difere conforme seja originária de <madeira conífera> ou dicotiledônea." (221, p. 8).

Ver: **Madeira de folhosa; Madeira branca.**

Madeira de construção *Sf.* **Madeira, roliça ou serrada, branca ou vermelha, usada na construção civil de forma temporária (madeira branca), ou definitiva (madeira vermelha). A madeira de construção pode ser pesada externa, pesada interna, leve externa, leve interna estrutural, leve interna decorativa, leve interna de utilidade geral, leve em esquadrias e assoalhos domésticos.**

"Empresas especializadas na produção de <madeira de construção> para o mercado doméstico entraram em crise por causa da escassez de madeira no entorno das serrarias (...)." (195, p. 36).

V.Sint.: **Madeira de construção civil; V.Sint.:** **Madeira usada na construção civil.**

Ver: **Madeira serrada; Madeira branca; Madeira vermelha; Madeira de construção civil pesada externa; Madeira de construção civil pesada interna; Madeira de construção civil leve externa; Madeira de construção civil leve interna estrutural; Madeira de construção civil leve interna decorativa; Madeira de construção civil leve interna de utilidade geral; Madeira de construção civil leve em esquadrias; Madeira de construção civil assoalho doméstico.**

Madeira de construção civil *Sf. V.Sint.:* **Madeira de construção.**

Madeira de construção civil assoalho doméstico *Sf.* **Madeira beneficiada, na forma de tábuas corridas, tacos, parquetes, usada de forma definitiva na composição de assoalhos e pisos.**

"<[madeira de] Construção civil assoalho doméstico> - Compreende os diversos tipos de peças de madeira serrada e beneficiada (...)." (252, p. 22).

V.Sint.: **Construção civil assoalho doméstico.**

Ver: **Madeira de construção; Madeira beneficiada.**

Madeira de construção civil leve em esquadrias *Sf.* **Madeira beneficiada, na forma de portas, venezianas, caixilhos, usada de forma definitiva com fins funcionais e decorativos.**

"<[madeira de] Construção civil leve em esquadrias> - Abrange as peças de madeira serrada e beneficiada, como portas, venezianas, caixilhos." (252, p.22).

V.Sint.: **Construção civil leve em esquadrias.**

Ver: **Madeira de construção; Madeira beneficiada.**

Madeira de construção civil leve externa *Sf.* **Madeira serrada ou roliça, na forma de tábuas e pontaletes, usada de forma temporária na construção de andaimes, de formas para concreto e em escoramento, tendo como referência madeiras de baixa qualidade ou madeira branca.**

"<[madeira de] Construção civil leve externa> e (...) Reúne as peças de madeira serrada na forma de tábuas e pontaletes empregados em usos temporários (andaimes, escoramento e formas para concreto) (...)" (252, p. 22).

V.Sint.: **Construção civil leve externa.**

Ver: **Madeira de construção; Madeira branca.**

Madeira de construção civil leve interna decorativa *Sf.* **Madeira beneficiada, na forma de lambris, guarnições, painéis, usada de forma definitiva com fins funcionais e decorativos.**

"<[madeira de] Construção civil leve interna decorativa> - Abrange as peças de madeira serrada e beneficiada, como forros, painéis, lambris (...)." (252, p. 22).

V.Sint.: **Construção civil leve interna decorativa.**

Ver: **Madeira de construção; Madeira beneficiada.**

Madeira de construção civil leve interna de utilidade geral *Sf.* **Madeira beneficiada, na forma de lambris, guarnições, painéis, usada de forma definitiva com fins gerais e não-decorativos.**

"<[madeira de] Construção civil leve interna de utilidade geral> - São os mesmos usos descritos acima [para madeira de construção civil leve decorativa], porém para madeira não decorativas." (252, p. 22).

V.Sint.: **Construção civil leve interna de utilidade geral.**

Ver: **Madeira de construção; Madeira leve interna decorativa.**

Madeira de construção civil leve interna estrutural *Sf.* **Madeira serrada ou roliça, na forma de ripas e caibros, usada de forma definitiva em partes secundárias de estruturas de cobertura, tendo como referência madeira branca ou madeira vermelha de médio valor comercial.**

"<[madeira de] Construção civil leve interna estrutural> (...) ripas e caibros utilizadas em partes secundárias de estruturas de cobertura." (SIC!). (252, p. 22).

V.Sint.: **Construção civil leve interna estrutural.**

Ver: **Madeira de construção.**

Madeira de construção civil pesada externa *Sf.* **Madeira, serrada ou roliça, usada como mourões ou estacas marítimas, trapiches, pontes, obras imersas, postes, cruzetas, dormentes ferroviários, estruturas pesadas, torres de observação, vigamentos, tendo como referência a madeira de angico-preto (*Anadenanthera Macrocarpa*) e a maçaranduba (*Manilkara huberi*).**

"<[madeira de] Construção civil pesada externa> - Engloba as peças de madeira serrada usadas para estacas marítimas (...)" (252, 22).

V.Sint.: **Construção civil pesada externa.**

Ver: Madeira de construção.

Madeira de construção civil pesada interna *Sf.* Madeira serrada ou roliça, na forma de vigas, caibros, pranchas e tábuas, usada de forma definitiva em estruturas de cobertura, tendo como referência tradicional a madeira de peroba-rosa (*Aspidosperma Polyneuron*).

"<[madeira de] Construção civil pesada interna> - Engloba as peças de madeira serrada na forma de vigas, caibros (...)." (252, p. 22).

V.Sint.: Construção civil pesada interna.

Ver: Madeira de construção.

Madeira de folhosa *Sf.* Madeira vermelha (ou dura) de árvores do grupo da angiosperma, caracterizadas por folhas grandes, densas e não perenes, e por produzirem frutos com sementes internas.

"Na década de 1960, a fabricação transferiu-se para a região amazônica e passou-se a empregar a <madeira de folhosas> oriunda de florestas nativas." (134, p. 144).

V.Sint.: Madeira de folhosas; *V.Sint.:* Madeira não-conífera.

Ver: Madeira conífera; Madeira tropical.

Madeira de folhosas *Sf.* *V.Sint.:* Madeira de folhosa.

Madeira de lei *Sf.* 1. Madeira vermelha de alta resistência mecânica e alta resistência natural à biodeterioração, tais como o jatobá (*Hymenaea* sp. - Leguminosae), o ipê (*Tabebuia serratifolia* (Vahl) Nichols - Bignoniaceae), a maçaranduba (*Manilkara huberi* (Ducke) Standl. - Sapotaceae), geralmente usada como madeira pesada externa. 2. Madeira nobre, de espécies raras, tais como mogno (*Swietenia macrophylla* King - Meliaceae), jatobá (*Hymenaea* sp. - Leguminosae), jacarandá (*Dalbergia brasiliensis*), pau-amarelo (*Euxylophora paraensis* Huber Rutaceae), cedro (*Cedrela odorata* L. - Meliaceae), de cor avermelhada ou amarelada, geralmente destinada à exportação e à produção de móveis ou PMVAs.

"Por isso, a competição entre as empresas se refere aos preços e à capacidade de oferecer <madeira de lei>." (195, p. 42).

N. Apesar de algumas espécies de madeira consideradas de lei sofrer maior controle e fiscalização dos órgãos ambientais, devido algumas espécies (como é o caso do mogno e do pau-amarelo) correr o risco de extinção, não há uma definição exata nem uma classificação legal das espécies consideradas madeira de lei, sendo tal denominação, apesar de tradicional, genérica e imprecisa.

V.Gráf.: Madeira-de-lei.

Ver: Madeira nobre; Madeira pesada externa.

Madeira-de-lei *Sf. V.Gráf.:* Madeira de lei.

Madeira de pátio *Sf. V.Sint.:* Madeira seca ao ar.

Madeira de primeira qualidade *Sf. Madeira serrada cujas peças foram selecionadas por estarem isentas de defeitos ou por apresentarem defeitos que não comprometem a qualidade e o valor das peças.*

"As condições gerais mostram que as maiores produções de <madeira de primeira qualidade> se obtém das toras com maiores diâmetros e com comprimentos processados na máxima capacidade do equipamento disponível." (234, p. 1).

Ver: Madeira tipo bica corrida.

Madeira de reação *Sf. Madeira que sofreu modificações no seu desenvolvimento ou no seu estado natural, causadas por forças externas, tais como flexão da árvore, quando em pé, derruba da árvore em terreno irregular e manuseio inadequado das toras.*

"A causa da variação axial da densidade não está bem definida. Alguns autores atribuem-na à formação de <madeira de reação> ou tensão e outros ao conjunto de fatores ligados às condições de crescimento da árvore (...)." (62, p. 163).

V.Sint.: Lenho de reação.

Ver: Fissura de compressão.

Madeira de reflorestamento *Sf. V.Sint.:* **Madeira reflorestada.**

Madeira dura *Sf. V.Sint.:* **Madeira vermelha.**

Madeira em bloco *Sf. V.Sint.:* **Bloco de madeira serrada.**

Madeira em bruto *Sf. V.Sint.:* **Madeira bruta.**

Madeira em lâmina *Sf. V.Sint.:* **Madeira laminada 2.**

Madeira em pé *Sf.* **Madeira em seu estado natural, inventariada numa determinada floresta, antes de ser extraída.**

"O valor médio da <madeira em pé> varia em função da distância entre a floresta e a indústria madeireira." (15, p. 112).

Ver: **Madeira extraída; Extração.**

Madeira em tora *Sf.* **Madeira roliça em estado de matéria-prima da indústria madeireira, destinada ao processamento primário e à produção de serrado ou laminado.**

"A Amazônia tem recursos florestais imensos abrigando um terço das florestas tropicais do mundo. A região produz 75% da <madeira em tora> do Brasil." (15, p. vi).

Ver: **Madeira bruta; Tora.**

Madeira engenheirada *Sf. V.Sint.:* **Madeira estrutural composta.**

Madeira escura *Sf. V.Sint.:* **Madeira vermelha.**

Madeira especial *Sf.* **Madeira nobre de alto valor comercial, tais como o cedro (Cedrela fissilis Veli. - Meliaceae), o cedro rosa (Cedrela odorata L. - Meliaceae), a cerejeira (Amburana cearensis (Fr. All.) A. C. Smith - Leguminosaea Papilionoideae), o mogno (Swietenia macrophylla King), o pau rosa (Aniba rosaeodora Ducke - Lauraceae), o pau-amarelo (Euxylophora paraensis Huber Rutaceae), que apresenta fácil trabalhabilidade na usinagem e textura e aparência decorativas.**

"A seguir são apresentados os procedimentos para cálculo dos valores a serem pagos pelos produtos florestais efetivamente explorados na Área de Manejo Florestal. Preços por espécies florestais: Espécies da categoria A do Anexo III - R\$ 60,00 (<madeira especial>); Espécies da categoria B do Anexo III - R\$ 30,00 (madeiras nobres); Espécies da categoria C do Anexo III - R\$ 15,00 (madeiras vermelhas); Espécies da categoria D do Anexo III - R\$ 7,50 (madeiras brancas)." (209, p. 99).

Ver: **Madeira nobre.**

Madeira estufada *Sf. V.Sint.:* **Madeira seca em estufa.**

Madeira extraída *Sf.* **Madeira retirada de um estoque em seu estado natural numa determinada floresta.**

"(...) o custo da <madeira extraída> sem manejo é maior porque um volume menor de madeira de valor comercial seria extraído, enquanto o preço do direito de exploração por hectare permanece o mesmo." (15, p. 111).

Ver: **Madeira em pé; Extração.**

Madeira gradeada *Sf. V.Sint.:* **Madeira seca ao ar.**

Madeira ilegal *Sf.* **Madeira cuja extração não teve autorização legal, seja por se tratar de espécies ameaçadas, por ser procedente de áreas de preservação ou de áreas de extração não autorizada (floresta pública sem concessão florestal), ou por se tratar de madeira resultante de exploração predatória, ou de exploração em desacordo com um contrato de concessão florestal.**

"Em outubro de 2003, o IFT iniciou a sua participação na realização das metas assumidas pelo Consórcio ALFA. Vale lembrar que essa época foi marcada por taxas recordes de desmatamento, muita <madeira ilegal> circulando no mercado (...)." (38, p. 224).

Ver: Madeira legal; Concessão florestal; Extração predatória.

Madeira laminada *Sf.* 1. Madeira constituída por tábuas de espessura de até 2,5mm coladas umas sobre as outras, por meio da ação conjunta de adesivos e prensagem. No processo de produção de madeira laminada, primeiramente a tora é fatiada em forma de tábuas, em seguida estas tábuas são secadas em estufa, tratadas (ou não), aplainadas e, então, coladas e prensadas, resultando em peças com maior resistência à flexão e à compressão axial que as peças de madeira natural.

"Pode compor também este grupo a <madeira laminada> e colada, na qual as tábuas são dispostas e coladas, com as suas fibras na mesma direção, ampliando o comprimento ou a espessura." (178, p. 34).

V.Sint.: Madeira Laminada Colada; *V.Sint.:* Madeira laminada-colada; *V.Sint.:* MLC; *V.Sint.:* Laminado-colado; *V.Sint.:* Painel LVL; *V.Sint.:* LVL; *V.Sint.:* Lâmina de Madeira Serrada; *V.Estr.:* Laminated Veneer Lumber.

Ver: Viga laminada.

2. Madeira em fatias finas (lâminas) e uniforme, podendo ter a largura do comprimento das toras e de comprimento varidado, resultante do processo de torneamento ou faqueamento de toras ou blocos maciços, geralmente destinada à produção de compensados e laminados.

"No caso da <madeira laminada>, o custo era US\$ 24 por metro cúbico processado, enquanto os compensados possuíam custo médio de US\$ 40." (123, p. 44).

V.Sint.: Madeira em lâmina; *V.Sint.:* Lâmina de madeira; *V.Sint.:* Folha de madeira; *V.Sint.:* Lâmina 2; *V.Sint.:* Laminado.

Ver: Compensado; Faqueamento; Torneamento; Lâmina cruzada; Capa; Lâmina decorativa; Lâmina externa; Lâmina faqueada; Lâmina interna; Lâmina serrada; Lâmina torneada.

Madeira Laminada Colada *Sf.* *V.Sint.:* Madeira laminada 1.

Madeira laminada-colada *Sf.* *V.Sint.:* Madeira laminada 1.

Madeira legal *Sf.* **Madeira, roliça ou serrada, cuja extração teve autorização legal.**

"Com a obrigatoriedade dos planos de manejo e a fiscalização do IBAMA, a matéria-prima ficou mais cara assim como os custos de transporte da <madeira legal>, o que deve influenciar o desempenho das MPE de artefatos de madeira." (192, p. 121).

Ver: **Madeira ilegal; Madeira certificada.**

Madeira leve *Sf. V.Sint.:* **Madeira branca.**

Madeira maciça *Sf. V.Sint.:* **Madeira sólida.**

Madeira manejada *Sf.* **Madeira, roliça ou serrada, proveniente de extração manejada.**

"As Flonas Tapajós, Bom Futuro e Jamari seriam altamente competitivas, pois o valor mínimo da <madeira manejada> seria menor do que o valor médio de mercado da madeira em áreas sem manejo (...)." (23, p. 35).

Ver: **Extração manejada.**

Madeira mole *Sf. V.Sint.:* **Madeira branca.**

Madeira não-conífera *Sf. V.Sint.:* **Madeira de folhosa.**

Madeira nativa *Sf.* **Madeira, extraída ou em pé, de floresta natural de uma determinada região.**

"<Madeiras nativas> na forma roliça são empregadas somente nas regiões produtoras, como na Amazônia, (...)." (178, p. 24).

Ver: **Madeira extraída; Madeira em pé; Madeira reflorestada.**

Madeira nobre *Sf.* **Madeira vermelha de alto valor comercial, geralmente extraída no primeiro corte.**

"No caso das <madeiras nobres>, toras de jacarandá-do-pará e de muiracatiara custavam até US\$ 85 por m³; o metro cúbico de madeira serrada das mesmas espécies custava US\$139." (195, p. 72).

Ver: **Madeira especial; Madeira vermelha; Madeira de lei.**

Madeira perfilada. *Sf.* **Madeira beneficiada representada por Decks, Pisos, Tacos e outras peças de madeira com usinagem de faces e/ou bordas.**

"Os painéis de madeira compensado também tiveram queda de 9%, ficando em US\$ 632 milhões, e a <madeira perfilada>, totalizou US\$ 558 milhões ..." (176, p. 5).

Ver: **Madeira beneficiada; Deck; Piso; Taco.**

Madeira pesada *Sf. V.Sint.:* **Madeira vermelha.**

Madeira plantada *Sf. V.Sint.:* **Madeira reflorestada.**

Madeira preservada *Sf. V.Sint.:* **Madeira tratada.**

Madeira processada *Sf. V.Sint.:* **Madeira beneficiada.**

Madeira reconstituída *Sf. V.Sint.:* **Madeira aglomerada.**

Madeira reflorestada *Sf.* **Madeira, roliça ou serrada, constituída basicamente pelas espécies de eucalipto, pinus, acácia, seringueira, paricá, teca, araucária, marupá, muiratinga, sumaúma, proveniente de floresta plantada.**

"(...) os resultados obtidos são muito promissores para <madeiras reflorestadas> no uso interno e não estrutural, aliado a um mercado internacional na procura por produtos nobres e ecologicamente correto." (177, p. 105).

V.Sint.: **Madeira plantada; V.Sint.:** **Madeira de reflorestamento.**

Ver: **Floresta plantada; Madeira nativa.**

Madeira roliça *Sf.* Vara, poste ou tora, com pouco ou nenhum processamento industrial, ou, no caso da madeira roliça tratada ou autoclavada, que tenha passado apenas por um processo industrial de tratamento imunizante.

"A <madeira roliça> é o produto com menor grau de processamento da madeira." (252, 23).

Ver: Poste; Tora; Vara; Madeira autoclavada.

Madeira roliça beneficiada *Sf.* *V.Sint.:* Madeira roliça tratada.

Madeira roliça tratada *Sf.* Madeira roliça que foi submetida ao tratamento preservativo.

V.Sint.: Madeira roliça beneficiada.

Ver: Imunização.

Madeira seca *Sf.* Madeira, roliça ou serrada, após passar por um processo de secagem natural ou artificial, cujo teor de umidade está abaixo do ponto de saturação das fibras (situado em torno de 30%), ou está em equilíbrio com a umidade relativa do ambiente onde a madeira será utilizada. Nestas condições, a madeira apresenta propriedades mecânicas superiores e baixa movimentação dimensional.

"De acordo com conceito generalizado na literatura, são quatro os principais atributos de qualidade da <madeira seca>." (116, p. 1).

Ver: Madeira seca ao ar; Madeira seca comercialmente; Madeira verde; Ponto de saturação das fibras.

Madeira seca ao ar *Sf.* Madeira seca por meio da exposição ao ar até que atinja o teor de umidade de equilíbrio correspondente à umidade relativa do local da secagem.

"A densidade da <madeira seca ao ar> foi determinada pelo Método Brasileiro MB-26/53 ABNT." (231, p. 6).

V.Sint.: Madeira de pátio; *V.Sint.:* Madeira gradeada.

Ver: **Madeira seca; Secagem natural.**

Madeira seca ao sol *Sf.* **Madeira, geralmente lenha submetida à secagem natural, exposta diretamente ao sol.**

"Os principais produtos de madeira beneficiada são tábuas serradas e, ou, beneficiadas (de madeira verde, [de <madeira> seca ao sol] e seca em estufa) (...)." (190, p. 14).

Ver: **Secagem natural; Secagem da lenha; Carvão vegetal.**

Madeira seca comercialmente *Sf.* **Madeira seca, cujo teor de umidade não é superior a 20%.**

"<Madeira seca comercialmente> - Madeira serrada, cujo teor de umidade não é superior a 20%." (252, p 97).

Ver: **Madeira seca.**

Madeira seca em estufa *Sf.* **Madeira seca artificialmente por meio de estufa.**

"No comércio, esse material é referido como <madeira seca em estufa> ou 'madeira estufada'." (252, p. 80).

V.Sint.: **Madeira estufada.**

Ver: **Madeira seca; Secagem.**

Madeira serrada *Sf.* **Madeira sólida resultante do desdobro de toras que, dependendo do formato, comprimento e espessura, dá origem a vários tipos de peças. A madeira serrada é usada como produto final, mas ela se destina, principalmente, ao processamento secundário e terciário, sendo a matéria-prima imediata para a produção de móveis e de PMVAs.**

"A <madeira serrada> é produzida em unidades industriais - serrarias - onde as toras são processadas mecanicamente, transformando a peça originalmente cilíndrica em peças quadrangulares ou retangulares, de menor dimensão." (252, p. 23).

V.Sint.: **Serrado.**

Ver: **Madeira sólida; PMVA; Peça de madeira.**

Madeira serrada conífera *Sf.* **Serrado produzido a partir de madeira conífera.**

"O crescimento anual da <madeira serrada conífera> aumentou de 1,1% anuais na década de oitenta para 3% nos anos noventa." (195, p. 17).

Ver: **Madeira serrada de folhosa; Madeira conífera.**

Madeira serrada de folhosa *Sf.* **Madeira vermelha serrada de árvores do grupo da angiosperma.**

"A participação de consumidores internacionais de <madeira serrada de folhosas> foi efetivada através da utilização, como texto-base, das "Regras para Classificação da Madeira Serrada da África" ('Sciages Avivés Tropicaux Africains - Règles de Classement')." (41, p. 19).

V.Sint.: **Madeira serrada não-conífera.**

Ver: **Madeira de folhosa.**

Madeira serrada não-conífera *Sf.* *V.Sint.:* **Madeira serrada de folhosa.**

Madeira serrada tratada *Sf.* **Madeira serrada que foi submetida ao tratamento preservativo.**

Ver: **Imunização; Madeira serrada; Madeira beneficiada.**

Madeira sólida *Sf.* **Madeira, roliça ou serrada, que conserva a disposição natural das fibras, podendo ser madeira bruta, beneficiada e/ou tratada.**

"A madeira serrada é oriunda do desdobro de toras, sendo que o produto resultante é caracterizado como um produto de <madeira sólida>." (1, p. 29).

V.Sint.: **Madeira maciça.**

Ver: **Madeira bruta; Processamento primário; PMVA.**

Madeira tipo bica corrida *Sf.* *V.Sint.:* **Bica corrida.**

Madeira tipo short *Sf.* *V.Sint.:* **Tipo short.**

Madeira tratada *Sf.* **Madeira, roliça ou serrada, submetida ao tratamento preservativo.**

"Atualmente o parque industrial brasileiro de usinas de tratamento de madeira pode atender a uma demanda de <madeira tratada> de reflorestamento que se afigura crescente e promissora para os próximos anos." (178, p. 82).

V.Sint.: **Madeira preservada.**

Ver: **Imunização; Beneficiamento da madeira.**

Madeira tropical *Sf.* **Madeira roliça, serrada ou compensada, oriunda de floresta tropical.**

"A ampliação do número de espécies aceitas no mercado externo e a identificação de novos nichos de mercado para a <madeira tropical> também é de interesse dos grandes comerciantes internacionais para aumentar o segmento dessa commodity no mercado mundial." (195, p. 42).

Ver: **Madeira de folhosa; Madeira roliça; Madeira serrada; Compensado; Floresta tropical.**

Madeira usada na construção civil *Sf.* *V.Sint.:* **Madeira de construção.**

Madeira verde *Sf.* **Madeira, em tora ou serrada, antes de passar por um processo de secagem natural ou artificial, contendo, por isso, um alto teor de umidade em seu tecido celular.**

"Estes são incolores, sem odor, menos tóxicos ao homem e capazes de penetrar mais profundamente na <madeira verde>." (177, p. 38).

Ver: **Madeira seca; Secagem natural; Secagem artificial.**

Madeira vermelha *Sf.* **Madeira, geralmente de cor avermelhada ou escura, de alta qualidade e médio ou alto valor comercial, cujas fibras apresentam alta densidade (fibras curtas) e resistência aos ataques de fungos e cupins.**

"Foram extraídas árvores de <madeira vermelha> que eram transportadas em jangadas, amarradas a toras de madeira branca, compradas de famílias que continuavam trabalhando com madeira em rolo." (135, p. 43).

V.Sint.: **Madeira dura; Madeira escura; Madeira pesada.**

Ver: **Madeira branca.**

Madeira *Sf.* *V.Sint.:* **Empresa madeireira.**

Madeireiro *Sf.* **1. Empresário do ramo florestal, proprietário ou sócio de empresa madeireira.**

"E, por último, os <madeireiros> preferem utilizar serrade-fita, uma vez que os investimentos para a sua instalação são relativamente modestos, a adquirir maquinários mais sofisticados, os quais possibilitariam um maior rendimento no desdobro." (88, p. 33).

V.Sint.: **Empresário do setor madeireiro.**

Ver: **Empresa madeireira.**

2. Profissional responsável pela extração da madeira.

"Por exemplo, equipes de <madeireiros>, nos arredores do rio Xingu (...), abrem centenas de quilômetros de estradas madeireiras por ano na extração de apenas uma espécie, *Switenia macrophilla* (mogno)." (243, p. 12).

V.Lex.: **Extrator; V.Sint.:** **Extrator madeireiro.**

Ver: **Extração.**

Mancha *Sf.* **Defeito da madeira que consiste em placas de coloração que destoa da cor original da madeira, geralmente causado pela presença superficial de fungos.**

"As <manchas> da madeira podem ser produzidas pela ação de fungos ou por alterações químicas (...)." (170, p. 4).

Ver: **Azulamento; Estria mineral.**

Manchas de floresta *Sf.* **Áreas de floresta que não foram exploradas, por não conterem árvores de valor comercial para a indústria madeireira, ou por se situarem em locais de difícil acesso.**

"As clareiras, formadas pela queda das árvores, e a abertura de estradas e pátios na exploração madeireira criam diferentes ambientes com áreas intercaladas de <manchas de floresta>." (15, p. 88).

Ver: **Mata explorada.**

Manejo *Sm. V.Sint.:* **Manejo florestal.**

Manejo certificado *Sm.* **Manejo que, além de obedecer às leis ambientais, segue os princípios e normas de organizações certificadoras de exploração florestal de impacto reduzido.**

"Apesar de representar apenas uma ínfima fração da produção anual de madeira da Amazônia, as operações de <manejo certificado> são o que há de mais avançado na silvicultura moderna." (32, p. 172).

Ver: **Manejo florestal; FSC.**

Manejo em floresta tropical *Sm.* **Manejo florestal aplicado às florestas tropicais.**

"(...) o botânico alemão Dietrich Brandis (...) [é] considerado como o criador do <manejo em floresta tropical>." (96, p. 47).

N. Em 1860, o alemão Dietrich Brandis criou o primeiro plano de ordenamento para a teca (*Tectona grandis*), na Índia, tornando-se o criador do manejo em floresta tropical (cf. HUMMEL, 2001).

Ver: **Manejo florestal; Floresta tropical.**

Manejo florestal *Sm.* Utilização dos recursos florestais de forma planejada, respeitando a capacidade de recuperação da floresta (ciclo de extração) e o pleno funcionamento do seu entorno (ecossistema). O manejo florestal é uma exigência legal e tem como principal objetivo garantir a preservação da floresta nativa, evitando a sua devastação por exploração predatória, e ao mesmo tempo viabilizar a sua exploração sustentável.

"<Manejo florestal> é obrigatório por lei. As empresas que não fazem manejo estão sujeitas a diversas penas." (15, p. vii).

V.Sint.: MFS; *V.Sint.:* Manejo Florestal Sustentável.

Ver: Ciclo de extração; Manejo em floresta tropical.

Manejo Florestal Sustentável *Sm. V.Sint.:* Manejo florestal.

Manta *Sf.* Camada de fibra de madeira resinada formando uma espécie de colchão a seco, que após a pré-compressão e a pressagem dá origem a chapas compactas de MDF.

"O elevado teor de umidade das fibras acarreta uma série de problemas quando a <manta> é formada e prensada a quente." (48, p. 3).

Ver: MDF; Formação das mantas.

Máquina compacta que efetua plantio direto de mudas de árvores *Sf.* Conjunto articulado que realiza, numa mesma operação, a subsolagem, a adubação e o plantio de mudas de árvores.

Ver: Floresta plantada; Reflorestamento; Subsolagem; Adubação.

Maravalha *Sf.* Partículas de fibra de madeira, resultante da trituração ou fragmentação de toras ou resíduos sólidos.

"(...) muitos países consideram a necessidade de profundas mudanças, incluindo a intensificação do aproveitamento de outras fontes energéticas, sobretudo as renováveis, incluindo-se a madeira - destaque para a casca, cavaco, costaneira, pó de serra, <maravalha> e aparas." (2, p. 16).

Ver: Resíduo sólido; Farinha de madeira; Serragem 1.

Marupá *Sm.* **Árvore de grande porte, atingindo na fase adulta até 30m de altura e 80cm de DAP, considerada madeira leve (madeira branca) e de resistência mecânica e retrabilidade baixas. O marupá é uma espécie muito utilizada em cultivo de floresta homogênea, para a produção de madeira destinada, sobretudo, à produção de celulose.**

"O comerciante do Quiandeua fornecia o rancho necessário para os 'serradores de serrotão' que subiam o rio durante 10 a 15 dias de 'casco de remo de faia' e ficavam de cinco a seis meses no Alto para voltar com dúzias e dúzias de pranchas serradas de madeira branca, principalmente de virola, <marupá>, freijó e faveira." (135, p. 21).

N. Por ser uma espécie de rápido crescimento e tolerante à luz direta, o marupá é muito indicada para plantios mistos em áreas degradadas em processo de recuperação.

V.Estr.: **Simarouba amara Aubl. - Simaroubaceae.**

Ver: **Madeira branca; Floresta homogênea; Madeira reflorestada.**

Mata *Sf. V.Lex.:* **Floresta.**

Mata explorada *Sf.* **Parte da floresta que, devido à abertura de estrada secundária e ramais de arraste, à construção de pátio de estocagem e à queda das árvores extraídas, apresenta clareiras intercaladas com as manchas de floresta.**

"Quando não há uma faixa de mata virgem ao redor da <mata explorada>, pode-se construir um aceiro, ou seja uma faixa sem qualquer vegetação (3 a 5 metros de largura) margeando a área explorada." (15, p. 91).

Ver: **Manchas de floresta; Mata virgem.**

Mata primária *Sf. V.Sint.:* **Floresta primária.**

Mata secundária *Sf. V.Sint.:* **Floresta secundária.**

Mata virgem *Sf.* **Floresta ou área da floresta ainda não explorada.**

"Quando não há uma faixa de <mata virgem> ao redor da mata explorada, pode-se construir um aceiro, ou seja uma faixa sem qualquer vegetação (3 a 5 metros de largura) margeando a área explorada." (15, p. 91).

Ver: **Mata explorada; Floresta nativa.**

Material neutro *Sm.* **Material, como plástico, metal, verniz, tinta, imunizante, que acompanha produtos de origem florestal, sobre o qual a certificação FSC não atua.**

V.Sint.: **Insumo não-florestal.**

Ver: **Certificação FSC; FSC.**

MDF *Sm.* **Painel de densidade de massa entre 500 e 800 Kg/m³, composto por partículas de fibra de madeira e adesivo termofixo, que se compactam sob ação conjunta de pressão e alta temperatura. O MDF se difere do OSB e do aglomerado convencional, dentre outros motivos, por ser reconstituído com a fibra refinada, o que confere ao MDF uma qualidade mecânica de maleabilidade semelhante à da madeira sólida.**

"Nos anos noventa, são os painéis de fibra tipo <MDF> (middle dense fibreboard) e os aglomerados tipo OSB (oriented strand board), baseados em madeira de plantações, que determinam a taxa de crescimento desse segmento. " (195, p. 21).

N. **Às vezes são adicionados ao processo de reconstituição da fibra da madeira para a produção de MDF, além de adesivos, outros materiais como cimento e gesso. O MDF também pode ser forrado com película de plástico ou com laminados decorativos. A produção do MDF é feita, basicamente, a partir de madeira reflorestada, como o Pinus e o Eucalipto.**

V.Estr.: **Medium Density Fiberboard; V.Dec.:** **Painel de Fibra de Média Densidade.**

Ver: **Painel; Madeira aglomerada.**

MDP *Sm.* **Painel de partículas de madeira, aglutinadas com adesivo sintético em camadas, que se compactam sob ação conjunta de pressão e alta temperatura.**

"O MDP é indicado para partes de móveis residenciais e de escritório que não necessitem de usinagem em baixo relevo, entalhes ou cantos arredondados (...). (252, p. 32).

V.Estr.: **Medium Density Particleboard**; *V.Dec.:* **Painel de Partículas de Média Densidade.**

Ver: **Madeira aglomerada.**

Medidor de umidade *Sm. V.Sint.:* **Medidor de umidade da madeira.**

Medidor de umidade da madeira *Sm.* **Aparelho elétrico, calibrável, usado para medir o teor de umidade da madeira, no procedimento de ensaio não destrutivo.**

V.Sint.: **Medidor de umidade.**

Ver: **Teor de umidade da madeira; Ensaio não destrutivo.**

Medium Density Fiberboard *Sm. V.Sint.:* **MDF.**

Medium Density Particleboard *Sm. V.Sint.:* **MDP.**

Medula *Sf.* **Parte mais ou menos central da tora, constituindo a terceira camada da madeira, após o alburno e o cerne, formada por tecido menos resistente que os que o circundam.**

"<Medula> não é permitido." (41, p. 35).

Ver: **Alburno; Cerne.**

Melhor face *Sf.* **Face com menos defeito, ou na qual os defeitos depreciam menos a peça de madeira.**

"(...) a classificação é realizada na <melhor face> da peça, sendo observados alguns requisitos para a outra face." (41, p. 41).

Ver: **Face 1; Defeito na madeira.**

Mercado *Sm.* **Conjunto de transações de compra e venda de produtos florestais madeireiros, podendo ser de âmbito local, nacional, ou internacional, e de caráter geral ou especializado.**

"Atender as necessidades do cliente e do próprio <mercado> vai além da concorrência pelo menor preço. Até porque, tradicionalmente, os aspectos de qualidade costumavam ser secundários a este." (1, p. 9)."

V.Sint.: **Mercado da madeira; V.Sint.: Mercado de madeira.**

Ver: **Produto madeireiro; Mercado geral; Mercado especial; Mercado local; Mercado nacional; Mercado internacional.**

Mercado da madeira *Sm. V.Sint.:* **Mercado.**

Mercado de madeira *Sm. V.Sint.:* **Mercado.**

Mercado doméstico *Sm. V.Sint.:* **Mercado local.**

Mercado especial *Sm.* **Mercado no qual se comercializa peças de madeira beneficiada ou produto acabado, geralmente destinados à utilização, nas seções fornecidas, ou a certos usos finais específicos.**

"As mesmas tolerâncias definidas para o Mercado Geral são permitidas na classificação dessas espécies para o <Mercado Especial>." (41, p. 43).

Ver: **Mercado; Produto acabado; Madeira beneficiada.**

Mercado exterior *Sm. V.Sint.:* **Mercado internacional.**

Mercado externo *Sm. V.Sint.:* **Mercado internacional.**

Mercado geral *Sm.* Mercado no qual se comercializa peças de madeira que se destinam, geralmente, a serem beneficiadas e/ou tratadas antes da utilização final.

"As regras aqui apresentadas são destinadas à classificação de peças de madeira para o <Mercado Geral>, peças essas que, via de regra, são resserradas antes de serem utilizadas." (41, p. 35).

Ver: Mercado; Madeira beneficiada; Madeira tratada.

Mercado internacional *Sm.* Mercado no qual as transações comerciais vão além do Brasil, possuindo caráter altamente especializado.

"As exigências rigorosas de qualidade do <mercado internacional> permitem apenas defeitos muito pequenos (i.e., a madeira processada contendo mais do que um único pequeno orifício ou um pequeno nodo é rejeitada)." (88, p. 19-20).

V.Sint.: Mercado exterior; *V.Sint.:* Mercado externo.

Ver: Mercado.

Mercado interno *Sm.* *V.Sint.:* Mercado nacional.

Mercado local *Sm.* Mercado no qual as transações comerciais estão restritas aos municípios ou Estados onde o produto madeireiro é produzido, sendo um mercado de caráter mais geral que especial.

"A produção é totalmente absorvida pelo <mercado local>." (230, p. 20).

V.Sint.: Mercado doméstico.

Ver: Mercado.

Mercado nacional *Sm.* Mercado no qual as transações comerciais estão restritas ao Brasil, sendo de caráter mais especial que geral.

"Dessa forma, as chapas de partículas ficariam reservadas para consumo regional, podendo inclusive disputar parte do <mercado nacional>, onde terão de enfrentar forte competição de material idêntico produzido em melhores condições econômicas, nas proximidades dos principais centros de consumo." (230, p. 20).

V.Sint.: Mercado nacional brasileiro; *V.Sint.:* Mercado interno.

Ver: Mercado.

Mercado nacional brasileiro *Sm. V.Sint.:* Mercado nacional.

Mesa *Sf.* Peça de madeira, maciça ou laminada, com dimensões transversais em torno de 40mm por 80mm, que envolve longitudinalmente as bordas da alma da viga "I".

"Na união das peças de madeira maciça que compõem a <mesa> com a peça da alma, na formação da viga 'I' (...) foi utilizada a colagem com adesivo estrutural (...)." (161, p. 36).

Ver: Viga "I"; Viga laminada.

MFS *Sf. V.Sint.:* Manejo florestal.

Miolo *Sm. V.Lex.:* Alma.

Miolo solto *Sm.* Defeito na madeira que consiste na rachadura circular no topo da tora, no sentido dos anéis de crescimento.

"<Miolo solto>: - abertura circular no topo e no sentido dos anéis de crescimento." (94, p. 84).

Ver: Rachadura.

MLC *Sf. V.Sint.:* Madeira laminada 1.

Mofa *Sm. V.Lex.:* Bolor.

Moirão *Sf. V.Fon.:* Mourão.

Molduramento *Sm.* Usinagem da peça de madeira que consiste em fazer espiga e entalhe de encaixe, produzindo peças com as bordas com moldura tipo macho-fêmea, tais como lambril, peças para assoalho, portas.

"O molduramento faz os <cortes de encaixes> - tipo macho-fêmea, por exemplo - no comprimento para peças (...)." (252, p. 27).

Ver: **Usinagem.**

Mossa *Sf. V.Sint.:* **Calo de lâmina.**

Motosserra *Sf.* **Máquina de corte da madeira, usada na derruba e traçamento das árvores, composta por um motor portátil, a diesel ou a gasolina, e um sabre em cujas extremidades há uma corrente com dentes cortantes que desliza em alta velocidade.**

"A preparação era determinada quando o operador ligava a <motosserra> com a intenção de cortar a árvore." (159, p. 47).

V.Graf.: **Moto-serra.**

Ver: **Derruba; Machado; Serrotão; Traçamento; Sabre da motosserra.**

Moto-serra *Sf. V.Gráf.:* **Motosserra.**

Motosserrista *Sm.* **Operário da atividade madeireira que trabalha com a motosserra, no setor de extração da madeira, podendo desempenhar a função de traçador ou cortador.**

"O ciclo de corte termina quando o <motosserrista> move-se em direção à copa (em geral, com motosserra ligada) para realizar o destopamento." (159, p. 48).

Ver: **Motosserra; Cortador; Traçador.**

Mourão *Sm.* **Estaca grossa, geralmente de madeira externa pesada, que pode ter as mesmas funções da estaca, mas também pode ser usada como suporte para pontes de madeira ou para trapiches.**

"ABIU PITOMBA (...) É empregada no fabrico de estacas, esteios, postes, <mourões>, dormentes e peças de alta resistência." (168, p. 2).

V.Fon.: **Moirão.**

Ver: **Acha; Estaca; Madeira pesada externa.**

Muda *Sf.* **Planta nova em saco plástico ou tubete, produzida em viveiro ou estufa, ou encontrada junto à árvores adultas, pronta para o plantio definitivo.**

"Além das inúmeras interações intrínsecas, para dado povoamento pode ocorrer uma variação em função da origem das sementes ou <mudas>, das condições locais de clima e solo, sistema de implantação e manejo, da idade, do ritmo de crescimento, etc." (62, p. 174).

Ver: **Estufa; Plantio; Reflorestamento; Tubete.**

N - n

Não selecionados *Sm. V.Sint.:* **Bica corrida.**

Navalha *Sf. V.Lex.:* **Faca.**

Nó *Sm.* **Torção do tecido fibroso da madeira, com crescimento irregular em relação ao restante do tecido do lenho, resultante do rastro deixado por um ramo ou galho.**

"<Nós> são permitidos, desde que a soma dos seus diâmetros máximos, medidos em relação à largura da face na qual eles aparecem, não exceda a 1/10 da largura dessa face e que estejam localizados fora dos elementos limpos." (41, p. 44).

Ver: **Defeito na madeira.**

Nó-de-galho *Sm.* **Nó resultante do crescimento do galho, que nas toras aparece no lugar onde os galhos foram cortados.**

"(...) <Nó-de-galho>, se o diâmetro é igual ou superior a 1/5 do diâmetro da tora (como buraco)." (94, p. 86).

Ver: **Nó.**

Norma mãe FSC *Sf. V.Sint.:* **Norma primária FSC.**

Norma primária FSC *Sf.* **Norma principal da cadeia de custódia do FSC, a partir da qual são derivadas todas as outras normas complementares à certificação. A norma primária FSC abrange os diversos tipos de produtos e empreendimentos do setor florestal.**

V.Sint.: Norma mãe FSC.

Ver: FSC.

Nó simples *Sm.* **Nó resultante de algum tipo de trauma ou ferimento sofrido pela árvore quando ela era mais nova.**

"<Nó simples>: - causado por algum ferimento quando a árvore mais nova." (94, p. 84).

Ver: Nó.

O - o

Organização certificadora *Sf.* **Organização, credenciada pelo FSC ou outra entidade de reconhecida credibilidade, que concede certificação a empresas que processam e/ou comercializam produtos florestais, atestando que tais produtos têm origem legal e extração manejada.**

"A data 'efetiva' de um documento normativo especifica a partir de que data a nova (versão) norma deverá ser usada pela <organização certificadora> para avaliação de seu cumprimento pelos usuários-alvo especificados no 'escopo' do padrão." (82, p. 6).

Ver: FSC; Produto florestal certificado.

Órgão consultivo *Sm.* **Órgão, com representação do poder público e da sociedade civil, que tem a finalidade de assessorar, avaliar e propor diretrizes para a gestão das florestas públicas.**

"A Comissão de Gestão de Florestas Públicas é o <órgão consultivo> do Serviço Florestal Brasileiro e tem por finalidade assessorar, avaliar e propor diretrizes para gestão de florestas públicas da União e o dever de se manifestar sobre o PAOF da União." (207, p. 40).

Ver: **Floresta pública.**

Órgão gestor *Sm.* **Órgão ou entidade do poder público dotado da competência para disciplinar e conduzir o processo de outorga de concessão florestal.**

"Outras das principais razões foram: o fato de possuir o Plano de Manejo da Unidade de Conservação aprovado pelo <órgão gestor> (ICMBio), com definição de áreas para produção florestal, a boa infra-estrutura de acesso, a capacidade técnica e produtiva instalada na região e a viabilidade econômica para a produção florestal." (207, p. 17).

Ver: **Concessão florestal; SFB.**

Oriented Strand Boards *Sm. V.Sint.:* **OSB.**

Orifícios de entrada de ar *Sm.* **Furos na base, em volta e/ou no topo do forno carvoeiro, por onde é feito o controle da oxigenação e a saída dos gases resultantes da combustão da lenha.**

"O modelo mais simples de forno é uma construção de alvenaria com a forma de colméia, com <orifícios de entrada de ar>." (70, p. 2).

V.Lex.: **Baiana; V.Lex.:** **Chaminé; V.Lex.:** **Suspiros.**

Ver: **Carvão vegetal; Forno; Oxigenação; Carbonização.**

OSB *Sm.* **Painel de alta resistência mecânica produzido para fins estruturais, composto por tiras ou lascas finas de madeira, com tamanho em torno de 8cm por 2cm, coladas em camadas sob pressão e altas temperaturas. O OSB se difere do aglomerado convencional e do MDF, dentre outros motivos, por ser reconstituído com fibras de madeira maiores: as fibras que compõem o OSB são maiores do que as que compõem o aglomerado e o MDF. As fibras do OSB e do aglomerado são visíveis a olho nu, as fibras do MDF são imperceptíveis.**

"Os painéis de partículas orientadas ou oriented strand boards, mais conhecidos como <OSB>, foram dimensionados para suprir uma característica demandada, e não encontrada, tanto na madeira aglomerada tradicional quanto nas chapas MDF - a resistência mecânica exigida para fins estruturais." (253, p. 32).

V.Estr.: **Oriented Strand Boards**; *V.Dec.:* **Painel de partículas orientadas.**

Ver: **Madeira aglomerada.**

Oxigenação *Sf.* **Procedimento de controle da entrada de ar no interior do forno, por meio dos suspiros ou chaminéis. O controle da oxigenação é de fundamental importância no processo de carbonização, pois dependendo da quantidade de oxigênio no interior do forno, a lenha queimar-se-á parcialmente, produzindo o carvão, ou totalmente, produzindo cinzas.**

"As caieiras são buracos feitos no chão, preenchidos com madeira (...), posteriormente cobertos com uma argamassa feita com terra, deixando alguns 'furos', por onde é feita a ignição e a <oxigenação>, para a carbonização da lenha." (125, p. 74).

Ver: **Carvão vegetal; Carbonização; Forno; Suspiro.**

P - p

Painel *Sm.* **Chapa de madeira aglomerada, de madeira compensada ou de pequenas peças de madeira serrada coladas lateralmente umas às outras (EGP). Há basicamente dois tipos de painéis: o painel de madeira reconstituída e o painel de madeira processada mecanicamente (painel de lâmina ou madeira sólida).**

"A prensagem é uma das fases mais importantes da fabricação de <painéis> a base de madeira, pois determina a espessura e a densidade final do <painel> e, ainda, transfere calor responsável pela cura da resina proporcionando a consolidação do <painel>." (64, p. 8).

V.Sint.: **Painel de madeira.**

Ver: **Madeira aglomerada; Painel de madeira reconstituída; Painel de madeira processada mecanicamente.**

Painel colado *Sm. V.Sint.:* **EGP.**

Painel colado lateral *Sm. V.Sint.:* **EGP.**

Painel de Alta Densidade *Sf. V.Sint.:* **HDF.**

Painel de compensado *Sm. V.Sint.:* **Compensado.**

Painel de Fibra de Média Densidade *Sm. V.Sint.:* **MDF.**

Painel de madeira *Sm. V.Sint.:* **Painel.**

Painel de madeira aglomerada *Sm. V.Sint.:* **Painel de madeira reconstituída.**

Painel de madeira maciça *Sm. V.Sint.:* **EGP.**

Painel de madeira processada *Sm. V.Sint.:* **Painel de madeira processada
mecanicamente.**

Painel de madeira processada mecanicamente *Sm. Chapa de madeira formada por
camadas de lâminas (compensado) ou sarrafos (compensado sarrafeado), ou por
pequenas peças de madeira serrada coladas lateralmente umas às outras (EGP).*

"A indústria de <painéis de madeira processada mecanicamente> é bastante pulverizada."
(134, p. 139).

V.Sint.: **Painel de madeira processada.**

Ver: **Painel; Painel de madeira reconstituída.**

Painel de madeira reconstituída *Sm. Chapa compacta de madeira aglomerada, tais
como o aglomerado convencional, o MDF, o MDP, o HDF, o SDF e o OSB.*

"A fabricação de chapas de fibra no Brasil começou em 1954, com as fábricas da Duratex, em Jundiaí (SP), e da Eucatex, em Salto (SP). As dificuldades iniciais de aceitação do produto nacional – pois foi o primeiro tipo de <painel de madeira reconstituída> a ser fabricado no Brasil – foram superadas e os aumentos de capacidade ocorreram até 1982." (134, p. 143).

V.Sint.: **Chapa de madeira aglomerada; V.Sint.: Chapa de madeira reconstituída; V.Sint.: Painel de madeira aglomerada.**

Ver: **Madeira aglomerada; Painel; Chapa dura.**

Painel de Partículas de Média Densidade *Sm. V.Sint.:* **MDP.**

Painel de partículas orientadas *Sm. V.Sint.:* **OSB.**

Painel LVL *Sm. V.Sint.:* **Madeira laminada 1.**

Painel reconstituído *Sm. V.Sint.:* **Composto particulado.**

Painel superdenso *Sm. V.Sint.:* **SDF.**

PAOF *Sm.* **Plano proposto pelo órgão gestor e definido pelo poder concedente (federal, estadual, municipal) que contém a descrição de todas as florestas públicas a serem submetidas a processo licitatório para a concessão florestal no ano em que vigorar.**

"A Flona de Jamanxim foi classificada pelo Serviço Florestal Brasileiro, através do <PAOF> (Plano Anual de Outorga Florestal) de 2009, como área futura para concessão florestal." (143, p. 6).

V.Sint.: **Plano Anual de Outorga Florestal.**

Ver: **Órgão gestor; Poder concedente.**

Paricá *Sm.* **Árvore de grande porte, considerada madeira leve e de resistência mecânica e retrabilidade baixas. Por ser espécie de rápido crescimento (de 7 a 8 anos em reflorestamento), é muito cultivada em reflorestamento, principalmente no Pará. A madeira de paricá reflorestado é destinada, principalmente, à produção de lâminas e compensados.**

"Ressalta-se que para a indústria de madeira processada mecanicamente, além do pinus e do eucalipto, o <paricá> tem se mostrado como uma das espécies florestais mais promissoras para a fabricação de produtos de madeira sólida." (2, p. 10).

V.Estr.: **Parkia multijuga Benth..**

Ver: **Reflorestamento; Madeira reflorestada.**

Parquet *Sm. V.Lex.:* **Taco.**

Parquete *Sm. V.Lex.:* **Taco.**

Partícula *Sf. V.Sint.:* **Farinha de madeira.**

Passo *Sm.* **Espaço entre duas pontas de dente de serra separadas pela garganta.**

"A espessura, distância entre dentes (<passo>), e tipos de dentes, geralmente são fabricadas proporcionais a largura, e esta é condicionada pelo volante." (94, p. 78).

Ver: **Ponta do dente; Garganta.**

Pasta de madeira *Sf. V.Sint.:* **Polpa de madeira.**

Pátio *Sm. V.Sint.:* **Pátio de estocagem.**

Pátio da mata *Sm.* **Local à beira de uma estrada, geralmente secundária, destinado à recolha e empilhamento das toras, após a derruba. O pátio de estocagem da mata é interligado aos ramais de arraste por meio do ramal central.**

"Para a análise econômica, é essencial a separação e definição clara dos setores e tipos de custos, supondo-se considerar como setores de custo: exploração, <pátio da mata>, transporte, pátio da serraria, descascamento, serraria, imunização." (159, p. 75).

V.Sint.: **Pátio de estocagem da mata.**

Ver: **Pátio de estocagem**

Pátio da serraria *Sm.* **Área de terreno limpa junto às serrarias, usada para o empilhamento das toras destinadas ao processamento industrial.**

"Para a análise econômica, é essencial a separação e definição clara dos setores e tipos de custos, supondo-se considerar como setores de custo: exploração, pátio da mata, transporte, <pátio da serraria>, descascamento, serraria, imunização." (159, p. 75).

Ver: **Pátio de estocagem.**

Pátio de estocagem *Sm.* **1. Local à beira de uma estrada ou ramal (pátio da mata), ou área de terreno limpa próxima às serrarias (pátio da serraria), usados para a recolha e empilhamento das toras destinadas ao transporte ou ao processamento.**

"(...) não foi diferenciado o custo entre os vários setores da produção, identificados como: <pátio de estocagem>, descascamento, serraria e imunização." (159, p. 60).

V.Sint.: **Pátio.**

2. Área, no local de extração, destinado ao empilhamento das toras traçadas.

"As estradas secundárias e <pátios de estocagem> devem ser construídos preferencialmente um ano antes da exploração, para que haja uma boa sedimentação do terreno." (15, p. 61).

V.Sint.: **Pátio da mata.**

3. Área, junto às serrarias, destinada ao empilhamento das toras a serem processadas.

"O <pátio de estocagem> compreenderá uma área de 10 hectares - 500 x 200m, receberá toras por via terrestre oriunda da área de exploração florestal, onde serão arrumadas e classificadas por espécies e classe de qualidade." (58, p. 16).

V.Sint.: **Pátio da serraria.**

Ver: **Pátio da mata; Pátio da serraria; Pátio de secagem.**

Pátio de estocagem da mata *Sm. V.Sint.:* **Pátio de estocagem.**

Pátio de secagem *Sm.* **Local onde são empilhadas as peças de madeira serrada para a secagem natural.**

"Madeira Seca ao Ar: madeira seca em <pátios de secagem> sem utilização de aquecimento artificial." (234, p. 186).

Ver: **Pátio de estocagem.**

Peça *Sf. V.Sint.:* **Peça de madeira.**

Peça de madeira *Sf.* **Madeira serrada, com ou sem beneficiamento, que, dependendo da largura e espessura, pode ser assoalhos, lambris, batentes, rodapés, tacos, caibros, caibrinhos, pranchas, pranchões, ripas, sarrafos, dormentes, tábuas, vigas, vigotas etc.**

"Ademais, a identificação equivocada das espécies botânicas comercializadas é uma limitação usual e, dessa forma, o consumidor pode comprar <peças de madeira> de qualidade inferior." (150, p. 406).

N. Embora a norma NBR 7203 da ABNT, para madeira serrada e beneficiada, especifique as dimensões de alguns tipos de peça (caibros, pranchas, pranchões, ripas, sarrafos, tábuas, vigas, vigotas), na prática nem sempre tais medidas são seguidas.

V.Sint.: **Peça de madeira serrada; V.Sint.:** **Peça.**

Ver: **Madeira serrada.**

Peça de madeira serrada *Sf. V.Sint.:* **Peça de madeira.**

Peça desclassificada *Sf. V.Lex.:* **Refugo.**

Peça solteira *Sf.* **Peça que contém medula no seu interior, acompanhando todo o seu comprimento.**

"<Peça Solteira>: aquela que contém medula no seu interior (...)." (234, p. 186).

Ver: **Peça de madeira.**

Peça trapezoidal *Sf.* **Peça de madeira com uma das seções em formato de trapézio.**

"<Peça trapezoidal> (...). Peça de madeira que tem uma seção trapezoidal." (41, p. 57).

Ver: **Peça de madeira.**

Peito do dente *Sm. V.Lex.:* **Face 2.**

Penetração *Sf.* **Profundidade alcançada pelo produto imunizante, ou pelos seus ingredientes ativos, na madeira, durante o processo de tratamento.**

"Os métodos mais eficientes para aplicação do preservante na madeira incluem o uso de pressão superior a do ambiente (autoclave) como auxiliar da impregnação, resultando em melhor distribuição e <penetração> do preservante na peça tratada." (115, p. 2).

Ver: **Imunização; Retenção.**

Pernamanca *Sf.* **Peça de madeira serrada, com espessura de 50mm, largura de 70mm e com o comprimento variando de acordo com a destinação, geralmente usada no escoramento de lajes (pontalete), na construção de andaimes e em estrutura de telhado na construção civil.**

"Muitas empresas atuam em linhas de produção múltiplas, por exemplo, existem empresas que atuam como serrarias, comercializando madeira beneficiada, bem como se dedicam à produção de tábuas, ripas, <pernamancas> entre outras peças para venda à estâncias e para a indústria de construção civil." (192, p. 66).

Ver: **Caibro; Pontalete.**

Picador *Sm.* **Máquina usada para triturar tora ou resíduo sólido de madeira, transformando-os em cavaco.**

"Com esta irregularidade dimensional dos cavacos, os maiores são separados por baterias de peneiras, e em seguida, retornam ao <picador>." (48, p. 3).

V.Sint.: **Picador de madeira; V.Sint.: Picador florestal.**

Ver: **Resíduo; Cavaco.**

Picador de madeira *Sm. V.Sint.:* **Picador.**

Picador florestal *Sm. V.Sint.:* **Picador.**

Picotagem *Sf.* **Fragmentação de tora ou de resíduos sólidos de madeira, em picadores, para produção de cavacos ou partículas de madeira, destinados, geralmente, à fabricação de briquetes, compostos particulados e pastas de celulose.**

V.Lex.: **Trituração.**

Ver: **Briquete; Composto particulado.**

Pilha *Sf. V.Sint.:* **Pilha de madeira.**

Pilha de madeira *Sf.* **Conjunto de peças de um lote acomodadas umas sobre as outras (em pilha), destinado à secagem ou ao acondicionamento.**

"Independentemente da orientação e das dimensões da estufa, o comprimento da <pilha de madeira> deve coincidir com o eixo principal da estufa." (214, p. 4).

V.Sint.: **Pilha.**

Ver: **Empilhamento; Lote; Acondicionamento.**

Pior face *Sf.* **Face com mais defeito, ou na qual os defeitos depreciam mais a peça de madeira.**

"<Pior face> É a face na qual os defeitos depreciam mais a peça." (41, p. 30).

Ver: **Face 1; Defeito na madeira.**

Piso *Sm.* **Produto madeireiro (PMVA), podendo ser maciço (tábua corrida, assoalho), ou laminado (painel HDF, SDF), resultante do beneficiamento da madeira serrada, ou da compactação de partículas de madeira (painéis de alta densidades), destinado a revestimento de chão na construção civil.**

"Os <pisos> e revestimentos em madeira, normalmente são definidos conforme duas grandes classes, levando-se em consideração a forma de construção e do tipo de produto em madeira que os compõem." (4, p. 1).

Ver: **Piso maciço; Piso laminado; PMVA; Assoalho; Tábua corrida; Taco.**

Piso laminado *Sm.* **Piso constituído por painéis de alta densidade (chapa dura) revestidos por lâminas decorativas de madeira.**

"Outra grande vertente dos pisos em madeira são aqueles ditos <[pisos] laminados>." (4, p. 2).

Ver: **Piso; Piso maciço.**

Piso maciço *Sm.* **Piso constituído por tábua corrida, assoalho, ou taco, resultantes do beneficiamento de madeira sólida, geralmente de folhosas.**

"Os chamados <pisos maciços> são fabricados no país, em sua grande parte, de madeira folhosa tropical, embora o Eucalyptus aos poucos venha sendo utilizado." (4, p. 1).

Ver: **Piso; Piso laminado.**

Plano Anual de Outorga Florestal *Sm. V.Sint.:* **PAOF.**

Plano de Manejo Florestal Sustentável *Sm. V.Sint.:* **PMFS.**

Plano de secagem *Sm. V.Sint.:* **Programa de secagem.**

Plantio *Sm.* **Processo, manual ou mecânico, que consiste em enterrar as raízes das mudas de árvore num solo previamente preparado.**

"Tanto o manejo de florestas nativas como o <plantio> de florestas para produtos de madeira sólida (rotações mais longas), não possuem formas adequadas de financiamento." (62, p. 24).

V.Sint.: **Plantio de mudas.**

Ver: **Muda; Subsolagem; Floresta plantada; Reflorestamento.**

Plantio de mudas *Sf. V.Sint.:* **Plantio.**

PMFS *Sm.* **Plano de exploração dos recursos florestais baseado no manejo florestal.**

"O Serviço Florestal cadastrou 35 solicitações de apreciação de <PMFS> com vistas à assinatura de contratos, todas localizadas no Estado do Pará." (208, p. 43).

N. Segundo AMARAL *et al.* (1998), um plano de manejo florestal:

"deve conter informações sobre a área e características da floresta (fauna, flora, topografia, solo); técnicas de exploração, regeneração e crescimento das espécies comerciais; medidas de proteção das espécies não comerciais, nascentes e cursos d'água; cronograma da exploração anual e uma projeção dos custos e benefícios do empreendimento." (15, p. 2).

V.Sint.: **Plano de Manejo Florestal Sustentável.**

Ver: **Manejo florestal.**

PMS *Sm.* **Produto madeireiro, constituído por madeira serrada, compensado, laminado e PMVA, resultante direto do fatiamento da madeira sólida.**

"Em 2008, o setor de <PMS> (principalmente nos segmentos de madeira serrada, compensado de pinus e PMVA) deve continuar enfrentando as dificuldades que vêm sofrendo nos últimos anos agravada pela conjuntura econômica." (1, p. 46)."

V.Sint.: **Produto de Madeira Sólida.**

Ver: **Madeira sólida.**

PMVA *Sm.* **Produto madeireiro, obtido a partir do beneficiamento da madeira serrada, principalmente de pinus, eucalipto e de espécies tropicais nobres (como mogno, cedro, jacarandá, jatobá, pau-amarelo), constituído por pisos, portas, mulduras, EGP e outros componentes estruturais.**

"Através do processamento da madeira serrada, o Produto de Maior Valor Agregado (<PMVA>) é obtido, assim ocorre a agregação de valor ao produto primário." (1, p. 29).

V.Sint.: **Produto de Maior Valor Agregado.**

Ver: **Madeira beneficiada; Produto madeireiro; Processamento secundário.**

PNQM *Sm.* **Certificação de qualidade de produtos de madeira, concedida pela ABIMCI a empresas do setor madeireiro que obedecem aos requisitos lastreados nas normas da ABNT.**

"O Programa Nacional de Qualidade da Madeira - <PNQM> - foi criado diante da necessidade de disponibilizar ao mercado produtos com especificações conhecidas, dentro dos padrões de qualidade previamente determinados, além de promover o uso dos produtos de madeira, facilitando ao mesmo tempo o acesso ao mercado." (2, p. 5).

V.Sint.: **Programa Nacional de Qualidade da Madeira.**

Ver: **ABIMCI.**

Poder concedente *Sm.* **União, Estados, Distrito Federal e Municípios, os quais detêm o poder de outorga de concessão florestal.**

"O Ministério do Meio Ambiente, além da formulação de políticas, atua diretamente na gestão das florestas públicas como <Poder Concedente> para produção sustentável (é o responsável pela assinatura dos contratos de concessão), define o Plano Anual de Outorga Florestal, supervisiona o desempenho do Serviço Florestal e aprova o seu Plano Estratégico Institucional." (208, p. 8).

Ver: **Órgão gestor.**

Pó de serra *Sm. V.Sint.:* **Serragem 1.**

Pó de serragem *Sm. V.Sint.:* **Serragem 1.**

Pó-de-serragem *Sm. V.Sint.:* **Serragem 1.**

Podridão *Sf. V.Morf.:* **Apodrecimento.**

Pólos madeireiros *Sm. V.Sint.:* **Pólos madeireiros no Pará.**

Pólos madeireiros no Pará *Sm.* **Município do Estado do Pará onde se produz e/ou se processa produtos florestais madeireiros.**

"Setor madeireiro no Estado do Pará. Quantidade de <pólos madeireiros [no Pará]>: 33" (8, p. 2).

V.Sint.: **Pólos madeireiros.**

Ver: **Produto madeireiro.**

Polpa de madeira *Sf.* **Produto florestal obtido a partir do tratamento mecânico e/ou químico da fibra de madeira, usado na produção de papel, papelão e similares.**

"<POLPA DE MADEIRA>: - É o material fibroso obtido por tratamento mecânico e/ou químico (...)." (218, p. 107).

V.Sint.: **Pasta de madeira.**

Ver: **Celulose; Produto florestal.**

Ponta do dente *Sm. V.Sint.:* **Ápice do dente da serra.**

Pontalete *Sm.* **Peça de madeira, roliça ou serrada, com dimensão de corte transversal em torno de 60mm ou de 50mm por 70mm, usada na construção civil, em escoramento de lajes e na construção de andaimes.**

"Nessa norma, a ABNT abandona a nomenclatura 'vigota' e acrescenta outras: pranchinha, ripão, <pontalete> e quadradinho." (150, p. 410).

Ver: **Escoramento; Pernamanca.**

Ponto de saturação *Sm. V.Sint.:* **Ponto de saturação das fibras.**

Ponto de saturação das fibras *Sm.* **Teor de umidade da madeira no qual as paredes celulares encontram-se completamente embebidas (saturadas), enquanto o interior das cavidades celulares está vazio de água. O ponto de saturação das fibras varia de uma espécie para outra, mas estima-se em 30% o valor médio.**

"A presente proposta consiste na introdução de uma etapa de pré-secagem de partículas de madeira, no processo de produção de chapas, com a finalidade de eliminar a água de capilaridade, até a umidade em torno do <ponto de saturação das fibras> (PSF)". (9, p. 2).

V.Sint.: **PSF; V.Sint.: Ponto de saturação.**

Ver: **Madeira seca; Madeira verde; Teor de umidade da madeira.**

Poste *Sm.* **Madeira roliça, de diâmetro mais grosso que o da vara e mais fino que o da tora, constituída pelo caule inteiro da árvore, com ou sem tratamento preservativo, usada como suporte de rede de distribuição de energia elétrica, geralmente em área rural.**

"A madeira tratada é freqüentemente utilizada como dormentes de ferrovias, <postes>, pilares de atracadouros, decks, cercas e outras aplicações exteriores." (177, p. 37).

Ver: **Madeira roliça.**

Povoamento *Sm.* **Conjunto formado por todas as árvores de uma determinada floresta.**

"Pesquisadores apontam os principais problemas relacionados à operação de arraste de madeira, como a compactação do solo, passagem da máquina sobre as pilhas de árvores e arraste de material para a margem do talhão, bem como a perda de rendimento em função das condições do solo, do <povoamento> e do clima." (177, p. 60).

V.Sint.: **Povoamento florestal.**

Ver: **Floresta; Incremento.**

Povoamento florestal *Sm.* *V.Sint.:* **Povoamento.**

Prancha *Sf.* **Peça de madeira serrada, com espessura entre 40mm e 70mm, largura superior a 200mm e com o comprimento variando de acordo com a destinação.**

"A nomenclatura das peças declarada pelo empresário foi comparada com a relacionada na norma NBR 7203 (1982): pranchão, <prancha>, viga, vigota, caibro, tábua, sarrafo e ripa." (150, p. 406).

Ver: **Pranchão; Tábuas; Madeira serrada.**

Pranchão *Sm.* **Peça de madeira serrada, com espessura superior a 70mm, largura superior a 200mm e com o comprimento variando de acordo com a destinação.**

"A nomenclatura das peças declarada pelo empresário foi comparada com a relacionada na norma NBR 7203 (1982): <pranchão>, prancha, viga, vigota, caibro, tábua, sarrafo e ripa." (150, p. 406).

Ver: **Prancha; Tábuas; Madeira serrada.**

Prato *Sm.* **Mesa de metal, integrada à prensa, que exerce ou recebe pressão, podendo ou não ser aquecida, usada na prensagem e colagem de compensado.**

"A prensagem das chapas encoladas com adesivos para cura a quente foi realizada em uma prensa piloto Siempelkamp, de <pratos> planos horizontais com aquecimento elétrico." (162, p. 78).

Ver: **Compensado; Colagem; Prensa; Prensagem.**

Pré-compressão *Sf. V.Lex.:* **Pré-prensagem 1.**

Pré-corte *Sm.* **Conjunto de procedimentos a serem adotados antes do corte da árvore. Tais procedimentos são fundamentais não apenas para reduzir os impactos ambientais da derruba, mas também para garantir a segurança dos cortadores e traçadores que estejam no local. São os seguintes os procedimentos: a) verificar a melhor direção de queda da árvore e se há galhos quebrados ou secos pendurados na copa; b) cortar cipós e arvoretas e remover eventuais casas de cupins e outros obstáculos juntos ao tronco; c) caso haja suspeita de tronco oco, introduzir o sabre da motosserra no tronco da árvore, no sentido vertical, para checar a integridade do fuste; d) caso haja plaqueta de identificação da árvore, retirá-la juntamente com o prego de fixação (a presença de prego, ou qualquer outro artefato metálico, na tora, pode causar danos sérios às serras, durante o processamento da madeira); e) preparar os caminhos de fuga, que devem ser sempre em sentido contrário à direção de queda da árvore (cf. AMARAL ; *et al.*, 1998).**

"A atividade de <pré-corte> reunia todas as atividades necessárias para a preparação do tronco." (159, p. 47).

Ver: Corte 4; Cipós; Derruba; Extração; Motosserra.

Prensa *Sf.* **Máquina para aplicação de pressão sobre o compensado ou madeira aglomerada, durante a colagem e compactação das chapas, podendo ser operada por método mecânico ou hidráulico, com os pratos quentes ou não.**

"Para as chapas com cura a frio, utilizou-se a mesma <prensa> (...)." (162, p. 78).

N. Segundo MATTOS *et al.* (2008), a partir da década de 1990, por necessidade de modernização da produção, foram implantadas nas fábricas de madeira aglomerada, no Brasil, prensas contínuas, que permitem produção em maior escala, em substituição às prensas de prato (prensas cíclicas).

Ver: Compensado; Colagem; Prato; Prensagem.

Prensagem *Sf.* **Procedimento de colagem e compactação de compensado e de madeira aglomerada, por meio do qual dois pratos (quentes ou frios) prensam as chapas ou painéis, deslocando o ar do tecido da madeira e permitindo que o líquido adesivo flua e se entranhe, ocupando o espaço que antes era ocupado pelo ar. É por meio da prensagem que se determina a espessura e densidade do painel.**

"A <prensagem> é uma das fases mais importantes da fabricação de painéis a base de madeira, pois determina a espessura e a densidade final do painel (...). (64, p. 8).

Ver: Pré-prensagem; Prensagem a frio; Prensagem a quente; Prensagem a seco; Prensagem úmida; Colagem; Compensado; Prato; Prensa.

Prensagem a frio *Sf.* **Procedimento de compressão sem calor, usado, geralmente, para colagem de vigas laminadas e compensados.**

"São chapas produzidas a partir da mistura de partículas de madeira com um aglutinante mineral (cimento) e compostos químicos aceleradores de cura, e consolidadas através de <prensagem a frio>." (162, p. 44).

V.Sint.: Compressão a frio.

Ver: **Prensagem; Madeira laminada 1.**

Prensagem a quente *Sf.* **Procedimento de compressão sob alta temperatura**

(geralmente, acima de 200 °C), usado na fabricação de painéis reconstituídos à base de fibras ou partículas de madeira, com a função de compactar e moldar as chapas.

"O colchão formado é submetido a <prensagem a quente> para cura do adesivo e consolidação do painel." (162, p. 26-27).

V.Sint.: **Compressão a quente.**

Ver: **Prensagem.**

Prensagem a seco *Sf.* **Prensagem na qual não se utiliza água no processo de compactação das chapas, adotada na fabricação do aglomerado convencional, do MDF, do MDP e do OSB.**

"<Prensagem a Seco> - Os colchões formados pelo processo a seco são prensados a temperaturas que variam com o tipo de resina utilizada (...)." (162, p. 46).

V.Sint.: **Via seca.**

Ver: **Prensagem; Prensagem úmida.**

Prensagem úmida *Sf.* **Prensagem na qual se utiliza água no processo de compactação das chapas, adotada na fabricação de chapas duras (HDF, SDF).**

"<Prensagem Úmida> - O processo úmido possibilita a produção de painéis com densidades variadas através do controle de pressão." (162, p. 45).

N. A prensagem por via úmida é um procedimento mais antigo e considerado mais poluente.

V.Sint.: **Via úmida.**

Ver: **Prensagem; Prensagem a seco.**

Pré-prensagem *Sf.* **1. Etapa do processo de produção do MDF, em que a manta é submetida à pressão para evitar possíveis desmanchamentos e deslizamentos das fibras durante a fase seguinte de prensagem a quente.**

"(...) a manta é cortada por lâminas circulares não-dentadas e, em seguida, encaminhada às operações de <pré-prensagem> e prensagem a quente." (48, p. 3).

V.Lex.: **Pré-compressão.**

Ver: **MDF; Prensagem.**

2. Etapa do processo de produção do compensado que consiste na montagem e junção das camadas.

"O processo de fabricação dos compensados passa por etapas de junção das lâminas, preparação e aplicação do adesivo, montagem do compensado, <pré-prensagem>, prensagem a quente, acondicionamento, acabamento e classificação." (162, p. 34).

Ver: **Compensado; Prensagem.**

Preservação *Sf.* *V.Lex.:* **Imunização.**

Preservação da madeira *Sf.* *V.Lex.:* **Imunização.**

Preservativo *Sm.* *V.Sint.:* **Produto preservativo.**

Pré-tratamento *Sm.* **Tratamento, de caráter profilático, da madeira recém-serrada, que consiste, geralmente, na imersão das peças num tanque com produto preservativo de ação fungicida e inseticida, para proteger a madeira durante o período de secagem.**

"O <pré-tratamento> possui caráter profilático e tem por objetivo proteger a madeira recém-serrada, contra fungos e insetos xilófagos, apenas durante o período de secagem natural." (178, p. 24).

Ver: **Imunização.**

Procedimento de cantar *Sm.* *V.Sint.:* **Canteamento.**

Procedimento de topejar *Sm. V.Sint.: Topejamento.*

Processamento da madeira *Sm. Conjunto de processos, que compreende o processamento primário, o processamento secundário e o processamento terciário, por meio do qual a madeira bruta é transformada em produtos e subprodutos da indústria madeireira.*

"Por ser fase fundamental no <processamento da madeira>, grande ênfase vem sendo dada no melhoramento da qualidade da secagem e na redução de custos." (251, p. 1).

Ver: Processamento primário; Processamento secundário; Processamento terciário; Madeira bruta.

Processamento primário *Sm. Transformação da madeira roliça em serrados, em lâminas, ou em cavacos ou maravalhas, para o processamento secundário e terciário.*

"Assim, por exemplo, para o BNDES não são financiáveis empreendimentos de <processamento primário> baseados em madeiras tropicais, mas não existem restrições ao financiamento de unidades de processamento secundário, para as quais independe a origem do material." (62, p. 24).

V.Sint.: Processamento primário da madeira.

Ver: Processamento secundário; Processamento terciário.

Processamento primário da madeira *Sm. V.Sint.: Processamento primário.*

Processamento secundário *Sm. Transformação do serrado (vigas, tábuas, caibros, lambris, ripas, pranchas) em peças beneficiadas de madeira e PMVAs (portas, janelas, pisos, molduras, dormentes, EGP); das lâminas, em composto laminado (compensado laminado, compensado sarrafeado, compensado revestido); e do cavaco, maravalha ou partícula de madeira, em painéis reconstituídos (MDF, HDF, MDP, OSB).*

"Assim, por exemplo, para o BNDES não são financiáveis empreendimentos de processamento primário baseados em madeiras tropicais, mas não existem restrições ao financiamento de unidades de <processamento secundário>, para as quais independe a origem do material." (62, p. 24).

Ver: **Processamento primário; Processamento terciário.**

Processamento terciário *Sm.* **Transformação dos produtos do processamento secundário (peças beneficiadas, PMVAs, compostos laminados, compostos particulados) em vigas e armações da construção civil, móveis, revestimento de parede, carroceria de caminhões, embalagens, dentre outro usos.**

"Fluxo da Cadeia Produtiva da Madeira com Destaque para os Produtos de Madeira Sólida (...) <Processamento terciário>." (1, p. 28).

Ver: **Processamento primário; Processamento secundário.**

Processo de laminação *Sm. V.Sint.:* **Laminação.**

Produção madeireira *Sf.* **Transformação da madeira, em estado de matéria-prima (toras), em produto madeireiro.**

"Finalmente, no sul do Pará, onde a <produção madeireira> tem sofrido redução expressiva nos últimos anos, a grande maioria da produção (83%) é destinada ao mercado interno." (247, p. 42).

Ver: **Produto madeireiro; Indústria madeireira; Empresa madeireira.**

Produto *Sm. V.Sint.:* **Produto madeireiro.**

Produto acabado *Sm.* **Produto resultante do processamento industrial da madeira que se encontra pronto para o uso final e não comporta qualquer transformação adicional.**

"Existem atualmente 6 indústrias de laminados e compensados em toda a Amazônia Legal, que deverão processar conjuntamente, a plena capacidade, 574.209 m³ de toras, com a produção de 213.970 m³ de <produto acabado>." (230, p. 17).

Ver: **Madeira beneficiada; Processamento da madeira.**

Produto certificado FSC *Sm.* **Produto florestal certificado cuja organização certificadora foi credenciada pelo FSC.**

"O volume e a diversidade de <produtos certificados FSC> produzidos no Brasil levaram as organizações Imaflora, Amigos da Terra, FSC Brasil e Imazon a acreditar que o país estava pronto para ter a sua própria feira de negócios FSC." (38, p. 295).

Ver: **FSC; Certificação FSC; Certificação florestal; Produto florestal certificado.**

Produto de Madeira Sólida *Sm. V.Sint.:* **PMS.**

Produto de Maior Valor Agregado *Sm. V.Sint.:* **PMVA.**

Produto florestal *Sm.* **Produto madeireiro e não madeireiro (celulose e papel, farmacêuticos, bioquímicos, cosméticos), resultantes da exploração florestal.**

"Compreender a influência do valor atribuído pelas comunidades aos <produtos florestais> é fundamental para identificar a verdadeira alternativa que os PFNM podem representar diante das demais opções de uso da terra." (135, p. 5).

Ver: **Produto madeireiro.**

Produto florestal certificado *Sm.* **Produto de origem florestal, como madeira sólida, laminados e compostos laminados (compensado laminado, compensado sarrafeado, viga laminada), compostos particulados (aglomerado convencional, MDF, MDP, OSB, HDF, SDF), resinas, essências, proveniente de empresas que possuem certificação florestal.**

"Existe o mito de que o mercado brasileiro de madeira amazônica não tem interesse em adquirir <produtos florestais certificados>." (219, p. 7).

Ver: **Certificação florestal; Produto certificado FSC.**

Produto florestal madeireiro *Sm. V.Sint.:* **Produto madeireiro.**

Produto imunizante *Sm. V.Sint.:* **Produto preservativo.**

Produto madeireiro *Sm.* Produto, como lenha, carvão, madeira roliça, madeira serrada, composto laminado, composto particulado, casa pré-fabricada, resultante da extração e processamento da madeira.

"No caso dos Estados Unidos, o principal <produto madeireiro> importado é a madeira serrada (49%), seguida pelos compensados (21%), produtos beneficiados (19%), entre outros." (123, p. 99).

N. A lenha e o carvão, quando produzidos a partir de resíduos do processamento da madeira serrada, são considerados subprodutos da indústria madeireira. O briquete é considerado um produto, mesmo quando não constitui o principal foco de produção e comercialização da indústria madeireira que o produz.

V.Sint.: Produto; *V.Sint.:* Produto florestal madeireiro.

Ver: Produto florestal; Subproduto; Processamento da madeira; Briquete; Mercado.

Produto montado *Sm.* Produto constituído por dois ou mais componentes de madeira, que montados dão origem a um outro produto, tais como móveis, portas, prateleiras, pisos e casas pré-fabricadas.

"<Produtos montados> (...) Produtos construídos a partir de dois ou mais componentes de madeira sólida e/ou partículas e fibra (...)." (83, p. 13).

Ver: Produto madeireiro; Componente.

Produto preservativo *Sm.* Produto químico, como o creosoto, o CCA, CCB, ACA, ACQ, ACZA, composto por ingredientes ativos e/ou formulações, usado no procedimento de imunização da madeira.

"Implementação de controle de qualidade de toda a madeira tratada com <produtos preservativos> para garantir os principais parâmetros de tratamento: penetração e a retenção do preservativo absorvido no processo de tratamento." (252, p. 36).

V.Lex.: Imunizante; *V.Sint.:* Produto imunizante; *V.Sint.:* Preservativo.

Ver: Imunização; Creosoto; CCA; CCB; ACA; ACQ; ACZA.

Profundidade do dente *Sf.* **Medida na vertical entre o fundo da garganta e a ponta do dente da serra.**

"Usando um outro perfil de dentes aconselhamos que o ângulo de corte não seja menos que 15° e que a <profundidade do dente> seja maior do que 10mm." (36, p. 20).

V.Sint.: **Altura do dente.**

Ver: **Garganta.**

Programa de secagem *Sm.* **Procedimento em que se prevê as condições de temperatura e umidade relativa dentro da câmara de secagem ou estufa, a fim de se determinar a melhor condição de secagem de determinada madeira. Tal procedimento pode ser severo ou suave.**

"Os valores para umidade e temperatura no interior da câmara seguem níveis determinados por um <programa de secagem> adequado à espécie e dimensões das peças a serem secas." (251, p. 5).

V.Sint.: **Plano de secagem.**

Ver: **Secagem; Programa de secagem severo; Programa de secagem suave.**

Programa de secagem severo *Sm.* **Programa de secagem em que, por meio do controle de temperatura e umidade, se acelera o processo de secagem da madeira.**

Ver: **Programa de secagem.**

Programa de secagem suave *Sm.* **Programa de secagem em que o controle das condições de temperatura e umidade proporciona um processo mais lento de secagem da madeira.**

Ver: **Programa de secagem.**

Programa Nacional da Qualidade da Madeira *Sm.* *V.Sint.:* **PNQM.**

Proteção das extremidades *Sf.* **Aplicação, nos topos das toras ou das peças de madeira, de produto protetor de topo.**

"<Proteção das extremidades> A aplicação, nas extremidades das peças, de um produto anti-rachadura (...)." (41, p. 21).

Ver: **Protetor de topo; Imunização.**

Protetor de topo *Sm.* **Produto anti-rachadura e/ou antifúngico, que reduz o risco de rachaduras e de ataque de fungos durante o transporte e empilhamento da madeira.**

V.Lex.: **Anti-racha.**

Ver: **Proteção das extremidades.**

PSF *Sm. V.Sint.:* **Ponto de saturação das fibras.**

Puxar catraca *V.:* **Procedimento que consiste em carregar o caminhão com toras de madeira, usando um sistema de catracas. Neste procedimento, a tora é laçada pelas duas extremidades por dois cabos de aço, um em cada extremidade, e é puxada para cima do caminhão.**

"<Puxar catraca>' – colocar toras de madeira sobre o caminhão, usando um sistema de catracas." (135, p. 82).

Ver: **Carregamento, Transporte da madeira.**

Quadrado *Sm.* Peça de madeira serrada, com dimensão de corte transversal a partir de 100mm x 100mm e com o comprimento variando de acordo com a destinação.

"Nessa comparação, 31,2% das peças foram reprovadas. Nessa norma, a ABNT abandona a nomenclatura 'vigota' e acrescenta outras (...), ripão, pontalete e <quadrado>." (150, p. 410).

Ver: Tipo short; Sarrafo.

Quadrado *Sm.* Peça de madeira serrada, com dimensão de corte transversal a partir de 100mm x 100mm e com o comprimento variando de acordo com a destinação.

"A madeira serrada será classificada de acordo com as seguintes dimensões: (...) Bloco, <quadrado> ou filé (...)." (43, p. 19).

V.Lex.: Bloco 2; *V.Lex.:* Filé.

Ver: Quadrado; Peça de madeira.

Qualidade da copa *Sf.* Avaliação, com base na integridade dos galhos, que classifica a copa das árvores em boa, regular ou inferior.

"Primeiro, avalia-se a <qualidade da copa> das árvores para a seleção de árvores matrizes." (15, p. 28).

V.Sint.: Qualidade da copa da árvore.

Ver: Copa; Qualidade do tronco; Extração; Copa boa; Copa regular; Copa inferior.

Qualidade da copa da árvore *Sf.* *V.Sint.:* Qualidade da copa.

Qualidade do tronco *Sm.* Avaliação, com base na integridade do fuste, que classifica o tronco das árvores em bom, regular ou inferior.

"Para calcular o volume de cada árvore deve-se utilizar as informações sobre a circunferência à altura do peito (CAP) ou diâmetro à altura do peito (DAP), altura comercial e <qualidade do tronco> (...)." (15, p. 32).

V.Sint.: **Qualidade do tronco da árvore.**

Ver: **Qualidade da copa; Fuste; Tronco bom; Tronco regular; Tronco inferior.**

Qualidade do tronco da árvore *Sf. V.Sint.:* **Qualidade do tronco.**

Quebra-fogo *Sm.* **Aceiro ou quebra-fogo natural usados como obstáculos para conter a ação do fogo sobre a mata explorada.**

"Pode-se estabelecer dois tipos de <quebra-fogo> para a proteção da floresta: o quebra-fogo natural e o aceiro." (15, p. 90).

N. Após a extração da madeira, a mata explorada, com a densidade de seu dossel diminuída, fica mais penetrável aos raios do sol, os quais, incidindo mais intensamente sobre a floresta e os resíduos da extração (serrapilheira), reduzem a umidade da área, gerando uma grande quantidade de biomassa altamente inflamável. Nestas condições, a mata explorada torna-se vulnerável à propagação do fogo, necessitando, portanto, de quebra-fogo.

Ver: **Aceiro; Quebra-fogo natural; Serrapilheira.**

Quebra-fogo natural *Sm.* **Faixa de floresta, com no mínimo 100m de largura, mantida inalterada em volta da mata explorada, com o objetivo de, em havendo incêndio, servir como obstáculo natural para conter o fogo e impedir que ele se espalhe pela mata explorada. O quebra-fogo natural é recomendado quando não há mata virgem em volta da mata explorada, mas aberturas como pastos e roçados.**

"Para implantar um <quebra-fogo natural>, deve-se manter intacta uma faixa de floresta virgem entre as aberturas (pastos e roças) e a floresta explorada." (15, p. 90).

V.Sint.: **Faixa de proteção.**

Ver: **Aceiro; Quebra-fogo.**

Quina *Sf.* **Porção da peça de madeira que corresponde à interseção de uma face com uma borda ou à interseção de duas faces.**

"Esmoado é permitido somente em uma <quina> (...)." (41, p. 37).

V.Lex.: **Aresta.**

Ver: **Quina morta; Face 1; Borda; Topo.**

Quina morta *Sf.* **Defeito na peça que consiste na ausência, por algum motivo, de madeira em uma das arestas.**

"<Quina morta>, falta de madeira em alguma aresta da peça." (94, p. 87).

Ver: **Esmoado; Defeito na madeira; Quina.**

R - r

Rabo quente *Sm.* **Forno de superfície, mais comum, com diâmetro de 3m.**

"Os modelos mais comuns são o forno tipo <rabo quente> (3m de diâmetro), forno de encosta (4m) e forno de superfície (5m)." (139, p. 78).

Ver: **Forno de alvenaria.**

Racha *Sf. V.Morf.:* **Rachadura.**

Racha anelar *Sf.* **Defeito da madeira que consiste em rachadura longitudinal do tecido lenhoso entre duas camadas de crescimento, isto é, entre os anéis de crescimento.**

"<Racha Anelar>: separação longitudinal do tecido lenhoso predominantemente entre duas camadas de crescimento." (234, p. 196).

Ver: **Rachadura.**

Rachadura *Sf.* Defeito da madeira que consiste em qualquer separação longitudinal na peça ou tora, geralmente perpendicular aos anéis de crescimento.

"As <rachaduras> na superfície aparecem quando as tensões que excedem a resistência da madeira, com tração perpendicular às fibras, desenvolvem-se na superfície." (170, p. 3).

V.Morf.: **Racha**; *V.Lex.:* **Fenda**.

Ver: **Rachadura direita; Rachadura em cruz; Rachadura em Y; Fendilhado; Rachadura em favo.**

Rachadura de topo *Sf.* 1. Rachadura, reta, em Y, ou em cruz, que ocorre nas extremidades longitudinais da tora, geralmente causada pela contração das fibras da madeira, resultante da rápida perda de umidade nas extremidades em relação ao resto da tora.

"ARARACANGA (...) apresentando pequena tendência a <rachaduras de topo> fortes e moderada tendência a torcimento forte." (168, p. 43).

V.Sint.: **Rachadura no topo da tora.**

2. Rachaduras que ocorres nas extremidades longitudinais da peça, geralmente causada pela contração das fibras da madeira, resultante da rápida perda de umidade nas extremidades em relação ao resto da peça.

"As <rachaduras de topo> são causadas pela secagem rápida das extremidades em comparação com, o restante de peça de madeira, principalmente durante a fase inicial." (170, p. 3).

V.Sint.: **Rachadura no topo da peça.**

Ver: **Rachadura.**

Rachadura direita *Sf.* Rachadura retilínea no topo da tora, geralmente passando pelo centro da medula.

"Defeitos Pequenos - <Rachadura direita> menor que 1/4 do comprimento da tora." (94, p. 87).

Ver: **Rachadura.**

Rachadura em cruz *Sf.* **Rachaduras retilíneas, no topo da tora, que se interceptam perpendicularmente no centro da tora.**

"Defeitos Grandes - <Rachadura em Cruz> ou Y igualou superior a 1/5 do comprimento da tara." (94, p. 86).

Ver: **Rachadura.**

Rachadura em favo *Sf.* **Defeito da madeira, típico da secagem artificial, que consiste em rachaduras no interior da peça, decorrente de tensões de tração no sentido perpendicular às fibras da peça.**

"<Rachaduras em Favos> - É um defeito típico da secagem artificial (...)." (114, p. 3).

V.Sint.: **Rachadura tipo favo de mel.**

Ver: **Defeito na madeira.**

Rachadura em Y *Sf.* **Rachadura no topo da tora, no formato da letra "Y", formada pela combinação da rachadura direita completa com outra do comprimento do raio da tora.**

"<Rachadura em Y> - colocar a tora no carro de maneira que as extremidades de um "braço" e do "pé" do Y estejam paralelos a linha de corte (...). (94, p. 29-30).

Ver: **Rachadura.**

Rachadura no topo da peça *Sf. V.Sint.:* **Rachadura de topo 2.**

Rachadura no topo da tora *Sf. V.Sint.:* **Rachadura de topo 1.**

Rachadura tipo favo de mel *Sf. V.Sint.:* **Rachadura em favo.**

Ramagem *Sf. V.Lex.:* **Copa.**

Ramal *Sm.* **Abertura feita na floresta para dar acesso (dos tratores e caminhões) aos locais de derruba e traçamento das árvores.**

"O <ramal> deve estar em uma posição intermediária entre as árvores e ser o mais reto possível." (15, p. 46).

Ver: **Extração; Ramal principal; Ramal de arraste.**

Ramal central *Sm. V.Sint.:* **Ramal principal.**

Ramal de arraste *Sm.* **Ramal que se conecta ao central na forma de "espinha de peixe". É por meio do ramal de arraste que a madeira derrubada é removida para o pátio de estocagem.**

"O final de cada <ramal de arraste> é indicado por duas fitas coloridas, sinalizando onde o trator deve parar." (15, p. 56).

V.Sint.: **Ramal secundário; V.Sint.:** **Trilha de arraste.**

Ver: **Ramal; Pátio de estocagem; Trator de arraste.**

Ramal principal *Sm.* **Ramal que conecta os ramais de arraste ao pátio de estocagem.**

"Os ramais secundários devem ser definidos após o mapeamento do <ramal principal> e a indicação da direção de queda das árvores." (15, p. 48).

V.Sint.: **Ramal central.**

Ver: **Ramal.**

Ramal secundário *Sm. V.Sint.:* **Ramal de arraste.**

Ranhura *Sf. V.Morf.:* **Ranhurado.**

Ranhurado *Sm.* **Usinagem que consiste em cortes superficiais estreitos, dispostos paralelamente entre si, executados, com fins decorativos, na superfície da peça ou do painel de madeira.**

"Podem incluir as seguintes operações: aplainamento, molduramento e torneamento e ainda desengrosso, desempeno, destopamento, recorte, furação, respigado, <ranhurado>, entre outras." (178, p. 26).

V.Morf.: **Ranhura; V.Lex.:** **Canaleta; V.Lex.:** **Estriado.**

Ver: Usinagem.

Recorte *Sm. V.Lex.:* **Resserragem.**

Reflorestação *Sf. V.Morf.:* **Reflorestamento 2.**

Reflorestamento *Sm. 1.* **Plantio de espécies nativas em áreas degradadas, pela exploração ou por acidentes naturais, com o objetivo de recuperar a constituição original do ecossistema degradado.**

"(...) a promoção do <reflorestamento> e manejo florestal necessitará provavelmente de intervenção estadual e federal. Mesmo nas economias mais avançadas, as florestas são amplamente mantidas por sistemas complexos de Terras Públicas governamentais e descontos de impostos para conservação e manejo." (229, p. 36).

Ver: **Manejo florestal.**

2. Cultivo de espécies de rápido crescimento, nativas ou exóticas, em florestas artificiais, com objetivos econômicos.

"Existem muitas áreas ociosas, degradadas e mal aproveitadas no Brasil, onde se poderia investir em <reflorestamentos>. Para estes locais, o eucalipto é uma excelente opção econômica, ambiental e social.." (178, p. 60).

V.Morf.: **Reflorestação.**

Ver: **Floresta; Madeira plantada; Muda; Estufa.**

Refúgio *Sm.* **Área dentro do talhão, correspondendo a 5 ou 10% deste, mantida como reserva para abrigo (refúgio) da fauna (especialmente os grandes mamíferos) e para conservar árvores porta-sementes, contribuindo para reduzir os impactos da exploração.**

"O <refúgio> deve ser indicado no mapa do plano de manejo antes da demarcação do talhão." (15, p. 13).

N. A zona de refúgio não é exigência legal, como a Área de Preservação Permanente e Reserva Legal, mas recomendação técnica a ser adotada nos PMFSs.

V.Sint.: **Zona de refúgio.**

Ver: **Talhão; Árvores matrizes; PMFS; Área de Preservação Permanente; Reserva Legal.**

Refugo *Sm.* **Peça de madeira serrada que, devido ao excesso de defeito, foi descartada do lote de peças classificadas.**

"Mais da metade do volume total da tora perdido durante o processamento da serraria está na forma de serragem e peças de <refugo>." (88, p. 15).

V.Sint.: **Peça desclassificada.**

Ver: **Resíduo; Costaneira; Resíduo sólido.**

Rendimento de cortes limpos *Sm.* **Percentual máximo que se pode obter entre a soma das unidades de corte limpo e o total de unidades de corte da face classificada da peça de madeira.**

"A classe da peça depende (..) do <rendimento de cortes limpos>." (41, p. 30).

Ver: **Corte limpo; Face 1.**

Rendimento de elementos limpos *Sm.* **Porcentagem que a superfície limpa total representa em relação à superfície total da face da peça de madeira classificada. Se a classificação for realizada nas quatro faces, os defeitos são imaginariamente transportados para uma única face.**

"Quando a classificação é realizada nas quatro faces, os defeitos são imaginariamente transportados para uma face e o <rendimento de elementos limpos> é obtido como acima." (41, p. 33).

Ver: **Elemento; Rendimento de cortes limpos.**

Rendimento mínimo de cortes limpos *Sm.* **Rendimento de cortes limpos mínimo exigido para se classificar uma peça de madeira numa determinada classe.**

"<Rendimento mínimo de cortes limpos> (..) Mínimo rendimento de cortes limpos exigido para se classificar uma peça de madeira (..)." (41, p. 57).

Ver: **Rendimento de cortes limpos.**

Rendimento mínimo de elementos limpos *Sm.* **Rendimento de elementos limpos mínimo exigido para se classificar uma peça de madeira numa determinada classe.**

"<Rendimento mínimo de elementos limpos> (...) Mínimo rendimento de elementos limpos exigido para se classificar uma peça (...)." (41, p. 57).

Ver: **Rendimento de elementos limpos.**

Reserva Legal *Sf.* **Área no interior de uma propriedade ou posse rural, na qual é proibido o corte de árvores sem prévia autorização do órgão ambiental competente, ou, nos termos do Código Florestal Brasileiro (Lei Federal nº 4.771, de 15 de setembro de 1965), "Área localizada no interior de uma propriedade ou posse rural, excetuada a de preservação permanente, necessária ao uso sustentável dos recursos naturais, à conservação e reabilitação dos processos ecológicos, à conservação da biodiversidade e ao abrigo e proteção de fauna e flora nativas". Na Amazônia Legal, pelo menos 80% da área total de toda propriedade florestal deve conservar a sua cobertura vegetal original, na qual é permitido a exploração dos recursos naturais, como a extração de madeira, desde que seja feita de forma manejada e sustentável.**

"...A vegetação da <reserva legal> não pode ser suprimida, podendo apenas ser utilizada sob regime de manejo florestal sustentável (...)." (40, p. 8).

N. A reserva legal precisa ser averbada à margem da inscrição de matrícula do imóvel, no Registro de Imóveis competente, e sua destinação não pode ser alterada no caso de transmissão, ou desmembramento do imóvel. A RL não extingue o direito de propriedade, apenas restringe a utilização dos recursos das florestas, com o fim de garantir a conservação destas.

V.Sint.: **RL.**

Ver: **Área de Preservação Permanente; Refúgio.**

Resfriamento *Sm.* **1. Etapa do processo de produção do MDF, em que as chapas, após prensadas sob calor, são submetidas a um abaixamento da temperatura para que entre em equilíbrio térmico com o ambiente e evite variações dimensionais.**

"<Resfriamento> – é efetuado para evitar variações dimensionais da chapa após o aquecimento." (48, p. 4).

V.Morf.: **Esfriamento.**

Ver: **MDF.**

2. Processo no qual as brasas da lenha carbonizada se apagam e a temperatura dentro do forno desce a um patamar que permite a retirada do carvão.

"Finalmente, completa a carbonização, veda-se o forno para impedir a entrada de ar e espera-se pelo <resfriamento> do carvão produzido." (139, p. 78).

V.Morf.: **Esfriamento.**

Ver: **Carvão vegetal; Carvoejamento; Resfriamento.**

Resíduo *Sm.* **Sobras do processamento da madeira, de conformação irregular, constituídas por resíduos sólidos e não-sólidos.**

"O primeiro aspecto mais importante para a análise de inserção do novo padrão tecnológico criado para a madeira - pastilhas, é a classificação dos <resíduos>." (176, p. 85).

V.Sint.: **Resíduo de madeira.**

Ver: **Resíduo sólido; Resíduo não-sólido; Refugo.**

Resíduo de madeira *Sm.* *V.Sint.:* **Resíduo.**

Resíduo não sólido *Sm.* *V.Gráf.:* **Resíduo não-sólido.**

Resíduo não-sólido *Sm.* **Sobras do processamento da madeira, como serragem, maravalha, pó, que não conservam, ou pelo menos não permitem identificar, a disposição natural das fibras da madeira.**

"Considera-se para efeito prático, uma distinção entre o resíduo sólido (...) para o chamado <resíduo não sólido> (pó-de-serra), que embora sendo fisicamente sólido, recebe esta denominação para fins de diferenciação em chão-de-fábrica." (176, p. 85).

V.Gráf.: **Resíduo não sólido.**

Ver: **Resíduo sólido.**

Resíduo sólido *Sm.* Sobras do processamento da madeira, tais como aparas, costaneiras, refugos, rolos-restos, que conservam a disposição natural das fibras. Os resíduos sólidos podem ser usados como matéria-prima para a produção de celulose, de chapas de madeira aglomerada, de energia térmica (lenha), de carvão.

"Os materiais encontrados sobre reciclagem eram geralmente folhetos informativos sobre coleta seletiva de lixo, e alguns poucos livros técnico sobre <resíduos sólidos>, geralmente da área de engenharia." (142, p. 77, Nota 94).

Ver: **Resíduo; Resíduo não-sólido; Refugo; Apara 2; Costaneira; Lenha.**

Resina *Sf.* 1. Substância viscosa secretada pelas células da madeira.

"ANGELIM DA MATA (...) Linhas vasculares bem demarcadas, irregulares, vazias ou contendo <resina> escura." (168, p. 29).

Ver: **Exsudação de resina.**

2. Produto aderente usado na colagem da madeira.

"Os colchões formados pelo processo a seco são prensados a temperaturas que variam com o tipo de <resina> utilizada (...)." (162, p. 46).

V.Lex.: **Adesivo.**

Ver: **Colagem.**

Respigado *Sm. V.Lex.:* **Fresada.**

Resserra *Sf. V.Morf.:* **Resserragem.**

Resserragem *Sf.* **Processamento da madeira que consiste no recorte de peças ou no fatiamento de blocos maciços de madeira, previamente preparados, como no caso de blocos para produção de lâminas serradas.**

"Durante o desdobro ou <resserragem>, deve-se dar uma margem de 5cm além do comprimento normal; e 5% a mais sobre a largura e espessura para compensação do encolhimento." (36, p. 178).

V.Morf.: **Resserra**; *V.Lex.:* **Recorte**.

Ver: **Apara; Serragem 2; Madeira laminada.**

Reta do passo *Sf.* **Linha reta imaginária entre duas pontas de dente da serra, separadas pelo passo.**

Ver: **Dente 2.**

Retenção *Sf.* **Quantidade de produto preservativo, ou de seus ingredientes ativos, contida de forma homogênea num determinado volume de madeira, expressa em quilogramas de ingrediente ativo por metro cúbico (kg/m³) de madeira tratável.**

"A quantidade de preservante a ser impregnada na madeira é definida como <retenção>, expressa em kg de ingredientes ativos do preservante por metro cúbico de madeira tratada (kg/m³)." (115, p. 2).

Ver: **Imunização; Penetração.**

Reverso *Sm. V.Sint.:* **Grã reversa.**

Ripa *Sf.* **Peça de madeira serrada, com espessura entre 10mm e 20mm, largura entre 20mm e 50mm e com o comprimento variando de acordo com a destinação.**

"A nomenclatura das peças declarada pelo empresário foi comparada com a relacionada na norma NBR 7203 (1982): pranchão, prancha, viga, vigota, caibro, tábua, sarrafo e <ripa>." (150, p. 406).

Ver: **Fasquia; Ripão; Peça de madeira.**

Ripão *Sf.* **Peça de madeira serrada, com espessura entre 15mm e 20mm, largura entre 50mm e 70mm e com o comprimento variando de acordo com a destinação.**

"Nessa norma, a ABNT abandona a nomenclatura “vigota” e acrescenta outras: pranchinha, <ripão>, pontalete e quadradinho." (150, p. 410).

Ver: **Ripa; Peça de madeira.**

RL *Sf. V.Sint.:* **Reserva Legal.**

Rodados *Sf.* **Pneu, esteira e semi-esteira, por meio do qual os tratores ou skidders se locomovem.**

"Avaliação técnica do trator florestal arrastador com diferentes tipos de <rodados>." (177, p. 60).

Ver: **Skidder de pneus; Skidder de esteira; Skidder semi-esteira.**

Rodapé *Sm.* **Peça de madeira beneficiada com dimensões de corte transversal de 15mm por 150mm ou 15mm por 100mm.**

"Também é usado na construção civil, como piso fino, <rodapé>, almofadas de portas, divisórias, batentes e peças torneadas em geral." (134, p. 126).

Ver: **Madeira beneficiada.**

Rolete *Sm.* **Sobra da tora de madeira após o processo de desenrolamento no torno laminador, constituída, basicamente, pela medula.**

"Rolo Resto ou <Rolete> - Peça de madeira roliça, longa, cilíndrica e manuseável, resultante de laminação por torneamento de toras." (43, p. 19).

V.Sint.: **Rolo resto; V.Lex.:** **Torete 2.**

Ver: **Processo de laminação; Torneamento 1.**

Rolo resto *Sm. V.Sint.:* **Rolete.**

Rolos de tração *Sm.* Cada uma das duas peças do cabeçote processador, com a forma de rolo e com pinos ou dentes, que prende o fuste da árvore cortada e o traciona no sentido contrário ao do tronco, permitindo o descasque e o traçamento da árvore.

Ver: **Cabeçote.**

S - s

Sabre *Sm. V.Sint.:* **Sabre da motosserra.**

Sabre da motosserra *Sm.* Lâmina de aço integrada à motosserra, em cujas extremidades desliza uma corrente com dentes cortantes.

"Para certificar se a árvore está oca, o motosserrista introduz o <sabre da motosserra> no tronco no sentido vertical." (15, p. 65).

V.Sint.: **Sabre.**

Ver: **Motosserra.**

Sais de Wolman *Sm. V.Sint.:* **CCB.**

Sapopema *Sf.* Cada uma das raízes tabulares laterais situadas na base de algumas árvores de grande porte.

"Identificamos e medimos o diâmetro à altura do peito (ou no caso das árvores com <sapopema> o diâmetro acima das raízes tabulares) de todas as árvores com DAP = 30cm em dois transectos de 20m x 1.000m, em cada uma das três áreas de estudo." (32, p. 84).

N. As sapopemas, quando altas, devem ser retiradas para evitar desperdícios da madeira.

Ver: **Extração.**

Sarrafo *Sm.* **Peça de madeira serrada, com espessura entre 20mm e 40mm, largura entre 20mm e 100mm e com o comprimento variando de acordo com a destinação.**

"A nomenclatura das peças declarada pelo empresário foi comparada com a relacionada na norma NBR 7203 (1982): pranchão, prancha, viga, vigota, caibro, tábua, <sarrafo> e ripa." (150, p. 406).

Ver: **Quadrado.**

SDF *Sm.* **Painel semelhante ao HDF, porém com densidade de massa superior a este, destinado à produção de piso e à utilização como chapa dura.**

"O MDF e seus correlatos de pequena espessura e alta densidade (HDF e <SDF>) têm preços mais altos e maior versatilidade do que o aglomerado/MDP e a chapa de fibra." (134, p. 126).

V.Estr.: **Super Density Fiberboard;** *V.Dec.:* **Painel superdenso.**

Ver: **HDF; Painel; Madeira aglomerada.**

Secagem *Sf.* **Processo de beneficiamento, natural, artificial ou misto, por meio do qual se extrai a água da madeira até que esta atinja um teor de umidade abaixo do ponto de saturação das fibras (situado em torno de 30%), ou atinja o equilíbrio com a umidade relativa do ambiente em que será usada. A secagem é imprescindível para evitar a movimentação dimensional, reduzir os ataques de fungos, melhorar a absorção de líquidos preservativos e imunizantes, otimizar a aplicação de vernizes e tintas, otimizar as juntas de colagem e o lixamento, melhorar as propriedades mecânicas (resistência, dureza, isolabilidade) da madeira.**

"Entre os defeitos que a má <secagem> pode causar estão os vários tipos de empenamento (...)." (170, p. 1).

V.Sint.: **Secagem da madeira.**

Ver: **Defeito de secagem; Secagem natural; Secagem artificial; Secagem da lenha.**

Secagem ao ar livre *Sf. V.Sint.:* **Secagem natural.**

Secagem artificial *Sf.* **Secagem, em que se utiliza máquina ou estufa convencional para extrair a água da madeira, na qual o aquecimento é artificial e os fatores de secagem são totalmente controlados.**

"A <secagem artificial> deve ser lenta para evitar empenamentos e endurecimento superficial." (168, p. 274).

Ver: **Secagem; Secagem natural.**

Secagem da lenha *Sf.* **Etapas do processo de produção de carvão vegetal, que consiste em expor a lenha ao sol para esta perder todo o líquido que se encontra no tecido da madeira, facilitando, com isso, o processo de carbonização.**

"Observaram ainda que no momento da coleta de dados, a maioria das pilhas não apresentava uma base de isolamento entre o material lenhoso e o solo. Isto leva à deterioração da madeira e dificulta a <secagem da lenha>." (125, p. 39).

Ver: **Carvão vegetal; Carbonização; Madeira seca ao sol.**

Secagem da madeira *Sf. V.Sint.:* **Secagem.**

Secagem natural *Sf.* **Secagem por meio da exposição da madeira ao ar livre, sob proteção do sol ou diretamente ao sol, na qual os fatores de secagem não são controlados.**

"Na <secagem natural> a madeira de Muiracatiara apresenta problemas de empenamentos e rachaduras." (168, p. 242).

V.Sint.: **Secagem natural ao ar livre; V.Sint.:** **Secagem ao ar livre.**

Ver: **Secagem; Secagem artificial; Fatores de secagem.**

Secagem natural ao ar livre *Sf. V.Sint.:* **Secagem natural.**

Selo FSC *Sm.* **Selo que identifica os produtos certificados FSC.**

"Cerca de 2,3 milhões de hectares de floresta já dispõem do <selo FSC>, dos quais 1,2 milhões de matas nativas". (90, p. 26).

Ver: FSC; Produto certificado FSC; Certificação FSC.

Serra *Sf.* **Lâmina dentada, em formato de círculo ou de fita, usada na serragem e processamento da madeira.**

"A manutenção das pequenas serrarias consistia na revisão do motor de dois em dois anos, com troca de peças, troca de <serras> na frequência de dez em dez meses (...)." (32, p. 126).

Ver: Serra circular; Serra fita; Serragem 2.

Serração *Sf. V.Morf.:* **Serragem 2.**

Serra circular *Sf.* **Serra em formato circular que, girando em alta velocidade em torno de seu próprio eixo, permite efetuar cortes de resseragem, topejamento e beneficiamento da madeira.**

"Os corpos-de-prova foram obtidos de cada chapa, utilizando-se de <serra circular>." (221, p. 50).

Ver: Serra; Resserragem; Topejamento; Beneficiamento da madeira.

Serrado *Sm. V.Sint.:* **Madeira serrada.**

Serrador *Sm. V.Lex.:* **Cortador.**

Serra fita *Sf.* **Serra em formato de fita, montada em base fixa ou móvel, que desliza em alta velocidade em volta de duas rodanas movidas por uma polia, usada no desdobro da tora de madeira.**

"A remoção é importante, uma vez que os pregos podem causar danos à <serra fita> durante o processamento da madeira" (15, p. 65).

V.Sint.: **Serra fita de desdobro.**

Ver: Serra; Desdobro.

Serra fita de desdobro *Sf. V.Sint.:* **Serra fita.**

Serragem *Sf. 1. Resíduo de madeira resultante do processo de corte e usinagem.*

"O grande volume de <serragem> proveniente do processamento da madeira, mesmo em plantas muito bem equipadas é um outro fator estimulante para a busca de utilizações mais nobres e ecologicamente corretas deste material." (78, p. 25).

V.Sint.: **Serragem de madeira; V.Sint.:** **Pó de serragem; V.Sint.:** **Pó-de-serragem;**

V.Sint.: **Pó de serra; V.Morf.:** **Serrim.**

Ver: **Resíduo não-sólido.**

2. Processamento primário que consiste no corte ou fatiamento de toras de madeira por meio de serra.

"As perdas de volume de madeira consistem na espessura do laminado ou da madeira serrada adicionada para compensar o encolhimento na secagem e, no caso da madeira serrada, para compensar a variação da espessura na <serragem>." (88, p. 16).

V.Sint.: **Serragem da madeira; V.Morf.:** **Serração.**

Ver: **Resserragem.**

Serragem da madeira *Sf. V.Sint.:* **Serragem 2.**

Serragem de madeira *Sf. V.Sint.:* **Serragem 1.**

Serrapilheira *Sf. 1. Biomassa inflamável, resultante do esmagamento de arbustos, durante o processo de abertura de estradas e ramais, e das ramagens e gelhadas das árvores traçadas, no processo de extração.*

"A produção de <serrapilheira> em sistema agroflorestal consorciando castanha-do-Brasil (*Bertholletia excelsa*) e cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*) representou uma fonte de ingresso de nutrientes para a produção de frutos de cupuaçu e a produção de biomassa aérea da castanha-do-Brasil não foi afetada pela consorciação, em estudo feito em solo de baixa fertilidade no estado de Rondônia." (177, p. 46).

Ver: **Biomassa de madeira; Quebra-fogo; Extração.**

2. Biomassa úmida resultante do processo natural de renovação da floresta.

"<Serrapilheira> - camada de folhas, galhos e matéria orgânica morta que cobre o solo das matas." (151, p. 253).

V.Lex.: **Liteira.**

Ver: **Floresta.**

Serraria *Sf.* **Empresa madeireira com infra-estrutura, de máquinas e equipamentos, que permite processar a madeira bruta e produzir madeira serrada.**

"As <serrarias> produzem a maior diversidade de produtos: pranchas, pranchões, blocos, tábuas, caibros, vigas, vigotas, sarrafos, pontaletes, ripas, e outros." (252, p. 24).

Ver: **Empresa madeireira.**

Serraria portátil *Sf.* **Máquina com serra de fita e/ou serra de disco, com motor a diesel ou gasolina, usada para fatiar toras de madeira nos locais de extração.**

"Temos toda linha de <Serrarias portáteis> (...)." (176, p. 71).

Ver: **Processamento da madeira.**

Serrim *Sm. V.Morf.:* **Serragem 1.**

Serrotão *Sm.* **Instrumento de corte da madeira constituído por uma lâmina dentada, com comprimento em torno de 1,5 ou 2 metros, empunhado pelas duas pontas por um cabo roliço, usado sempre por duas pessoas, uma em cada ponta. O serrotão é usado, geralmente, para serragem da madeira e produção de pranchas e algumas vezes também é usado para derruba da árvore (quando não há a motosserra).**

"A madeira em prancha, tirada no <serrotão>, era entregue aos patrões que exerciam grande poder sobre as comunidades por serem praticamente o único meio de contato com o centro urbano e permitirem a troca dos produtos da floresta pelos da cidade." (135, p. 26).

Ver: **Machado; Motosserra**

Serviço Florestal Brasileiro

Sm. V.Sint.: SFB.

SFB *Sm.* **Órgão do serviço público federal, instituído pela Lei nº 11.284, de 2 de março de 2006, atrelado à estrutura do Ministério do Meio Ambiente, com atribuição de atuar na gestão das florestas públicas, exercendo a função de órgão gestor. O SFB também tem a função de: a) estimular e fomentar a prática de atividades florestais sustentáveis (madeiras e não madeiras); b) promover estudos de mercado para produtos e serviços de origem florestal; c) propor planos e metas de produção florestal sustentável; d) criar e manter o Sistema Nacional de Informações Florestais; e) gerenciar o Cadastro Nacional de Florestas Públicas; f) atuar de forma articulada e em parceria com os Estados e municípios (cf. Lei nº 11.284, de 2 de março de 2006).**

"Além disso, prevê a criação do Serviço Florestal Brasileiro (<SFB>), que possui, entre outras atribuições, gerir o sistema de concessões florestais." (123, p. 82).

V.Sint.: Serviço Florestal Brasileiro.

Ver: Floresta pública; Órgão gestor.

Silo *Sm. V.Sint.: Silo de fibras.*

Silo de fibras *Sm.* **Reservatório com a função de acumular um volume adequado de fibras de madeira para garantir que não ocorra interrupção, causada por prováveis distúrbios no fluxo das fibras, na linha de produção das mantas, durante o processo de produção do MDF.**

"o <silos de fibras>, também chamado de tanque 'pulmão', tem a função de acumular um volume adequado de fibras para a formação das mantas (entrelaçamento) (...)." (48, p. 3).

V.Sint.: Silo; V.Sint.: Silo pulmão; V.Sint.: Tanque pulmão.

Ver: Formação das mantas; MDF.

Silo pulmão *Sm. V.Sint.: Silo de fibras.*

Sindicato das Indústrias de Madeira de Belém Ananindeua e Marituba *Sm. V.Sint.:*

SINDIMAD.

SINDIMAD *Sm.* **Organização sindical, fundada em 1987, que representa as empresas madeireiras da região metropolitana de Belém.**

"Como resposta aos anseios pela proteção ambiental, ecológica e pela reposição florestal, o <Sindimad> (...) apresentou junto à Organização Internacional de Madeiras Tropicais (OIMT-ITTO) um pré-projeto de criação e instalação de bancos de sementes e mudas nas regiões do Pará (...)." (5, p. 6).

V.Sint.: **Sindicato das Indústrias de Madeira de Belém Ananindeua e Marituba.**

Skidder *Sm.* **Trator florestal articulado, de grande robustez, usado para abrir ramais, preparar pátios de estocagem e realizar o arraste dos fustes das árvores cortadas, da área de corte para o pátio de estocagem.**

"Os '<skidders>' são tratores florestais articulados que realizam o arraste das árvores da área de corte até a margem da estrada ou pátio." (177, p. 60).

V.Sint.: **Trator skidder.**

Ver: **Skidder de pneus; Skidder de esteira; Skidder semi-esteira; Trator; Transporte da madeira.**

Skidder com rodados de esteira *Sm. V.Sint.:* **Skidder de esteira.**

Skidder com rodados de pneus *Sm. V.Sint.:* **Skidder de pneus.**

Skidder com rodados de semi-esteira *Sm. V.Sint.:* **Skidder semi-esteira.**

Skidder de esteira *Sm.* **Skidder de menor mobilidade, mas com as vantagens de maior poder de acesso a relevos acidentados, menor índice de patinação e menor índice de compactação do solo da floresta.**

"Os 'skidders' são tratores florestais articulados que realizam o arraste das árvores da área de corte até a margem da estrada ou pátio intermediário, podendo o material rodante ser de pneus, semi-esteiras ou <[skidder de] esteiras>." (177, p. 60).

V.Sint.: **Skidder com rodados de esteira.**

Ver: **Skidder.**

Skidder de pneus *Sm.* **Skidder de maior mobilidade, mas com as desvantagens de limitação de acesso a relevos acidentados, maior índice de patinação e maior índice de compactação do solo da floresta.**

"Os elementos parciais que consumiram a maior parte do tempo do ciclo operacional do <'skidder' de pneus> foram a manobra e carregamento (...)." (177, p. 62).

V.Sint.: **Skidder com rodados de pneus.**

Ver: **Skidder.**

Skidder semi-esteira *Sm.* **Skidder, com rodado de pneus recoberto por esteiras, que reúne as vantagens do Skidder de pneus (maior mobilidade) e do Skidder de esteira (menor limitação de acesso a relevos acidentados, menor índice de patinação e menor índice de compactação do solo da floresta).**

"Para o <'skidder' de semi-esteiras>, os elementos que consumiram a maior parte do tempo do ciclo foram a viagem com carga (...)." (177, p. 62).

V.Sint.: **Skidder com rodados de semi-esteira.**

Ver: **Skidder; Skidder de pneus; Skidder de esteira.**

Sobrecomprimento *Sm.* **Sobremedida de comprimento, que se obtém pelo cálculo do comprimento real menos o comprimento nominal da peça.**

"...o <sobrecomprimento> é igual ao comprimento real menos o comprimento nominal." (41, p. 58).

Ver: **Comprimento.**

Sobre-espessura *Sf.* **Sobremedida de espessura, que se obtém pelo cálculo da espessura real menos a espessura nominal.**

"...a <sobre-espessura> é igual à espessura real menos a espessura nominal." (41, p. 58).

Ver: **Espessura.**

Sobrelargura *Sf.* **Sobremedida de largura, que se obtém pelo cálculo da largura real menos a largura nominal.**

"(...) a <sobrelargura> é igual à largura real menos a largura nominal." (41, p. 58).

Ver: **Largura.**

Sobremedida *Sf.* **Excesso de espessura, largura ou comprimento na peça de madeira.**

"Para compensar as imprecisões no destopamento, permite-se uma <sobremedida> adicional de até 0,02 m." (41, p. 24).

Ver: **Comprimento; Espessura; Largura.**

Subproduto *Sm.* **Produto menos importante, ou não principal, da cadeia produtiva de determinada indústria madeireira, resultante do processo de traçamento (tais como toretes de galhada para lenha) e do processamento da madeira (tais como serragem, pó de serragem, costaneiras e refugos).**

"Serão considerados produtos e <subprodutos> aqueles resultantes do processamento de toras/toretos cujas dimensões e qualidade não atendam às requeridas para o produto principal, mas que sejam comercializados pela empresa." (43, p. 12).

V.Sint.: **Subproduto madeireiro; V.Sint.: Subproduto florestal madeireiro.**

Ver: **Produto madeireiro; Traçamento; Processamento da madeira.**

Subproduto florestal madeireiro *Sm.* *V.Sint.:* **Subproduto.**

Subproduto madeireiro *Sf.* *V.Sint.:* **Subproduto.**

Subsolagem *Sf.* **Processo mecânico que abre o subsolo, à profundidade superior à 30cm, sem que ocorra a inversão das camadas do solo, para que haja maior penetração das raízes das mudas e aumente a infiltração da água da chuva na terra.**

"Solos compactados devem ser preparados com <subsolagem> e gradagens." (178, p. 100).

V.Lex.: **Escarificação.**

Ver: **Reflorestamento; Floresta plantada; Plantio.**

Sumaúma *Sf.* **Árvore de grande porte, atingindo na fase adulta mais de 50m de altura e mais de 2m de DAP, considerada madeira leve e de resistência mecânica e retrabilidade baixas. Por ser espécie de rápido crescimento, é muito cultivada em reflorestamento na Região Amazônica.**

"A madeira de <Sumaúma> é macia e fácil de se trabalhar; proporcionando bom acabamento com lixa ou plaina." (168, p. 318).

V.Estr.: **Ceiba pentandra (L) Gaertn. - Bombacaceae.**

Ver: **Madeira reflorestada.**

Super Density Fiberboard *Sm. V.Sint.:* **SDF.**

Superfície limpa total *Sf.* **1. Área do corte limpo ou soma das áreas dos cortes limpos contidos na face classificada da peça de madeira. 2. Área do elemento limpo ou soma das áreas dos elementos limpos contidos na face (ou nas faces) da peça de madeira classificada.**

"O resultado (<superfície limpa total> obtida, o número e as dimensões das porções limpas) permite que a peça seja enquadrada numa determinada classe." (41, p. 58).

Ver: **Corte limpo; Elemento.**

Suspiros *Sm. V.Sint.:* **Orifícios de entrada de ar.**

Tábua *Sf.* Peça de madeira serrada, com espessura entre 10mm e 40mm, largura superior a 100mm e com o comprimento variando de acordo com a destinação.

"A nomenclatura das peças declarada pelo empresário foi comparada com a relacionada na norma NBR 7203 (1982): pranchão, prancha, viga, vigota, caibro, <tábua>, sarrafo e ripa." (150, p. 406).

Ver: Prancha; Pranchão; Tábua corrida.

Tábua corrida *Sf.* Piso maciço constituído por tábua beneficiada, com espessura entre 10mm e 20mm, largura a partir de 100mm e comprimento acima de 1,5m, fabricado geralmente com madeira de folhosas.

"Nestes tipos de pisos estão incluídos o assoalho, a <tábua corrida> e o parquet." (4, p. 2).

Ver: PMVA; Madeira assoalho doméstico; Piso; Tábua.

Taco *Sm.* Peça de madeira perfilada, com dimensões de corte transversal em torno de 20mm x 100mm e comprimento em torno de 250mm e 500mm, usada como madeira de construção civil assoalho doméstico. Na composição do piso, os tacos podem formar figuras ou mosaicos (parquete mosaico).

"ANGICO BRANCO (...) Madeira: serrada e roliça a madeira de angico-branco é indicada para tabuado, <tacos>, marcenaria, desdobro, obras internas, ripas, implementos, embalagens, construção civil e naval." (168, p. 34).

V.Empr.: Parquete; *V.Empr.:* Parquet.

Ver: Madeira perfilada; Madeira assoalho doméstico; Piso.

Taco para cabo *Sm. V.Sint.:* Madeira tipo short.

Talhão *Sm.* **Porção de uma floresta manejada, liberada para a extração da madeira por um período determinado (geralmente de um ano).**

"A marcação do <talhão> de exploração anual iniciava o processo da exploração florestal." (159, p. 44).

Ver: **Extração; Refúgio.**

Tanque pulmão *Sm. V.Sint.:* **Silo de fibras.**

Teca *Sf.* **Espécie considerada de grande porte, nativa das florestas tropicais do Sudeste Asiático (parte da Índia, Indonésia, Laos, Tailândia), que se adaptou muito bem ao clima e solo do Brasil, sendo cultivada em reflorestamento em Mato Grosso desde 1960. É considerada uma espécie de madeira nobre e destinada, principalmente, à produção de móveis finos, painéis colados, esquadrias, pisos decorativos, madeira pesada interna.**

"Segundo Higuchi (1991), o botânico alemão Dietrich Brandis foi o autor do primeiro plano de ordenamento da <teca> (*Tectona grandis*), em 1860, na Índia, sendo por esta razão, considerado como o criador do manejo em floresta tropical." (96, p. 47).

N. No Sudeste Asiático, o ciclo natural de corte da teca varia entre 60 e 100 anos. No Brasil, em Mato Grosso, obtem-se uma redução deste tempo para 25 ou 30 anos.

V.Estr.: ***Tectona grandis*.**

Ver: **Reflorestamento; Madeira reflorestada.**

Tectona grandis *Sf. V.Sint.:* **Teca.**

Tensão de cisalhamento *Sf.* **Pressão ou esforço cortante exercido sobre o eixo da peça de madeira.**

"Isto indica uma boa adequação da geometria utilizada para esses dentes, pois tanto na linha neutra como nessa região a <tensão de cisalhamento> atingiria valores semelhantes." (161, p. 48).

Ver: **Cisalhamento.**

Teor de umidade *Sm. V.Sint.:* **Teor de umidade da madeira.**

Teor de umidade da madeira *Sm.* **Quantidade de água encontrada no tecido celular da madeira, determinada por ensaio destrutivo ou por ensaio não destrutivo.**

"O emprego da temperatura interna para estimar o <teor de umidade da madeira> mostrou-se inicialmente viável para a secagem a alta temperatura". (191, p. 1).

N. Para determinar os valores máximos e mínimos do teor de umidade ideal para determinada madeira, é preciso levar em conta a umidade relativa e a temperatura do local onde esta madeira será usada.

V.Sint.: **Teor de umidade.**

Ver: **Teor de umidade de equilíbrio da madeira; Ensaio destrutivo.**

Teor de umidade de equilíbrio *Sm. V.Sint.:* **Teor de umidade de equilíbrio da madeira.**

Teor de umidade de equilíbrio da madeira *Sm.* **Quantidade de água absorvida do meio ambiente pela peça de madeira, após ser submetida à secagem a 0% de umidade, cujo valor está em função da espécie e das condições do meio ambiente.**

"<O teor de umidade de equilíbrio da madeira> e de produtos à base de madeira é atingido quando, para uma dada combinação de umidade relativa do ar e de temperatura, nenhuma difusão de água ocorre interna ou externamente." (91, p. 2).

V.Sint.: **Teor de umidade de equilíbrio; V.Sint.:** **TUE.**

Ver: **Teor de umidade da madeira.**

Teste da vara *Sm.* **1. Procedimento que consiste em estimar a altura do fuste de uma árvore a partir de uma vara, de comprimento conhecido (geralmente 3m), posicionada em pé junto ao tronco da árvore.**

"(...) para reduzir a margem de erro, pode-se estimar a altura do tronco através do <teste da vara>. (...). O medidor, a uma distância de 5 a 10 metros da árvore, estima quantas vezes o tronco é maior que a vara" (15, p. 26).

Ver: **Estimativa da altura comercial.**

2. Procedimento que consiste em introduzir uma vara no oco ou brocado do fuste da árvore cortada, para verificar a extensão do lenho que está apodrecida.

"<Teste da vara>. Consiste em introduzir uma vara no oco para definir a sua extensão. Em geral, o traçamento é feito 30 cm além do oco, para retirar a madeira apodrecida." (15, p. 73).

V.Sint.: **Teste da vara para estimar oco.**

Ver: **Qualidade do tronco da árvore; Traçamento.**

Teste da vara para estimar oco *Sm. V.Sint.:* **Teste da vara 2.**

Tipo short *Sm. Madeira beneficiada, como piso, lambril, taco para cabos de utensílios domésticos e ferramentas, cujas peças apresentam comprimento que varia entre 50cm e 2m.*

"<TIPO SHORT>: É a parte da madeira serrada, como peças curtas, acima de 50 cm até no máximo 2m de comprimento, sendo comercializadas com preços inferiores (piso, lambril, tacos para cabos, etc...)." (202, p. 3).

V.Sint.: **Madeira tipo short.**

Ver: **Madeira serrada; Madeira beneficiada; Quadrado.**

Tiração *Sm. V.Lex.:* **Extração.**

Toco *Sm. Porção do tronco da árvore que permanece presa pelas raízes ao solo, após a derruba.*

"O engate da tora deve, portanto, permitir que esta role e saia da frente do <toco>." (15, p. 83).

V.Sint.: **Toco da madeira.**

Ver: **Derruba; Tronco.**

Toco da madeira *Sm. V.Sint.:* **Toco.**

Topejamento *Sm. Corte transversal de topo para eliminar sobrecomprimento ou defeito na peça.*

"As regras para cantar peças com fendas são aplicadas também para seu <topejamento>, que é executado desde que as fendas não excedam um comprimento, em polegadas, mais que duas vezes a medida da superfície (...)." (36, p. 132).

V.Morf.: **Topejar; V.Sint.:** **Procedimento de topejar.**

Ver: **Sobrecomprimento.**

Topejar *V. V.Morf.:* **Topejamento.**

Topo *Sm. Cada uma das duas extremidades longitudinais da tora ou peça de madeira.*

"As rachaduras de <topo> são causadas pela secagem rápida das extremidades em comparação com, o restante de peça de madeira, principalmente durante a fase inicial." (170, p. 3).

V.Sint.: **Corte transversal 1.**

Ver: **Face 1; Borda; Quina; Peça de madeira.**

Tora *Sf. Madeira sólida roliça, de grande espessura, resultante da segmentação transversal do fuste da árvore, destinada ao processamento industrial.*

"Quando não há nível d'água suficiente, as <toras> são empurradas sobre estivas de madeira até os rios. " (247, p. 36).

V.Sint.: **Tora de madeira; Toro.**

Ver: **Madeira roliça.**

Tora de madeira *Sf. V.Sint.:* **Tora.**

Torção *Sf. Disposição em diagonal do tecido fibroso da madeira em relação ao comprimento da tora.*

"<Torção>: posição diagonal do tecido fibroso em relação ao comprimento da tara (...)." (94, p. 84).

Ver: **Torcimento; Tortuosidade.**

Torcimento *Sm.* **Defeito na madeira que consiste num empenamento espiralado, no sentido do eixo da peça.**

"Encurvamento complexo e <torcimento> não são permitidos." (41, p. 36).

V.Sint.: **Torcimento da peça.**

Ver: **Defeito na madeira; Tortuosidade; Torção.**

Torcimento da peça *Sm. V.Sint.:* **Torcimento.**

Torete *Sm.* **1. Tora de pequeno diâmetro (menos de 20cm) e comprimento, resultante de seções de galhos, durante o traçamento, geralmente destinada à produção de carvão ou à queima, como lenha.**

"<Torete> - Seções aproveitáveis da árvore originadas a partir da galhada, ou de seções da tora, destinadas à cadeia produtiva da madeira serrada." (43, p. 20).

Ver: **Traçamento; Carvão vegetal; Lenha roliça.**

2. Resultante final do processo de torneamento.

V.Lex.: **Rolete.**

Ver: **Torneamento; Medula.**

3. Tora de pequena dimensão, com diâmetro entre 10cm e 30cm e comprimento entre 1,15m e 2,30m, proveniente de colheita ou desbaste de madeira reflorestada (geralmente, de paricá ou eucalipto).

"Do <torete>, foi retirada uma prancha de 8cm de espessura ao longo da medula, utilizando uma motosserra adaptada a um quadro metálico especial." (99, p. 16).

Ver: **Colheita florestal; Desbaste; Madeira reflorestada.**

Torneamento *Sm.* **1. Processo de laminação na qual uma tora de madeira, presa pelas laterais e girando em alta velocidade, é pressionada contra uma lâmina (faca) de igual comprimento que reduz a tora a uma fina lâmina de madeira, destinada, principalmente, à produção de compensado. Quando se trata de madeira de folhosas (madeira vermelha ou dura), as toras precisam ser previamente cozidas e descascadas, para facilitar o corte de laminação.**

"Existem dois métodos para a produção de lâminas: o <torneamento> e o faqueamento." (178, p. 26).

V.Morf.: **Desenrolamento.**

Ver: **Faqueamento; Laminação; Torno de laminação.**

2. Processo de usinagem que dá à peça de madeira a forma arredondada.

"No <torneamento>, as peças tomam a forma arredondada, como balaustres de escadas." (178, p. 26).

Ver: **Usinagem.**

Torno de laminação *Sm. V.Sint.:* **Torno desfolhador.**

Toro *Sm. V.Morf.:* **Tora.**

Tortuosidade *Sf.* **Mais de uma curvatura no sentido longitudinal da tora de madeira.**

"Dependendo da utilização da madeira, troncos com defeitos como podridão, <tortuosidade> e oco devem ser evitados." (69, p. 25).

Ver: **Torção; Torcimento; Encurvamento complexo.**

Traçador *Sm.* **Motosserrista encarregado de fazer o traçamento da árvore derrubada, para facilitar o transporte.**

"Por milésimo de segundos, o silêncio parece maior, profundo, respeitoso, até que o zumbido de outra motosserra, eventuais comentários de <traçadores> (encarregados do corte do tronco para facilitar o transporte) (...) volte a prevalecer." (90, p. 24).

Ver: Cortador; Motosserrista; Traçamento.

Traçamento *Sm.* Procedimento, manual ou mecânico, que consiste em limpar a galhada e recortar em toras o fuste da árvore derrubada, para facilitar o transporte e o processamento da madeira.

"Observamos também que os extratores experientes são capazes de reduzir a um terço as perdas relacionadas à derrubada das árvores e <traçamento> das toras nas operações planejadas..." (32, p. 157).

V.Lex.: Destopamento.

Ver: Traçamento mecânico; Traçamento manual; Galhada.

Traçamento automático *Sm. V.Sint.:* Traçamento mecânico.

Traçamento manual *Sm.* Traçamento efetuado por um traçador que se utiliza de motosserra ou, raramente, de machado.

Ver: Traçamento; Traçamento mecânico.

Traçamento mecânico *Sm.* Traçamento efetuado por uma colheitadeira florestal.

V.Sint.: Traçamento automático.

Ver: Traçamento; Traçamento manual; Colheitadeira florestal.

Transporte *Sm. V.Sint.:* Transporte da madeira.

Transporte da madeira *Sm.* Remoção da madeira, por meio de caminhões (transporte terrestre), balsas ou jagadas (transporte fluvial), do pátio da mata para o pátio da serraria ou do pátio da mata para um porto próximo ao local de extração (transporte de caminhão), ou do porto próximo do local de extração para outro próximo à serraria (transporte de jagada ou balsa), onde as toras serão processadas.

"O <transporte da madeira> é feito por uma rede de estradas principais (em geral, mais largas e com melhor acabamento), ligando a área de exploração às vilas e cidades (...)." (15, p. 5).

N. Algumas vezes, a madeira extraída é processada em serrarias portáteis no próprio local de extração. Trata-se de um processamento primário, no qual é feito o desdobro (fatiamento) das toras, para posterior transporte das peças até as serrarias ou estâncias.

V.Sint.: **Transporte.**

Ver: **Carregamento₂; Pátio de estocagem; Serraria portátil; Skidder; Transporte fluvial; Transporte rodoviário.**

Transporte fluvial *Sm.* **Transporte da madeira, em balsa ou jangada, por meio dos rios.**

"O <transporte fluvial> possui o menor custo por quilômetro percorrido, oscilando entre US\$ 0,03 a US\$ 0,05 por metro cúbico, dependendo das opções de transporte (jangadas ou balsas) e das condições de navegabilidade." (123, p. 80).

Ver: **Transporte da madeira; Transporte rodoviário.**

Transporte rodoviário *Sm.* **Transporte da madeira, em caminhões ou carretas, por meio de estrada.**

"... o <transporte rodoviário> pode variar notavelmente de acordo as condições de rodagem das estradas. Por exemplo, as estradas asfaltadas apresentam custos de transporte entre US\$ 0,07 e US\$ 0,14 por metro cúbico a cada quilômetro, conforme o tipo de caminhão e as condições de conservação das rodovias." (123, p. 80).

V.Sint.: **Transporte terrestre.**

Ver: **Transporte da madeira; Transporte fluvial.**

Transporte terrestre *Sm.* *V.Sint.:* **Transporte rodoviário.**

Tratamento a vácuo *Sm.* *V.Lex.:* **Autoclavagem.**

Tratamento da madeira *Sm. V.Lex.:* **Imunização.**

Tratamento de campo *Sm. V.Sint.:* **Tratamento sem pressão.**

Tratamento preservante *Sm. V.Lex.:* **Imunização.**

Tratamento preservativo *Sm. V.Lex.:* **Imunização.**

Tratamento preservativo da madeira *Sm. V.Lex.:* **Imunização.**

Tratamento sem pressão *Sm.* **Tratamento preservativo (no qual não se utiliza máquina de pressão e vácuo) efetuado por meio de brocha, spray, ou da imersão ou banho da madeira em líquido imunizante, geralmente executado em usina de tratamento de madeira.**

N. Este tipo de tratamento não possibilita uma grande penetração e absorção do líquido preservativo, o que resulta num tratamento superficial. A parte exterior da madeira fica imunizada, a parte interior não. Mas enquanto a parte exterior estiver protegida, o interior da madeira continuará preservado.

V.Sint.: **Tratamento de campo.**

Ver: **Imunização; Autoclavagem.**

Tratamento sob pressão *Sm. V.Lex.:* **Autoclavagem.**

Trator *Sm.* **Automóvel pesado, com rodado de pneu, esteira, ou semi-esteira, tais como trator de arraste, skidder, harvester, usado na abertura de estradas secundárias e ramais, no arraste e empilhamento das toras, no embarque e desembarque da madeira, no plantio e na colheita florestal.**

"O uso crescente de trator de arraste, um instrumento especializado, desenhado para arrastar toras para os pátios de estocagem na floresta, representa um passo importante na extração e nas técnicas de manejo florestal. Se usado de forma correta, esse tipo de <trator> pode reduzir significativamente a quantidade de compactação e dano à floresta residual." (229, p. 18).

Ver: Skidder; Colheitadeira florestal; Trator de arraste; Transporte da madeira; Grua.

Trator de arraste *Sm.* **Trator, com rodado de pneu, esteira ou semi-esteira, usado para arrastar o fuste da árvore extraída do local de derruba para o pátio de estocagem.**

"O uso crescente de <trator de arraste>, um instrumento especializado, desenhado para arrastar toras para os pátios de estocagem na floresta, representa um passo importante na extração e nas técnicas de manejo florestal. Se usado de forma correta, esse tipo de trator pode reduzir significativamente a quantidade de compactação e dano à floresta residual." (229, p. 18).

Ver: Trator; Extração; Transporte da madeira.

Trator florestal arrastador *Sm. V.Sint.:* **Trator florestal de arraste.**

Trator florestal de arraste *Sm. V.Sint.:* **Trator florestal arrastador.**

Tratorista *Sm.* **Operário da atividade madeireira que dirige trator no processo de abertura de estradas e ramais, no arraste da madeira, no empilhamento, no carregamento e descarregamento de madeira.**

"A construção de estradas e pátios é conduzida por um <tratorista> (trator de esteira) e um ajudante." (15, p. 61).

V.Lex.: **Maquinista.**

Ver: Trator.

Trator skidder *Sm. V.Estr.:* **Skidder.**

Trilha de arraste *Sf. V.Sint.:* **Ramal de arraste.**

Tripé da sustentabilidade *Sm.* **Conjunto de responsabilidades ou exigências, que dizem respeito ao ambientalmente adequado, socialmente justo e economicamente viável, assumidas por empresas que processam e/ou comercializam produtos de origem florestal, para que possam receber certificação ambiental (como o selo FSC).**

"... para garantir que o material atenda a este atributo é necessário analisar o <tripé da sustentabilidade>: ambientalmente adequado, socialmente justo e economicamente viável." (174, p. 122).

Ver: **Certificação florestal; Selo FSC.**

Trituração *Sf. V.Lex.:* **Picotagem.**

Tronco *Sm.* **1. Base do fuste da árvore.**

"Para certificar se a árvore está oca, o motosserrista introduz o sabre da motosserra no <tronco> no sentido vertical. Conforme a resistência de entrada, pode-se avaliar a presença e o tamanho do oco." (15, p. 65).

Ver: **Derruba.**

2. Fuste da árvore.

"Um dos motosserristas faz o corte da árvore, enquanto o outro separa o <tronco> da copa, divide o <tronco> em toras e elimina obstáculos ao arraste." (15, p. 65).

V.Lex.: **Fuste.**

Ver: **Qualidade do tronco da árvore.**

Tronco bom *Sm.* **Fuste reto (sem tortuosidade), cilíndrico e sem ocos.**

"Os troncos retos, cilíndricos e sem ocos são classificados como <[troncos] 'bons'> para uso madeireiro." (15, p. 26).

Ver: **Qualidade do tronco.**

Tronco inferior *Sm.* **Fuste tortuoso e com presença de ocos pequenos ou grandes ao longo da tora.**

"...os troncos tortuosos e com presença de ocos possuem qualidade <[tronco] inferior>." (15, p. 26).

Ver: **Qualidade do tronco.**

Tronco regular *Sm.* **Fuste reto, mas com ocos pequenos ao longo da tora; ou fuste sem ocos, mas com tortuosidade ao longo da tora.**

"Os troncos retos, mas com ocos pequenos ao longo de toda a tora, ou troncos tortuosos, mas sem ocos são classificados como <[tronco] 'regulares'>." (15, p. 26).

Ver: **Qualidade do tronco.**

Tubete *Sm.* **Recipiente cilíndrico ou retangular de plástico, utilizado para plantar as mudas de árvores para reflorestamento, enquanto elas se desenvolvem em estufas, apinhadas em bandejas, aguardando para serem plantadas em solo.**

"O uso de mudas produzidas em sacos plásticos ou <tubetes> oneram os trabalhos de enriquecimento nas encostas, o que obriga a opção pela semeadura direta ou plantio de mudas de raiz nua." (112, p. 62).

Ver: **Reflorestamento; Estufa.**

TUE *Sm. V.Sint.:* **Teor de umidade de equilíbrio da madeira.**

U - u

UC *Sf. V.Sint.:* **Unidade de Corte.**

UCL *Sf. V.Sint.:* **Unidade de Corte Limpo.**

Ultrapassagem de cola *Sf.* **Exsudação de cola ou de componente dela, causando mancha na superfície da lâmina externa do compensado, decorrente de aplicação excessiva de adesivo.**

"<Ultrapassagem de cola> - ultrapassagem da cola ou componente da cola através da lâmina externa (...)." (101, p. 22).

V.Sint.: **Exsudação da cola.**

Ver: **Exsudação de resina; Compensado.**

UMF *Sf. V.Sint.:* **Unidade de Manejo Florestal.**

União das Entidades Florestais do Estado do Pará *Sf. V.Sint.:* **UNIFLOR.**

União de topo *Sf. V.Sint.:* **Junta de topo.**

Unidade de carbonização *Sf. V.Sint.:* **Forno metálico.**

Unidade de Corte *Sf.* **Área de um corte, com dimensão de 30cm de comprimento por 25mm de largura.**

"Convém salientar que as dimensões dos cortes devem corresponder a múltiplos inteiros do comprimento e da largura de uma <unidade de corte>." (41, p. 30).

V.Sint.: **UC.**

Ver: **Unidade de Corte Limpo.**

Unidade de Corte Limpo *Sf.* **Unidade de corte cuja área é isenta de defeito.**

"Quando esta área [UC] é livre de defeitos, ela é convencionalmente definida como uma <Unidade de Corte Limpo> (UCL)." (41, p. 29).

V.Sint.: **Unidade de Corte; V.Sint.:** **UCL.**

Ver: **Unidade de Corte.**

Unidade de manejo *Sf. V.Sint.:* **Unidade de Manejo Florestal.**

Unidade de Manejo Florestal *Sf.* **1. Perímetro de floresta, definido por critérios técnicos (socioculturais, econômicos e ambientais), localizado em florestas públicas ou privadas, explorado sob regime de um PMFS. 2. Área de florestas degradada onde está sendo feito manejo com plantio de mudas, para recuperar a constituição original da área.**

"Não existiam mapas topográficos ou de tipos de vegetação da <unidade de manejo florestal>, apesar de serem essenciais para o planejamento e controle." (159, p. 69).

V.Sint.: **UMF; V.Sint.: Unidade de manejo.**

Ver: **Floresta manejada.**

UNIFLOR *Sf.* **Entidade, sem fins lucrativos, fundada em 2002, que atua como representante do setor florestal madeireiro paraense.**

"O Instituto Natureza Amazônica (INAM) teve aprovado, junto ao Ministério do Meio Ambiente com recursos do Promanejo, o Projeto Oficina Móvel de Treinamento Florestal - OMTF, que acontece em parceria com a União das Entidades Florestais do Estado do Pará - <Uniflor>." (77, p. 4).

N. A UNIFLOR atua junto aos sindicatos e empresas localizados nos municípios de base florestal madeireira paraense.

V.Sint.: **União das Entidades Florestais do Estado do Pará.**

UPM *Sf.* *V.Sint.:* **Usina de preservação de madeira.**

Usina de preservação de madeira *Sf.* **Unidade industrial de tratamento da madeira, que pode dispor de máquinas para tratamento com ou sem pressão.**

"Na UPM (<Usina de Preservação de Madeira>), durante o processo de tratamento, deverão haver contingências ambientais como fosso de contenção no autoclave e área específica para gotejamento do produto químico (...)." (174, p. 122).

V.Sint.: **UPM; V.Sint.: Usina para imunização da madeira; V.Sint.: Usina para Tratamento da Madeira; V.Sint.: Usina para imunização de madeira.**

Ver: Usina de preservação de madeira sob pressão; Usina de preservação de madeira sem pressão.

Usina de preservação de madeira sem pressão *Sf.* Unidade industrial dotada de equipamentos necessários para o tratamento de imunização da madeira sem utilização de pressão.

Ver: Usina de preservação de madeira sob pressão; Tratamento sem pressão.

Usina de preservação de madeira sob pressão *Sf.* Unidade industrial dotada de autoclave e bombas de vácuo e pressão, podendo ou não dispor de fonte de calor, usada para tratamento de imunização da madeira.

Ver: Usina de preservação de madeira sem pressão; Autoclavagem.

Usinagem *Sf.* Etapa do processamento secundário da madeira, que consiste no aplainamento, desengrosso, despeno, molduramento, torneamento, lixamento, recorte, respigado, ranhurado, furação, dentre outros processos de beneficiamento das peças.

"A madeira beneficiada é obtida pela <usinagem> das peças serradas, agregando valor às mesmas." (178, p. 25).

Ver: Aplainamento; Desengrosso; Despeno; Molduramento; Torneamento; Lixamento; Resserragem; Fresada; Ranhurado.

Usina para imunização da madeira *Sf. V.Sint.:* Usina de preservação de madeira.

Usina para imunização de madeira *Sf. V.Sint.:* Usina de preservação de madeira.

Usina para tratamento da madeira *Sf. V.Sint.:* Usina de preservação de madeira.

UTM *Sf. V.Sint.:* Usina de preservação de madeira.

Vara *Sf.* Madeira roliça, de diâmetro mais fino que o do poste, segmentada do caule da árvore ou constiuída pelo caule inteiro, geralmente com casca e destinada à construção civil, usada, geralmente, como pontaletes ou na construção de andaimes.

"Consiste de um segmento do fuste da árvore, obtido por cortes transversais (traçamento) ou mesmo sem esses cortes (<varas>: peças longas de pequeno diâmetro)." (178, p. 24).

N. No meio rural, as varas são muito usadas como caibros nas construções populares.

Ver: Madeira roliça; Escoramento.

Via seca *Sf.* *V.Sint.:* Prensagem a seco.

Via úmida *Sf.* *V.Sint.:* Prensagem úmida.

Viga *Sf.* Peça de madeira serrada ou laminada, com espessura entre 40mm e 80mm, largura entre 80mm e 160mm e com o comprimento variando de acordo com a destinação.

"A nomenclatura das peças declarada pelo empresário foi comparada com a relacionada na norma NBR 7203 (1982): pranchão, prancha, <viga>, vigota, caibro, tábua, sarrafo e ripa." (150, p. 406).

Ver: Madeira serrada; Madeira laminada 1; Vigota.

Viga "I" *Sf.* Viga composta por mesa (em madeira maciça ou laminada) e alma (em madeira laminada ou compensada), resultando numa peça de madeira de grande resistência axial. Na composição da viga "I", duas peças estreitas e compridas (as mesas) são coladas, longitudinalmente, às bordas de uma peça com dimensões de uma tábua ou prancha (a alma), resultando numa estrutura que, vista pelo corte transversal, lembra a letra "I".

"A análise do desempenho estrutural enfoca a metodologia teórica, visando a análise estrutural e construtiva com a finalidade de definir um modelo de comportamento para os elementos estruturais de <viga 'I'> (...)." (161, p. 5).

V.Gráf.: **Viga-I.**

Ver: **Viga; Mesa; Alma 2.**

Viga-I *Sf.* *V.Gráf.:* **Viga "I".**

Viga laminada *Sf.* **Viga constituída por madeira laminada.**

"<Vigas laminadas> e coladas, fabricadas com madeiras de reflorestamento pinus e eucalipto preservadas contra ataque de insetos e fungos, além de protegidas contra fogo e umidade, são um produto já encontrado no setor da construção civil neste País." (178, p. 34).

Ver: **Viga; Madeira laminada 1.**

Vigota *Sf.* **Peça de madeira serrada, com espessura entre 40mm e 80mm, largura entre 80mm e 110mm e com o comprimento variando de acordo com a destinação.**

"A nomenclatura das peças declarada pelo empresário foi comparada com a relacionada na norma NBR 7203 (1982): pranchão, prancha, viga, <vigota>, caibro, tábuas, sarrafo e ripa." (150, p. 406).

V.Lex.: **Flechal.**

Ver: **Viga.**

Viveiro *Sm.* **Ambiente artificial, onde se controla a temperatura, a umidade e o vapor de água, usado para permitir o crescimento, o desenvolvimento e a conservação das mudas das árvores para reflorestamento.**

"Em condições de <viveiro> a semeadura da ucuúba pode ser feita a uma profundidade de dois a quatro centímetros, utilizando-se 30% a 50% de sombreamento." (62, p. 145).

V.Lex.: **Estufa 2.**

Ver: **Reflorestamento; Muda.**

Volume acumulado *Sm.* **Crescimento acumulado até o momento da pesquisa, ou crescimento real acumulado entre dois períodos de desbaste.**

"Uma abordagem que considera apenas o ponto de vista biológico é utilizada a partir de duas medidas: o incremento médio anual (IMA), calculado através da divisão do <volume acumulado> pela idade em anos de crescimento do povoamento; o incremento corrente anual (ICA), que é o incremento em volume por área, ocorrido no período de um ano." (221, p. 119).

V.Sint.: **Incremento acumulado.**

Ver: **Incremento; Desbaste; Reflorestamento; Floresta plantada.**

X - x

Xilófago *Sm.* **Insetos comedores de madeira, tais como cupins e besouros, responsáveis por deterioração da madeira.**

"O pré-tratamento possui caráter profilático e tem por objetivo proteger a madeira recém-serrada, contra fungos e insetos <xilófagos>, apenas durante o período de secagem natural." (178, p. 24).

V.Sint.: **Inseto xilófago.**

Ver: **Defeito na madeira; Cupim.**

Z - z

Zona de refúgio *Sf. V.Lex.:* **Refúgio.**

Zona resinosa *Sf. V.Sint.:* **Exsudação de resina.**

A – a

- Abiorana–mangabinha *Sf.* Variante: *Micropholis venulosa* (Mart. & Eichl.) Pièrre – Sapotaceae.
- Abiu branco *Sm.* Variante: *Syzygiopsis oppositifolia* Ducke.
- Abiu–guajar Sm. Variante: *Micropholis venulosa* (Mart. & Eichl.) Pièrre – Sapotaceae.
- Abiu pitomba *Sm.* Variante: *Pouteria* sp – Sapotaceae.
- Abiu–pitomba *Sm.* Variante: *Abiu pitomba*.
- Abiurana *Sf.* Variantes: *Pouteria* sp – Sapotaceae; *Glycoxylon inophyllum* (Mart. ex Miq.) Ducke – Sapotaceae.
- Abiurana branca *Sf.* Variante: *Franchetella grongrijpii* (Eyma) Aubrv.
- Abiuruna seca *Sf.* Variante: *Diploon venezuelana* Aubrv.
- Acapu *Sm.* Variante: *Vouacapoua americana* Aubl. – Leguminosae.
- Acaraba *Sf.* Variante: *Aspidosperma desmanthum* Benth. ex Muell. Arg. – Apocynaceae.
- Acari *Sm.* Variante: *Minquartia guianensis* Aubl. – Olacaceae.
- Acariorana *Sf.* Variante: *Minquartia guianensis* Aubl. – Olacaceae.
- Acariquara *Sf.* Variante: *Minquartia guianensis* Aubl. – Olacaceae.
- Acariquara branca *Sf.* Variante: *Geissospermum sericeum* Bth. & Hook. Apocynaceae.
- Acarirana *Sf.* Variante: *Geissospermum sericeum* Bth. & Hook. Apocynaceae.
- Acariubarana *Sf.* Variante: *Geissospermum sericeum* Bth. & Hook. Apocynaceae.
- Acariva *Sf.* Variante: *Minquartia guianensis* Aubl. – Olacaceae.
- Achich *Sm.* Variante: *Sterculia speciosa* K. Sch. – Sterculiaceae.
- Aacu *Sm.* Variante: *Hura crepitans* L. – Euphorbiaceae.
- Aoita–cavalo *Sm.* Variante: *Luehea divaricata* Mart. – Tiliaceae.
- Alchornea triplinervia Variante: *Tapi*.

- Alchornea triplinervia (Spreng) Muell. Arg. – Euphorbiaceae *Variante:* Caixeta.
- Aldina heterophylla Spruce ex Benth. Caesalpiniaceae *Variante:* Macucu de paca;
Macucu.
- Alecrim *Sm.* *Variante:* Holocalyx balansae.
- Alexa grandiflora Ducke *Variante:* Melancieira.
- Amapá *Sm.* *Variante:* Brosimum parinarioides Ducke – Apocynaceae.
- Amapá amargoso *Sm.* *Variante:* Brosimum rubescens Taub.
- Amapá-doce *Sm.* *Variantes:* Brosimum parinarioides Ducke – Apocynaceae; Brosimum potabile
Ducke.
- Amapá-rana *Sm.* *Variante:* Brosimum parinarioides Ducke – Apocynaceae.
- Amarelão *Sm.* *Variantes:* Apuleia leiocarpa (Vogel) J.F. Macbr.; Bagassa guianensis Aubl.
- Amarelinho *Sm.* *Variantes:* Helietta longifoliata Britt. – Rutaceae; Apuleia leiocarpa (Vog.)
Macbr. Caesalpiniaceae.
- Amburana *Sf.* *Variante:* Amburana cearensis (Fr. All.) A. C. Smith – Leguminosae
Papilionoideae.
- Amburana cearensis (Fr. All.) A. C. Smith – Leguminosae Papilionoideae
Variantes: Cerejeira; Cerejeira-rajada; Amburana; Cumaru-do-ceará; Cumaré; Cumaru-das-
caatingas; Imburana-de-cheiro; Umburana; Amburana-de-cheiro; Imburana; Cumaru-de-
cheiro.
- Amburana-de-cheiro *Sf.* *Variante:* Amburana cearensis (Fr. All.) A. C. Smith – Leguminosae
Papilionoideae.
- Amêndoa-de-espinho *Sf.* *Variante:* Caryocar villosum (Aubl.) Pers. – Caryocaraceae.
- Amendoim *Sm.* *Variante:* Pterogyne nitens Tul. – Leguminosae.
- Amescla *Sf.* *Variante:* Trattinnickia burseraefolia (Mart.) Willd. – Burseraceae.
- Amesclão *Sm.* *Variante:* Trattinnickia burseraefolia (Mart.) Willd. – Burseraceae.
- Amoreira *Sf.* *Variante:* Maclura tinctoria (L.) D. Don ex Steud. Maraceae.
- Anacardium excelsum Benth. – Anacardiaceae *Variante:* Caju.

Anacardium giganteum Hanc. ex Engl. – Anacardiaceae *Variantes:* Caju-açu; Cajuaçu;
Caju-da-mata.

Anacardium spp. Anacardiaceae *Variantes:* Cajuaçu; Caju-açu.

Anacardium spruceanum Benth. ex. Engl. *Variantes:* Caju-açu; Cajuaçu.

Anacardium spruceanum Benth. ex Engl. – Anacardiaceae *Variantes:* Cajuí; Caju da mata;
Caju-da-mata.

Anadenanthera colubrina *Variante:* Angico branco.

Anadenanthera macrocarpa (Benth.) Brenae – Leguminosae Mimosaceae

Variantes: Angico-preto; Angico; Angico-vermelho; Angico vermelho; Angico-do-campo;
Arapiraca; Curupaí; Angico-de-casca; Angico-bravo; Angico-fava; Angico-rajado; Cambuí-
ferro; Angico-castanho; Guarapiraca.

Anadenanthera peregrina *Variantes:* Angico cascudo; Timbó.

Anani Sm. *Variantes:* Symphonia globulifera L.; Moronobea coccinea Aubl. – Guttiferae.

Andira parviflora Ducke Fabaceae *Variantes:* Sucupira-vermelha; Sucupira vermelha;
Angelim.

Andiroba Sf. *Variantes:* Carapa guianensis Aubl. – Meliaceae; Carapa guianensis Aubl.

Angelim Sm. *Variantes:* Hymenolobium petraeum Ducke Fabaceae; Andira parviflora Ducke
Fabaceae.

Angelim da mata Sm. *Variantes:* Hymenolobium excelsum Ducke Fabaceae; Hymenolobium
modestum Ducke – Leguminosae.

Angelim pedra Sm. *Variantes:* Hymenolobium petraeum Ducke Fabaceae; Hymenolobium
excelsum Ducke – Leguminosae.

Angelim-pedra Sm. *Variantes:* Hymenolobium petraeum Ducke Fabaceae; Hymenolobium
excelsum Ducke – Leguminosae; Hymenolobium spp. – Leguminosae Papilonoideae.

Angelim rajado Sm. *Variantes:* Pithecelobium racemosum Ducke Mimosaceae; Pithecelobium
racemosum (Vell.) Benth.

Angelim-rajado Sm. *Variante:* Angelim rajado.

Angelim vermelho Sm. *Variante:* Dinizia excelsa Ducke – Leguminosae.

- Angelim-vermelho *Sm.* *Variantes:* *Dinizia excelsa* Ducke – Leguminosae; *Dinizia excelsa* Ducke – Leguminosae Mimosoidae.
- Angico *Sm.* *Variante:* *Anadenanthera macrocarpa* (Benth.) Brenae – Leguminosae Mimosaceae.
- Angico branco *Sm.* *Variante:* *Anadenanthera colubrina*.
- Angico-bravo *Sm.* *Variante:* *Anadenanthera macrocarpa* (Benth.) Brenae – Leguminosae Mimosaceae.
- Angico cascudo *Sm.* *Variante:* *Anadenanthera peregrina*.
- Angico-castanho *Sm.* *Variante:* *Anadenanthera macrocarpa* (Benth.) Brenae – Leguminosae Mimosaceae.
- Angico-de-casca *Sm.* *Variante:* *Anadenanthera macrocarpa* (Benth.) Brenae – Leguminosae Mimosaceae.
- Angico-do-campo *Sm.* *Variante:* *Anadenanthera macrocarpa* (Benth.) Brenae – Leguminosae Mimosaceae.
- Angico-fava *Sm.* *Variante:* *Anadenanthera macrocarpa* (Benth.) Brenae – Leguminosae Mimosaceae.
- Angico-preto *Sm.* *Variantes:* *Piptadenia macrocarpa* Benth. – Leguminosae; *Anadenanthera macrocarpa* (Benth.) Brenae – Leguminosae Mimosaceae.
- Angico-rajado *Sm.* *Variante:* *Anadenanthera macrocarpa* (Benth.) Brenae – Leguminosae Mimosaceae.
- Angico-rosa *Sm.* *Variante:* *Parapiptadenia rigida* (Benth) Brenae – Mimosaceae.
- Angico vermelho *Sm.* *Variantes:* *Anadenanthera macrocarpa* (Benth.) Brenae – Leguminosae Mimosaceae; *Parapiptadenia rigida* (Benth) Brenae – Mimosaceae.
- Angico-vermelho *Sm.* *Variante:* Angico vermelho.
- Aniba canelilla (H. B. K.) Mez *Variante:* Preciosa.
- Aniba duckei *Variante:* Pau rosa; Pau-rosa.
- Aniba rosaeodora Ducke – Lauraceae *Variante:* Louro rosado; Pau rosa; Pau-rosa.
- Annona cancans* *Variante:* Araticum cagão.

- Aparaiú *Sm.* *Variante:* Manilkara bidentada – Sapotaceae.
- Apeiba echinata Gaertn *Variante:* Pente de macaco.
- Apuleia leiocarpa (Vogel) J.F. Macbr. *Variante:* Amarelão.
- Apuleia leiocarpa (Vog.) Macbr. *Caesalpiniaceae* *Variantes:* Garapa; Garapeira; Muirajuba; Muiratauí; Amarelinho; Gema-de-ovo; Grápia; Jataí-amarelo.
- Apuleia leiocarpa (Vog.) Macbr. – *Leguminosae–Caesalpiniaceae* *Variante:* Garapeira.
- Arapari *Sm.* *Variante:* Macrolobium acaciifolium Benth. – *Caesalpiniaceae*.
- Arapari da várzea *Sm.* *Variante:* Macrolobium acaciifolium Benth. – *Caesalpiniaceae*.
- Arapari verdadeiro *Sm.* *Variante:* Macrolobium acaciifolium Benth. – *Caesalpiniaceae*.
- Arapiraca *Sf.* *Variante:* Anadenanthera macrocarpa (Benth.) Brenae – *Leguminosae Mimosaceae*.
- Araracanga *Sf.* *Variante:* Aspidosperma desmanthum Benth. ex Muell. Arg. – *Apocynaceae*.
- Arara petiu *Sf.* *Variante:* Parkia pendula Benth *Mimosaceae*.
- Arara tucupi *Sf.* *Variante:* Parkia pendula Benth *Mimosaceae*.
- Araraúba–da–terra–firme *Sf.* *Variante:* Aspidosperma desmanthum Benth. ex Muell. Arg. – *Apocynaceae*.
- Araribá *Sm.* *Variante:* Centrolobium robustum (Vell) Mart. – *Fabaceae*.
- Araribá–amarelo *Sm.* *Variante:* Centrolobium microchaete.
- Araribá–rosa *Sm.* *Variante:* Centrolobium robustum.
- Araruva *Sf.* *Variante:* Centrolobium tomentosum.
- Araticum cagão *Sm.* *Variante:* Annona cancans.
- Araucaria augustifolia (Bert.) O. Ktze. – *Araucariaceae* *Variante:* Pinho–do–paraná.
- Areeiro *Sm.* *Variante:* Hura crepitans L. – *Euphorbiaceae*.
- Aroeira verdadeira *Sf.* *Variante:* Myracrodruon urunduva.
- Árvore–do–sebo *Sf.* *Variante:* Virola surinamensis (Rol.) Warb.
- Aspidosperma desmanthum Benth. ex Muell. Arg. – *Apocynaceae*
Variantes: Araracanga; Acaraíba; Araraúba–da–terra–firme; Jacamim; Paratudo–branco; Pequiá–marfim; Piquiá–marfim–do–roxo; Piquiá marfim do roxo.

Aspidosperma polyneuron Muell. Arg – Apocynaceae *Variantes:* Peroba-rosa;
Peroba; Peroba-amargosa; Peroba-rajada; Peroba-açu; Sobro; Peroba-comum; Peroba-do-rio;
Peroba-paulista; Peroba-mirim; Peroba-miúda.

Assacu *Sm.* *Variante:* Hura crepitans L. – Euphorbiaceae.

Astronium graveolens *Variante:* Guaritá.

Astronium lecointei Ducke – Anacardiaceae *Variantes:* Muiracatiara; Muiracatiara-rajada.

Axuá *Sm.* *Variante:* Endopleura uchi (Huber) Cuatr.

B – b

Bacori *Variante:* Platonina insignis Mart. – Guttiferae.

Bacuri *Variante:* Bacori.

Bacuri-açu *Variante:* Platonina insignis Mart. – Guttiferae.

Bacuri-amarelo *Variante:* Platonina insignis Mart. – Guttiferae.

Bagaceira *Variante:* Bagassa guianensis Aubl.

Bagassa guianensis Aubl. *Variantes:* Tatajuba; Amarelão; Bagaceira; Cachaceiro; Garrote.

Bagassa guianensis Aubl. – Moraceae *Variante:* Tatajuba.

Baguaçu *Variante:* Talauma ovata.

Balfourodendron riedelianum (Engl.) – Rutaceae *Variante:* Pau-marfim.

Balsa *Variante:* Ochroma pyramidale (Cav. Ex Lam.) Urban. Bombacaceae.

Bauhinia forficata *Variante:* Pata de vaca.

Bertholletia excelsa Humb. & Bonpl. *Variante:* Castanheira.

Bicuíba *Variantes:* Virola bicuhyba; Virola surinamensis (Rol.) Warb.

Bixa arbórea Huber *Variante:* Urucu da mata.

Boleira *Variante:* Joannesia princeps.

Boloteria *Variante:* Parkia pendula Benth Mimosaceae.

- Bombax lonipedicellatum** – Bombacaceae – Mimosaceae *Variante:* Munguba-grande-da-terra-firme.
- Bowdichia nitida** Spruce – Leguminosae Papilionoidae *Variante:* Sucupira.
- Bowdichia virgilioides** H. B. K. – Leguminosae *Variantes:* Sucupira-parda; Sapupira; Sucupira-do-igapó; Cutiúba; Sapupira-da-mata.
- Bracatinga** *Variante:* Mimosa scabrella Bentham – Mimosaceae.
- Brasileto** *Variante:* Caesalpinia echinata (Lam.) – Leguminosae–Caesalpinoideae.
- Brasimum paraense** Hub. Maraceae *Variante:* Muirapiranga.
- Braúna-preta** *Variante:* Melanoxylon brauna Schot. – Caesalpiniaceae.
- Breu** *Variante:* Trattinnickia burseraefolia (Mart.) Willd. – Burseraceae.
- Breu manga** *Variante:* Tetragastris altissima (Aubl.) Swartz.
- Breu-preto** *Variante:* Trattinnickia burseraefolia (Mart.) Willd. – Burseraceae.
- Breu sucuruba** *Variante:* Trattinnickia burserifolia (Mart.) Willd.
- Breu-sucuruba** *Variante:* Trattinnickia burseraefolia (Mart.) Willd. – Burseraceae.
- Brosimum acutifolium** Huber *Variante:* Mururé.
- Brosimum acutifolium** Huber subsp. interjectum C. C. Berg. *Variante:* Mururé.
- Brosimum alicastrum** Swartz *Variante:* Janitá.
- Brosimum parinarioides** Ducke – Apocynaceae *Variantes:* Amapá; Amapá-doce; Amapá-rana; Mururé-rana.
- Brosimum potabile** Ducke *Variante:* Amapá-doce.
- Brosimum rubescens** Taub. *Variante:* Amapá amargoso.
- Brosimum rubescens** Taubert Moraceae *Variantes:* Pau-rainha; Rainha; Muirapiranga; Pau brasil; Pau-brasil.
- Brosimum** spp. – Moraceae *Variante:* Muirapiranga.
- Bruteiro** *Variante:* Erisma uncinatum Warm. – Vochysiaceae.
- Buchenavia huberi** Ducke – Combretaceae *Variante:* Cuiarana.
- Buchenavia** spp. *Variantes:* Tanimbuca; Carará; Cuiarana; Mirindiba; Periquiteira; Tanibuca.

Buchenavia spp. – Combretaceae *Variantes:* Tanimbuca; Tanibuca.

Bulandim *Variante:* Platonía insignis Mart. – Guttiferae.

C – c

Cabeleira *Variante:* Caryocar glabrum (Aubl.) Pers. – Caryocaraceae.

Cabralea cangerana Sald. – Meliaceae *Variantes:* Canjerana; Canjarana; Cajarana.

Cabreúva-vermelha *Variante:* Myroxylon balsamum (L) Harms – Fabaceae.

Cabriúva *Variante:* Myrocarpus frondosus.

Cachaceiro *Variantes:* Goupia glabra Aubl. – Goupiaceae; Bagassa guianensis Aubl.

Cachimbo-de-jabuti *Variante:* Erisma uncinatum Warm. – Vochysiaceae.

Caesalpinia echinata (Lam.) – Leguminosaea–Caesalpinoideae *Variantes:* Pau-brasil;
Pau brasil; Ibirapitanga; Orabutã; Brasileto; Ibiraoiranga; Ibirapitã; Pau-rosado; Pau-de-
pernambuco.

Caixeta *Variantes:* Alchornea triplinervia (Spreng) Muell. Arg. – Euphorbiaceae; Simarouba
versicolor St. Hili. – Simaroubaceae.

Cajarana *Variante:* Cabralea cangerana Sald. – Meliaceae.

Caju *Variante:* Anacardium excelsum Benth. – Anacardiaceae.

Cajuaçu *Variantes:* Anacardium giganteum Hanc. ex Engl. – Anacardiaceae; Anacardium
spruceanum Benth. ex. Engl.; Anacardium spp. Anacardiaceae.

Caju-açu *Variantes:* Anacardium giganteum Hanc. ex Engl. – Anacardiaceae; Anacardium
spruceanum Benth. ex. Engl.; Anacardium spp. Anacardiaceae.

Caju da mata *Variantes:* Anacardium giganteum Hanc. ex Engl. – Anacardiaceae;
Anacardium spruceanum Benth. ex Engl. – Anacardiaceae.

Caju-da-mata *Variante:* Caju da mata.

Cajuí *Variante:* Anacardium spruceanum Benth. ex Engl. – Anacardiaceae.

Calophyllum brasiliense *Variante:* Guanandi.

Calophyllum brasiliense Camb. – Clusiaceae *Variante:* Jacareúba.

Calycaphyllum multiflorum Gris Rubiaceae *Variante:* Castelo.

Cambuí–ferro *Variante:* Anadenanthera macrocarpa (Benth.) Brenae – Leguminosae
Mimosaceae.

Canafístula *Variante:* Cassia ferruginea Schrad – Caesalpiniaceae.

Canafrista *Variante:* Canafístula.

Canela–branca *Variante:* Nectandra lanceolata.

Canela–de–veado *Variante:* Helietta longifoliata Britt. – Rutaceae.

Canela–guaiacá *Variante:* Ocotea puberula.

Canela–mandioca *Variante:* Qualea albiflora Warm. – Vochysiaceae.

Canela–parda *Variante:* Nectandra sp – Lauraceae.

Canela–preta *Variante:* Ocotea catharinensis.

Canela–sassafrás *Variante:* Ocotea pretiosa (Nees) Mez. – Lauraceae.

Canjarana *Variante:* Cabralea cangerana Sald. – Meliaceae.

Canjerana *Variante:* Canjarana.

Canniana estrellensis (Raddi) O. Ktze – Lecythidaceae *Variante:* Jequitibá–branco.

Carapa guianensis Aubl. *Variante:* Andiroba.

Carapa guianensis Aubl. – Meliaceae *Variante:* Andiroba.

Carará *Variante:* Buchenavia spp.

Cardeiro *Variante:* Scleronema micranthum (Ducke) Ducke – Bombacaceae.

Cariniana legalis *Variante:* Jequitibá–rosa.

Cariniana micrantha Ducke Lecythidaceae *Variantes:* Castanha de macaco; Tauari.

Carne–de–vaca *Variante:* Roupala montana Aubl. – Proteaceae.

Carrapeta *Variante:* Guarea trichilioides L. Meliaceae.

Casca doce *Variante:* Glycoxylon inophyllum (Mart. ex Miq.) Ducke – Sapotaceae.

Casca-doce *Variante:* Casca doce.

Cassia ferruginea Schrad – Caesalpinaceae *Variantes:* Canafistula; Canafrista; Tapira-coiana; Chuva-de-ouro.

Cassia grandis *Variante:* Cássia-rósea.

Cássia-rósea *Variante:* Cassia grandis.

Cassia scleroxylon Ducke *Variante:* Muirapixuna.

Castanha branca *Variante:* Scleronema praecox (Ducke) Ducke Bombacaceae.

Castanha de arara *Variante:* Joannesia heveoides Ducke.

Castanha de galinha *Variante:* Couepia longipendula Pilger Chrysobalanaceae.

Castanha de macaco *Variante:* Cariniana micrantha Ducke Lecythidaceae.

Castanha de paca *Variante:* Scleronema praecox (Ducke) Ducke Bombacaceae.

Castanha de paca vermelha *Variante:* Scleronema praecox (Ducke) Ducke Bombacaceae.

Castanha-jarana *Variante:* Lecythis lurida (Miers) Mori.

Castanha pêndula *Variante:* Couepia longipendula Pilger Chrysobalanaceae.

Castanha sapucaia *Variante:* Lecythis usitata Miers. – Lecythidaceae.

Castanha-sapucaia *Variantes:* Lecythis pisonis Cambess. subsp. usitata (Miers) Mori & Prance; Lecythis paraensis Huber ex. Ducke.

Castanheira *Variante:* Bertholletia excelsa Humb. & Bonpl.

Castelo *Variante:* Calycophyllum multiflorum Gris Rubiaceae.

Carvalho *Variante:* Euplassa cantareirae Sleumer – Proteaceae.

Carvalho brasileiro *Variante:* Carvalho.

Carvalho-brasileiro *Variantes:* Euplassa cantareirae Sleumer – Proteaceae; Euplassa spp. – Proteaceae.

Carvalho-do-brasil *Variante:* Roupala montana Aubl. – Proteaceae.

Caryocar glabrum (Aubl.) Pers. – Caryocaraceae *Variantes:* Pequiarana; Piquiarana; Cabeleira; Jiqui; Pequiá; Piquiarana-da-terra-firme; Piquiarana-vermelha.

- Caryocar villosum (Aubl.) Pers. – Caryocaraceae *Variantes:* Pequiá; Amêndoa-de-espinho; Grão-de-cavalo; Piqui; Piquiá; Piquiá-vermelho; Pequiarana.
- Catucaém *Variante:* Euplassa spp. – Proteaceae.
- Caviúva *Variante:* Machaerium scleroxylon.
- Caxeta *Variante:* Simarouba amara Aubl. – Simaroubaceae.
- Cecropia hololeuca *Variante:* Imbaúba-prateada.
- Cedrao *Variante:* Guarea trichilioides L. Meliaceae.
- Cedrela fissilis Veli. – Meliaceae *Variante:* Cedro.
- Cedrela odorata L. – Meliaceae *Variantes:* Cedro-rosa; Cedro rosa; Cedro; Cedro vermelho.
- Cedrelinga catenaeformis Ducke – Leguminosae *Variantes:* Cedrorana; Cedro-agono; Cedro-branco; Taperibá-açu; Taperebá.
- Cedrelinga catenaeformis Ducke – Leguminosae Mimosoideae *Variante:* Cedrorana.
- Cedrinho *Variantes:* Scleronema micranthum (Ducke) Ducke – Bombacaceae; Erisma uncinatum Warm. – Vochysiaceae.
- Cedro *Variantes:* Cedrela fissilis Veli. – Meliaceae; Cedrela odorata L. – Meliaceae.
- Cedro-agono *Variante:* Cedrelinga catenaeformis Ducke – Leguminosae.
- Cedro-bordado *Variante:* Euplassa spp. – Proteaceae.
- Cedro-branco *Variante:* Cedrelinga catenaeformis Ducke – Leguminosae.
- Cedro branco *Variante:* Guarea trichilioides L. Meliaceae.
- Cedro bravo *Variante:* Scleronema micranthum (Ducke) Ducke – Bombacaceae.
- Cedroí *Variante:* Tapirira guianensis Aubl. Anacardiaceae.
- Cedrorana *Variantes:* Cedrelinga catenaeformis Ducke – Leguminosae; Cedrelinga catenaeformis Ducke – Leguminosae Mimosoideae; Guarea trichilioides L. Meliaceae.
- Cedro rosa *Variante:* Cedrela odorata L. – Meliaceae.
- Cedro-rosa *Variante:* Cedro rosa.
- Cedro vermelho *Variante:* Cedrela odorata L. – Meliaceae.

- Ceiba pentandra Gaertn. *Variante:* Sumaúma.
- Ceiba pentandra (L) Gaertn. – Bombacaceae *Variantes:* Sumaúma; Sumaúma–barriguda; Sumaúma–da–várzea.
- Centrolobium microchaete *Variante:* Araribá–amarelo.
- Centrolobium robustum *Variante:* Araribá–rosa.
- Centrolobium robustum (Vell) Mart. – Fabaceae *Variante:* Araribá.
- Centrolobium tomentosum *Variante:* Araruva.
- Cerejeira *Variante:* Amburana cearensis (Fr. All.) A. C. Smith – Leguminosae Papilionoideae.
- Cerejeira–rajada *Variante:* Cerejeira.
- Chichá *Variante:* Sterculia speciosa K. Sch. – Sterculiaceae.
- Chitarexylum myrianthum *Variantes:* Tarumã branco; Tarumã–branco.
- Chorisia speciosa *Variante:* Paineira.
- Chuva–de–ouro *Variante:* Cassia ferruginea Schrad – Caesalpiniaceae.
- Clarisia racemosa Ruiz & Pav. – Moraceae *Variante:* Guariúba.
- Coataquiçaua *Variante:* Peltogyne catinae Ducke Caesalpiniaceae.
- Copaíba *Variantes:* Copaifera multijuga Hayne – Leguminosae; Copaifera duckei Dwyer; Copaifera reticulata Ducke; Copaifera spp. – Leguminosae Caesalpinoideae.
- Copaifera duckei Dwyer *Variante:* Copaíba.
- Copaifera multijuga Hayne – Leguminosae *Variante:* Copaíba.
- Copaifera reticulata Ducke *Variante:* Copaíba.
- Copaifera spp. – Leguminosae Caesalpinoideae *Variante:* Copaíba.
- Copaifera trapezifolia *Variante:* Pau–óleo.
- Coração de negro *Variante:* Swartzia panacoco (Aubl.) Cowan Caesalpiniaceae.
- Cordia bicolor A. DC. ex DC. *Variante:* Freijó.
- Cordia goeldiana Huber *Variante:* Freijó.
- Cordia goeldiana Huber – Boraginaceae *Variante:* Freijó.

- Cordia sagotii I. M. Johnston *Variante:* Freijó.
- Cordia trichotoma (Vell) Arrab. – Boraginaceae *Variante:* Louro-pardo.
- Corticeira *Variante:* Erythrina falcata.
- Couepia longipendula Pilger Chrysobalanaceae *Variantes:* Castanha de galinha;
Castanha pêndula.
- Couratari guianensis Aubl. *Variante:* Tauari.
- Couratari oblongifolia Ducke & Knuth *Variante:* Tauari.
- Couratari oblongifolia Ducke & R. Knuth. – Lecythidaceae *Variante:* Tauari.
- Couratari spp. – Lecythidaceae *Variante:* Tauari.
- Couratari stellata A. C. Smith *Variante:* Tauari.
- Couropita guianensis Aubl. – Lecythidaceae *Variante:* Macacarecuia.
- Cuiarana *Variantes:* Buchenavia huberi Ducke – Combretaceae; Buchenavia spp.
- Cumaré *Variante:* Amburana cearensis (Fr. All.) A. C. Smith – Leguminosaea Papilionoideae.
- Cumaru *Variantes:* Dipteryx odorata (Aubl.) Wild. – Leguminosae; Dipteryx odorata (Aubl.)
Wild. – Leguminosae Papilionoideae.
- Cumaru-das-caatingas *Variante:* Amburana cearensis (Fr. All.) A. C. Smith – Leguminosaea
Papilionoideae.
- Cumaru-de-cheiro *Variante:* Amburana cearensis (Fr. All.) A. C. Smith – Leguminosaea
Papilionoideae.
- Cumaru-do-ceará *Variante:* Amburana cearensis (Fr. All.) A. C. Smith – Leguminosaea
Papilionoideae.
- Cumarurana *Variante:* Dipteryx polyphylla (Huber) Ducke Fabaceae.
- Cumaru roxo *Variante:* Dipteryx polyphylla (Huber) Ducke Fabaceae.
- Cumatê *Variante:* Endopleura uchi (Huber) Cuatr.
- Cumbaru *Variante:* Dipteryx odorata (Aubl.) Wild. – Leguminosae.
- Cupiúba *Variante:* Goupia glabra Aubl. – Goupiaceae.
- Cupiúva *Variante:* Tapirira guianensis Aubl. Anacardiaceae.

- Curupaí *Variante:* Anadenanthera macrocarpa (Benth.) Brenae – Leguminosae Mimosaceae.
- Curupixá *Variante:* Micropholis venulosa (Mart. & Eichl.) Pièrre – Sapotaceae.
- Cutiúba *Variantes:* Bowdichia virgilioides H. B. K. – Leguminosae; Diplotropis purpurea (Rich.)
Amsh. Fabaceae.
- Cutiubeira *Variante:* Diplotropis purpurea (Rich.) Amsh. Fabaceae.

D – d

- Dalbergia brasiliensis *Variante:* Jacarandá.
- Dalbergia nigra *Variante:* Jacarandá-da-bahia.
- Dalbergia spruceana Benth. Fabaceae *Variante:* Jacarandá-do-pará.
- Dedaleiro *Variante:* Lafoensia pacari.
- Dialium guianense (Aubl.) Sandw *Variante:* Jutáí-pororoca.
- Diatenopteryx sorbifolia *Variante:* Maria-preta.
- Diclinanona calycina (Diels) R. E. Fries *Variante:* Envira preta.
- Didymopanax calvum (decne & Planth.) – Araliaceae *Variante:* Mandioqueira.
- Dinizia excelsa *Variantes:* Angelim-vermelho; Angelim vermelho.
- Dinizia excelsa Ducke – Leguminosae *Variantes:* Angelim vermelho; Angelim-vermelho.
- Dinizia excelsa Ducke – Leguminosae Mimosoidae *Variante:* Angelim-vermelho.
- Diploon venezuelana aubrév *Variante:* Abiurana seca.
- Diplotropis purpurea (Rich) Amsh. Bowdichia nitida Spruce Fabaceae
Variante: Sucupira.
- Diplotropis purpurea (Rich.) Amsh. Fabaceae *Variantes:* Sucupira preta; Sucupira-preta;
Sucupira; Sucupira-da-terra-firme; Sapupira; Sucupira-da-mata; Cutiuba; Cutiubeira;
Sapupira-do-campo; Sapupira-da-várzea; Paricarana; Sucupira-açu; Sucupira-preta;
Sapupira-preta; Sebipira; Sicupira.
- Dipteryx odorata (Aubl.) Wild. – Leguminosae *Variantes:* Cumaru; Cumbaru.

Dipteryx odorata (Aubl.) Wild. – Leguminosae Papilionoideae *Variante:* Cumaru.

Dipteryx polyphylla (Huber) Ducke Fabaceae *Variantes:* Cumarurana; Cumaru roxo.

Drypetes variabilis Uittien *Variante:* Pau-branco.

Duckeodendron cestroides Kuhlm. Duckeodendraceae *Variantes:* Pupunharana;
Pincel de macaco.

Dydimopanax morototoni (Aubl.) Decne & Planch. – Araliaceae *Variante:* Morototó.

E – e

Endopleura uchi (Huber) Cuatr. *Variantes:* Uxi; Axuá; Cumatê; Paruru; Pururu; Uxi-pucu; Uxi-liso; Uxi-verdadeiro.

Endopleura uchi (Huber) Cuatrec. – Humiriaceae *Variante:* Uxi.

Enterlobium contortisiliquum *Variante:* Timbaúba.

Enterlobium maximum Ducke *Variantes:* Faveira tamboril; Tamboril; Fava-bolacha; Fava-orelha-de-negro; Fava-tamboril; Faveira-grande; Monjobo; Timbaúba.

Enterlobium maximum Ducke – Leguminosae Mimosoideae *Variante:* Tamboril.

Enterlobium schomburgkii Benth. *Variantes:* Fava de rosca; Fava-orelha-de-negro.

Enterlobium schomburgkii Benth. Mimosaceae *Variantes:* Sucupira-amarela; Sucupira amarela; Paricarana; Timbaúba; Timbó-da-mata; Timborana; Fava-de-rosca; Orelha-de-negro; Orelha-de-macaco; Faveira-dura; Fava-orelha-de-macaco; Fava-bolota; Fava bolota; Fava-uingue; Favela.

Enterlobium schomburgkii (Benth.) Benth. – Leguminosae Mimosoideae
Variantes: Orelha-de-macaco; Orelha de macaco; Fava-orelha-de-negro; Faveira-de-rosca; Faveira-dura; Orelha-de-gato; Orelha-de-negro; Timbaúba; Timbó-da-mata.

Envira *Variantes:* Rollinia exsucca (Dun.) A. DC.; Guatteria olivacea R. E. Fries Annonaceae.

Envira bobó *Variante:* Guatteria olivacea R. E. Fries Annonaceae.

Envira branca *Variante:* Xylopia nitida Dun.

Envira de cotia *Variante:* Scleronema micranthum (Ducke) Ducke – Bombacaceae.

- Envira de veado *Variante:* Scleronema praecox (Ducke) Ducke Bombacaceae.
- Envira preta *Variantes:* Onychopetalum amazonicum R. E. Fries; Diclinanona calycina (Diels) R. E. Fries.
- Eriotheca longipedicellata (Ducke) A. Robyns *Variante:* Munguba-grande-da-terra-firme.
- Eriotheca longipedicellata (Ducke) A. Robyns – Bombacaceae *Variante:* Munguba-grande-da-terra-firme.
- Erisma uncinatum Warm. – Vochysiaceae *Variantes:* Cedrinho; Bruteiro; Cachimbo-de-jabuti; Jaboti-da-terra-firme; Quaruba-vermelha; Quarubatinga; Quarubarana.
- Erythrina falcata *Variante:* Corticeira.
- Eschweilera amara (Aubl.) Ndz. *Variante:* Matamatá-vermelho.
- Eucalipto *Variante:* Eucalyptus sp.; Eucalyptus urophylla S. T. Blake.
- Eucalipto Citriodora *Variante:* Eucalyptus citriodora.
- Eucalipto Grandis *Variante:* Eucalyptus grandis.
- Eucalyptus citriodora *Variante:* Eucalipto Citriodora.
- Eucalyptus grandis *Variante:* Eucalipto grandis.
- Eucalyptus sp. *Variante:* Eucalipto.
- Eucalyptus urophylla S. T. Blake *Variante:* Eucalipto.
- Euplassa cantareirae Sleumer – Proteaceae *Variantes:* Carvalho brasileiro; Carvalho-brasileiro; Carvalho.
- Euplassa spp. – Proteaceae *Variantes:* Louro-faia; Faia; Cedro-bordado; Catucaém; Carvalho-brasileiro.
- Euxylophora paraensis Huber *Variante:* Amarelinho.
- Euxylophora paraensis Huber Rutaceae *Variante:* Pau-amarelo.

F – f

- Faeira *Variante:* Roupala montana Aubl. – Proteaceae.
- Faia *Variante:* Euplassa spp. – Proteaceae.
- Faieira *Variante:* Roupala montana Aubl. – Proteaceae.
- Fava-amargosa *Variante:* Vatairea spp – Leguminosae Papilionoideae.
- Fava arara tucupi *Variante:* Parkia paraensis Ducke.
- Fava-bolacha *Variante:* Enterolobium maximum Ducke.
- Fava-bolota *Variantes:* Parkia pendula Benth. ex Walp. – Leguminosae; Parkia pendula (Willd.) Benth. ex Walp. – Leguminosae Mimosoideae; Parkia pendula Benth Mimosaceae; Enterolobium schomburgkii Benth. Mimosaceae.
- Fava bolota *Variantes:* Parkia pendula Benth. ex Walp. – Leguminosae; Parkia pendula Benth. ex Walp.; Parkia pendula Benth Mimosaceae; Enterolobium schomburgkii Benth. Mimosaceae.
- Fava-de-rosca *Variante:* Enterolobium schomburgkii Benth. Mimosaceae.
- Fava de rosca *Variante:* Enterolobium schomburgkii Benth.
- Fava de tambaqui *Variante:* Macrobium acaciifolium Benth. – Caesalpiniaceae.
- Fava-orelha-de-macaco *Variante:* Enterolobium schomburgkii Benth. Mimosaceae.
- Fava-orelha-de-negro *Variantes:* Enterolobium schomburgkii Benth.; Enterolobium schomburgkii (Benth.) Benth. – Leguminosae Mimosoideae; Enterolobium maximum Ducke.
- Fava-tamboril *Variante:* Enterolobium maximum Ducke.
- Fava-uingue *Variante:* Enterolobium schomburgkii Benth. Mimosaceae.
- Fava visgueiro *Variante:* Parkia pendula Benth Mimosaceae.
- Faveira *Variante:* Parkia multijuga Benth. Mimosaceae.
- Faveira-bolota *Variante:* Parkia pendula Benth Mimosaceae.
- Faveira-branca *Variantes:* Parkia multijuga Benth. – Mimosoideae; Parkia spp. – Leguminosae Mimosoideae.

- Faveira de chorão *Variante:* Parkia pendula Benth Mimosaceae.
- Faveira-de-rosca *Variante:* Enterolobium schomburgkii (Benth.) Benth. – Leguminosae Mimosoideae.
- Faveira-dura *Variantes:* Enterolobium schomburgkii (Benth.) Benth. – Leguminosae Mimosoideae; Enterolobium schomburgkii Benth. Mimosaceae.
- Faveira folha fina *Variantes:* Piptadenia communis Benth.; Piptadenia suaveolens Miq.
- Faveira-grande *Variante:* Enterolobium maximum Ducke.
- Faveirão *Variante:* Parkia pendula Benth Mimosaceae.
- Faveira tamboril *Variante:* Enterolobium maximum Ducke.
- Favela *Variante:* Enterolobium schomburgkii Benth. Mimosaceae.
- Franchetella grongrijpii (Eyma) Aubrév *Variante:* Abiurana branca.
- Freijó *Variantes:* Cordia goeldiana Huber – Boraginaceae; Cordia bicolor A. DC. ex DC.; Cordia goeldiana Huber; Cordia sagotii I. M. Johnston.
- Gallesia integriolia *Variante:* Pau-d'alho.
- Garapa *Variante:* Apuleia leiocarpa (Vog.) Macbr. Caesalpiniaceae.
- Garapeira *Variantes:* Apuleia leiocarpa (Vog.) Macbr. Caesalpiniaceae; Apuleia leiocarpa (Vog.) Macbr. – Leguminosae–Caesalpiniaceae.
- Garrote *Variante:* Bagassa guianensis Aubl.
- Geissospermum sericeum Bth. & Hook. Apocynaceae *Variantes:* Quinarana; Acarirana; Acariubarana; Pau forquilha; Pau-pereira; Pereira.
- Gema-de-ovo *Variante:* Apuleia leiocarpa (Vog.) Macbr. Caesalpiniaceae.
- Genipa americana *Variante:* Jenipapeiro.
- Gitó *Variante:* Guarea trichilioides L. Meliaceae.
- Gleditsia amorphoides *Variante:* Sucará.
- Glícia *Variante:* Glycydendron amazonicum Ducke.
- Glycoxylon inophyllum (Mart. ex Miq.) Ducke –Sapotaceae *Variantes:* Casca doce; Casca-doce; Abiurana.

- Glycydendron amazonicum Ducke *Variante:* Glícia.
- Gogó-de-guariba *Variante:* Micropholis venulosa (Mart. & Eichl.) Pièrre – Sapotaceae.
- Goiabão *Variantes:* Pouteria pachycarpa Pires Sapataceae; Planchonella pachycarpa Pires – Sapotaceae.
- Gordonia fruticosa *Variante:* Santa rita.
- Goupia glabra Aubl. – Goupiaceae *Variantes:* Cupiúba; Cachaceiro; Peroba-do-norte.
- Grão-de-cavalo *Variante:* Caryocar villosum (Aubl.) Pers. – Caryocaraceae.
- Grápia *Variante:* Apuleia leiocarpa (Vog.) Macbr. Caesalpiniaceae.
- Grumixá *Variante:* Micropholis venulosa (Mart. & Eichl.) Pièrre – Sapotaceae.
- Grumixava *Variantes:* Micropholis venulosa (Mart. & Eichl.) Pièrre – Sapotaceae; Micropholis gardnerianum (A. C.) Pièrre – Sapotaceae.
- Guaibi *Variante:* Patagonula americana L. – Boraginaceae.
- Guaiuvira *Variante:* Patagonula americana L. – Boraginaceae.
- Guajará *Variante:* Micropholis venulosa (Mart. & Eichl.) Pièrre – Sapotaceae.
- Guajubira *Variante:* Patagonula americana L. – Boraginaceae.
- Guajuvira *Variante:* Patagonula americana L. – Boraginaceae.
- Guajuvira-branca *Variante:* Patagonula americana L. – Boraginaceae.
- Guanandi *Variante:* Calophyllum brasiliense.
- Guapeva *Variante:* Pouferia sp – Sapotaceae.
- Guapuruva *Variante:* Schizolobium parahyba (Veli.) Blake – Leguminosae.
- Guaraiúva *Variante:* Patagonula americana L. – Boraginaceae.
- Guaraperê *Variante:* Lamanonia ternata.
- Guarapiraca *Variante:* Anadenanthera macrocarpa (Benth.) Brenae – Leguminosae Mimosaceae.
- Guarapovira *Variante:* Patagonula americana L. – Boraginaceae.
- Guarea trichilioides L. Meliaceae *Variantes:* Gitó; Itaubarana; Cedrorana; Jatuaúba; Carrapeta; Nogueira do mato; Cedráo; Cedro branco; Jité; Macaqueiro; Pau bala; Pau de sabão; Taúva.

- Guaritá *Variante:* Astronium graveolens.
- Guariúba *Variante:* Clarisia racemosa Ruiz & Pav. – Moraceae.
- Guatteria olivacea R. E. Fries Annonaceae *Variantes:* Envira bobó; Envira.
- Guatuvira *Variante:* Patagonula americana L. – Boraginaceae.

H – h

- Helietta longifoliata Britt. – Rutaceae *Variantes:* Amarelinho; Canela-de-veado.
- Holocalyx balansae *Variante:* Alecrim; Pau-ferro-do-sul.
- Holopyxidium jarana (Huber) Ducke – Lecythydaceae *Variante:* Jarana.
- Hura crepitans L. – Euphorbiaceae *Variantes:* Açacu; Assacu; Areeiro; Uassacu.
- Hyemenolobium petraeum Ducke Fabaceae *Variantes:* Angelim; Angelim pedra; Angelim-pedra.
- Hymenaea courbaril L. – Leguminosae Caesalpinioideae *Variante:* Jatobá.
- Hymenaea sp. – Leguminosae *Variante:* Jatobá.
- Hymenolobium excelson Ducke – Leguminosae *Variantes:* Angelim-pedra; Angelim pedra.
- Hymenolobium excelsum Ducke Fabaceae *Variante:* Angelim da mata.
- Hymenolobium excelsum Ducke – Leguminosae *Variantes:* Angelim pedra; Angelim-pedra.
- Hymenolobium modestum Ducke – Leguminosae *Variante:* Angelim da mata.
- Hymenolobium petraeum *Variantes:* Angelim-pedra; Angelim pedra.
- Hymenolobium spp. – Leguminosae Papilonoideae *Variante:* Angelim-pedra.

- Ibiraairanga *Variante:* *Caesalpinia echinata* (Lam.) – Leguminosaea–Caesalpinoideae.
- Ibirapitã *Variante:* *Caesalpinia echinata* (Lam.) – Leguminosaea–Caesalpinoideae.
- Ibirapitanga *Variante:* *Caesalpinia echinata* (Lam.) – Leguminosaea–Caesalpinoideae.
- Imbaíba *Variante:* *Lecythis lurida* (Miers) Mori.
- Imbaúba–prateada *Variante:* *Cecropia hololeuca*.
- Imbiruçu *Variante:* *Pseudobombax* sp. – Bombacaceae.
- Imbuia *Variante:* *Ocofea porosa* (Nees) Barroso – Lauraceae.
- Imburana *Variante:* *Amburana cearensis* (Fr. All.) A. C. Smith – Leguminosaea Papilionoideae.
- Imburana–de–cheiro *Variante:* *Amburana cearensis* (Fr. All.) A. C. Smith – Leguminosaea Papilionoideae.
- Ingá *Variante:* *Inga alba* Willd.
- Inga alba Willd. *Variante:* Ingá.
- Ingá caetitu *Variante:* *Pithecelobium racemosum* Ducke Mimosaceae.
- Ingarana *Variante:* *Inga* sp.
- Ingarana da terra firme *Variante:* *Pithecelobium racemosum* Ducke Mimosaceae.
- Inga sp. *Variante:* Ingarana.
- Inhaíba *Variante:* *Lecythis lurida* (Miers) Mori.
- Inuíba–vermelha *Variante:* *Lecythis lurida* (Miers) Mori.
- Ipê *Variantes:* *Tabebuia impetiginosa* (Mart.) Standl. – Bignoniaceae; *Tabebuia serratifolia* (Vahl) Nichols – Bignoniaceae; *Tabebuia* spp. – Bignoniaceae.
- Ipê–amarelo *Variantes:* *Tabebuia serratifolia* (Vahl) Nichols – Bignoniaceae; *Tabebuia alba*.
- Ipê–do–cerrado *Variante:* *Tabebuia serratifolia* (Vahl) Nichols – Bignoniaceae.
- Ipê–felpudo *Variante:* *Zeyheria tuberculosa*.

Ipê-rosa *Variante:* *Tabebuia impetiginosa*.

Ipê-roxo *Variante:* *Tabebuia heptaphylla*.

Ipeúva *Variante:* *Tabebuia serratifolia* (Vahl) Nichols – Bignoniaceae.

Iryanthera grandis Ducke *Variante:* *Ucuubarana*.

Itaúba *Variantes:* *Mezilaurus itauba* (Meissn.) Taub. – Lauraceae; *Mezilaurus lindaviana* Schw. & Mez.

Itaúba amarela *Variante:* *Mezilaurus itauaba* (Meissn.) Taubert ex Mez.

Itaubarana *Variante:* *Guarea trichilioides* L. Meliaceae.

J – j

Jaboti-da-terra-firme *Variante:* *Erisma uncinatum* Warm. – Vochysiaceae.

Jacamim *Variante:* *Aspidosperma desmanthum* Benth. ex Muell. Arg. – Apocynaceae.

Jacarandá *Variante:* *Dalbergia brasiliensis*.

Jacaranda copaia (Aubl.) D. Don. *Variantes:* Para-pará; Parapará.

Jacaranda copaia (Aubi.) D. Don. – Bignoniaceae *Variantes:* Para-pará; Parapará.

Jacarandá-da-bahia *Variante:* *Dalbergia nigra*.

Jacarandá-do-pará *Variante:* *Dalbergia spruceana* Benth. Fabaceae.

Jacarandá-paulista *Variante:* *Machaerium villosum* Vog. Fabaceae.

Jacareúba *Variante:* *Calophyllum brasiliense* Camb. – Clusiaceae.

Janitá *Variante:* *Brosimum alicastrum* Swartz.

Jarana *Variantes:* *Holopyxidium jarana* (Huber) Ducke – Lecythidaceae; *Lecythis lurida* (Miers) Mori; *Lecythis lurida* (Miers) S. A. Mori.

Jarana-da-folha-grande *Variante:* *Lecythis lurida* (Miers) Mori.

- Jarana–da–folha–miúda *Variante:* *Lecythis lurida* (Miers) Mori.
- Jataí–amarelo *Variante:* *Apuleia leiocarpa* (Vog.) Macbr. *Caesalpiniaceae*.
- Jatobá *Variantes:* *Hymenaea* sp. – *Leguminosae*; *Hymenaea courbaril* L. – *Leguminosae*
Caesalpinioideae.
- Jatuaúba *Variante:* *Guarea trichilioides* L. *Meliaceae*.
- Jenipapeiro *Variante:* *Genipa americana*.
- Jequitibá–branco *Variante:* *Canniana estrellensis* (Raddi) O. Ktze – *Lecythidaceae*.
- Jequitibá–rosa *Variante:* *Cariniana legalis*.
- Jiqui *Variante:* *Caryocar glabrum* (Aubl.) Pers. – *Caryocaraceae*.
- Jité *Variante:* *Guarea trichilioides* L. *Meliaceae*.
- Joannesia heveoides Ducke *Variante:* *Castanha de arara*.
- Joannesia princeps *Variante:* *Boleira*.
- Joarana *Variante:* *Parkia pendula* Benth *Mimosaceae*.
- Joeirana *Variante:* *Parkia pendula* Benth *Mimosaceae*.
- Joerana *Variante:* *Parkia pendula* Benth *Mimosaceae*.
- Juerana *Variante:* *Parkia pendula* Benth *Mimosaceae*.
- Jupiúba *Variante:* *Parkia pendula* Benth *Mimosaceae*.
- Jupuuba *Variante:* *Parkia pendula* Benth *Mimosaceae*.
- Jutáí–pororoca *Variante:* *Dialium guianense* (Aubl.) Sandw.

L – I

- Laetia procera (P. & E.) Eichl. *Variante:* *Pau–jacaré*.
- Lafoensia pacari *Variante:* *Dedaleiro*.
- Lamanonia ternata *Variante:* *Guaraperê*.

Lecythis lurida (Miers) Mori *Variantes*: Jarana; Castanha-jarana; Imbaíba; Inhaíba; Inuíba-vermelha; Jarana-da-folha-grande; Jarana-da-folha-miúda.

Lecythis lurida (Miers) S. A. Mori *Variante*: Jarana.

Lecythis paraensis Huber ex. Ducke *Variantes*: Sapucaia; Castanha-sapucaia; Sapucaia-vermelha.

Lecythis paraensis Huber ex Ducke – Lecythidaceae *Variante*: Sapucaia.

Lecythis pisonis Cambess. *Variante*: Sapucaia.

Lecythis pisonis Cambess. subsp. *usitata* (Miers) Mori & Prance *Variantes*: Sapucaia; Castanha-sapucaia; Sapucaia-vermelha.

Lecythis usitata Miers. – Lecythidaceae *Variante*: Castanha sapucaia.

Louro *Variante*: *Ocotea* spp. – Lauraceae.

Louro-canela *Variante*: *Ocotea* spp. – Lauraceae.

Louro-faia *Variante*: *Roupala montana* Aubl. – Proteaceae; *Euplassa* spp. – Proteaceae.

Louro gamela *Variante*: *Nectandra rubra* (Mez.) C. K. Allen – Lauraceae.

Louro-inhamui *Variante*: *Ocatea cymbarum* H. B. K. Lauraceae.

Louro-pardo *Variante*: *Cordia trichotoma* (Vell) Arrab. – Boraginaceae.

Louro-preto *Variante*: *Ocotea* sp – Lauraceae.

Louro-rosa *Variante*: *Nectandra rubra* (Mez.) C. K. Allen – Lauraceae.

Louro rosado *Variante*: *Aniba rosaeodora* Ducke – Lauraceae.

Louro vermelho *Variantes*: *Nectandra rubra* (Mez.) C. K. Allen – Lauraceae; *Nectandra rubra* (Mez) C. K. Allen; *Ocotea rubra* Mez.

Louro-vermelho *Variantes*: Louro vermelho.

Luehea divaricata Mart. – Tiliaceae *Variante*: Açoita-cavalo.

Lueheopsis duckeana Burret *Variantes*: *Luehea divaricata* Mart. – Tiliaceae; Açoita-cavalo.

M – m

- Macacarecuia** *Variante:* Couropita guianensis Aubl. – Lecythidaceae.
- Macacaúba** *Variantes:* Platymiscium ulei Harms Fabaceae; Platymiscium trinitatis Benth Fabaceae; Platymiscium spp. – Leguminosae Papilionoideae.
- Macaqueiro** *Variantes:* Parkia pendula Benth Mimosaceae; Guarea trichilioides L. Meliaceae.
- Macaqueiro** *Variante:* Guarea trichilioides L. Meliaceae.
- Machaerium scleroxylon** *Variante:* Caviúva.
- Machaerium scleroxylon Tul. Fabaceae** *Variante:* Pau-ferro.
- Machaerium villosum Vog. Fabaceae** *Variante:* Jacarandá-paulista.
- Maclura tinctoria** *Variante:* Taiúva.
- Maclura tinctoria (L.) D. Don ex Steud. Maraceae** *Variante:* Amoreira.
- Macrolobium acaciifolium Benth. – Caesalpiniaceae** *Variantes:* Arapari; Arapari verdadeiro; Arapari da várzea; Fava de tambaqui.
- Macucu** *Variantes:* Aldina heterophylla Spruce ex Benth. Caesalpiniaceae; Parinari rodolph Huber Chrisobalanaceae.
- Macucu de paca** *Variante:* Aldina heterophylla Spruce ex Benth. Caesalpiniaceae.
- Macucu farinha seca** *Variante:* Parinari rodolph Huber Chrisobalanaceae.
- Maçaranduba** *Variantes:* Manilkara huberi (Ducke) Standl. – Sapotaceae; Manilkara bidentada – Sapotaceae; Manilkara spp. – Sapotaceae.
- Maçaranduba-de-leite** *Variante:* Manilkara bidentada – Sapotaceae.
- Maçarandubinha** *Variante:* Maçaranduba-de-leite.
- Mafua** *Variante:* Parkia pendula Benth Mimosaceae.
- Malouetia duckei Mgf.** *Variante:* Sorva.
- Mandiocão** *Variante:* Schefflera morototoni.
- Mandioqueira** *Variantes:* Didymopanax calvum (decne & Planth.) – Araliaceae; Ruizterania albiflora (Marcano Bert.) – Vochysiaceae; Qualea albiflora Warm. – Vochysiaceae.

- Mandioqueira-áspera *Variante:* Qualea albiflora Warm. – Vochysiaceae.
- Mandioqueira-lisa *Variante:* Qualea albiflora Warm. – Vochysiaceae.
- Mangue *Variante:* Trattinnickia burseraefolia (Mart.) Willd. – Burseraceae.
- Manilkara bidentada – Sapotaceae *Variantes:* Maçaranduba; Aparaiú; Maparajuba-da-várzea; Maçaranduba-de-leite; Maçarandubinha; Maparajuba; Paraju; Parajuba.
- Manilkara huberi (Ducke) Standl. – Sapotaceae *Variante:* Maçaranduba.
- Manilkara spp. – Sapotaceae *Variante:* Maçaranduba.
- Maparajuba *Variante:* Manilkara bidentada – Sapotaceae.
- Maparajuba-da-várzea *Variante:* Manilkara bidentada – Sapotaceae.
- Maquira sclerophylla (Ducke) C. C. Berg. *Variante:* Muiratinga.
- Marapu *Variante:* Simarouba amara Aubl. – Simaroubaceae.
- Maria-preta *Variante:* Diatenoptyx sorbifolia.
- Marupá *Variantes:* Simarouba amara Aubl.; Simarouba amara Aubl. – Simaroubaceae.
- Marupaúba *Variante:* Simarouba amara Aubl. – Simaroubaceae.
- Melancieira *Variante:* Alexa grandiflora Ducke.
- Melanoxylon brauna Schot. – Caesalpiniaceae *Variante:* Braúna-preta.
- Mezilaurus itauaba (Meissn.) Taubert ex Mez *Variante:* Itaúba amarela.
- Mezilaurus itauaba (Meissn.) Taub. – Lauraceae *Variante:* Itaúba.
- Mezilaurus lindaviana Schw. & Mez *Variante:* Itaúba.
- Micropholis gardnerianum (A. C.) Pièrre – Sapotaceae *Variante:* Grumixava.
- Micropholis venulosa (Mart. & Eichl.) Pièrre *Variante:* Rosadinho.
- Micropholis venulosa (Mart. & Eichl.) Pièrre – Sapotaceae *Variantes:* Curupixá; Abiorana-mangabinha; Abiu-guajará; Gogó-de-guariba; Guajará; Grumixá; Grumixava.
- Mimosa scabrella Bentham – Mimosaceae *Variante:* Bracatinga.
- Minquartia guianensis Aubl. – Olacaceae *Variantes:* Acariorana; Acariquara; Acariúva; Acari.

- Mirindiba *Variante:* Buchenavia spp.
- Mogno *Variantes:* Swietenia macrophylla King – Meliaceae; Swietenia macrophylla.
- Monjobo *Variante:* Enterolobium maximum Ducke.
- Mora paraensis Ducke *Caesalpiniaceae* *Variantes:* Paracuúba; Paracuúba-branca; Paracuúba-vermelha; Pracuúba.
- Morcegueira *Variante:* Trattinnickia burseraefolia (Mart.) Willd. – Burseraceae.
- Moronobea coccinea Aubl. – *Guttiferae* *Variante:* Anani.
- Morototó *Variantes:* Dydimopanax morototoni (Aubl.) Decne & Planch. – Araliaceae; Schefflera morototoni (Aubl.) Decne. & Planch. – Araliaceae.
- Muiracatiara *Variante:* Astronium lecointei Ducke – Anacardiaceae.
- Muiracatiara-rajada *Variante:* Astronium lecointei Ducke – Anacardiaceae.
- Muirajuba *Variante:* Apuleia leiocarpa (Vog.) Macbr. *Caesalpiniaceae*.
- Muirapinima preta *Variante:* Zollernia paraensis Huber *Caesalpiniaceae*.
- Muirapiranga *Variantes:* Brasimum paraense Hub. *Maraceae*; Brosimum rubescens Taubert *Moraceae*; Brosimum spp. – *Moraceae*.
- Muirapixuna *Variante:* Cassia scleroxylon Ducke.
- Muirareina *Variante:* Parkia pendula Benth *Mimosaceae*.
- Muira-rema *Variante:* Parkia pendula Benth *Mimosaceae*.
- Muiratauí *Variante:* Apuleia leiocarpa (Vog.) Macbr. *Caesalpiniaceae*.
- Muiratinga *Variante:* Maquira sclerophylla (Ducke) C. C. Berg.
- Munguba-grande-da-terra-firme *Variantes:* Eriotheca longipedicellata (Ducke) A. Robyns; Eriotheca longipedicellata (Ducke) A. Robyns – *Bombacaceae*; Bombax lonipedicellatum – *Bombacaceae* – *Mimosaceae*.
- Mururé *Variantes:* Brosimum acutifolium Huber; Brosimum acutifolium Huber subsp. interjectum C. C. Berg.
- Mururé-rana *Variante:* Brosimum parinarioides Ducke – *Apocynaceae*.
- Myracrodruon derunduva *Variante:* Aroeira verde.
- Myracrodruon urunduva *Variante:* Aroeira verdadeira.

Myrocarpus frondosus *Variante:* Cabriúva.

Myroxylon balsamum (L) Harms – Fabaceae *Variante:* Cabreúva-vermelha.

N – n

Nandiroba *Variantes:* Carapa guianensis Aubl. – Meliaceae; Andiroba; Carapá; Landiroba; Landirova; Jandiroba; Penaíba.

Nectandra lanceolata *Variante:* Canela-branca.

Nectandra rubra (Mez) C. K. Allen *Variantes:* Louro-vermelho; Louro vermelho.

Nectandra rubra (Mez.) C. K. Allen – Lauraceae *Variantes:* Louro gamela; Louro-vermelho; Louro-rosa.

Nectandra sp – Lauraceae *Variante:* Canela-parda.

Nemaluma anomala (Pires) Pires (ined.) *Variante:* Rosadinho.

Nogueira do mato *Variante:* Guarea trichilioides L. Meliaceae.

Nós-moscado *Variante:* Virola surinamensis (Rol.) Warb.

O – o

Ocatea cymbarum H. B. K. Lauraceae *Variante:* Louro-inhamui.

Ochroma pyramidale (Cav. Ex Lam.) Urban. Bombacaceae *Variantes:* Pau-de-balsa; Pau de balsa; Pau de jangada; Pata de lebre; Balsa.

Ocofea porosa (Nees) Barroso – Lauraceae *Variante:* Imbuia.

Ocotea catharinensis *Variante:* Canela-preta.

Ocotea pretiosa (Nees) Mez. – Lauraceae *Variante:* Canela-sassafrás.

Ocotea puberula *Variante:* Canela-guaiacá.

Ocotea rubra Mez *Variantes:* Louro-vermelho; Louro vermelho.

Ocotea sp – Lauraceae *Variante:* Louro-preto.

Ocotea spp. – Lauraceae *Variantes:* Louro; Louro-canela.

Onychopetalum amazonicum R. E. Fries *Variante:* Envira preta.

Orabutã *Variante:* Caesalpinia echinata (Lam.) – Leguminosae-Caesalpinoideae.

Orelha-de-gato *Variante:* Enterolobium schomburgkii (Benth.) Benth. – Leguminosae
Mimosoideae.

Orelha de macaco *Variante:* Enterolobium schomburgkii (Benth.) Benth. – Leguminosae
Mimosoideae.

Orelha-de-macaco *Variantes:* Enterolobium schomburgkii (Benth.) Benth. – Leguminosae
Mimosoideae; Enterolobium schomburgkii Benth. Mimosaceae.

Orelha-de-negro *Variantes:* Enterolobium schomburgkii (Benth.) Benth. – Leguminosae
Mimosoideae; Enterolobium schomburgkii Benth. Mimosaceae.

Ormosia paraensis Ducke *Variante:* Tenta.

P – p

Pacouri *Variante:* Platonina insignis Mart. – Guttiferae.

Pacuru *Variante:* Platonina insignis Mart. – Guttiferae.

Paineira *Variante:* Chorisia speciosa.

Paracuúba *Variante:* Mora paraensis Ducke Caesalpiniaceae.

Paracuúba-branca *Variante:* Mora paraensis Ducke Caesalpiniaceae.

Paracuúba-vermelha *Variante:* Mora paraensis Ducke Caesalpiniaceae.

Paraiúba *Variante:* Simarouba amara Aubl. – Simaroubaceae.

Paraju *Variante:* Manilkara bidentada – Sapotaceae.

Parajuba *Variante:* Manilkara bidentada – Sapotaceae.

Parapará *Variante:* Para-pará

Para-pará *Variantes:* Jacaranda copaia (Aubl.) D. Don. – Bignoniaceae; Jacaranda copaia (Aubl.) D. Don.

Paraparaíba *Variante:* Simarouba amara Aubl. – Simaroubaceae.

Parapiptadenia rigida (Benth) Brenae – Mimosaceae *Variantes:* Angico-vermelho; Angico vermelho.

Pararaúba *Variante:* Simarouba amara Aubl. – Simaroubaceae.

Paratudo-branco *Variante:* Aspidosperma desmanthum Benth. ex Muell. Arg. – Apocynaceae.

Paricá *Variantes:* Parkia pendula Benth Mimosaceae; Schizolobium amazonicum (Huber) Ducke; Parkia velutina R. Benoist.

Paricá-da-amazônia *Variante:* Paricá.

Paricá grande da terra firme *Variantes:* Parkia multijuga Benth. Mimosaceae; Parkia multijuga Benth.

Paricarana *Variantes:* Enterolobium schomburgkii Benth. Mimosaceae; Diplotropis purpurea (Rich.) Amsh. Fabaceae.

Parinari *Variante:* Parinari rodolph Huber Chrisobalanaceae.

Parinari rodolph Huber Chrisobalanaceae *Variantes:* Parinari; Macucu farinha seca; Macucu.

Parkia multijuga Benth. *Variante:* Paricá grande da terra firme.

Parkia multijuga Benth. Mimosaceae *Variante:* Faveira; Paricá grande da terra firme.

Parkia multijuga Benth. – Mimosoideae *Variante:* Faveira-branca.

Parkia paraensis Ducke *Variante:* Fava arara tucupi.

Parkia pendula Benth. ex. Walp. *Variante:* Fava bolota.

Parkia pendula Benth. ex Walp. – Leguminosae *Variantes:* Fava-bolota; Fava bolota.

Parkia pendula Benth Mimosaceae *Variantes:* Fava visgueiro; Arara tucupi; Visgueiro; Boloteria; Rabo de arara; Jupuuba; Fava bolota; Fava-bolota; Faveira-bolota; Faveira de chorão; Visgueira; Joerana; Joeirana; Arara petiu; Faveirão; Joarana; Juerana; Jupiúba; Jupuuba; Macaqueiro; Mafua; Muira-remã; Muirareina; Paricá; Pau de arara; Procaxi; Sabiu; Pau de sândalo.

Parkia pendula (Willd.) Benth. ex Walp. – Leguminosae Mimosoideae

Variante: Fava–bolota.

Parkia spp. – Leguminosae Mimosoideae

Variante: Faveira–branca.

Parkia velutina R. Benoist *Variante:* Paricá.

Paruru *Variante:* Endopleura uchi (Huber) Cuatr.

Pata de lebre *Variante:* Ochroma pyramidale (Cav. Ex Lam.) Urban. Bombacaceae.

Pata de vaca *Variante:* Bauhinia forficata.

Patagonula americana L. – Boraginaceae

Variantes: Guaiuvira; Guajuvira; Guajuvira–branca; Guaraiúva; Guajubira; Guarapovira; Guatuvira; Guaibi.

Pau–amarelo

Variante: Euxylophora paraensis Huber Rutaceae.

Pau bala

Variante: Guarea trichilioides L. Meliaceae.

Pau brasil

Variante: Pau–brasil

Pau–brasil

Variantes: Brosimum rubescens Taubert Moraceae; Caesalpinia echinata (Lam.) – Leguminosaea–Caesalpinoideae.

Pau–cigarra

Variante: Senna multijuga.

Pau–d'algo

Variante: Gallesia integrifolia.

Pau de arara

Variante: Parkia pendula Benth Mimosaceae.

Pau de balsa

Variante: Ochroma pyramidale (Cav. Ex Lam.) Urban. Bombacaceae.

Pau de jangada

Variante: Ochroma pyramidale (Cav. Ex Lam.) Urban. Bombacaceae.

Pau–de–pernambuco

Variante: Caesalpinia echinata (Lam.) – Leguminosaea–Caesalpinoideae.

Pau de sabão

Variante: Guarea trichilioides L. Meliaceae.

Pau de sândalo

Variante: Parkia pendula Benth Mimosaceae.

Pau forquilha

Variante: Geissospermum sericeum Bth. & Hook. Apocynaceae.

Pau–óleo

Variante: Copaifera trapezifolia.

Pau–paraíba

Variante: Simarouba amara Aubl. – Simaroubaceae.

- Pau-pereira *Variante:* Geissospermum sericeum Bth. & Hook. Apocynaceae.
- Pau pombo *Variante:* Tapirira guianensis Aubl. Anacardiaceae.
- Pau roxo *Variante:* Pau-roxo
- Pau-roxo *Variantes:* Peltogyne recifencis Ducke – Leguminosae; Peltogyne cattingae Ducke
Caesalpiniaceae.
- Pau santo *Variante:* Zollernia paraensis Huber Caesalpiniaceae.
- Pequiá-marfim *Variante:* Aspidosperma desmanthum Benth. ex Muell. Arg. – Apocynaceae.
- Pequiarana *Variantes:* Caryocar villosum (Aubl.) Pers. – Caryocaraceae; Caryocar glabrum (Aubl.)
Pers. – Caryocaraceae.
- Pereira *Variante:* Geissospermum sericeum Bth. & Hook. Apocynaceae.
- Peroba-açu *Variante:* Aspidosperma polyneuron Muell. Arg – Apocynaceae.
- Peroba-comum *Variante:* Aspidosperma polyneuron Muell. Arg – Apocynaceae.
- Peroba-do-rio *Variante:* Aspidosperma polyneuron Muell. Arg – Apocynaceae.
- Peroba-mirim *Variante:* Aspidosperma polyneuron Muell. Arg – Apocynaceae.
- Peroba-miúda *Variante:* Aspidosperma polyneuron Muell. Arg – Apocynaceae.
- Peroba-paulista *Variante:* Aspidosperma polyneuron Muell. Arg – Apocynaceae.
- Peroba-rajada *Variante:* Aspidosperma polyneuron Muell. Arg – Apocynaceae.
- Pau-branco *Variante:* Drypetes variabilis Uittien.
- Pau-de-balsa *Variante:* Ochroma pyramidale (Cav. Ex Lam.) Urban. Bombacaceae.
- Pau-d'arco *Variante:* Tabebuia serratifolia (Vahl) Nichols – Bignoniaceae.
- Pau-d'arco-amarelo *Variante:* Tabebuia serratifolia (Vahl) Nichols – Bignoniaceae.
- Pau-ferro *Variante:* Machaerium scleroxylon Tul. Fabaceae.
- Pau-ferro-do-sul *Variante:* Holocalyx balansae.
- Pau-jacaré *Variantes:* Piptadenia gonoacantha; Laetia procera (P. & E.) Eichl.
- Pau-marfim *Variante:* Balfourodendron riedelianum (Engl.) – Rutaceae.
- Pau-pombo *Variante:* Tapirira guianensis Aubl. Anacardiaceae.

Pau-rainha *Variante:* Brosimum rubescens Taubert Moraceae.

Pau rosa *Variante:* Pau-rosa

Pau-rosa *Variante:* Aniba duckei; Aniba rosaeodora Ducke – Lauraceaerosimum rubescens Taubert Moraceae.

Pau-rosado *Variante:* Caesalpinia echinata (Lam.) – Leguminosaea-Caesalpinoideae.

Pau-roxo *Variantes:* Peltogyne recifencis Ducke – Leguminosae; Peltogyne cattingae Ducke Caesalpiniaceae.

Pau-santo *Variante:* Zollernia paraensis Huber Caesalpiniaceae.

Peito-de-pomba *Variante:* Tapirira guianensis Aubl. Anacardiaceae.

Peltogyne cattingae Ducke Caesalpiniaceae *Variantes:* Violeta; Coataquiçaua; Pau-roxo; Pau roxo; Roxinho.

Peltogyne lecointei Duckei Peltogyne confertiflora (Hayne) Benth Caesalpiniaceae
Variante: Roxinho.

Peltogyne recifencis Ducke – Leguminosae *Variante:* Pau-roxo.

Peltogyne spp. – Leguminosae Caesalpinoideae *Variante:* Roxinho.

Pente de macaco *Variante:* Apeiba echinata Gaertn.

Pequiá *Variantes:* Caryocar villosum (Aubl.) Pers. – Caryocaraceae; Caryocar glabrum (Aubl.) Pers. – Caryocaraceae.

Periquiteira *Variante:* Buchenavia spp.

Peroba *Variante:* Aspidosperma polyneuron Muell. Arg – Apocynaceae.

Peroba-amargosa *Variante:* Aspidosperma polyneuron Muell. Arg – Apocynaceae.

Peroba-do-norte *Variante:* Goupia glabra Aubl. – Goupiaceae.

Peroba-rosa *Variante:* Aspidosperma polyneuron Muell. Arg – Apocynaceae.

Pincel de macaco *Variante:* Duckeodendron cestroides Kuhl. Duckeodendraceae.

Pinheiro-bravo *Variante:* Podocarpus lambertiir.

Pinheiro-do-paraná *Variante:* Araucaria augustifolia (Bert.) O. Ktze. – Araucariaceae.

Pinho-do-paraná *Variante:* Pinheiro-do-paraná.

Pinus *Variante:* Pinus elliottii Engelm.

Pinus Elliottii *Variante:* Pinus elliottii.

Pinus elliotti *Variante:* Pinus Elliottii.

Pinus Taeda *Variante:* Pinus taeda.

Pinus taeda *Variante:* Pinus Taeda.

Pinus elliottii Engelm *Variante:* Pinus.

Piptadenia communis Benth. *Variante:* Faveira folha fina.

Piptadenia gonoacantha *Variante:* Pau-jacaré.

Piptadenia macrocarpa Benth. – Leguminosae *Variante:* Angico-preto.

Piptadenia suaveolens Miq. *Variante:* Faveira folha fina.

Piptadenia suaveolens Miq. – Leguminosae Mimosoideae *Variante:* Timborana.

Piptadenia suaveolens (Mcq) Mimosaceae *Variante:* Timborana.

Piptocarpha augustifolia *Variante:* Vassourão-branco.

Piqui *Variante:* Caryocar villosum (Aubl.) Pers. – Caryocaraceae.

Piquiá *Variante:* Caryocar villosum (Aubl.) Pers. – Caryocaraceae.

Piquiá marfim do roxo *Variante:* Piquiá-marfim-do-roxo.

Piquiá-marfim-do-roxo *Variante:* Aspidosperma desmanthum Benth. ex Muell. Arg. –
Apocynaceae.

Piquiarana *Variante:* Caryocar glabrum (Aubl.) Pers. – Caryocaraceae.

Piquiarana-da-terra-firme *Variante:* Caryocar glabrum (Aubl.) Pers. – Caryocaraceae.

Piquiarana-vermelha *Variante:* Caryocar glabrum (Aubl.) Pers. – Caryocaraceae.

Piquiá-vermelho *Variante:* Caryocar villosum (Aubl.) Pers. – Caryocaraceae.

Piranaúba *Variante:* Piranhea trifoliata Baju. Euphorbiaceae.

Piranhea trifoliata Baju. Euphorbiaceae *Variantes:* Piranheira; Piranaúba.

Piranheira *Variante:* Piranhea trifoliata Baju. Euphorbiaceae.

- Pithecelobium racemosum Ducke Mimosaceae *Variantes:* Angelim rajado; Angelim-rajado; Ingarana da terra firme; Urubuzeiro; Ingá caetitu.
- Pithecelobium racemosum (Vell.) Benth. *Variante:* Angelim-rajado.
- Planchonella pachycarpa Pires – Sapotaceae *Variante:* Goiabão.
- Platonia insignis Mart. – Guttiferae *Variantes:* Bacuri; Bacori; Bacuri-açu; Bacuri-amarelo; Bulandim; Pacouri; Pacuru.
- Platymiscium spp. – Leguminosae Papilionoideae *Variante:* Macacaúba.
- Platymiscium trinitatis Benth Fabaceae *Variante:* Macacaúba.
- Platymiscium ulei Harms Fabaceae *Variante:* Macacaúba.
- Podocarpus lambertiir *Variante:* Pinheiro-bravo.
- Pouferia sp – Sapotaceae *Variante:* Guapeva.
- Pouteria pachycarpa Pires Sapataceae *Variante:* Goiabão.
- Pouteria sp – Sapotaceae *Variantes:* Abiu-pitomba; Abiu pitomba; Abiurana.
- Pracuúba *Variante:* Mora paraensis Ducke Caesalpiniaceae.
- Pracuúba da terra firme *Variante:* Trichilia lecointei Ducke.
- Preciosa *Variante:* Aniba canelilla (H. B. K.) Mez.
- Procaxi *Variante:* Parkia pendula Benth Mimosaceae.
- Prunus brasiliensis *Variante:* Varoveira.
- Pseudobombax sp. – Bombacaceae *Variante:* Imbiruçu.
- Pterogyne nitens Tul. – Leguminosae *Variante:* Amendoim.
- Pupunharana *Variante:* Duckeodendron cestroides KuhlM. Duckeodendraceae.
- Pururu *Variante:* Endopleura uchi (Huber) Cuatr.

Q – q

Qualea albiflora Warm. – Vochysiaceae *Variantes:* Mandioqueira; Canela-mandioca; Mandioqueira-áspera; Mandioqueira-lisa.

Quaruba *Variantes:* Vochysia maxima Oucke. – Vochysiaceae; Vochysia spp. – Vochysiaceae.

Quaruba-branca *Variante:* Vochysia guianensis Aubl. Vochysiaceae.

Quarubarana *Variante:* Erisma uncinatum Warm. – Vochysiaceae.

Quaruba rosa *Variante:* Vochysia guianensis Aubl. Vochysiaceae.

Quarubatinga *Variantes:* Erisma uncinatum Warm. – Vochysiaceae; Vochysia guianensis Aubl. Vochysiaceae.

Quaruba-vermelha *Variante:* Erisma uncinatum Warm. – Vochysiaceae.

Quillaja brasiliensis Martius *Variante:* Saboneteira.

Quinarana *Variante:* Geissospermum sericeum Bth. & Hook. Apocynaceae.

R – r

Rabo de arara *Variante:* Parkia pendula Benth Mimosaceae.

Rainha *Variante:* Brosimum rubescens Taubert Moraceae.

Ritangueira *Variante:* Vouacapoua americana Aubl. – Leguminosae.

Rollinia exsucca (Dun.) A. DC. *Variante:* Envira.

Rosadinho *Variantes:* Micropholis venulosa (Mart. & Eichl.) Pièrre; Nermaluma anomala (Pires) Pires (ined.).

Roupala montana Aubl. – Proteaceae *Variantes:* Faieira; Faeira; Louro-faia; Carvalho-do-brasil; Carne-de-vaca.

Roxinho *Variantes:* Peltogyne lecointei Duckei Peltogyne confertiflora (Hayne) Benth Caesalpiniaceae; Peltogyne catinae Ducke Caesalpiniaceae; Peltogyne spp. – Leguminosae Caesalpinioideae.

Ruizterania albiflora (Marcano Bert.) – Vochysiaceae *Variante:* Mandioqueira.

S – s

Sabiu *Variante:* Parkia pendula Benth Mimosaceae.

Saboarana *Variante:* Swartzial laevicarpa Amshoff Caesalpiniaceae.

Saboarana-branca *Variante:* Swartzial laevicarpa Amshoff Caesalpiniaceae.

Saboneteira *Variante:* Quillaja brasiliensis Martius.

Salix humboldtiana *Variante:* Salseiro.

Salseiro *Variante:* Salix humboldtiana.

Santa rita *Variante:* Gordonia fruticosa.

Sapucaia *Variantes:* Lecythis pisonis Cambess. subsp. usitata (Miers) Mori & Prance; Lecythis paraensis Huber ex. Ducke; Lecythis pisonis Cambess.; Lecythis paraensis Huber ex Ducke – Lecythidaceae.

Sapucaia-vermelha *Variantes:* Lecythis pisonis Cambess. subsp. usitata (Miers) Mori & Prance; Lecythis paraensis Huber ex. Ducke.

Sapupira *Variantes:* Bowdichia virgilioides H. B. K. – Leguminosae; Diplotropis purpurea (Rich.) Amsh. Fabaceae.

Sapupira-da-mata *Variante:* Bowdichia virgilioides H. B. K. – Leguminosae.

Sapupira-da-várzea *Variante:* Diplotropis purpurea (Rich.) Amsh. Fabaceae.

Sapupira-do-campo *Variante:* Diplotropis purpurea (Rich.) Amsh. Fabaceae.

Sapupira-preta *Variante:* Diplotropis purpurea (Rich.) Amsh. Fabaceae.

Schefflera morototoni *Variante:* Mandiocão.

Schefflera morototoni (Aubl.) Decne. & Planch. – Araliaceae *Variante:* Morototó.

Schizolobium amazonicum (Huber) Ducke *Variante:* Paricá.

Schizolobium parahyba (Veli.) Blake – Leguminosae *Variante:* Guapuruva.

- Sclerolobium chrysophyllum Poepp. & Endl. *Variantes:* Tachi-pitomba; Tachi pitomba.
- Sclerolobium paniculatum *Variante:* Taxi-branco.
- Sclerolobium paraense Huber *Variantes:* Tachi branco; Tachi-branco.
- Scleronema micranthum (Ducke) Ducke – Bombacaceae *Variantes:* Cardeiro; Cedro bravo; Envira de cotia; Cedrinho.
- Scleronema praecox (Ducke) Ducke Bombacaceae *Variantes:* Castanha de paca; Castanha de paca vermelha; Castanha branca; Envira de veado.
- Sebipira *Variante:* Diplotropis purpurea (Rich.) Amsh. Fabaceae.
- Senna multijuga *Variante:* Pau-cigarra.
- Sicupira *Variante:* Diplotropis purpurea (Rich.) Amsh. Fabaceae.
- Simarouba amara Aubl. *Variante:* Marupá.
- Simarouba amara Aubl. – Simaroubaceae *Variantes:* Marapu; Marupá; Caxeta; Marupaúba; Paraparaíba; Pararaúba; Paraiúba; Pau-paraíba; Simaruba; Tamanqueira.
- Simarouba versicolor St. Hili. – Simaroubaceae *Variante:* Caixeta.
- Simaruba *Variante:* Simarouba amara Aubl. – Simaroubaceae.
- Sorva *Variante:* Malouetia duckei Mgf.
- Spondias lutea Linn. *Variante:* Taperebá.
- Sterculia pilosa Ducke *Variante:* Tacacazeiro.
- Sterculia speciosa K. Schum. *Variante:* Tacacazeiro.
- Sterculia speciosa K. Sch. – Sterculiaceae *Variantes:* Achichá; Chichá; Tacacazeiro.
- Sucará *Variante:* Gleditsia amorphoides.
- Sucupira *Variantes:* Diplotropis purpurea (Rich.) Amsh. Bowdichia nitida Spruce Fabaceae; Diplotropis purpurea (Rich.) Amsh. Fabaceae; Bowdichia nitida Spruce – Leguminosae Papilionoidae.
- Sucupira-açu *Variante:* Diplotropis purpurea (Rich.) Amsh. Fabaceae.
- Sucupira amarela *Variante:* Sucupira-amarela.
- Sucupira-amarela *Variante:* Enterolobium schomburgkii Benth. Mimosaceae.
- Sucupira-da-mata *Variante:* Diplotropis purpurea (Rich.) Amsh. Fabaceae.

Sucupira–da–terra–firme *Variante:* Diplotropis purpurea (Rich.) Amsh. Fabaceae.

Sucupira–do–igapó *Variante:* Bowdichia virgilioides H. B. K. – Leguminosae.

Sucupira–parda *Variante:* Bowdichia virgilioides H. B. K. – Leguminosae.

Sucupira preta *Variante:* Sucupira–preta.

Sucupira–preta *Variante:* Diplotropis purpurea (Rich.) Amsh. Fabaceae.

Sucupira vermelha *Variante:* Sucupira–vermelha.

Sucupira–vermelha *Variante:* Andira parviflora Ducke Fabaceae.

Sumaúma *Variantes:* Ceiba pentandra (L) Gaertn. – Bombacaceae; Ceiba pentandra Gaertn.

Sumaúma–barriguda *Variante:* Ceiba pentandra (L) Gaertn. – Bombacaceae.

Sumaúma–da–várzea *Variante:* Ceiba pentandra (L) Gaertn. – Bombacaceae.

Surucuba *Variante:* Trattinnickia burseraefolia (Mart.) Willd. – Burseraceae.

Surucubeira *Variante:* Trattinnickia burseraefolia (Mart.) Willd. – Burseraceae.

Swartzia laevicarpa Amshoff Caesalpiniaceae *Variantes:* Saboarana; Saboarana–branca.

Swartzia panacoco (Aubl.) Cowan Caesalpiniaceae *Variante:* Coração de negro.

Swietenia macrophylla *Variante:* Mogno.

Swietenia macrophylla King – Meliaceae *Variante:* Mogno.

Symphonia globulifera L. *Variante:* Anani.

Syzygiopsis oppositifolia Ducke *Variante:* Abiu branco.

T – t

Tabebuia alba *Variante:* Ipê–amarelo.

Tabebuia heptaphylla *Variante:* Ipê–roxo.

Tabebuia impetiginosa *Variante:* Ipê–rosa.

Tabebuia impetiginosa (Mart.) Standl. – Bignoniaceae *Variante:* Ipê.

- Tabebuia serratifolia (Vahl) Nichols – Bignoniaceae *Variantes:* Ipê; Ipê-amarelo; Ipê-do-cerrado; Ipeúva; Pau-d'arco; Pau-d'arco-amarelo.
- Tabebuia spp. – Bignoniaceae *Variante:* Ipê.
- Tacacazeiro *Variantes:* Sterculia speciosa K. Sch. – Sterculiaceae; Sterculia speciosa K. Schum.; Sterculia pilosa Ducke.
- Tachi branco *Variante:* Sclerolobium paraense Huber.
- Tachigalia myrmecophilla Ducke *Variantes:* Tachi-preto-folha-grande; Taxi-preto-folha-grande.
- Tachigali myrmecophila Ducke *Variantes:* Taxi; Taxi-pitomba; Taxi-preto; Taxi-preto-da-mata; Taxi-preto-folha-grande; Tachi-preto-folha-grande; Taxizeiro; Taxizeiro-preto.
- Tachigali myrmecophila Ducke – Leguminosae Caesalpinioideae *Variante:* Taxi.
- Tachi-branco *Variante:* Sclerolobium paraense Huber.
- Tachi pitomba *Variante:* Tachi-pitomba.
- Tachi-pitomba *Variante:* Sclerolobium chrysophyllum Poepp. & Endl.
- Tachi-preto-folha-grande *Variante:* Tachigalia myrmecophilla Ducke.
- Taiúva *Variante:* Maclura tinctoria.
- Talauma ovata *Variante:* Bagaçu.
- Tamanqueira *Variante:* Simarouba amara Aubl. – Simaroubaceae.
- Tamboril *Variantes:* Enterolobium maximum Ducke; Enterolobium maximum Ducke – Leguminosae Mimosoideae.
- Tanibuca *Variante:* Buchenavia spp.; Buchenavia spp. – Combretaceae.
- Tanimbuca *Variante:* Tanibuca.
- Taperebá *Variantes:* Cedrelinga catenaeformis Ducke – Leguminosae; Spondias lutea Linn.
- Taperibá-açu *Variante:* Cedrelinga catenaeformis Ducke – Leguminosae.
- Tapiá *Variante:* Alchornea triplinervia.
- Tapira-coiana *Variante:* Cassia ferruginea Schrad – Caesalpinaceae.
- Tapirira guianensis Aubl. *Variante:* Tatapiririca.

- Tapirira guianensis Aubl. Anacardiaceae *Variantes:* Pau-pombo; Pau pombo; Tatapiririca; Cedroí; Cupiúva; Peito-de-pomba.
- Tarumã branco *Variante:* Chitarexylum myrianthum.
- Tarumã-branco *Variante:* Tarumã branco.
- Tatajuba *Variantes:* Bagassa guianensis Aubl.; Bagassa guianensis Aubl. – Moraceae.
- Tatapiririca *Variantes:* Tapirira guianensis Aubl. Anacardiaceae; Tapirira guianensis Aubl.
- Tauari *Variantes:* Cariniana micrantha Ducke Lecythidaceae; Couratari oblongifolia Ducke & R. Knuth. – Lecythidaceae; Couratari oblongifolia Ducke & Knuth; Couratari guianensis Aubl.; Couratari stellata A. C. Smith; Couratari spp. – Lecythidaceae.
- Taúva *Variante:* Guarea trichilioides L. Meliaceae.
- Taxi *Variantes:* Tachigali myrmecophila Ducke; Tachigali myrmecophila Ducke – Leguminosae Caesalpinioideae.
- Taxi-branco *Variante:* Sclerolobium paniculatum.
- Taxi-pitomba *Variante:* Tachigali myrmecophila Ducke.
- Taxi-preto *Variante:* Taxizeiro-preto.
- Taxi-preto-da-mata *Variante:* Taxizeiro-preto
- Taxi-preto-folha-grande *Variantes:* Tachigali myrmecophila Ducke; Tachigalia myrmecophilla Ducke.
- Taxizeiro *Variante:* Tachigali myrmecophila Ducke.
- Taxizeiro-preto *Variante:* Tachigali myrmecophila Ducke.
- Teca *Variante:* Tectona grandis.
- Tectona *Variante:* Teca.
- Tento *Variante:* Ormosia paraensis Ducke.
- Tetragastris altissima (Aubl.) Swartz *Variante:* Breu manga.
- Timbaúba *Variantes:* Enterolobium schomburgkii (Benth.) Benth. – Leguminosae Mimosoideae; Enterolobium schomburgkii Benth. Mimosaceae; Enterolobium maximum Ducke.
- Timbaúva *Variante:* Enterolobium contortisiliquum.
- Timbó *Variante:* Anadenanthera peregrina.

Timbó-da-mata *Variantes:* Enterolobium schomburgkii (Benth.) Benth. – Leguminosae Mimosoideae;
Enterolobium schomburgkii Benth. Mimosaceae.

Timborana *Variantes:* Enterolobium schomburgkii Benth. Mimosaceae; Piptadenia suaveolens (Mcq)
Mimosaceae; Piptadenia suaveolens Miq. – Leguminosae Mimosoideae.

Topejar *v. Variante:* Procedimento de topejar.

Trattinnickia burseraefolia (Mart.) Willd. – Burseraceae *Variante:* Breu.

Trattinickia burserifolia (Mart.) Willd. *Variante:* Breu sucuruba.

Trichilia lecointei Ducke *Variante:* Pracuúba da terra firme.

U – u

Uassacu *Variante:* Hura crepitans L. – Euphorbiaceae.

Uchirana *Variante:* Vantanea parviflora Lam.

Ucuúba *Variante:* Virola surinamensis (Rol.) Warb.

Ucuúba-branca *Variante:* Virola surinamensis (Rol.) Warb.

Ucuúba-cheirosa *Variante:* Virola surinamensis (Rol.) Warb.

Ucuúba da terra firme *Variante:* Ucuúba-da-terra-firme.

Ucuúba-da-terra-firme *Variante:* Virola michellii Heckel.

Ucuubarana *Variante:* Iryanthera grandis Ducke.

Ucuúba-verdadeira *Variante:* Virola surinamensis (Rol.) Warb.

Umburana *Variante:* Amburana cearensis (Fr. All.) A. C. Smith – Leguminosae Papilionoideae.

Uncuúba-branca *Variante:* Virola surinamensis (Rol.) Warb.

Uncuúba-da-várzea *Variante:* Virola surinamensis (Rol.) Warb.

Urubuzeiro *Variante:* Pithecelobium racemosum Ducke Mimosaceae.

Urucu da mata *Variante:* Bixa arborea Huber.

Uxi *Variantes:* Endopleura uchi (Huber) Cuatr.; Endopleura uchi (Huber) Cuatrec. – Humiriaceae.

- Uxi-liso *Variante:* Endopleura uchi (Huber) Cuatr.
Uxi-pucu *Variante:* Endopleura uchi (Huber) Cuatr.
Uxi-verdadeiro *Variante:* Endopleura uchi (Huber) Cuatr.

V – v

- Vantanea parviflora Lam. *Variante:* Uchirana.
Varoveira *Variante:* Prunus brasiliensis.
Vassourão-branco *Variante:* Piptocarpha augustofolia.
Violeta *Variante:* Peltogyne catिंगae Ducke Caesalpiniaceae.
Virola *Variante:* Virola surinamensis (Rol.) Warb.
Virola bicuhyba *Variante:* Bicuíba.
Virola michellii Heckel *Variantes:* Ucuíba-da-terra-firme; Ucuíba da terra firme.
Virola surinamensis (Rol.) Warb. *Variantes:* Virola; Ucuíba; Uncuíba-branca; Bicuíba; Uncuíba-da-várzea; Ucuíba-verdadeira; Ucuíba-branca; Ucuíba-cheirosa; Árvore-do-sebo; Nós-moscado.
Visgueira *Variante:* Visgueiro.
Visgueiro *Variante:* Parkia pendula Benth Mimosaceae.
Vochysia guianensis Aubl. Vochysiaceae *Variantes:* Quaruba rosa; Quaruba-branca;
Quarubatinga.
Vochysia maxima Oucke. – Vochysiaceae *Variante:* Quaruba.
Vochysia spp. – Vochysiaceae *Variante:* Quaruba.
Vouacapoua americana *Variante:* Acapu.
Vouacapoua americana Aubl. – Leguminosae *Variantes:* Acapu; Ritangueira.

X - x

Xylopiia nitida Dun. *Variante:* Envira branca.

Z - z

Zeyheria tuberculosa *Variante:* Ipê-felpudo.

Zollernia paraensis Huber Caesalpiniaceae *Variantes:* Pau-santo; Pau santo; Muirapinima preta.

4.4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO DICIONÁRIO

1. ABIMCI: **Estudo setorial**. Curitiba, 2008.
2. ABIMCI: **Estudo setorial**. Curitiba, 2007.
3. ABIMCI: **Estudo setorial**. Curitiba, 1999.
4. ABIMCI. **PNQM e PMVA**. Disponível em: <<http://www.abimci.com.br/>>. Acesso em: 23 out. 2009.
5. AIMEX. **Árvore essencial**. Belém, 1995.
6. _____. **Espécies botânicas**. Disponível em: <<http://www.aimex.com.br/>>. Acesso em: 11 set. 2009.
7. _____. **Manejo florestal**. Disponível em: <<http://www.aimex.com.br/>>. Acesso em: 11 set. 2009.
8. _____. **Pará exporta mais produtos beneficiados**. Disponível em: <<http://www.aimex.com.br/>>. Acesso em: 11 set. 2009.
9. ALBUQUERQUE, C. E. C. de; ANDRADE, A. M. de. Eliminação da água da madeira através da pré-secagem com circulação forçada do ar ambiente. In: **Secagem**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
10. ALBUQUERQUE, C. E. C. de; IWAKIRI, S. A indústria brasileira de painéis de madeira. In: **Painéis**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
11. ALBUQUERQUE, C. E. C. de; MENDES, L. M. OSB: aspectos de produção, usos e vantagens sobre outros painéis. In: **Painéis**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
12. _____. OSB: processo industrial e considerações. In: **Painéis**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
13. ALMEIDA, O. (Org.). **A evolução da fronteira amazônica**: oportunidade para um desenvolvimento sustentável. Belém: IMAZON, 1996.
14. ALVES, M. V. da. **Potencial da bioenergia florestal**. Palestra apresentada no VIII Congresso Internacional de Compensado e Madeira Tropical. Belém, 25 e 26 de out. de 2007. 28 lâm. Disponível em: <www.aimex.com.br>. Acesso em: 28 out. 2009.
15. AMARAL, P. H. C. *et al.* **Floresta para sempre**: um manual para produção de madeira na Amazônia. Belém: IMAZON, 1998.
16. AMARAL, P. *et al.* **Guia para o manejo florestal comunitário**. Belém: IMAZON, 2007.
17. AMARAL, P.; AMARAL NETO, M. **Manejo florestal comunitário**: processos e aprendizagens na Amazônia brasileiro. Belém: IEB, IMAZON, 2005.

18. _____. **Manejo florestal comunitário na Amazônia brasileira: situação atual, desafios e perspectivas.** Brasília: IIEB, 2000.
19. AMAZONEX. **Indústria Exportadora S/A. Projeto Industrial.** Belém: SUDAM, 1982.
20. ANDRADE, A. de.; JANKOWSKY, I. P.; DUCATTI, M. A. Estudos identifica necessidade de programas de secagem. In: **Secagem: coletânea de artigos.** [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
21. ANGELO, H. *et al.* Rentabilidade das exportações brasileiras de madeira tropical. In: **Revista Floresta.** n. 33, [2003?]. p. 63-69.
22. ARIMA, E.; BARRETO, P.; BRITO, M. **Pecuária na Amazônia: tendências e implicações para a conservação ambiental.** Belém: Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia, 2005.
23. ARIMA, E.; BARRETO, P. **Rentabilidade da produção de madeira em terras públicas e privadas na região de cinco florestas nacionais da Amazônia.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2002.
24. ARIMA, E.; VERÍSSIMO, A. **Preços da madeira em pé em pólos madeireiros próximos de cinco florestas nacionais da Amazônia.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2002.
25. AZEVEDO, T. R. de. **Desafios da gestão florestal visando produção florestal sustentável.** Palestra apresentada no VIII Congresso Internacional de Compensado e Madeira Tropical. Belém, 25 e 26 de out. de 2007. 33 lám. Disponível em: <www.aimex.com.br>. Acesso em: 28 out. 2009.
26. BARRETO, P.; ARIMA, E. **Florestas nacionais na Amazônia: consultas a empresários madeireiros e atores afins à política florestal.** Brasília: [MMA?], 2002.
27. BARRETO, P. *et al.* **Pressão humana na floresta Amazônica brasileira.** Tradução de Gláucia Barreto e Tatiana Veríssimo. Belém: WRI, IMAZON, 2005.
28. BARRETO, P.; MESQUITA, M.; MERCÊS, H. **A Destinação dos bens apreendidos em crimes ambientais na Amazônia.** Belém: IMAZON, 2008.
29. BARRETO, P.; MESQUITA, M. **Como prevenir e punir infrações ambientais em áreas protegidas na Amazônia?** Belém: IMAZON, 2009.
30. BARRETO, P. *et al.* **Política e administração fundiária na Amazônia.** Brasília: IMAZON, 2007. Palestra. Disponível em: <www.imazon.org.br>. Acesso em: 5 out. 2009.
31. BARRETO, P. *et al.* **Custos e benefícios do manejo florestal para produção de madeira na Amazônia Oriental.** Série Amazônia, n° 10. Belém: IMAZON, 1998.
32. BARROS, A. C.; VERÍSSIMO, A. **Expansão Madeireira na Amazônia: impactos e perspectivas para o desenvolvimento sustentável no Pará.** 2 ed. Belém: IMAZON, 2002.

33. _____. **Informações e sugestões para a criação e gestão de florestas públicas na Amazônia.** Brasília: MMA, 2002.
34. _____. **A expansão da atividade madeireira na Amazônia: impactos e perspectivas para o desenvolvimento do setor florestal no Pará.** Belém: IMAZON, 1996.
35. BARROS, A. C.; UHL, C. **Padrões, problemas e potencial da extração madeireira ao longo do Rio Amazonas e do seu estuário.** Série Amazônia, n. 4. Belém: IMAZON, 1997.
36. BATISTA, R. A. **Manual técnico de serraria: instalação, funcionamento e manutenção de serrarias.** Tucuruí: [s.n.], 1982.
37. BECKER, B. K.; LÉNA, P. **Pequenos empreendimentos alternativos na Amazônia.** [Rio de Janeiro]: UFRJ, 2002.
38. BENSUSAN, N.; ARMSTRONG, G (Orgs.). **O manejo da paisagem e a paisagem do manejo.** Brasília: IIEB, 2008.
39. BERARDO, K.; VERÍSSIMO, A.; UHL, C (Ed.). **O Pará no século XXI: oportunidades para o desenvolvimento sustentável.** Belém: IMAZON, 1998.
40. BRASIL. **Código Florestal Brasileiro** (comentado). Lei n. 4.771, de 15 de setembro de 1965. Disponível em: <www.riscorural.com.br>. Acesso em: 22 nov. 2009.
41. BRASIL. Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal. **Norma para classificação de madeira serrada de folhosas.** Brasília, 1983.
42. BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei Federal, nº 11.284**, de 2 de março de 2006. Brasília, 2006. Disponível em: <<http://www.ideflor.pa.gov.br/>>. Acesso em: 5 março 2009.
43. BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Conselho Nacional do Meio Ambiente. **Resolução nº 411**, de 6 de maio de 2009. Disponível em: <www.mma.gov.br>. Acesso em: 18 dez. 2009.
44. BRASIL. SUDAM. Departamento de Recursos Naturais. **Tecnologia de produtos florestais na Amazônia.** Belém: Divisão de Documentação, 1973.
45. BRITO, B.; BARRETO, P. **A Eficácia da aplicação da lei de crime ambientais pelo IBAMA para proteção de florestas no Pará.** Belém: [s. n.], [2005?].
46. BRITO, B.; BARRETO, P. Aplicação da lei de crimes ambientais pela justiça federal no setor florestal do Pará. **Revista de Direito Ambiental.** n. 37. [S.l.]: abril 2004.
47. BUAINAIN, A. M.; BATALHA, M. O. (Coord.). **Cadeia produtiva de madeira.** V. 6. Brasília: IICA, MAPA/SPA, 2007.
48. CAMPOS, C. I. de. Processo produtivo de chapa de fibra de média densidade (MDF). In: **Painéis: coletânea de artigos.** [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).

49. CAMPOS, C. I. de; LAHR, F. A. R. Painéis produzidos com Pinus. In: **Painéis**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
50. CARLOS, V. Resistência natural da madeira ao ataque de cupins. In: **Preservação da madeira**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
51. CARNEIRO, M. S. A construção social do mercado de madeiras certificadas na Amazônia Brasileira: a atuação das ONGs ambientalistas e das empresas pioneiras. **Sociedade e Estado**. v. 22, n. 3. Brasília, set/dez 2007. p. 681-713.
52. _____. ONGs, *expertise* e o mercado do desenvolvimento sustentável: a certificação florestal na Amazônia brasileira. **Novos Cadernos do NAEA**. v. 9, n. 1. Belém, jun 2006. p. 131-159.
53. CARVALHO, D. F.; SANTANA, A. C.; MENDES, F. A. T. Análise de *cluster* da indústria de móveis de madeira do Pará. **Novos Cadernos do NAEA**. v. 9, n. 2. Belém, dez 2006. p. 25-54.
54. CARVALHO, G. dos S. C. **O Setor madeireiro no Pará**. Belém: AIMEX, 2007. (Palestra). 13 lâm.
55. CARVALHO, G. dos S. Madeira: uma riqueza renovável. **Nosso Pará**. Belém: [s.n.], 2000.
56. CARVALHO, G. **A indústria de base florestal no Pará**. Belém: VER, [s.d.].
57. CARVALHO, J. O. P. de. Estruturas de matas altas sem babaçu na floresta nacional do Tapajós. **A silvicultura na Amazônia Oriental**: contribuições do projeto EMBRAPA (DFID). [S.l.: s.n.], 2001.
58. CIPRASA. **Projeto industrial**: colaboração financeira e fiscal. Paragominas: [s.n.], 1988.
59. CLEMENT, C. R.; HIGUCHI, N. A floresta amazônica e o futuro do Brasil. **Ciência e Cultura**. Ano 58, Nº 3, 2006.
60. CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (CNI). **Brasil**: panorama macroeconômico. Palestra apresentada no VIII Congresso Internacional de Compensado e Madeira Tropical. Belém, 25 e 26 de out. de 2007. 50 lâm. Disponível em: <www.aimex.com.br>. Acesso em: 28 out. 2009.
61. CONGRESSO INTERNACIONAL DE COMPENSADOS DE MADEIRA TROPICAL, 1., de 27 a 30 out. 1992, Manaus. **Anais**. Manaus: CIC, 1992.
62. CONGRESSO INTERNACIONAL DE COMPENSADO E MADEIRA TROPICAL, 4., de 26 a 30 out. 1999, Belém. **Anais**. Belém: ABIMCI, 1992.
63. CORNO, G. O. M. dal. **Terminologia da indústria moveleira: um estudo descritivo**. 2006. 312 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

64. ELEOTÉRIO, J. R. Propriedades físicas e mecânicas de painéis MDF. In: **Painéis: coletânea de artigos**. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
65. FALESI, I.C.; BAENA, A. R. C. **Mogno africano Kahya ivorensis A. Chev. em sistema silvipastoril com leguminosa e revestimento natural do solo**. Belém: EMBRAPA, 1999.
66. FEDALTO, L. C.; MENDES, I. da C. A.; CORADIN, V. T. R. **Madeiras da Amazônia: descrição do lenho de 40 espécies ocorrentes na floresta nacional do Tapajós**. Brasília: IBAMA, 1989.
67. FERNANDES, J. L. G. Adequação de produtos à preservação de madeira. In: **Secagem: coletânea de artigos**. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
68. FERNANDES, I.; BRITO, B.; BARRETO, P. Lições para divulgação da lista de infratores ambientais no Brasil. **Revista de Direito Ambiental**. N° 50. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2008.
69. FERREIRA, M. do S. G. *et al.* **Quantificação e valorização de produtos da floresta secundária**. Belém: EMBRAPA, 2006.
70. FERREIRA, O. C. **Emissão de gases de efeito estufa na produção e uso do carvão vegetal**. [S. l.: s. n.], [2000?]. Disponível em: <<http://ecen.com/eee20/emiscarv.htm>>. Acesso em: 04/02/2010.
71. FLORES, M. do S. A. **O meio ambiente e a proteção dos recursos florestais no Pará: uma abordagem jurídica**. Belém: UFPA, 1999.
72. FLORESTECA. **Mercado de madeira tropical reflorestada**. Palestra apresentada no VIII Congresso Internacional de Compensado e Madeira Tropical. Belém, 25 e 26 de out. de 2007. 36 lâm. Disponível em: <www.aimex.com.br>. Acesso em: 28 out. 2009. 36 lâm.
73. FOLHA DA MATA. Belém: [s.n.], ano 1, n° 6, dezembro 2005.
74. FOLHA DA MATA. Belém: [s.n.], ano 1, n° 5, novembro 2005.
75. FOLHA DA MATA. Belém: [s.n.], ano 1, n° 4, outubro 2005.
76. FOLHA DA MATA. Belém: [s.n.], ano 1, n° 3, setembro 2005.
77. FOLHA DA MATA. Belém: [s.n.], ano 1, n° 2, agosto 2005.
78. FONSECA, F. O. **Contribuição para o desenvolvimento de compósito cimento-madeira com materiais da região amazônica**. 2005. 131 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Universidade Federal do Pará, Brasil, 2005.
79. FSC. **Conselho Brasileiro de Manejo Florestal – FSC Brasil**. [Brasília], 2006.
80. _____. **Cartilha da certificação**. Brasília, [2008?].
81. _____. **Manejo florestal responsável: a relação entre os aspectos ambientais, sócio-culturais e econômicos**. [Brasília], [2007?].

82. _____. **Padrão FSC para avaliação, pela empresa, de madeira controlada pela FSC.** Tradução por Conselho Brasileiro de Manejo Florestal - FSC Brasil. [S.l.], 2004.
83. _____. **Padrão FSC para a certificação de cadeia de custódia.** Tradução por Conselho Brasileiro de Manejo Florestal - FSC Brasil. [S.l.], 2008.
84. _____. **Padrão FSC para aquisição de material recuperado para usos em grupos de produtos FSC ou em projetos certificados de acordo com o FSC.** Tradução por Conselho Brasileiro de Manejo Florestal - FSC Brasil. [S.l.], 2007.
85. _____. **Padrão de certificação do FSC para o manejo florestal em pequena escala e de baixa intensidade em florestas nativas da Amazônia brasileira.** Tradução por Conselho Brasileiro de Manejo Florestal - FSC Brasil. [S.l.], 2004.
86. GASPARETTO, O. **Compatibilidade do desenvolvimento com a preservação e conservação de recursos na Amazônia.** Palestra proferida durante o II Congresso Internacional de Compensado e Madeiras Tropicais. [S.l.: s.n], 1994.
87. GERALDO, F. C. Madeira preservada agrega valor à construção. In: **Preservação da madeira: coletânea de artigos.** [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
88. GERWING, J. *et al.* **O rendimento no processamento de madeira no Estado do Pará.** Série Amazônia, n. 18. Belém: IMAZON, 2001.
89. GERWING, J.; VIDAL, E. **Desenvolvimento de florestas pela exploração madeireira e fogo na Amazônia Oriental Brasileira.** Série Amazônia, n. 20. Belém: IMAZON, 2002.
90. GLOBO RURAL. São Paulo: Globo, n° 226, agosto, 2004.
91. GONÇALVES, R.; COSTA, O. A. L. Acompanhamento da secagem da madeira de Pinus, Eucalipto e Embuia utilizando ultra-som. In: **II Congresso Íbero-americano de Pesquisa e Desenvolvimento de Produtos Florestais e I Seminário em Tecnologia da Madeira e Produtos Florestais Não-madeiráveis.** De 9 a 13 de set. de 2002. Curitiba: [s. n.], 2002.
92. GROGAN, J.; BARRETO, P; VERÍSSIMO, A. **Mogno na Amazônia brasileira: ecologia e perspectiva de manejo.** Belém: IMAZON, 2002.
93. GUERRA, F. **A exploração da floresta amazônica e seu significado econômico: um projeto modelo de exploração florestal.** Belém: SUDAM, 1971.
94. GUERRA, F. C. U. **Serrarias: subsídios técnicos.** Belém: SUDAM, 1983.
95. HERMES, G. **Não à exportação de madeiras em toras.** Discurso pronunciado na Sessão de 28 de setembro de 1983. Brasília, 1983.
96. HUMMEL, A. C. **Normas de acesso ao recurso florestal na Amazônia Brasileira: o caso do manejo.** 2001. 103 f. Dissertação (Mestrado em Biologia Tropical e Recursos Naturais). Manaus: INPA/UA, 2001.

97. IBAMA. **Comercialização de produtos madeireiros da Amazônia de 1999-2000**. [S.l.]: 2002.
98. _____. Diretoria de Incentivo à Pesquisa e Divulgação. Laboratório de Produtos Florestais. **Padronização da nomenclatura comercial brasileira das madeiras tropicais amazônicas**. Brasília: IBAMA, 1991.
99. IBDF. **Madeiras da Amazônia: características e utilização**. Brasília: CNPQ, 1981.
100. _____. **Potencial madeireiro do Grande Carajás**. Brasília, 1983.
101. _____. **Norma de controle de qualidade e classificação de compensados**. [S.l.: s.n], 1985.
102. IBGE. **Vocabulário básico de recursos naturais e meio ambiente**. 2. ed. Rio de Janeiro, 2004.
103. IMAZON. **Estatuto social**. Belém, 1990.
104. IMAZON. **Certificação florestal e movimentos sociais na Amazônia: Relatório do Seminário 2002**. Belém, 2003.
105. IMAZON. **Relatório de atividades 1999 – 2000**. Belém, 2001.
106. IMAZON. **Relatório de atividades 2001 – 2002**. Belém, 2003.
107. IMAZON. **Relatório de atividades 2003 – 2004**. Belém, 2005.
108. IMAZON. **Relatório de atividades 2005 – 2006**. Belém, 2007.
109. IMAZON. **Relatório de atividades 2007**. Belém, 2008.
110. IMAZON. **Relatório de atividades 2008**. Belém, 2009.
111. INSTITUTO FLORESTA TROPICAL. **Relatório de atividades 2007 – 2008**. Belém, 2008.
112. JANKAUSKIS, J. **Recuperação de florestas tropicais mecanicamente exploradas**. Belém: SUDAM, 1978.
113. JANKOWSKY, I. P. Defeitos na secagem de madeiras. In: **Secagem: coletânea de artigos**. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
114. _____. Secagem adequada é decisiva para qualidade. In: **Secagem: coletânea de artigos**. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
115. _____. Tratamento preservativo da madeira de Pinus. In: **Preservação da madeira: coletânea de artigos**. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).

116. _____. Secagem e qualidade: agregando valor aos manufaturados de madeira. In: **Secagem**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
117. JANKOWSKY, I. P.; BARILLARI, C. T.; FREITAS, V. P. Tratamento preservativo da Madeira de Pinus. In: **Preservação da madeira**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
118. _____. A preservação de madeira no Brasil. In: **Secagem**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
119. JOHNS, J. S.; BARRATO, P.; UHL, C. **Os danos da exploração de madeira com e sem planejamento na Amazônia Oriental**. Série Amazônia, nº 16. Belém: IMAZON, 1998.
120. JUNIOR, C. M. de S. Avanços do sensoriamento remoto para o monitoramento da exploração madeireira na Amazônia. **Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto**. Florianópolis: INPE, de 21 a 26 de abril de 2007. p. 6.987-6.994.
121. LACERDA, J. S. de. **O Desmatamento evitado**: mercado voluntário de redução de emissões e o MDL no âmbito do Protocolo de Kyoto. Oportunidades e fragilidades dos dois sistemas para o setor florestal. Palestra apresentada no VIII Congresso Internacional de Compensado e Madeira Tropical. Belém, 25 e 26 de out. de 2007. 24 lâm. Disponível em: <www.aimex.com.br>. Acesso em: 28 out. 2009.
122. LENTINI, M.; VERÍSSIMO, A.; SOBRAL, L. **Fatos florestais da Amazônia 2003**. Belém: IMAZON, 2003.
123. LENTINI, M. *et al.* **Fatos florestais da Amazônia 2005**. Belém: IMAZON, 2005.
124. LIMA, A. M. de. **Influência de três tipos de tratamentos físicos na resistência à compressão de compósitos cimento-madeira à base de resíduos de serraria**. 2005. 112 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2005.
125. LOPES, B. M. **Uso da capoeira na extração de lenha**: em três comunidades locais no pólo Rio Capim do PROAMBIENTE – PA. 2006, 99f. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.
126. LOPES, C. A. C. *et al.* **Propriedades físico-mecânicas e usos comuns de espécies de madeiras da Amazônia**. Belém: SUDAM, 1983.
127. LOPES, M.; GARCIA, A. Controle da qualidade na colagem de painéis de madeira. In: **Painéis**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
128. LOUREIRO, A. A.; SILVA, M. F. da. **Catálogo das madeiras da Amazônia**. v. I e II. Belém: SUDAM, 1968.
129. LOUZADA, J. L. P. C.; MARCOS, S. M. R.; SILVA, M. E. C. M. SPMO 01 Avaliação do comportamento de secagem da madeira em estufa, para 14 espécies florestais. In: **II Congresso Ibero-Americano de Pesquisa e Desenvolvimento de Produtos Florestais e I**

- Seminário em Tecnologia da Madeira e Produtos Florestais Não-Madeiráveis.** Curitiba: [s.n], 2002.
130. MACEDO, A. N.; DIAS, A. A.; BARATA, T. Q. F. **Madeira tropical da Amazônia como alternativa para aplicação em madeira laminada colada (MLC).** [S. l.]: [s. n.], [1999?].
131. MARQUESINI, M.; EDWARDS, G. **Madeira ilegal e predatória na região de Santarém: um estudo de caso.** [S.l.: s.n], 2001.
132. MARTINI, A.; ROSA, N. de A.; UHL, C. **Espécies de árvores potencialmente ameaçadas pela atividade madeireira na Amazônia.** Série Amazônia, n. 11. Belém: IMAZON, 1998.
133. MARTINS, V. A. *et al.* Unidade de equilíbrio e risco de apodrecimento da madeira em condições de serviço no Brasil. **Brasil Florestal.** Ano XXII, N° 76, Brasília: IBAMA, 2003.
134. MATTOS, R. R.; GONÇALVES, R. M.; CHAGAS, F. B. das. **Painéis de madeira no Brasil: Panorama e perspectivas.** Rio de Janeiro: BNDES, 2008. Disponível em: <www.bndes.gov.br>. Acesso em: 20/12/2009.
135. MEDINA, G. **A Vida dirige o rio: cem anos de ocupação cabocla e extrativismo madeireiro no Alto Capim.** 2003. 91 f. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2003.
136. MENDES, L. M. Produção de painéis de OSB com Pinus. In: **Painéis: coletânea de artigos.** [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
137. MENDES, L. M.; ALBUQUERQUE, C. E. C. de; IWAKIRI, S. **Compensados sarrafeados: qualidade da madeira, aspectos de produção e aproveitamento de resíduos.** [S.l.: s. n.], [2000]. Disponível em: <http://www.editora.ufla.br/BolTecnico/pdf/bol_39.pdf>. Acesso em: 20/12/2009.
138. MENEZES, M. de N. A.; GUERRA, G. A. D. Exploração de madeiras no Pará: semelhanças entre as fábricas reais do período colonial e as atuais serrarias. **Cadernos de Ciência e Tecnologia.** V. 15, n°3. Brasília: [s.n], 1998.
139. MINISTÉRIO DO INTERIOR. **Programa de desenvolvimento industrial para a Região do PRODIAT.** Brasília: MI, 1985.
140. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Meio Ambiente: ações estratégicas.** Brasília, 2008.
141. MONTEIRO, A. L. S. *et al.* Impactos da exploração madeireira e do fogo em florestas de transição da Amazônia Legal. **Scientia Forestalis.** n. 65. [S.l.]: IPEF, jun. 2004. p. 11-21.
142. MONTEIRO, S. de S. M. **A Produção de pequenos objetos de madeira. Um estudo de caso: a empresa “Móveis Souza”.** 2006. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

143. MONTEIRO, A. *et al.* **Transparência manejo florestal**: Estado do Pará. Belém: IMAZON, 2008. Disponível em: <www.imazon.org.br>. Acesso em: 22 nov. 2009.
144. MORESCHI, J. C. Biodeterioração e preservação da madeira. In: **Preservação da madeira**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
145. MORESCHI, J. C. *et al.* Proteção contra fungos da madeira. In: **Preservação da madeira**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
146. NARDELLI, A. M. B.; GRIFFITH, J. J. Mapeamento conceitual da visão de sustentabilidade de diferentes atores do setor florestal brasileiro. **Revista Árvore – SIF**. V. 27, N° 2. Viçosa: SIF, 2003.
147. OLIVEIRA, J. T. da S.; CARVALHO, A. M. M. L. Secagem e preservação da madeira de eucalipto. In: **Secagem**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
148. OLIVEIRA, J. T. da S.; SILVA, J. de C. Durabilidade natural e preservação da madeira de eucalipto. In: **Preservação da madeira**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
149. OLIVEIRA, F. V. de; VITAL, R. B. Propriedades de painéis fabricados com madeira e plásticos. In: **Painéis**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
150. OLIVEIRA, V. M. de *et al.* Adequação às normas e qualidade da madeira serrada para fins estruturais comercializada no distrito federal. **Floresta**. v. 38, n. 3. Curitiba: Floresta, jul/set 2008.
151. ORMOND, J. G. P. **Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais**. Rio de Janeiro: BNDES, 2004.
152. PAES, J.; MORAIS, V.; LIMA, C. de. Estudo avalia resistência de madeira a cupins. In: **Preservação da madeira**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
153. PALMIERI, R., VERÍSSIMO, A.; FERRAZ, M. **Guia de consultas públicas para unidade de conservação**. Piracicaba: IMAFLORA; Belém: IMAZON, 2005.
154. PARÁ. **Lei ambiental do Estado do Pará**. Lei n. 5.887, de 9 de maio de 1995. Belém: SECTAM, 2005.
155. PEREIRA, J. C. D.; FERRAZ, E. S. de B.; TOMASELL, I. **Boletim de pesquisa e desenvolvimento 17**: avaliação dos gradientes de umidade formados durante a secagem da madeira de *Pinus elliottii var. elliottii*. Colombo (PR): EMBRAPA, outubro, 2004.
156. PERACCHI, I. **Os desafios do manejo florestal em áreas privadas**. Palestra apresentada no VIII Congresso Internacional de Compensado e Madeira Tropical. Belém, 25 e 26 de out. de 2007. 19 lâm. Disponível em: <www.aimex.com.br>. Acesso em: 28 out. 2009.
157. PIMENTA, A. C. **Empresas madeireiras com certificação florestal e marketing verde**: estratégias comunicacionais do grupo CIKEL. 2008, 121p. Dissertação (Mestrado em

- Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.
158. PIZZTTO, L.; PIZZATTO, R. (Orgs.). **Dicionário socioambiental brasileiro**. Curitiba: Tecnodata Educacional, 2009.
159. POKORNY, B.; SOUSA, R. **Diagnóstico sócio-econômico da indústria madeireira Peracchi, no município de Tailândia, Estado do Pará**. Belém: EMBRAPA, 2000.
160. PORTELA, E. M. **O comércio internacional de produtos naturais e a questão atual da madeira na Amazônia: análise do caso Santarém-PA**. 2000. 113f. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2000.
161. PRADA, O. J. **Pré-fabricação e comportamento de vigas “i” em madeira**. 2003. 114f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PECV0267.pdf>>. Acesso em: 20/12/2009.
162. RAZERA, D. L. **Estudo sobre as interações entre as variáveis do processo de produção de painéis aglomerados e produtos moldados de madeira**. 2006. 157 f. Tese (Doutorado em Engenharia Florestal) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/1884/6339/1/Dalton_Razera_Tese.pdf>. Acesso em: 20/12/2009.
163. REMADE. Casas em madeira reflorestada e painéis. In: **Painéis**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
164. _____. Conservação de energia elétrica na secagem de Pinus. In: **Secagem**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
165. _____. Controle da secagem é decisivo na qualidade da madeira. In: **Secagem**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
166. _____. Estudo detalha benefícios do equilíbrio da umidade. In: **Secagem**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
167. _____. História e evolução da madeira compensada no Brasil. In: **Painéis**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
168. _____. **Madeiras brasileiras**: características e propriedades. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
169. _____. Preservação de madeiras: sistema de classes de risco. In: **Preservação da madeira**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
170. _____. Processo inadequado prejudica madeira. In: **Secagem**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
171. _____. Secagem de Pinus e seus problemas. In: **Secagem**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).

172. _____. Sistema de preservação por autoclave. In: **Preservação da madeira:** coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
173. _____. Termos técnicos do compensado e laminado. In: **Painéis:** coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
174. REVISTA DA INDÚSTRIA MADEIREIRA. Referência feira de Belém: foco de esperanças do setor madeireiro. N° 96, outubro, 2009.
175. REVISTA DA MADEIRA. Curitiba: Lettech Ed. e Gráfica, n° 119, março, 2009.
176. _____. Curitiba: Lettech Ed. e Gráfica, n° 118, fevereiro, 2009.
177. _____. Curitiba: Lettech Ed. e Gráfica, n° 117, novembro, 2008.
178. _____. Curitiba: Lettech Ed. e Gráfica, n° 107, setembro, 2007.
179. _____. Curitiba: Lettech Ed. e Gráfica, n° 84, outubro, 2004. 8 p. Disponível em: <www.remade.com.br>. Acesso em: 20/12/2009.
180. REVISTA FURNAS. [S.l.: s.n], n° 325, outubro, 2005.
181. RIVERA, S. L. de M. **O nó da madeira:** modelagem e simulação multiagentes da exploração madeireira em Rondônia. 2004, 184f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2004.
182. ROCHA, E. S. da *et al.* Avaliação da densidade ótima de estradas florestais em dois sistemas de exploração florestal no Estado do Pará. **Revista de Ciências Agrárias.** N° 47. Belém: UFRA, 2007.
183. _____. Avaliação de um sistema operacional de exploração vegetal utilizado na Amazônia. **Revista de Ciências Agrárias.** N° 47. Belém: UFRA, 2007.
184. ROSA, L. dos S.; POKORNY, B. Potencial madeireiro e florístico de duas áreas de floresta primária com diferentes níveis de alteração antrópica, localizadas na vila Boa Esperança, em Moju, Pará. **Revista de Ciências Agrárias.** N° 42. Belém: UFRA, 2004.
185. RUA, D.; SANTOS, E. F. dos; MASSAROTH, L. F. M. **Produto certificado FSC:** conheça as normas para produzir e comercializar. Piracicaba (SP): IMAFLORA, 2009.
186. SÁ, J. D. *et al.* **Legislação ambiental:** Mato Grosso. Série boas práticas. Livro 4. Belém: UFPA./NAEA, 2009.
187. SABOGAL, C. *et al.* **Manejo florestal empresarial na Amazônia brasileira:** restrições e oportunidades. Belém: CIFOR, 2006.
188. SALOMÃO, R. de; TEREZO, E. F. de M.; JARDIM, M. A. G. (Orgs.). **Manejo florestal nas várzeas:** oportunidades e desafios. Belém: MPEG, 2007.

189. SANGUINO, A. C. *et al.* Avaliação econômica de sistemas agroflorestais no Estado do Pará. **Revista de Ciências Agrárias**. N° 47. Belém: UFRA, 2007.
190. SANTANA, A. C. de. Análise da competitividade sistêmica da indústria de madeira no Estado do Pará. **Revista de economia e agronegócio**. v. 1, n. 2. Belém: aceite para publicação em 30/05/2003.
191. SANTINI, E. J. Controle da temperatura da madeira auxilia secagem. In: **Secagem: coletânea de artigos**. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
192. SANTOS, M. A. S. dos. **Organização e competitividade das micros e pequenas empresas de artefatos de madeira do Estado do Pará**. 2002, 162 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade da Amazônia, Belém, 2002.
193. SANTOS, M. A. S. dos; SANTANA, A. C. de. **Análise da competitividade das micro e pequenas empresas de artefatos de madeira do Estado do Pará**. [Belém]: [s. n.], [2002?].
194. SCHNEIDER, R. R. *et al.* **Amazônia sustentável: limitantes e oportunidades para o desenvolvimento rural**. Belém: IMAZON, 2000.
195. SCHOLZ, I. **Comércio, meio ambiente e competitividade: o caso da indústria madeireira no Pará**. Belém: SECTAM, 2002.
196. SECTAM. **Guia Florestal 3: índice de participação no comércio da madeira por tipo de produto**. [S.l.], 2007. Disponível em: <www.sectam.pa.gov.br>. Acessado em: 19 março 2008.
197. SECTAM. **Guia Florestal 2: produtos da madeira, comercializados através da Guia Florestal GF2 no Estado do Pará – com totalizações mensais e anuais**. [S.l.], 2007. Disponível em: <www.sectam.pa.gov.br>. Acessado em: 19 março 2008.
198. SECTAM. **Guia Florestal 1: extração e movimentação de toras de madeiras nativas por município**. [S.l.: s.n.], 2007. Disponível em: <www.sectam.pa.gov.br>. Acessado em: 19/04/2008.
199. SECTAM. **Guia Florestal 1: extração e movimentação de toras de madeiras nativas**. [S.l.], 2009. Disponível em: <www.sectam.pa.gov.br>. Acessado em: 19/04/2008.
200. SECTAM. **Guia Florestal 1: produtos da madeira, comercializados através da Guia Florestal GF1 no Estado do Pará – com totalizações mensais e anuais**. [S.l.], 2007. Disponível em: <www.sectam.pa.gov.br>. Acessado em: 19 março 2008.
201. SECTAM. **Guia Florestal 1: produtos da madeira, comercializados através da Guia Florestal GF1 no Estado do Pará – com totalizações mensais e anuais**. [S.l.], 2008. Disponível em: <www.sectam.pa.gov.br>. Acessado em: 19 março 2008.
202. SEFA. **Boletim de preços mínimos de mercado: madeira**. 2008. 23 p. Disponível em: <<http://www.sefa.pa.gov.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2010.

203. SEMA. **Gestão de florestas manejadas**: aplicando o conceito de manejo florestal: EMBRAPA/AGRICULTURA, 2006. Palestra, 25 lâminas. Disponível em: <<http://www.sema.pa.gov.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2010.
204. _____. **Extração e movimentação de toras de madeira nativa por municípios**: através da Guia Florestal GF 1 no Estado do Pará – Brasil. Disponível em: <www.sema.pa.gov.br>. Acesso em: 11 fev. 2008.
205. _____. **Extração e movimentação de toras de madeira nativa**: através da Guia Florestal GF 1 no Estado do Pará – Brasil. Disponível em: <www.sema.pa.gov.br>. Acesso em: 23 out. 2007.
206. SENAI. **Projeto de atendimento à área da madeira – MR 201**: planejamento estratégico. Rio Branco: [s.n], 1996.
207. SERVIÇO FLORESTAL BRASILEIRO. **Gestão das Florestas Públicas**: relatório 2008. Brasília, 2009.
208. _____. **Gestão das Florestas Públicas**: relatório 2007. Brasília, 2008.
209. _____. **Gestão das Florestas Públicas**: relatório 2006. Brasília, 2007.
210. _____. **Licitação do 1º lote de concessão florestais – Floresta Nacional do Jamari (RO)**: minuta de Edital de Licitação. Palestra apresentada no VIII Congresso Internacional de Compensado e Madeira Tropical. Belém, 25 e 26 de out. de 2007. 42 lâm. Disponível em: <www.aimex.com.br>. Acesso em: 28 out. 2009.
211. _____. **Gestão florestal para a produção sustentável de bens e serviços no Brasil**. Belém, 2009.
212. _____. **Perguntas e respostas sobre concessões florestais**. Brasília, nov. 2007.
213. SETOR FLORESTAL-MADEIREIRO NA AMAZÔNIA. **A indústria florestal madeireira na Amazônia**. Belém: [s.n.], [2000?].
214. SILVA, J. de C. Estufa solar: uma opção para secagem de madeira. In: **Secagem**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
215. _____. Secagem da madeira de acaulipto. In: **Secagem**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
216. SMERALDI, R.; VERÍSSIMO, J. A. de O. **Acertando o alvo**: consumo de madeira no mercado interno brasileiro e promoção da certificação florestal. Belém: IMAZON, 1999.
217. SINDISERPA/SEBRAE. **Cartilha do reflorestamento para produtos florestais**. Belém, 2008.
218. SOARES, F. A. J. **Aspectos da comercialização das madeiras amazônicas**. Belém: SUDAM, 1971.

219. SOBRAL, L. *et al.* **Acertando o Alvo 2: consumo de madeira amazônica e certificação florestal no Estado de São Paulo.** Belém: IMAZON, 2002.
220. SOUZA, A. A. C. e. **Utilização de resíduos da indústria madeireira para fabricação de chapas cimentomadeira.** 2006. 165 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.
221. SOUZA, A. L. L. de. **Desenvolvimento sustentável, manejo florestal e o uso dos recursos madeireiros na Amazônia Brasileira: desafios, possibilidades e limites.** Belém: UFPA/NAEA, 2002.
222. SOUZA, M. H. de; MAGLIANO, M. M.; CAMARGOS, J. A. A. **Madeiras tropicais brasileiras.** 2ª ed. Brasília: IBAMA, 2002.
223. SOUZA JR., C. *et al.* **Zoneamento da atividade madeireira na Amazônia: um estudo de caso para o Estado do Pará.** Série Amazônia, nº 8. Belém: IMAZON, 1997.
224. SOUZA JR., C. M. de; VERÍSSIMO, A.; AMARAL, P. H. **Identificação de áreas com potencial para a criação de florestas nacionais no Estado do Pará.** Brasília: MMA, 2002.
225. SOUZA JR., C. M. de; VERÍSSIMO, A.; COSTA, A. **Transparência florestal: Estado do Pará.** Belém: IMAZON, dez 2007.
226. SOUZA JR., C. M. de; VERÍSSIMO, A.; HAYASHI, S. **Transparência florestal: Amazônia Legal.** Belém: IMAZON, out 2008.
227. SOUZA JR., C. M. de; VERÍSSIMO, A. **Transparência florestal: Estado do Pará.** Belém: IMAZON, set-out 2007.
228. SOUZA JR., C. M. de; VERÍSSIMO, A.; COSTA, A. **Transparência florestal: Estado do Pará.** Belém: IMAZON, jan a mar 2008.
229. STONE, S. W. **Tendências econômicas da indústria madeireira no Estado do Pará.** Série Amazônia, nº17. Belém: IMAZON, 2000.
230. SUDAM. **Tecnologia de produtos florestais na Amazônia.** Belém: Divisão de Documentação, 1973.
231. _____. **Madeiras da reserva florestal de Curuá-una. Estado do Pará: caracterização anatômica, propriedades gerais e aplicações.** Belém, 1981.
232. _____. **Estudo sobre métodos de secagem de madeiras da Amazônia.** Belém, 1981.
233. _____. **Rendimento em serraria em trinta espécies de madeiras amazônicas.** Belém, 1981.
234. _____. **Exploração mecanizada de floresta em terra firme.** Belém, 1978.

235. _____. **Estudo de viabilidade técnico-econômica da exploração mecanizada em floresta de terra firme região de Curuá-una.** Belém, 1978.
236. _____. **Industrialização de madeiras: a grande oportunidade da Amazônia.** [S.l.], 1970.
237. _____. **Resultados do levantamento das reais necessidades do setor florestal madeireiro, quanto a demanda regional de treinamento e assistência técnica.** Belém, 1999.
238. SZÜCS, C. A. Aplicação da madeira laminada colada em elementos construtivos. In: **Painéis: coletânea de artigos.** [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
239. TEREZO, E. F. de M. **Status do mogno (*Swietenia Macrophylla, King*) na Amazônia brasileira.** Brasília: MMA, 2002.
240. THERMOTEC. **Caldeiras, queimadores, silos.** Rio do Sul (SC), [2008?]. 4 p. (Folheto publicitário).
241. TOMASELLI, I. **Potencial e perspectivas de florestas plantadas nos trópicos.** Palestra apresentada no VIII Congresso Internacional de Compensado e Madeira Tropical. Belém, 25 e 26 de out. de 2007. 33 lâm. Disponível em: <www.aimex.com.br>. Acesso em: 28 out. 2009.
242. TONI, F.; KAIMOWITZ, D. (Orgs.). **Municípios e gestão florestal na Amazônia.** Natal: A. S. Editores, 2003.
243. UHL, C.; BEZERRA, O.; MARTINI, A. **Ameaça à biodiversidade na Amazônia Oriental.** Série Amazônia, n° 6. Belém: IMAZON, 1997.
244. VALENÇA, A. C. de V.; ROQUE, C. A.; SOUZA, P. Z. de. Caracterização e uso do MDF. In: **Painéis: coletânea de artigos.** [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
245. VALLE, M. **Dicionário de meio ambiente: inglês – português – inglês.** Belém: Paka-tatu, 2008.
246. VERÍSSIMO, A.; LIMA, E.; LENTINI, M. **Áreas para produção florestal manejada: detalhamento do macrozoneamento ecológico e econômico do Estado do Pará.** Belém: IMAZON, 2006.
247. _____. **Pólos madeireiros do Estado do Pará.** Belém: IMAZON, 2002.
248. _____. **Síntese da situação do mogno em nível internacional.** Brasília: MMA, 2002.
249. VIDAL, E. *et al.* **Redução de desperdícios na produção de madeira na Amazônia.** Série Amazônia, n° 5. Belém: IMAZON, 1997.

250. WATAI, L. T. Aspectos tecnológicos da normatização sobre o teor de umidade da madeira serrada e seca para indústrias de mobiliário. In: **Secagem**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
251. WATAI, L. T.; MIRANDA, M. J. de A. C. Processos de secagem de madeiras. In: **Secagem**: coletânea de artigos. [Curitiba]: REMADE, [2003?]. (CD-ROM).
252. ZENID, G. J. (Org.). **Madeira**: uso sustentável na construção civil. 2. ed. São Paulo: Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT)/SVMA, 2009.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se propôs a estudar os termos da Indústria Madeireira, a partir de um *corpus* escrito em português brasileiro, com o objetivo de descrever e sistematizar um dicionário socioterminológico dessa área de domínio. Empenhamo-nos, portanto, em pesquisar e analisar uma grande quantidade de textos da área, de vários gêneros e níveis de especialização (cf. p. 66), com o fim de darmos conta da variação terminológica. Preocupamo-nos, fundamentalmente, com o rigor metodológico, de modo que acreditamos que os resultados descrevem, com alguma margem de segurança, um perfil da realidade terminológica da área da atividade madeireira, não só na região amazônica, mas no Brasil como um todo. Também nos preocupamos com a funcionalidade de um dicionário como obra de consulta, por isso pensamos, desde o início, em conceber uma versão em formato digital, que além das definições pudesse também apresentar imagens e ilustrações.

Como mostramos, a atividade florestal madeireira no Brasil é bastante vasta e complexa, mas ainda totalmente carente de estudos de natureza terminológica. Os trabalhos de natureza terminológica do setor se resumem aos pequenos “glossários” pós-textuais, que acompanham alguns manuais ou obras de caráter normativo, apresentados, geralmente, como “Lista de termos” ou “Notas”. Com relação aos nomes das espécies, já existem trabalhos, tais como “Catálogo das Madeiras da Amazônia” (LOUREIRO; SILVA, 1968) e “Madeiras Tropicais Brasileiras” (SOUZA; MAGLIANO; CAMARGO, 2002), que descrevem as espécies de madeira do Brasil, principalmente da Amazônia. Segundo Salomão, Terezo e Jardim (2007, p. 15), “Na Amazônia, atualmente cerca de 350 espécies madeireiras são exploradas comercialmente ...”. Estes nomes de espécies apresentam um alto grau de variação denominativa, mas estes trabalhos que descrevem as espécies, normalmente, não se ocupam com este aspecto da variação dos nomes. Portanto, mesmo não sendo objetivo específico deste trabalho dar conta dos nomes das espécies de madeira, organizamos um glossário com 886 entradas, constituídas por 247 nomes de espécies e 639 variantes correspondentes. Os nomes das espécies podem ser acessados no glossário, tanto pelo nome “genérico” quanto pelo nome “científico”.

Entendemos que ainda há muito para ser feito, no campo da terminologia da madeira, e que este trabalho não sana, em absoluto, todas as carências de estudos do setor. Alguns campos semânticos precisam ser investigados mais detidamente, para que os seus termos sejam explorados de maneira mais exaustiva. Este é o caso, por exemplo, dos campos semânticos das “Máquinas e Equipamentos” e dos “Recursos Humanos”. Um trabalho que se faz necessário (e que seria

complementar a este) diz respeito à pesquisa da língua falada, para que descreva os termos a partir da oralidade, haja vistas que alguns, por ser próprios da fala, não aparecem na escrita.

Contudo, acreditamos que com este trabalho estamos contribuindo para a descrição e conhecimento da linguagem especializada da atividade madeireira e, sobretudo, para sistematização e normalização técnica do setor.

Não se trata, aqui, de normalização (muito menos de normatização) da *linguagem* técnica, mas das normalizações dos processos de fabricação e produção dos produtos do setor, isto é, da normalização (e normatização) que visa a garantir padrões de qualidade do Serrado, Piso, Compensado, PMVAs, por exemplo.

É preciso entender que a Terminologia (em suas várias vertentes) é uma ciência aplicada; não trabalha para si, mas com e para as outras áreas.

A atividade industrial, de qualquer setor produtivo, precisa ser normatizada, sobretudo quando a indústria produz para exportar (como é o caso da indústria madeireira), pois a qualidade do produto é garantida no processo de fabricação e produção. O Estado também precisa controlar a atividade industrial, para, por exemplo, evitar danos ao meio ambiente. No caso específico da atividade madeireira no Brasil, a ABNT criou o “Comitê Brasileiro CB-31”, coordenado pela ABIMCI desde 2004, com o objetivo de fazer a revisão e elaboração das normas técnicas para uma grande gama de produtos do setor madeireiro.

Obviamente, estes trabalhos não podem abrir mão de conhecer os termos da área a ser normatizada. Neste sentido, um trabalho terminológico, elaborado com base num *corpus* bastante representativo, que descreva e sistematize os termos de determinada área, disponibilizando-os num repertório de fácil consulta, constitui ferramenta indispensável ao trabalho dos especialistas ou legisladores, durante o processo de elaboração das Normas Técnicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIMCI: **Estudo setorial**. Curitiba, 2008.

ABREU, A. S. Motivação icônica no léxico e na gramática. In: AZEREDO, J. C. (org.). **Língua Portuguesa em debate**: conhecimento e ensino. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 147-162.

ALVES, I. M. Questões epistemológicas e metodológicas em Terminologia. **Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. v. 12, nº 26. Porto Alegre: UFRGS, 1998. p. 95-106.

ALVES, I. M. Definição terminológica: da teoria à prática. **TradTerm**. nº 3. São Paulo: FFLCH/USP, 1996. p. 126-136.

AMARAL, P. H. C. *et al.* **Floresta para sempre**: um manual para produção de madeira na Amazônia. Belém: AMAZON, 1998.

ARAGÃO, M. do S. S. de; PONTES, A. L.; FARIAS, E. M. P. (Orgs.). **Tópicos em lexicologia, lexicografia e terminologia**. Fortaleza: UFC, 2006. (CD-ROM).

AYMERICH, J. F. **La variació terminològica**: anàlisi de la variació denominativa en textos de diferent grau d'especialització de l'àrea de medi ambient. 2002. 397f. Tesi (Doctoral). Universitat de Barcelona, Barcelona, 2002.

BARBOSA, M. A. **Léxico, produção e criatividade**. 3ª ed. São Paulo: Plêiade, 1996.

BARROS, L. A. **Curso básico de Terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.

BARTHES, R. **Elementos de semiologia**. Tradução de Izildoro Blikstein. 14ª ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

_____. **A aventura semiológica**. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BENVENISTE, É. **Problema de lingüística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.

BEZERRA, J. A. Nossos bosques têm mais vida. **Globo Rural**. São Paulo, nº 226. p. 22-32, agosto 2004.

BOSCH, M. Las necesidades terminológicas en la elicitación y representación de condicionamento en Sistemas Informáticos. **Terminologia, desenvolvimento e identidade nacional** (VI Simpósio Ibero-americano de Terminologia). Lisboa: Edições Colibri / ILTEC, 2002. p 247-256.

BUAINAIN, A. M.; BATALHA, M. O. (Coord.). **Cadeia produtiva de madeira**. V. 6. Brasília: IICA, MAPA/SPA, 2007.

CABRÉ, M. T. **Aspectos morfológicos de la terminologia**: la terminologia de Genómica em español y em português (de Portugal). In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE ABRALIN. Brasília, 2005. 55 slides: color.

_____. Una nueva teoría de la terminología: de la denominación a la comunicación. In: **Terminologia, desenvolvimento e identidade nacional** (VI Simpósio Ibero-americano de Terminologia). Lisboa: Edições Colibri / ILTEC, 2002. p 41-60.

_____. (org.). **Terminología y cognición**. (II Simposio Internacional de Verano de Terminología). Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada (IULA) – Universitat Pompeu Fabra, 2001.

_____. **La Terminologia**. Representación y comunicación. Barcelona: IULA/UPF, 1999. 369p.

_____. Definição Terminológica: da teoria à prática. **Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia**. v. 3. São Paulo: FFLCH – USP, 1996. p. 125-130.

_____. **La Terminologia**: teoria, metodologia, aplicaciones. Barcelona: Empúries, 1994. 529p.

CARVALHO, L. P. de. **Glossário semi-sistemático da terminologia do pescado em Santarém**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

CONCEIÇÃO, M. C. Socioterminologia: uma nova abordagem das terminologias. **Terminologia**. nº 9-10. Lisboa: UCEH – Universidade do Algarve, 1994. p. 33-43.

CORNO, G. O. M. dal. **Terminologia da indústria moveleira: um estudo descritivo**. 2006. 312 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

CORREIA, M. (org.). **Terminologia, desenvolvimento e identidade nacional**. VI Simpósio Ibero-americano de Terminologia. Lisboa: Edições Colibri / ILTEC, 2002.

COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história**. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. São Paulo: Presença – editora da USP, 1979.

COSTA, C. S. **Glossário terminológico da cultura do cacau em Medicilândia/PA**. 2009. 162f. Dissertação (Mestrado em Letras: Lingüística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

DAPENA, J. Á. P. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: ARCO/LIBRO S.A, 2002.

DESMET, I. M. Princípios Teórico-metodológicos em Terminologia. Por uma macro-estrutura Wüsteriana do Domínio do Ambiente. **Terminologia**. nº 9-10. Lisboa: Universidade de Sorbonne – Paris IV – Universidade de Paris VIII, 1994. p. 67-83.

ECO, U. **Tratado geral de Semiótica**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. **O signo**. Tradução de Maria de Fátima Marinho. 5ª ed. Lisboa: Presença, 1997.

FARACO, C. A. (org.). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2001.

FARIAS, E. M. P. A Linguagem da moda no português contemporâneo. In: ARAGÃO, M. do S. S. de; PONTES, A. L.; FARIAS, E. M. P. (orgs.). **Tópicos em lexicologia, lexicografia e terminologia**. Fortaleza: UFC, 2006. p. 12-139. (CD-ROM).

FAULSTICH, E. Entre a sincronia e a diacronia: variação terminológica no código e na língua. In: CORREIA, M. (org.). **Terminologia, desenvolvimento e identidade nacional**. VI Simpósio Ibero-americano de Terminologia. Lisboa: Edições Colibri / ILTEC, 2002. p. 61-74.

_____. Terminologia geral e terminologia variacionista. **Escola Internacional de Inverno de Terminologia**. São Paulo: FFLCH – USP, 2000. 19 p. (mimeo).

_____. Principes formels et fonctionnels de la variation en terminologie. **Terminology**. v. 5(1). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1998. p. 93-103. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/il/liv/enilde/base/artigo>>. Acesso em: 12 out 2009.

_____. **Base metodológica para pesquisa em Socioterminologia**: termo e variação. Brasília: Centro Lexterm, 1995a. p. 31.

_____. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**. vol. 24, nº 3. [S.l.: s.n.], 1995b. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/cienf/article/viewFile/486/441>>. Acesso em: 5 out. 2008.

_____. Rede de Remissivas em um Glossário Técnico. **VII Encontro Nacional da ANPOLL**. Anais. vol. 2 – Lingüística: Goiânia, 1993. p. 651-655.

FINATTO, M. J. B. **Definição terminológica**: fundamentos teórico-metodológicos para sua descrição e explicação. 2001. 395 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

FRANÇA, J. L.; VASCONCELLOS, A. C. de. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 8 ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

GAUDIN, F. **Pour une Socioterminologie**: des problemes semantiques aux pratiques institutionnelles. Rouen: Publications de l'Université de Rouen, 1993a.

_____. **Socioterminologie**: une approche sociolinguistique de la terminologie. Bruxelas: Duculot, 1993b.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima et al. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Tradução de J. Teixeira Coelho Netto. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

JORNADA INTERNACIONAL SOBRE LA INVESTIGACIÓN EN TERMINOLOGÍA Y CONOCIMIENTO ESPECIALIZADO, 1., 2001, Barcelona. **I Jornada Internacional sobre la Investigación en Terminología y Conocimiento Especializado**. Barcelono: IULATERM, 2003. p. 85.

KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, M. da G. Do reconhecimento de terminologias: entre o lingüístico e o textual. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. v. II. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004. p. 327-339.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. **The social stratification of English in New York City**. Washington, D.C: Center for Applied Linguistics, 1966.

LARA, L. F. O dicionário e suas disciplinas. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (orgs.). **As Ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. vol. II. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004.

LERAT, P. **Las lenguas especializadas**. Tradução de Albert Ribas. Barcelona: Ariel, 1997.

_____. **Les langues spécialisées**. Paris: Press Universitaires de France, col. Linguistique Nouvelle, 1995. p. 201.

LIMA, J. C. de. Terminologia técnico-científica: um estudo sobre a terminologia do impacto ambiental do litoral de Pernambuco. **Terminologia, Desenvolvimento e Identidade Nacional** (VI Simpósio Ibero-americano de Terminologia). Lisboa: Edições Colibri / ILTEC, 2002. p 639-645.

LIDON, J. M. C. **La complexitat lingüística en el discurs oral i escrit**: densitat lèxica, composició oracional i connexió textual. Universitat Pompeu Fabra, 2001. 413f(?). Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) – Universitat Pompeu Fabra, 2001.

LORENTE, M. et al. El análisis de la fraseología especializada mediante elementos de la lingüística actual. **Terminologia, Desenvolvimento e Identidade Nacional** (VI Simpósio Ibero-americano de Terminologia). Lisboa: Edições Colibri / ILTEC, 2002. p 647-666.

LOUREIRO, A. A.; SILVA, M. F. da. **Catálogo das madeiras da Amazônia**. v. I e II. Belém: SUDAM, 1968.

MACIEL, A. M. B. **Para o reconhecimento da especificidade do termo jurídico**. 2001. 258f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

MANUELITO, H. A propósito da sinonímia em Terminologia. **Terminologias**. nº 9-10. Lisboa: TERMIP, 1994. p. 15-32.

MARCUSCHI, L. A. O Léxico: lista, rede ou cognição social? In: NEGRI, L. et al. (orgs.). **Sentido e significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004. p. 263-284.

MARTINS, A. F. C. **Terminologia da indústria do alumínio**. 2007. 238f. Dissertação (Mestrado em Letras: Lingüística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

MATTOS, G. **Parto de um dicionário**. São Paulo: FTD, 1996.

MERCER, J. L. da V. **Le lexique technique des pecheurs de Guaraqueçaba** (Brésil). Université de Toulouse II – Le Mirail. (Mimeo). 1979. Tese (Doutorado).

- NAY, O. **Histórias das idéias políticas**. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2007.
- OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (orgs.). **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2ª ed. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2001.
- OLIVEIRA, M. A. de. **Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- PEARSON, J. Como ter acesso a elementos definitórios nos textos especializados? In: KRIEGER, M. da G.; ARAÚJO, L. (Orgs.). **Cadernos de tradução: a Terminologia em foco**. n. 17. Porto Alegre: UFRGS, out./dez. de 2004. p. 51-66.
- _____. **Terms in context**. v. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998.
- PEIRCE, C. S. **Semiótica**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- POKORNY, B.; SOUSA, R. **Diagnóstico sócio-econômico da indústria madeireira Peracchi, no município de Tailândia, Estado do Pará**. Belém: EMBRAPA, 2000.
- PONTES, A. L. Terminologia científica: o que é e como se faz. **Revista de Letras da UFC**. vol. 19, nº 1/2. Fortaleza: UFC, 1997. p. 44-51.
- _____. **Os termos da cultura e da industrialização do caju**. 1996. 224f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Estadual de São Paulo, Assis, 1996.
- RAZKY, A. O atlas geo-sociolinguístico do Pará: abordagem metodológica. In: AGUILERA, V. de A. **A Geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: Ed. da UEL, 1998. p. 155-164.
- REVISTA DA MADEIRA. Curitiba: Lettech Ed. e Gráfica, nº 118, fevereiro, 2009.
- RIBEIRO, S. C.; SANTOS, W. B. dos. **O léxico da pesca em Marudá-PA**. TCC (graduação em Letras) – Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2005.
- REY, A. A Terminologia entre a experiência da realidade e o comando dos signos. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (orgs.). **As Ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. v. II. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2007. p. 323-340.
- RODRÍGUEZ, C. E. Sistematización de la terminología de la morfología de la caña de azúcar. **Terminologia, Desenvolvimento e Identidade Nacional** (VI Simpósio Ibero-americano de Terminologia). Lisboa: Edições Colibri / ILTEC, 2002. p. 825-838.
- SALOMÃO, R. de; TEREZO, E. F. de M.; JARDIM, M. A. G. (Orgs.). **Manejo florestal nas várzeas: oportunidades e desafios**. Belém: MPEG, 2007.
- SANTOS, P. M. **Glossário socioterminológico do Sairé**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.
- SAUSSURE, F. d. **Curso de lingüística geral**. 23 ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

SCHOLZ, I. **Comércio, meio ambiente e competitividade**: o caso da indústria madeireira no Pará. Belém: SECTAM, 2002.

SCOTT, M. **WordSmith Tools**: version 4. Oxford: Oxford University Press, 2004.

SEARLE, J. R. **Mente, linguagem e sociedade**: filosofia no mundo real. Tradução de F. Rangel. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. **Os Atos de fala**. Coimbra: Almedina, 1981.

SEMBER, G. N. **A indústria madeireira no Pará**: estratégias empresariais no uso dos recursos florestais. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará (NAEA), Belém, 1999.

SOUSA, J. M. de. **Diccionario de Lexicografía práctica**. Barcelona: Biblograf, 1995.

SOUZA, M. H. de; MAGLIANO, M. M.; CAMARGOS, J. A. A. **Madeiras tropicais brasileiras**. 2ª ed. Brasília: IBAMA, 2002.

TEMMERMAN, R. Questioning the univocity ideal. The difference between socio-cognitive Terminology and tradicional Terminology. In: Hermes. **Journal of Linguistics**, nº 18, p. 51-91.

VASCONCELOS, A. M. M. **Glossário da terminologia do caranguejo**: uma perspectiva socioterminológica. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras: Lingüística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2000.

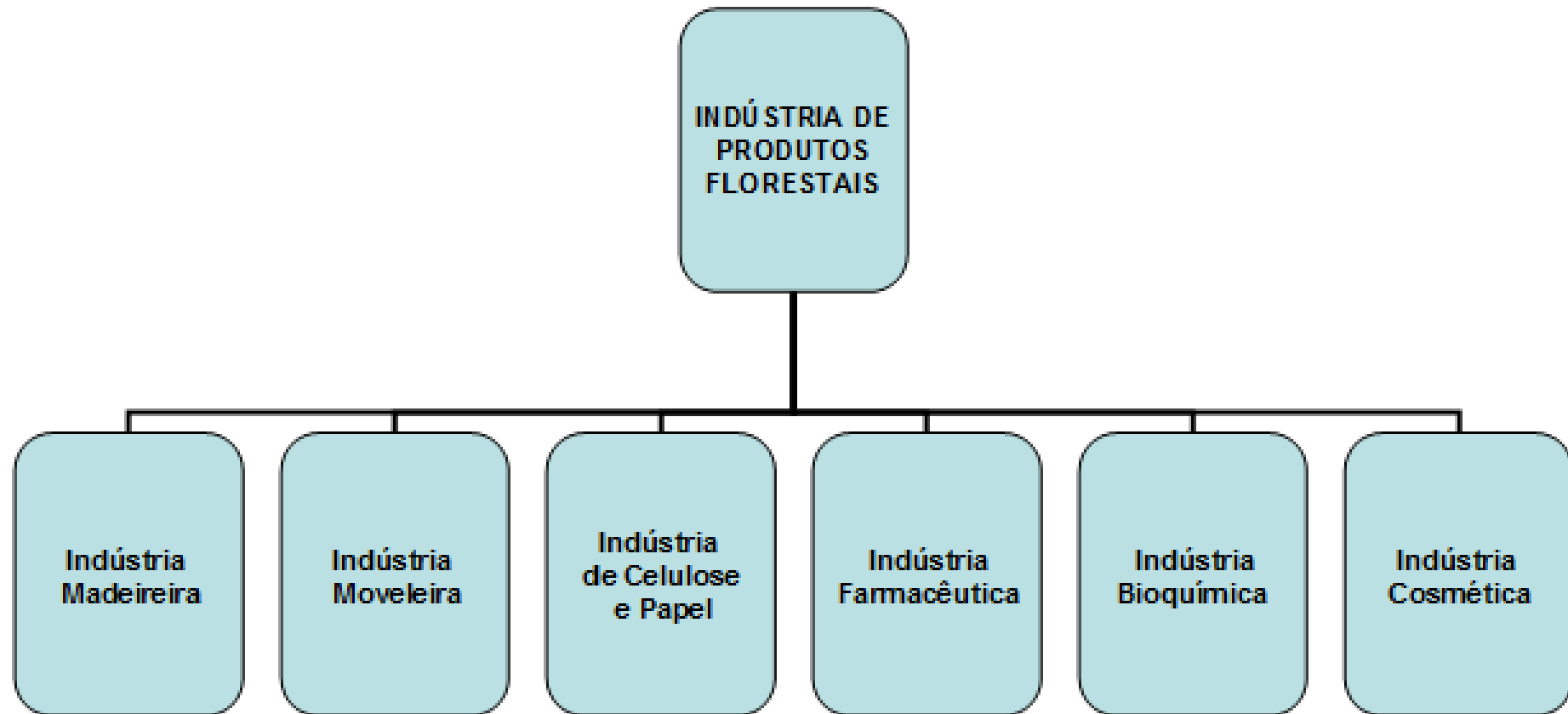
VELASCO, I da S. **Terminologia da pesca em Soure-Marajó**: uma perspectiva socioterminológica. 2004. 101f. Dissertação (Mestrado em Letras: Lingüística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2004.

_____. O léxico da pesca em Soure – Ilha do Marajó. In: RAZKY, Abdelhak (org.). **Estudos geosociolingüísticos no Estado do Pará**. Belém: UFPA, 2003. p. 155-171.

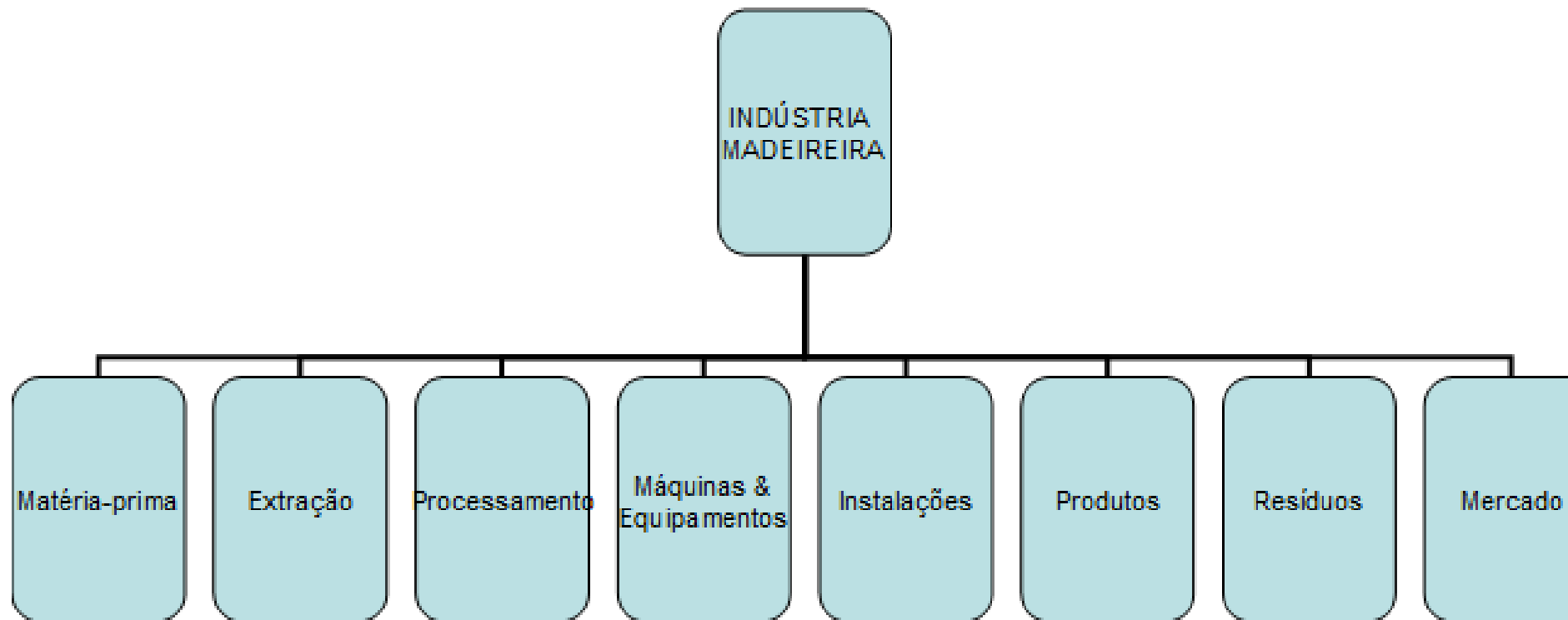
WÜSTER, E. **Introducción a la teoría general de la terminología y la lexicografía terminológica**. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1998.

ANEXOS

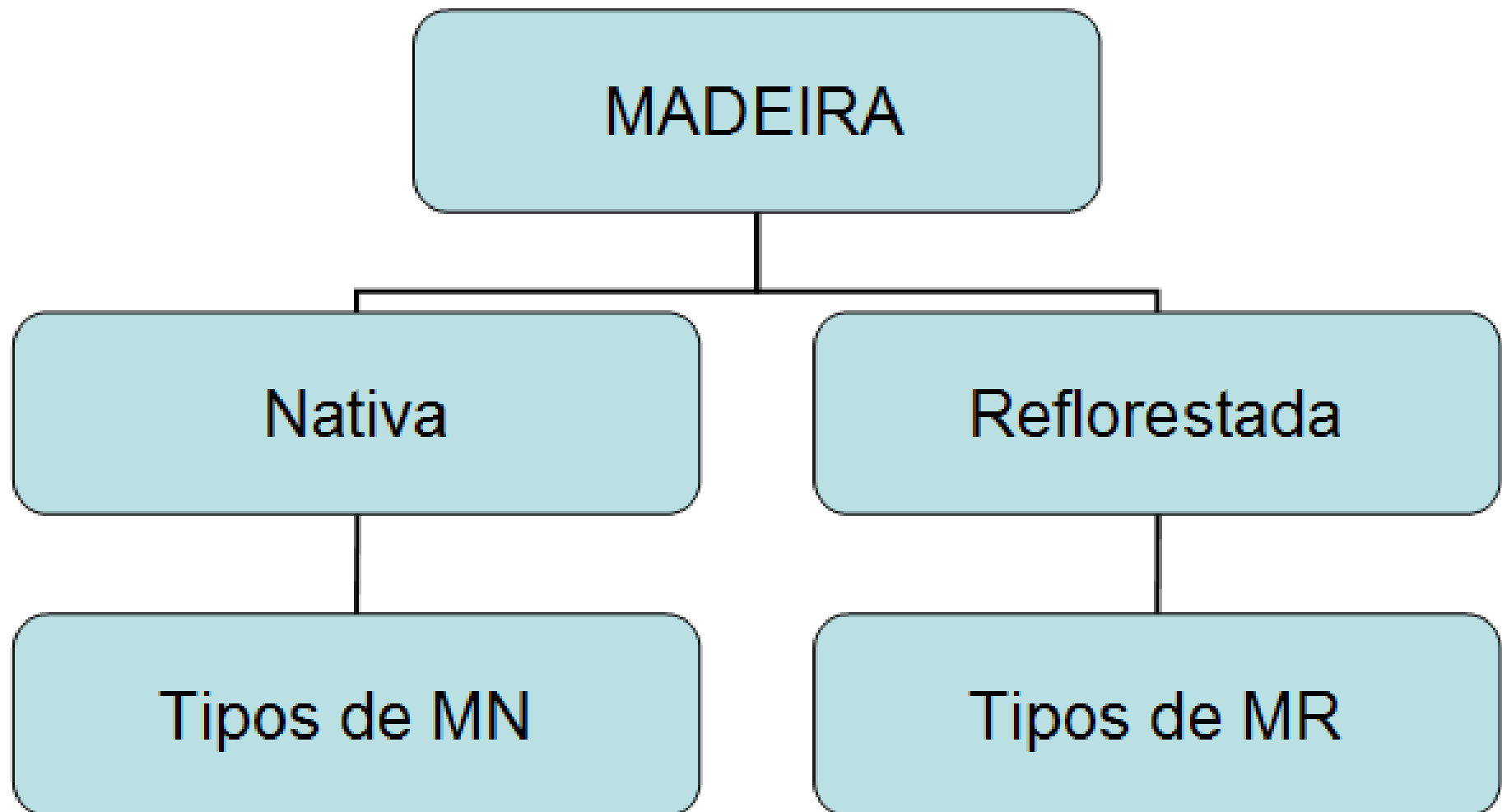
SETOR PRODUTIVO FLORESTAL



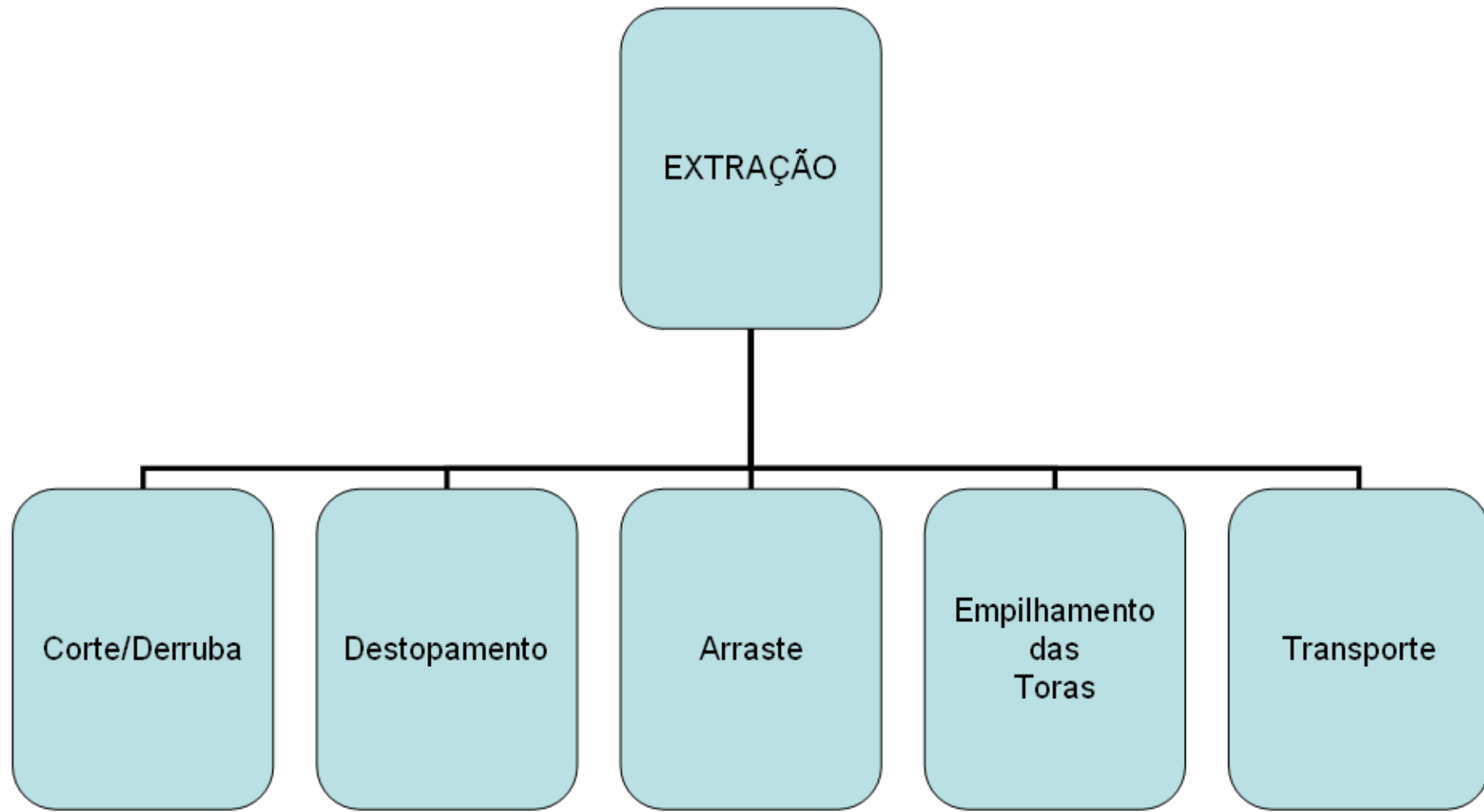
ATIVIDADE MADEIREIRA



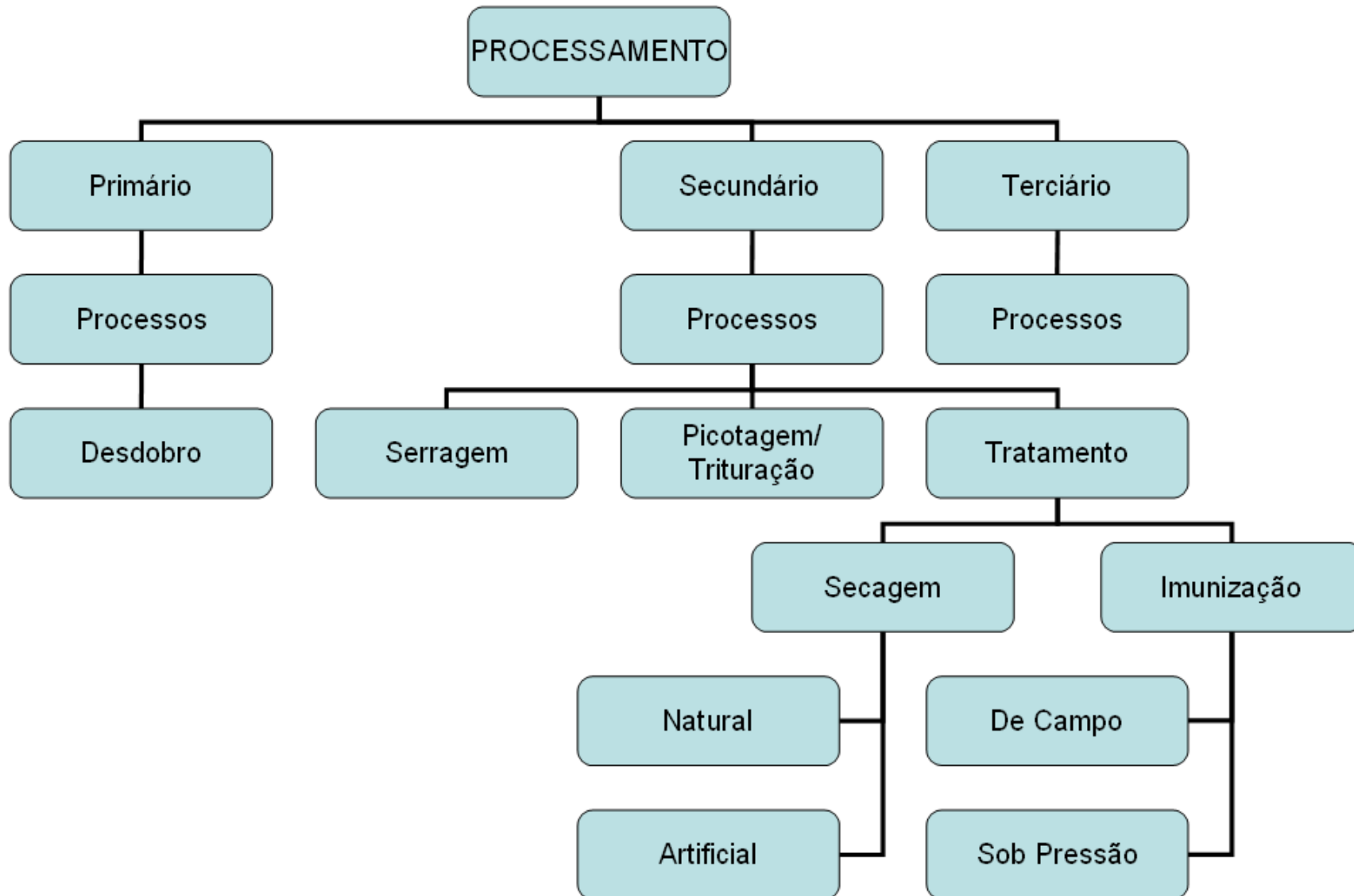
MATÉRIA-PRIMA



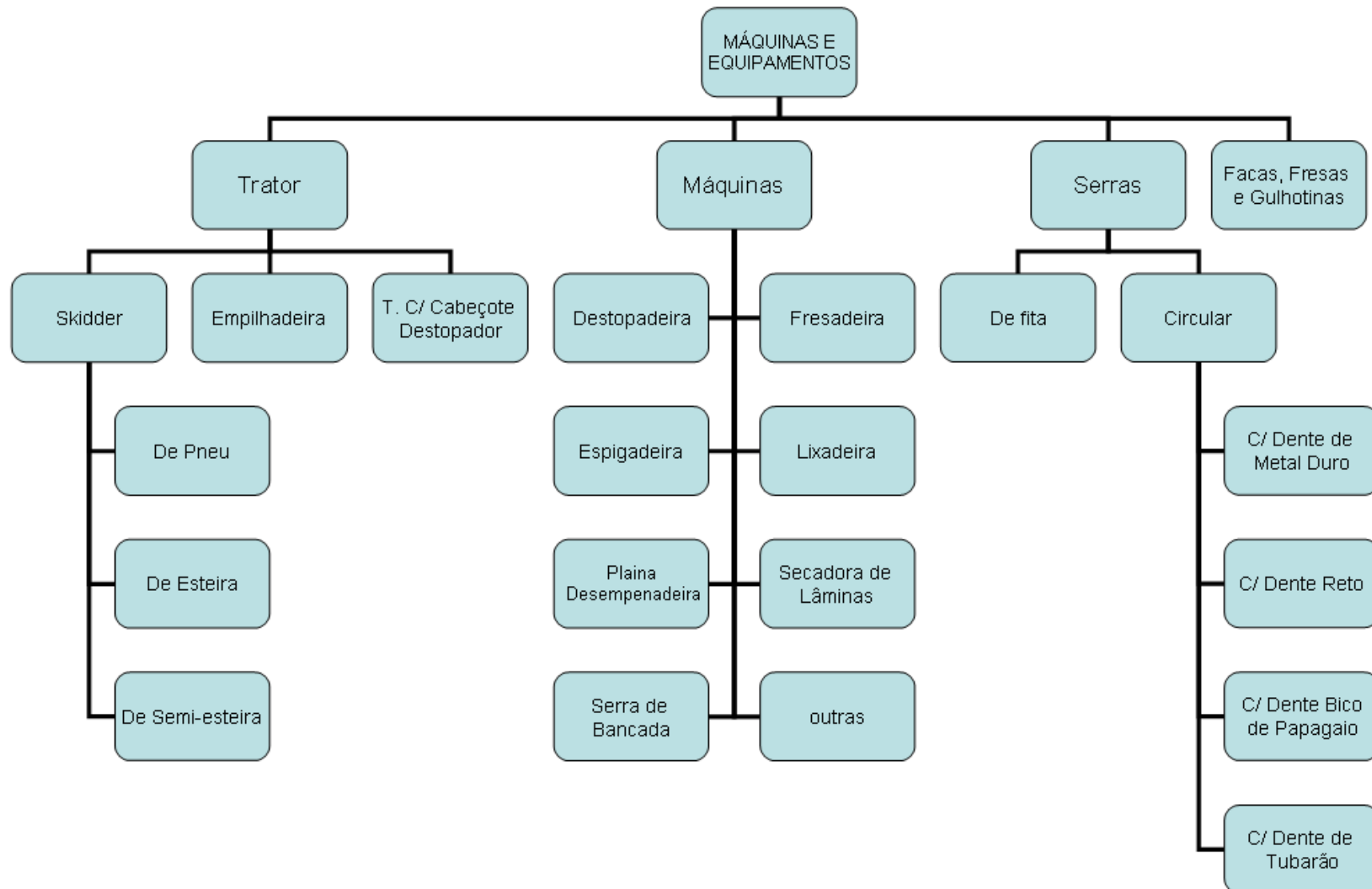
EXTRAÇÃO DA MADEIRA



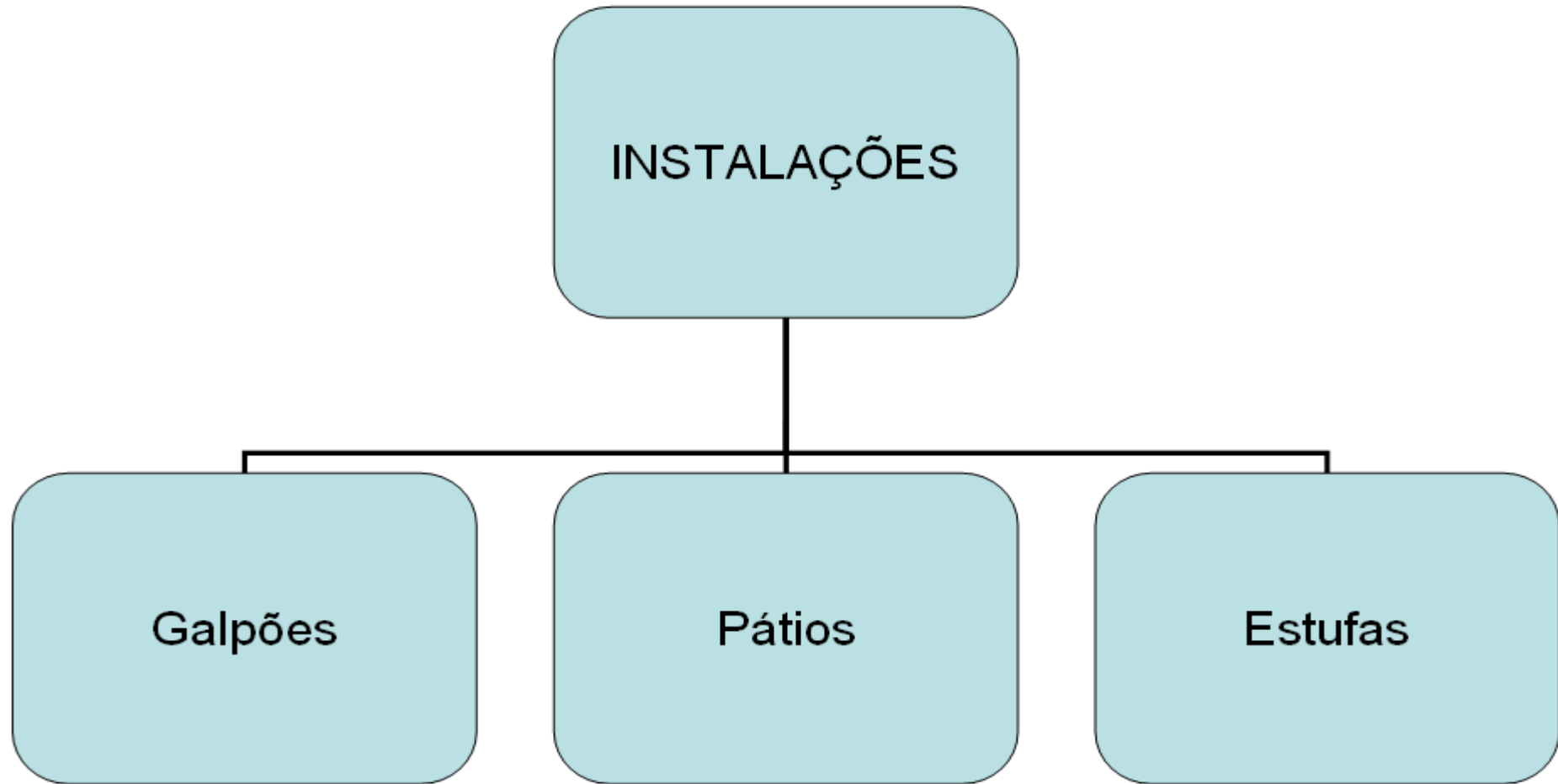
PROCESSAMENTO



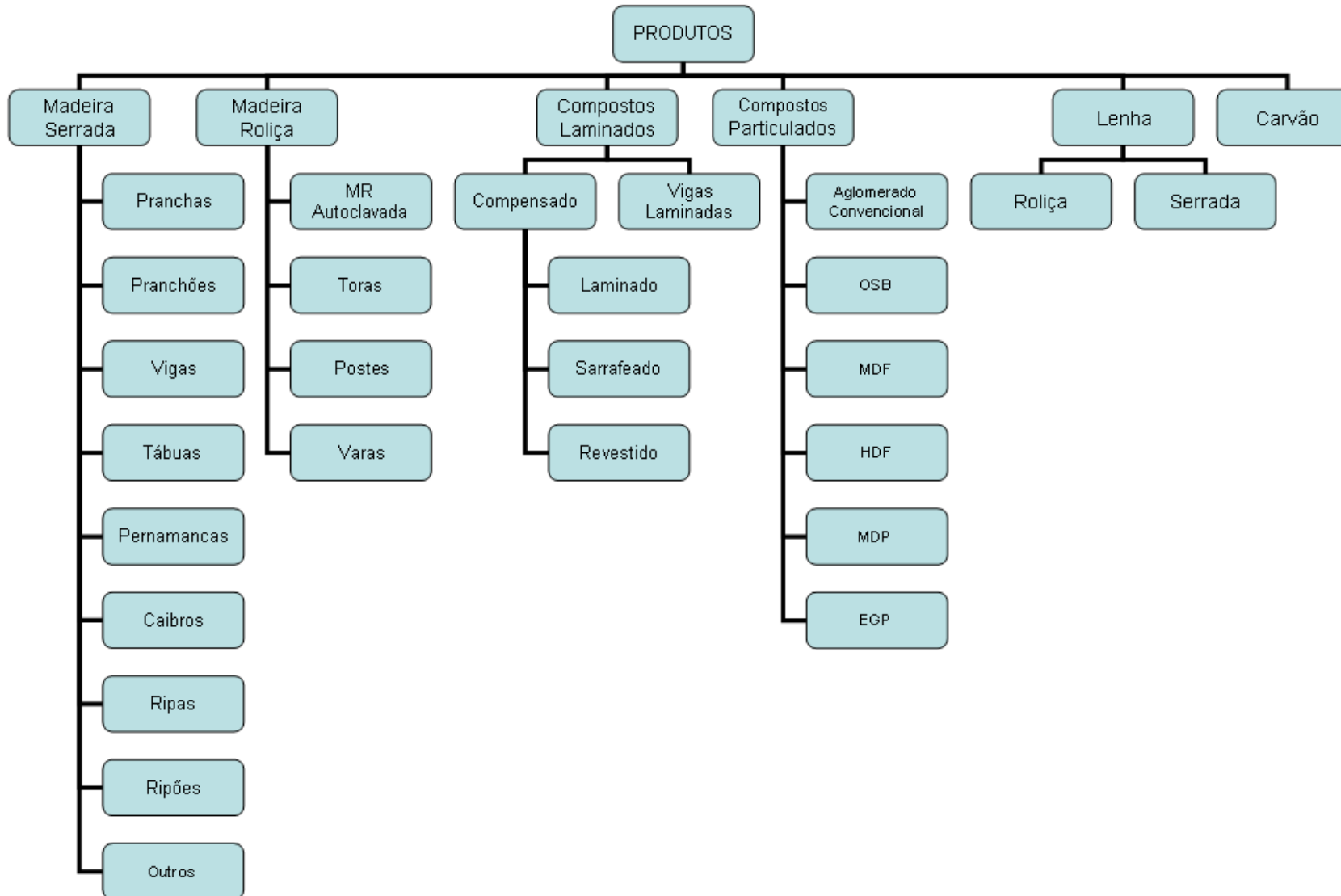
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS



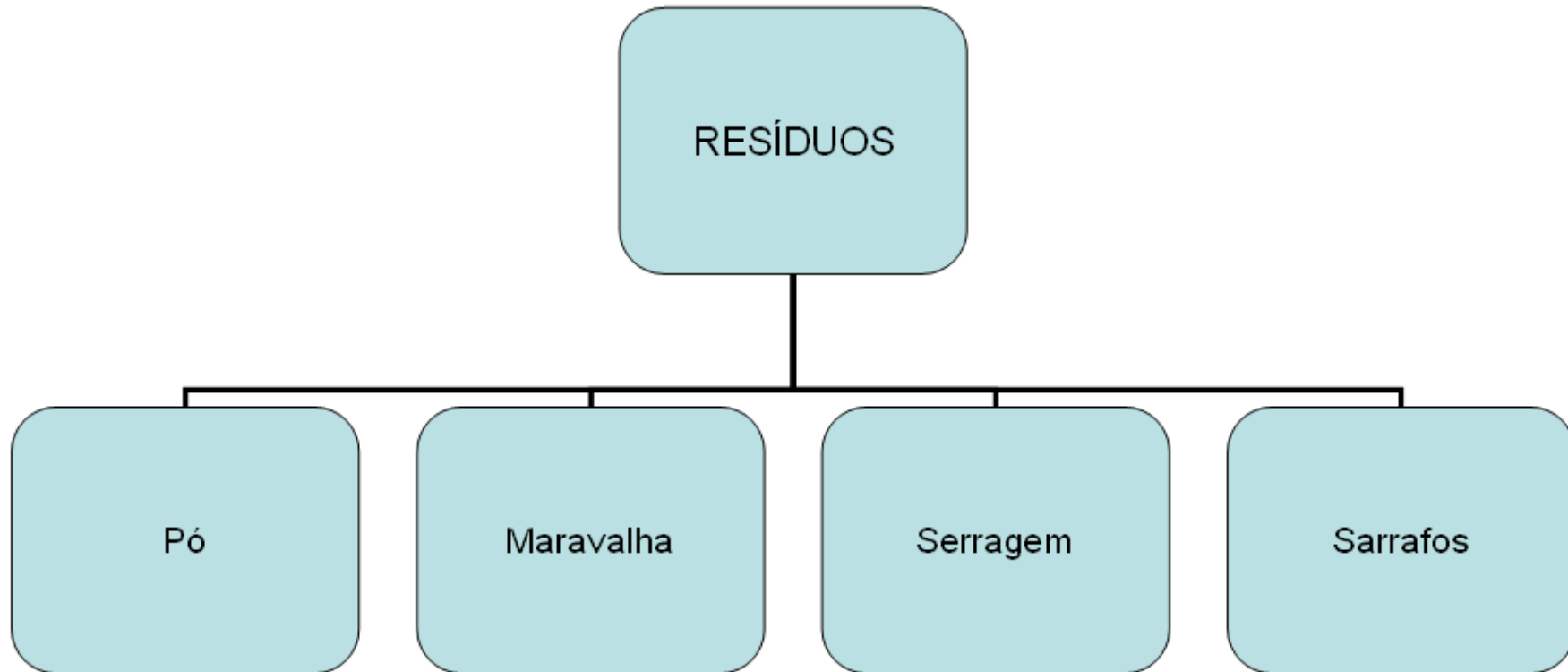
INSTALAÇÕES



PRODUTOS



RESÍDUOS



MAERCADOS

